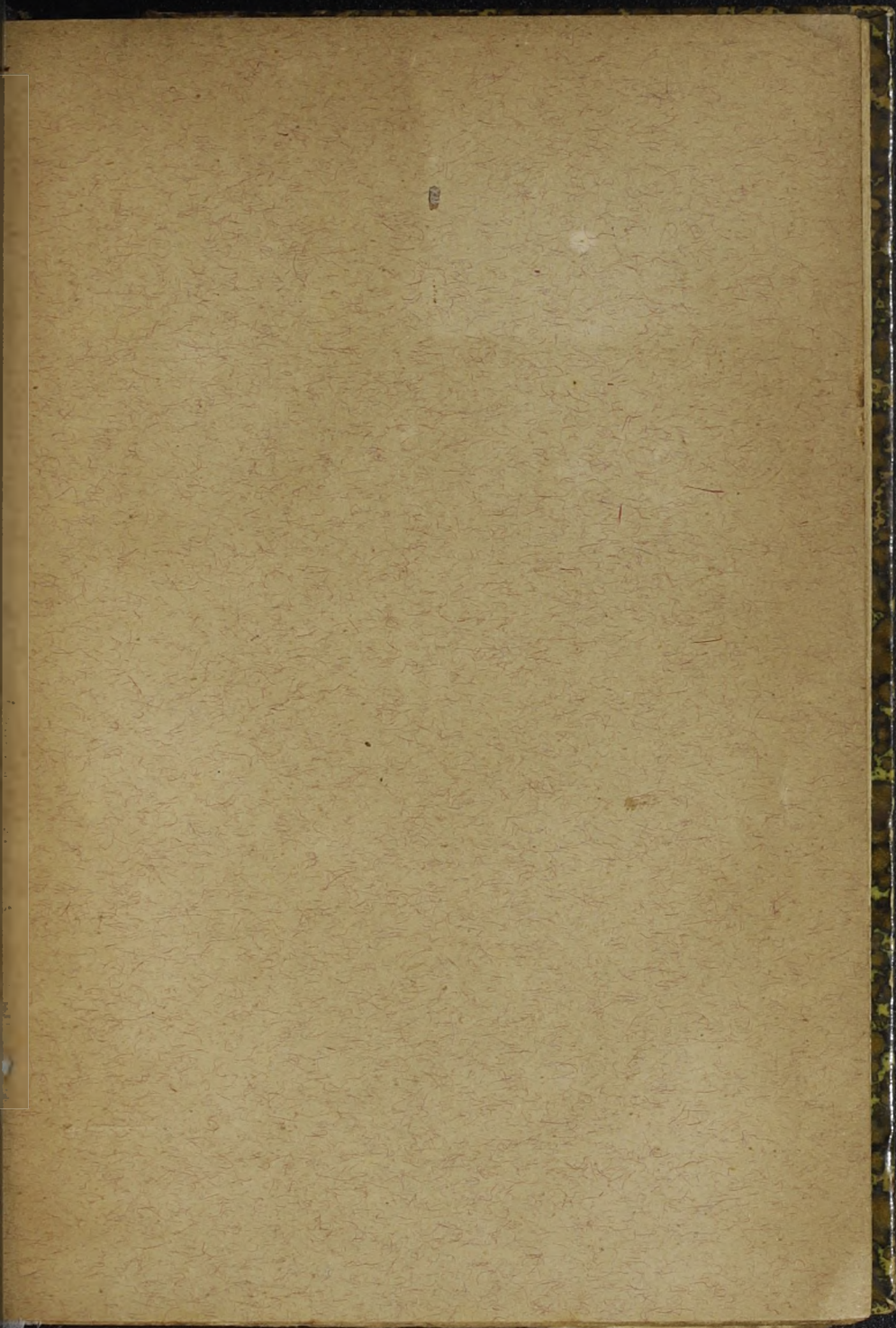


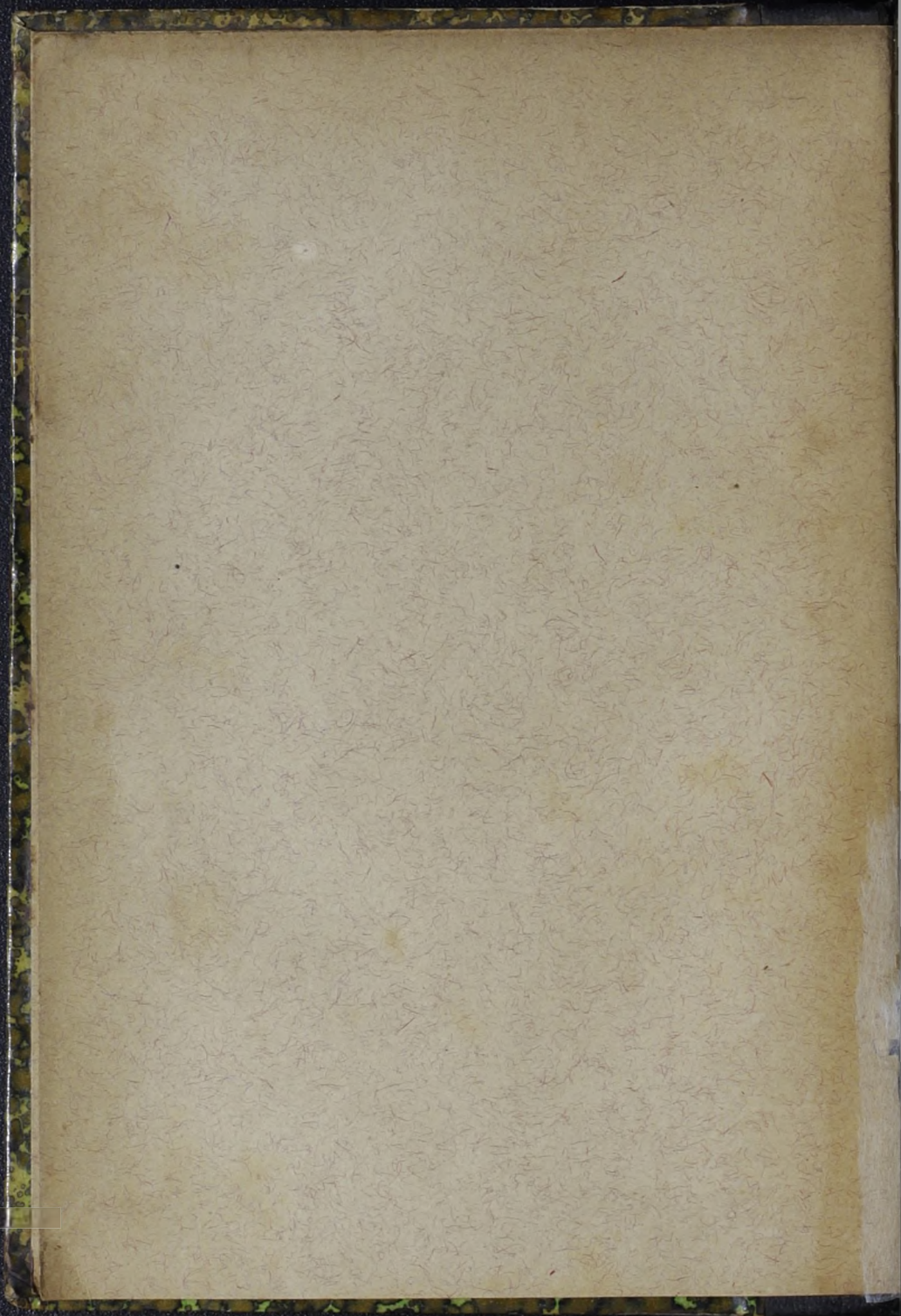
BIBLIOTHECA
DE
VICENTE THEMUDO

N. 169

VOL. 1

DATA 28.11.98



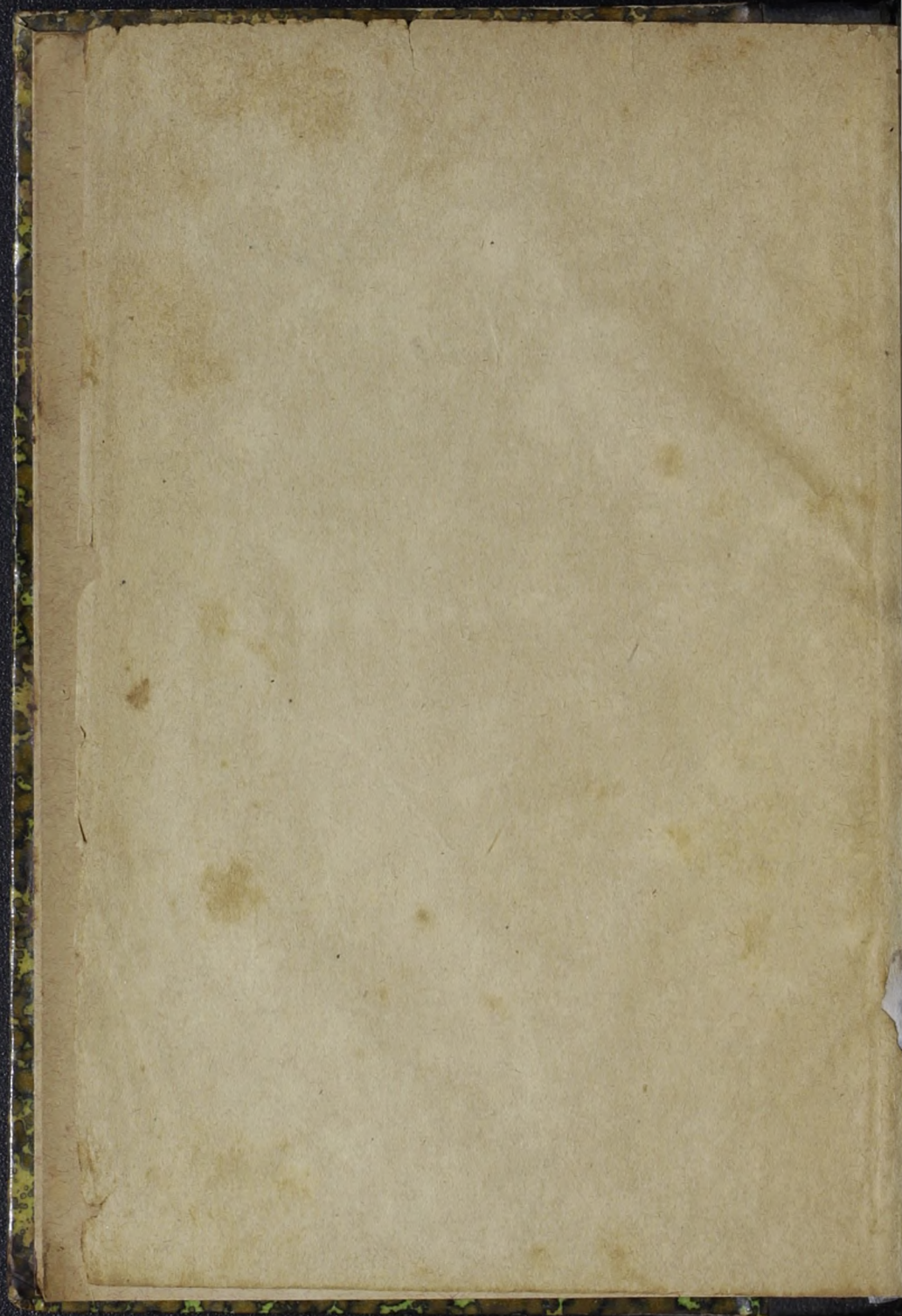


To my dear bride
Henriquet

from
Vicente

28. 11. 88

J. Pauls



EDMUNDO DE AMICIS

CORACÃO

TRADUÇÃO BRASILEIRA

FEITA DA 101ª EDIÇÃO ITALIANA

POR

João Ribeiro

7ª EDIÇÃO

CUIDADOSAMENTE CORRIGIDA

LIVRARIA CLASSICA DE ALVES & C.

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

134 Rua do Ouvidor 134

| 9 Rua da Quitanda 9

1897

Typ. Montenegro—Travessa do Ouvidor ns. 12 e 14

CORAÇÃO

—
OUTUBRO
—

O primeiro dia de escola

Segunda-feira, 17.

Primeiro dia de escola, hoje. Vão longe como um sonho aquelles tres mezes de férias na roça ! De manhã, mamã levou-me para matricular-me na classe adiantada. A roça não me sabia da cabeça ; e eu ia de mão humor.

As ruas estavam cheias de meninos ; as duas livrarias apinhavam-se de paes e mães que compravam bolsas, cadernos e carteiras ; diante da escola havia tanta gente que o bedel e o guarda civil a muito custo conseguiam deixar a porta desimpedida. Junto á porta, senti que me tocavam no hombro : era o meu mestre da outra classe que eu já tinha deixado. Era elle, alegre, sempre alegre, de cabellos ruivos desgrenhados.

— Então, Henrique, disse-me, vamo-nos separar para sempre !

Ué ! não o sabia eu, mas aquellas palavras me doeram dentro d'alma.

A muito custo entrámos. Homens e mulheres, empregados e militares, levando os meninos e segu-

rando os *certificados* de acesso da classe atravessavam o saguão da entrada e as escadas, e tanto barulho como n'um theatro.

Com saudade tornei a vér aquella sala grande e larga, de sete portas que davam para as aulas, onde todos os dias eu preocupado passava. Ahi era demais, e os professores iam e vinham. A primeira mestra da primeira classe cumprimentou-me na porta, dizendo e olhando-me com tristeza :

— Tu vaes agora para o andar de cima, para a classe adiantada, e nem ao menos te verci p...

O Director tinha em roda de si muitas e muitas mulheres que pareciam estar aborrecidas por não arranjamem logar para os filhos. Não sei ; mas pareceu-me que elle estava com a barba mais branca do que no anno passado. Os meninos como eu é que estavam mais altos e com mais corpo. Embaixo estavam os alumnos da classe atrazada, que não queriam entrar para a aula, e se apertavam com medo, como carneiros em rebanho ; era preciso empurrá-los a força. Alguns fugiam dos bancos, outros cahiam em pranto ao verem os paes retirarem-se, até que os consolassem ou os levassem comsigo.

Meu irmãozinho entrou para a classe da professora Delcati, e eu para a do professor Perboni, em cima no primeiro andar.

A's dez, estavam todos na aula ; cincoenta e quatro. Apenas 15 ou 16 da classe atrazada e entrou o Derossi, aquelle que sempre ganhava o primeiro premio.

Parecia-me tristonha e estreita a escola, em comparação com o matto e as montanhas onde passava o verão. Tambem lembrei-me do meu antigo professor tão bom, sempre alegre, a rir-se, quasi do novo matto ; parecia um collega nosso ! e tive p...

não o vêr mais ahi, com seus cabellos ruivos desgrenhados.

Agora, o nosso novo professor é alto, sem barba, cabellos compridos e grisalhos, tem uma ruga na testa, a voz grossa; e olha-nos fixamente como para ler-nos nas consciencias. Nunca se ri. Eu disse de mim para mim:

— Primeiro dia, hoje. Ainda faltam muitos mezes de trabalho e de estudo.

Corri a beijar a mão de mamã que se ia embora.

— Coragem, Henrique. Havemos de estudar juntos, disse-me ella.

E voltei para casa contente; mas sem poder esquecer o meu antigo mestre, alegre, sempre alegre, com os seus cabellos ruivos desgrenhados.

● nosso professor

Terça-feira, 18.

Nesta manhã, fiquei logo gostando do meu professor. Os alumnos do anno passado ajuntavam-se, muitos, para cumprimental-o.

— Bom dia, Sr. Perboni.

Uns chegavam, apertavam-lhe a mão e iam-se embora. Via-se que elles gostavam do professor e tinham vontade de não o deixar.

— Bom dia! dizia o professor aos alumnos, mas sem olhar-los, com os olhos fitos para cima, com a face para o tecto, sério, grave, com a sua ruga na testa.

Depois, começou attento a fitar-nos, um por um. Começou a dictar, passeando entre os bancos. Notando que um menino tinha a face vermelha e com vesiculas, tomou-lhe a cabeça entre as mãos a vêr se tinha febre. Nisto, um alumno levantou-se por detraz e começou a fazer caretas e tregeitos. O professor

voltou-se de repente ; o alumno sentou-se logo confuso, com a cabeça baixa á espera do castigo.

O professor apenas tocou-lhe a cabeça, levantando-a, e disse:

— Não faça mais isso.

E continuou a dictar.

Quando se acabou o dictado, fez-se um pequeno silencio. E o professor, de vagar, de vagar, com a sua voz grossa, falou :

— Attendam. Nós temos que passar juntos um anno. Estudem. Sejam bons. Sejam a minha familia que eu já não tenho. Tinha mãe, e morreu. Fiquei só. Os meus discipulos são os meus filhos. Quero-os amigos ; não quero castigar a nenhum.

Ahi, o bedel veio dizer que tinha dado a hora. Levantámo-nos todos. Havia silencio, e, tremulo, o alumno que tinha desrespeitado o mestre, chegou-se e murmurou :

— Sr. mestre, eu venho pedir perdão !

E cheio de ternura, paternalmente, o mestre beijou-o na testa, dizendo :

— Vá, vá, meu filho.

Uma desgraça

Sexta-feira, 21.

O anno principiou logo por uma desgraça.

Ia eu para a escola e estava contando a historia do meu novo mestre a papae, quando vimos a rua cheia de gente. Papae disse :

— Uma desgraça ! O anno começa mal.

Entrámos a custo na sala grande ; os alumnos fóra das aulas enchiam o salão, e homens e crianças voltavam-se para o gabinete do Director. Ouvia-se falar :

— Pobre moço ! pobre Robetti !

Por cima das cabeças de tanta gente viam-se o capacete do guarda civil e a calva do Director. Logo entrou um sujeito de chapéu alto e disseram : — É o medico.

Papae perguntou a um dos mestres :

— Que foi ?

— Uma roda de carro esmagou-lhe o pé.

Era o caso de um alumno adiantado que viu uma criança da primeira classe, na rua, escapar-se da mão de sua mãesinha e cair ao pé de um carro que passava. O rapaz correu a salvá-la e salvou-a, mas não teve tempo de retirar o pé, que o carro esmagou.

Nisto, entrou pela sala uma senhora, rompendo a multidão, desgrenhada, como louca. Era a mãe de Robetti. Outra senhora, a mãe da criança salva, soluçando, chega. E ambas se abraçam longamente, mudas, sem palavra nos labios. E uma dellas, n'um tom desesperado :

— Meu Julio ! meu filho !

Parou uma carruagem á porta, e o Director appareceu, tendo nos braços a criança, pallida, desmaiada, o rosto branco e os olhos cerrados. Estavam todos calados e o silencio era interrompido pelos soluços da mãe afflicta.

— Bravo, Robetti ! diziam, atirando beijos, mestres e alumnos que admiravam a bravura generosa do camarada ; e beijavam-lhe as mãos e os braços.

E elle abrindo os olhos.

— E a minha carteira ?

A mãe da criança salva, com as lagrimas nos olhos, mostrou-lh'a dizendo : — Eu t'a levo, meu anjinho, eu t'a levo.

Subiram todos á carruagem, que ruidosamente partiu pela rua afóra.

Em seguida tornámos a entrar para a aula, em silencio.

① menino calabrez

Sabbado, 22.

Hontem á tarde, dava-nos o nosso mestre noticias do Robetti, que tem de andar de muletas; quando entrou o Director com um alumno novo, menino moreno, de cabellos pretos e olhos negros e grandes, sobrancelhas cerradas, todo vestido de roupa escura, com um cinturão de marroquim preto.

O Director falou ao ouvido do mestre, e saiu, deixando aopé d'este o menino, que nos olhava com uns olhos grandes, de espantado.

O mestre tomou-o pela mão e dirigiu-se á classe:

« — Deveis estar alegres. Hoje entra para a aula um italianozinho, natural de Reggio de Calabria, a quasi duzentas leguas d'aqui. Amae a esse vosso irmão vindo de tão longe. Elle nasceu nessa terra gloriosa que tem dado á Italia homens illustres, trabalhadores e soldados; nasceu lá, nessa terra que é uma das mais bellas da patria, onde ha immensas florestas e grandes montanhas, habitadas por um povo corajoso e intelligente. Amae-o bem, de modo que elle não se lembre mais de ter nascido longe; fazei-lhe vêr que, em toda a escola italiana, um italiano, seja donde fôr, só encontra irmãos. »

E, falando, o mestre levantou-se, mostrou no mappa mural o ponto onde está Reggio de Calabria. Depois, com voz alta: »

— Ernesto Derossi!

Derossi (o que sempre ganha o primeiro premio) levantou-se.

— Vem cá, disse o mestre.

Derossi saiu do seu banco e chegou-se á mesa em frente ao calabrez.

— Tu que és o primeiro da escola, abraça em nome da classe o teu novo companheiro. São os filhos do Piemonte abraçando o filho da Calabria.

Derossi abraçou o calabrez, dizendo com a sua voz clara : — Seja bemvindo ! — E o calabrez n'um impeto de ternura beijou-o. Todos bateram palmas.

— Silencio ! exclamou o professor. Não se batem palmas na aula.

Mas bem se via que o mestre estava satisfeito, elle e tambem o calabrezinho. O mestre designou-lhe o seu lugar, e depois disse :

— Lembrae-vos bem do que eu vou dizer. Para que um calabrez estivesse na sua casa estando aqui, foi preciso que a nossa patria luctasse cincoenta annos e sacrificasse trinta mil filhos. Assim, deveis respeitar-vos e amar-vos todos uns aos outros. Aquelle d'entre vós que maltratar um companheiro, porque este não nasceu na nossa provincia, é indigno de levantar os olhos do chão, quando passar a bandeira nacional.

Apenas o calabrez se sentou, os companheiros de banco deram-lhe logo pennas e um traslado, e um menino que estava no ultimo banco, mandou-lhe um sello da Suecia.

Os meus companheiros

Terça-feira, 25.

O alumno que deu o sello ao calabrez, é o que, d'entre todos, mais me agrada ; chama-se Garrone ; é o maior da aula, tem quasi quatorze annos, a cabeça grande e os hombros largos ; é bom, percebe-se,

quando elle se ri; mas já parece um homem feito, e está sempre pensando.

Agora já conheço uma porção de collegas. Um outro tambem me agrada, de nome Coretti; anda sempre com jaqueta côr de chocolate e um gorro de pello de gato; sempre alegre e risonho; é filho de um vendedor de lenha que foi soldado da guerra de 66, onde, dizem, ganhou tres condecorações.

Ha tambem o Nelli, pequenino, corcunda, muito amarellinho.

Ha tambem um, todo muito bem vestido, que está sempre a soprar e a limpar o pello da roupa; chama-se Votini. No banco em frente do meu senta-se um menino a quem chamam o *Pedreirinho*, porque o pae é pedreiro; tem a cara redonda como uma maçã e o narizinho chato; esse tem uma habilidade particular, sabe fazer o *focinho de lebre* e é da gente morrer de riso. Usa chapéosinho molle, que elle amarrota e mette no bolso como um lenço.

Junto do *Pedreirinho* senta-se o Garoffi, um sujeito muito comprido e magro, de olhos pequenos e nariz de papagaio, que anda a negociar em chromos, santinhos e caixas de phosphoros, e escreve a lição nas unhas para *collar* ás escondidas.

Ha tambem um senhorzinho Don Carlos Nobis, muito vaidoso. Senta-se entre dous rapazes com quem sympathiso: um, o filho de um ferreiro, mettido em um paletó que lhe deita até os joelhos, e é muito pallido, e ao que parece doente, anda sempre espantado e nunca se ri; o outro, de cabellos ruivos, tem um braço paralytico, que traz sempre ao peito; o pae embarcou para a America e a mãe vive de vender hortaliças.

Typo curioso é tambem o do meu visinho da esquerda, o Stardi, pequeno e ratão, sem pescoço quasi; não fala e é meio tolo, mas está sempre attento para

o mestre, sem pestanejar, com os dentes cerrados e carrancudo. Quando o mestre está falando, ninguém interroga a Stardi; não responde á primeira nem á segunda vez, mas na terceira desanda um pontapé.

Perto ha uma cara feia e trigueira, a de Franti, que já foi expulso d'outra escola. Também noto dous irmãos, vestidos do mesmo modo, dous bonecos que trajam chapéos á calabreza com uma penna de faisão. Mas o mais bello de todos, o de mais talento e que ao certo ainda neste anno será o primeiro, é Derossi; o mestre já o comprehendeu e sempre lhe faz perguntas.

Eu, no entanto, gosto muito do Precossi, o filho do ferreiro, aquelle de paletó comprido e que parece doentinho; dizem que o pae o bate; por isso é tímido e manso, e toda vez que toca eu se dirige a qualquer pessoa, vae logo dizendo: —Desculpe-me! e lança-nos um olhar bom e meigo. Mas de todos o maior e melhor é Garrone.

Um rasgo de generosidade

Quarta-feira, 26.

Foi nesta manhã que Garrone se deu a conhecer.

Quando entrei na escola—um pouco tarde, pois a minha antiga mestra me fez parar para saber a que horas poderia ir á nossa casa; quando entrei na escola o mestre ainda não estava, e tres ou quatro rapazes judiavam com o pobre Crossi, aquelle dos cabellos ruivos e que tem um braço paralytico, e cuja mãe vende hortaliças; davam-lhe com as reguas, atiravam-lhe ao rosto cascas de castanha, e arremedavam o seu braço aleijado. E elle sósinho na ponta do banco, humilde e compassivo, olhava para os que escarneciam com os olhos supplices, como

pedindo que o deixassem tranquillo. Mas os outros redobram de escarneo, e elle começou a tremer e a fazer-se vermelho de raiva.

N'um momento, Franti, o de cara feia e estúpida, subiu a um banco, fingindo trazer dous cestos nos braços, arremedando a mãesinha de Crossi, a que vende hortaliça, no tempo em que ella vinha á porta da escola ver o seu filho: porque agora ella não vem mais, e-tá doente. Muitos, ao ver isto, puzeram-se a rir. Então Crossi perdeu o juizo e agarrando n'um tinteiro atirou-lh'o á cabeça com toda a força; mas Franti torceu o corpo e o tinteiro fôï em cheio bater no peito do mestre, que entrava naquella hora.

Todos foram para os seus logares. Fez-se silencio. Estavam todos com medo.

O mestre, pallido, chegou-se á mesa e com a voz mudada perguntou :

— Que é isto?

Ninguém respondeu. E o mestre outra vez gritou, levantando a voz :

— Quem fôï que atirou o tinteiro?

Então Garrone, movido de piedade pelo pobre Crossi, levantou-se de repente e disse firme :

— Fui eu!

O mestre olhou-o e olhou para todos estupefactos; depois disse, tranquillo :

— Não ! não foste tu. (E depois de uma pausa) O culpado levante-se ! Não soffrerá castigo.

Crossi então levantou-se chorando: — batiam-n'o, insultavam-n'o, elle perdera a cabeça...

— Sente-se, disse o mestre. Levantem-se aquelles que o maltrataram.

Levantaram-se quatro, cabisbaixos todos.

— Vós, disse o mestre, insultastes a um compa-
nheiro que não vos provocara, escarnecestes e zom-
bastes d'um infeliz e batestes n'um ente fraco que

não póde defender-se. Praticastes a accção mais baixa, a mais vergonhosa que possa manchar uma creatura. Sois uns covardes!

Dito isto, desceu entre os bancos, levantou com a mão o queixo de Garrone, que tinha a cabeça curvada, fel-o erguer o rosto, fitou-o nos olhos e disse-lhe:

— E's uma alma nobre!

Aproveitando o momento, Garrone falou não sei que ao ouvido do mestre, e este, voltando-se para os quatro culpados, disse seccamente: — Estão perdoados.

A minha antiga mestra

Quinta-feira, 27.

A minha mestra cumpriu a promessa. Veiu hoje á nossa casa, no momento em que minha mãe e eu estavamos para sahir, para levarmos algumas roupas a uma pobre mulher, recommendada pela *Gazeta*.

Já fazia um anno que ella não vinha á nossa casa. E todos nos alegrámos.

Era sempre a mesma, baixinha, com o seu véo verde enrolado ao chapéo, vestida sem luxo, apenas penteada, pois não tem sequer tempo de enfeitar-se; agora anda mais descorada do que no anno passado, e tem mais cabellos brancos e uma tossezinha sempre. Mamã disse-lhe:

— E de saúde, cara mestra? Mais cuidado!

— Ah, isso pouco vale! respondeu ella com o seu sorriso melancolico e ao mesmo expansivo.

— A senhora fala muito alto, disse mamã, e cança-se muito com os seus discipulos.

Tinha razão mamã. A nossa mestra nunca se cançava de falar; inda me lembro quando andava na

aula della: estava sempre a falar e a gritar para que os meninos se não distrahissem, e nem se sentava um momento. Eu estava certo de que ella viria, porque não se esquece dos discipulos: guarda os nomes delles, annos e annos. No dia do exame mensal corre a perguntar ao Director o ponto que tiraram; e espera os meninos á sahida e pede-lhes os themas, para ver se fizeram algum progresso; e muitos, já alumnos do Gymnasio e que já usam calças compridas e relógio, vêm procural-a, ou vêm saber noticias della. Hoje vinha muito cansada da Pinacotheca, aonde tinha levado uns alumnos, tal qual como no anno passado, quando ella ás quintas-feiras conduzia a gente ao Museu.

Pobre mestraltão emmagrecida! mas sempre viva. Enthusiasma-se sempre que falada sua escola. Quiz vêr a cama onde me viu cahido muito doente, faz dous annos, e que é agora do meu irmãozinho. Olhou-a um pouco, mas nada disse, porque ella agora ia á pressa vêr tambem um menino da sua aula, o filhinho d'um selleiro, que está com sarampo; e ainda tem de corrigir uma porção de paginas, de trabalhar toda a tarde e de dar á noitinha uma lição particular de arithmetica á dona de uma loja.

— Então, Henrique, disse-me ao sahir, queres bem ainda á tua mestra, agora que estás adiantado e dás lições grandes?

Beijou-me e disse-me ainda do patamar da escada:

— Não te esqueças de mim, Henrique.

O' minha boa e querida professora! não, eu não me esquecerei de ti. Ainda quando fôr homem, eu me lembrarei de ti; irei procurar-te, para ver-te entre os teus discipulozinhos; e toda vez que eu passar por uma escola, e toda vez que eu ouvir a voz de uma mestra, ha de parecer-me ouvir a tua voz e recordar-me-hei do tempo que passei na tua aula, onde

aprendi tantas cousas, mas onde te vi doente e fatigada, mas sempre solícita, generosa, sempre boa — inquieta, quando nos via sem saber pegar na penna; tremula, quando os inspectores nos interrogavam; feliz, quando nos via fazermos boa figura: e sempre amorosa, sempre qual uma mãe. Não! não! nunca me esquecerei de ti!

Em um sótão

Sexta-feira, 28.

Mamã, eu e maninha Silvia, hontem à noite, sahimos a levar a roupa à pobre mulher recommendada pelo jornal: eu levava o embrulho, e Silvia o jornal onde estavam as iniciaes e o endereço da pobrezinha. fomos subindo até quasi o tecto d'uma casa alta, por um corredor muito comprido e com muitas portas. Mamã bateu na ultima: ~~apareceu~~ uma mulher ainda moça, loura e muito branca; lembrei-me de já tel-a visto assim, loura, com esse lenço azul que traz na cabeça.

— Seria ella a pessoa, assim, assim, de que falava o jornal? perguntámos.

— Sim, senhora.

— Pois bem, disse minha mãe, trazemos-lhe alguma roupa branca.

E ella a agradecer e a abençoar-nos sem nunca ácabar. No emtanto vi em um canto da casa escura e vasia um menino ajoelhado diante de uma cadeira; escrevia sobre ella e estava o tinteiro no chão. Como poderia elle escrever assim tão ás escuras? Emquanto eu dizia isso de mim para mim, eis que reconheço os cabellos ruiuos e a jaqueta do fustão de Crossi, o filho da quitandeira, aquelle do

braço paralytico. E disse-o baixinho á mamãe, enquanto a mulher guardou a roupa.

— Cala-te! disse-me ella : não o chames ; pôde ser que se envergonhe da esmola que damos á sua mãe-inha.

Mas nesse instante Crossi voltou-se ; fiquei vexado, mas elle sorriu e então mamã fez-me signal para que corresse a abraçá-lo. Abracei-o, e elle levantou-se e tomou-me as mãos.

— Estou aqui, ia dizendo a mãe de Crossi ; aqui vivo sósinha com essa criança ; ha seis annos meu marido está na America, e eu de mais a mais doente, sem poder andar em gyro na minha quitanda para ganhar o sustento. Nem sequer me ficou uma mesa para o meu Luizinho estudar. Quando hávia lá em baixo no portal um banco, sempre se ia remediando ; agora, nem isso. Nem mesmo ha luz para estudar sem fazer mal á vista ! E dou graças a Deus se ainda o posso mandar para a escola, porque o governo é quem dá os livros. Pobre Luizinho ! tem tanta vontade de aprender ! Mas sou tão pobre !

Mamã deu-lhe tudo quanto trazia, beijou o pequeno e sahio quasi chorando. E tinha razão de dizer-me :

— Meu filho ! olha como aquella criança na miseria trabalha ; tu que tens todas as commodidades, ainda achas duro o estudo. Ah, meu Henrique ! no trabalho d'um dia dessa criança ha mais merecimento do que no teu trabalho d'um anno. Aesses assim é que se deviam dar os primeiros premios.

A escola

Sexta-feira, 28.

« Meu caro Henrique.

Sim, parece-te duro estudar, como te disse tua mamã : não te vejo mais ir para a aula com a alegria e a coragem

que eu desejara. Estás ficando vadio. Não é isso? Mas vê bem : que triste e misera cousa para ti um dia sem escola! No fim de uma semana, de mãos juntas pedirias para voltar, cheio de aborrecimento e vexado, enjoado de viver brincando. Todo o mundo hoje em dia estuda, meu Henrique. Lembra-te dos operarios que vão á escola de noite, depois de trabalharem com vigor o dia inteiro ; dessa gente toda, moços e moças do povo que vão á escola nos dias de domingo, depois de trabalharem toda semana ; lembra-te mais mais dos soldados, que lançam mão de livros e cadernos, já cançados, depois dos exercicios ; dos rapazes mudos e dos cegos, que todavia estudam ; até dos presos, pois tambem elles aprendem a ler e a escrever.

Pensa que de manhã, quando saes, no mesmo momento e nessa mesma cidade ha 30.000 pequenos que como tu vão para uma casa durante tres horas estudar, estudar. Mas que! lembra-te do innumeravel bando de rapazes de todos os outros paizes que, á mesma hora mais ou menos, vão tambem á escola ; imagina que lá vão elles pelas estradas quietas da roça, pelas ruas cheias de barulho das cidades, pelas praias dos mares e dos lagos, ou sob o sol abrasador, ou sobre a neve fria, em barcos nos logares cortados de canaes, a cavallo nos campos, em liteira sobre a neve, por montes e valles, entre florestas e rios, sosinhos galgando o caminho pela montanha, a sós ou em grupo ou em fileiras, todos com o livro debaixo do braço, vestidos de modas as mais differentes, falando mil linguas, desde a ultima escola da Russia, lá perdida nos gelos, até a derradeira escola da Arabia, ensombrada de palmeiras ; milhões e milhões, todos a aprender de cem fórmas diversas a mesma cousa ; imagina esse vastissimo formigueiro de moços de cem povos, esse movimento enorme, do qual tu fazes parte, e pensa bem :

— Se esse movimento cessasse, a humanidade se despenharia na barbaria ; porque elle é o progresso, elle é a esperança, elle é a gloria do mundo. Vamos! coragem, pequeno soldado desse exercito immenso. Os teus livros são as tuas armas, a tua classe é um regimento, o campo da batalha é a terra inteira, e a victoria é a civilisação... Meu Henrique! tu não serás um soldado covarde.

Teu pae. »

O patriotazinho de Paduá

(CONTO MENSAL)

Sabbado, 29.

Não, não serei um *soldado covarde*, nunca; mas eu teria vontade de ir á escola, se o mestre sempre contasse uma historia como a que contou hoje. Todos os mezes, disse elle, contará uma, e será sempre a historia de uma bella acção verdadeira, praticada por um rapazinho. A de hoje chama-se *O patriotazinho de Padua*.

E' esta:

— Partiu um vapor francez, de Barcelona, cidade de Hespanha, para Genová, na Italia; a bordo havia francezes, hespanhoes, suissos e italianos. Havia entre outros um rapaz de onze annos, mal vestido, sózinho, sempre afastado como um animal selvagem, olhando para todos sombriamente. Havia ao certo razão na expressão sombria do seu olhar. Dous annos já havia que o pae e a mãe, camponezes dos suburbios de Padua, o tinham vendido ao chefe de uma companhia de saltimbancos; o qual, depois de haver-lhe ensinado peloticas á custa de soccos, pontapés e jejuns, tinha-o levado pela França e Hespanha, judiando com elle e matando-o á fome. Chegando a Barcelona e não podendo mais aguentar a fome e máos tratos, reduzido á petição de miseria, fugiu ao seu algóz e correu a pedir a protecção do consul italiano, que commovido fez-o embarcar n'aquelle vapor, dando-lhe uma carta para o chefe de policia de Genova, para que este o enviasse aos seus paes, aos paes que o tinham vendido como um animal.

O pobre do rapaz estava esfarrapado e doente.

Deram-lhe um beliche em 2ª classe: todos o encravavam, e uns mesmo faziam-lhe perguntas; mas elle não dava resposta e parecia odiar e desprezar a todo o mundo, tanto as privações e as fadigas o tinham aborrecido e exasperado. Tres passageiros, sempre a insistirem com indagações, chegaram a fazel-o falar, e elle disse poucas palavras, uma mistura de veneziano, de hespanhol e de italiano. Os taes não eram italianos, mas comprehenderam-n'o e movidos talvez por compaixão, ou talvez por effeito do vinho, deram-lhe alguns vintens, gracejando e incitando-o a que contasse outras cousas mais; e entrando na sala umas senhoras, os tres, para se exhibir, deram-lhe mais dinheiro, gritando: —Toma lá! Mais esta! e atiravam as moedas, que tinham sobre a mesa.

O rapaz embolsou as moedas, resmungando, agradecendo, com os seus modos grosseiros, mas já agora com o olhar jovial e meigo. Ah! e começou a scismar; com esse dinheiro compraria a bordo alguma cousa boa que se comesse; compraria uma jaqueta logo que desembarcasse em Genova, pois havia dois annos que não sabia que era pão nem boa roupa. Poderia ainda, indo para casa, fazer com que seus paes o acolhessem com humanidade e ternura maior do que se chegasse com as algibeiras vasias.

Era uma pequena fortuna para elle, aquelle dinheiro. E estava a pensar muito consolado em tudo isso por detraz da cortina do beliche, enquanto sentados á mesa, na sala, os tres passageiros conversavam

Bebiam e falavam de viagens, das terras que tinham visto, e de conversa vieram a falar da Italia. E logo um começou a queixar-se dos hoteis, outro das estradas de ferro, e depois todos juntos, esquen-

tando a palestra, entraram a dizer mal de tudo. Um teria preferido viajar na Lapônia; outro affirmava que na Itália não havia senão tratantes e cousas ruins; o ultimo, que os empregados italianos nem sabiam ler.

— Um povo ignorante, disse o primeiro.

— E porco, disse o segundo.

— E lad.... exclamou o ultimo.

Mas nem pôde concluir: uma tempestade de moedas bateu-lhes sobre as cabeças e hombros, e as moedas, fazendo barulho, espalharam-se pelo chão. Furiosos, os tres passageiros levantaram-se e olharam para cima; mais outras moedas em punhado vieram tinir-lhes na cara.

— Guardae o vosso dinheiro (disse desdenhosamente o rapaz, estirando-se para fóra do beliche), guardae-o: eu não aceito esmola de quem insulta a minha patria!

NOVEMBRO

⊕ limpador de chaminés

1 de novembro.

Hontem, á tarde, fui á aula das meninas, que é junto á nossa, para dar a historia do paduano á mestra de Silvia, que a queria ler. Setecentas alumnas! Quando cheguei, começavam a sair, alegres, pelas férias de Todos os Santos e de Finados. E eis uma bella cousa que vi.

Em frente á porta da escola, do outro lado da rua, com os braços erguidos e cruzados á parede e a cabeça nos braços, estava um limpador de chaminés, muito pequenino, com a cara suja, com o sacco e a raspadura, n'um pranto desatinado, a soluçar. Duas ou tres meninas chegaram para perto e perguntaram :

— Por que choras assim ?!

E elle sem responder, a chorar mais ainda. Mas que dissesse por que chorava, perguntaram de nove as meninas. E foi então que elle levantou a cabeça dos braços, — uma suavissima cabeça de criança — e disse que tinha ido a varias casas fazer o seu serviço, que ganhara cinco tostões, mas tendo-os perdido (e mostrou os bolsos rotos), faltava-lhe coragem para entrar em casa sem o dinheiro.

— O patrão bate-me. E suffocado por um soluço metteu de novo a cabeça entre os braços, como um desesperado.

As meninas estiveram a olhal-o, todas sérias. Ne

entanto vinham chegando outras, grandes, pequenas, pobres e ricas, sobraçando as carteiras.

Das maiores, uma que tinha uma penna azul no chapéo, tirou do bolso dous vintens e disse :

— Eu só tenho dous vintens. Vamos fazer uma subscrição.

— Eu dou tambem dous, disse outra de vestido vermelho. Havemos de obter aqui mesmo os cinco tostões.

E começaram a chamar-se : — Amalia ! Luiza ! Anninhas ! Um vintem ! Dous ! Vamos !

Umhas deram o dinheiro que traziam para flores ou cadernos ; outras menores deram menos. A da penna azul ia contando alto :

— Oito ! dez ! quinze !

Ainda não chegava. Então, appareceu a maior de todas, quasi moça, e deu logo um tostão ; todas applaudiram em festa. Faltavam ainda cinco vintens.

— Mas deixem vir as meninas da quarta classe, disse uma.

E de facto ellas vieram e as moedinhas choveram. E as meninas ajuntaram-se em pinha. Bello de vêr se aquelle pobrezinho do limpa-chaminés, cercado, no meio dellas, entre as côres garridas de seus trajos, na confusão palpitante das plumas, das fitas e dos cabellos soltos ! O dinheiro estava completo e já passava da conta. As mais pequenas, que não tinham real, iam abrindo caminho entre as maiores, offerecendo flores, para darem tambem alguma cousa.

Nisso, a porteira chega gritando :

— A Directora !

E ellas debandaram, como uma revoada de passaros.

Então, pôde-se ver, sósinho, no meio da rua, o pequeno limpador de chaminés, a enxugar os olhos,

contente, a rir-se, com as mãos cheias de dinheiro, e todo cheio de flôres pela jaqueta, pelo chapéo...

E ainda havia flôres sob os seus pés, espalhadas no chão.

❶ dia de finados

Novembro, 2.

«O dia de hoje é consagrado á commemoração dos mortos. Sabes, acaso, meu Henrique, a que mortos deveis vós outros todos já dedicar um pensamento?

Aos que morreram por vós, pelos moços e pelas crianças. Quantos já morreram e quantos ainda morrerão!

Já calculaste quantos pais consumiram a vida no trabalho, quantas mães desceram ao tumulo antes do tempo, exauridas pelas provações a que se entregaram para sustentar os seus filhinhos? Sabes tu quantos homens cravarão uma faca no coração, desesperados ao verem os filhos na miseria e quantas mulheres caíram no suicidio ou na loucura, ou succubiram de dôr, pela perda de seu filhinho amado?

Pensa hoje nesses mortos, Henrique. Pensa nas mestras, tantas, que morreram na flôr da idade, magras e entiscadas pelo cansaço, gasto todo o vigor no carinho e no amor das crianças, das quaes não teriam coragem de separar-se; pensa nos medicos que morreram de doenças contagiosas, elles que affrontavam corajosamente o dever de curar as crianças; pensa em todos aquelles que nos naufragios, nos incendios e nos tempos de fome, no perigo supremo, tiraram de si para as crianças o ultimo bocado de pão, a ultima taboa de salvamento, a ultima corda para escaparem ás chammas, e morreram contentes no seu sacrificio delles, no sacrificio que assegurava a existencia de um pequeno innocente.

São, Henrique, innumeraveis esses mortos! todos os cemiterios guardam centenaes dessas santas creaturas, dessas que, se pudessem levantar-se da cova um só momento, erguer se-iam trazendo nos labios o nome de uma criança a quem entregaram o sacrificio do prazer na mocidade, da paz na velhice, das paixões, da intelligencia e da vida inteira; esposas de vinte annos, homens no vigor da idade, velhos

octogenarios e moços—obscuros e heroicos martyres da infancia—tão grandes e tão nobres, que não tem a terra tantas flôres que cheguem, quantas devemos atirar sobre seus tumulos. Tanto sois amadas, oh crianças!

Pensa hoje naquelles mortos, com gratidão, e serás melhor e mais generoso com todos os que te querem bem e que se cançam por ti, meu caro filho, tão feliz que és, que no dia dos mortos não tens ainda um sequer por quem derrames as tuas lagrimas!

Tua mãe. »

Meu amigo Garrone

Sexta-feira, 4.

Foram apenas dous feriados: no emtanto parece-me que já de ha muito não vejo Garrone. Quanto mais o conheço, mais lhe quero bem, e isso se dá com todos, excepto com os malcriados, que nada conseguem d'elle, porque não deixa praticar insolencias. Toda vez que um maior levanta a mão para um pequeno, este grita — Garrone! — e o maior não tuge nem muge.

E' filho de um machinista da estrada de ferro. Entrou tarde para a escola, tendo perdido dous annos por doente. E' o mais alto, o mais forte da aula; levanta o banco com uma só mão. Tudo quanto lhe peçam, lapis, gomme, papel ou canivete, empresta ou dá logo tudo, e não conversa nem ri na escola; está sempre immovel no banco, muito estreito para elle, com as costas recurvadas e a cabeça mettida entre os hombros. Quando olho para elle, sorri-me com os olhos meio cerrados como a dizer:

— Somos pois amigos, Henrique?

Mas faz mesmo rir, com a sua figura grande, grossa, de jaqueta, calças e mangas muito apertadas e muito curtas; o chapéozinho na corôa da cabeça

rapada á escovinha, os sapatos achamboados e a gravata torcida sempre como uma corda.

Caro Garrone! Basta ver-lhe o rosto uma só vez para se gostar d'elle. Todos os pequenos desejam ficar-lhe perto. Sabe bem contas. Traz os livros empilhados e amarrados por uma correia de couro vermelho. Tem uma faca de cabo de madreperola que achou o anno passado na praça darmas, e um dia cortou com ella o dedo até o osso, mas ninguem na escola o soube, e nada disse em casa para não affligir seus paes.

Podem dizer-lhe o que quizerem brincando, não dá cavaco; mas ninguem lhe diga que falta á verdade, quando elle affirma qualquer cousa; —incendiam-se-lhe os olhos e dá murros de quebrar o banco.

Sabbado, pela manhã, deu um vintem a um pequenino que chorava na rua, por lhe terem roubado o dinheiro que trazia para comprar um caderno. Ha já tres dias que está trabalhando em fazer ornatos á penna em uma carta de oito paginas, com o nome da sua mãezinha, que vem muitas vezes buscal-o; ella é alta, gorda e sympathica como elle.

O mestre não o deixa nunca, e sempre que lhe passa perto, toca-lhe com a mão nos hombros, como se faz a um tourinho manso. Gósto muito d'elle. Fico contente quando lhe aperto com a minha a sua mão, grande e pesada, que mais parece a de um homem. Estou certo de que arriscaria a vida para salvar a de um companheiro, e que se deixaria matar para defendel-o; vê-se isto claramente nos seus olhos. Anda sempre resmungando com aquelle vozeirão enorme, voz que sae das profundezas de um coração generoso e bem formado.

O carvoeiro e o fidalgo

Segunda-feira, 7.

Garrone não era capaz de dizer aquillo que hontem de manhã disse Carlos Nobis a Betti. Carlos Nobis é soberbo, porque o pae é fidalgo—um homem alto, com toda a barba preta; muito grave e serio, que vem quasi todos os dias acompanhar o filho. Hontem de manhã Nobis brigou com Betti, que é um dos mais pequenos, filho de um carvoeiro, e não sabendo mais o que lhe havia de dizer, porque não tinha razão, disse-lhe aspero:

— Teu pae é um esfarrapado.

Betti corou até a raiz dos cabellos. Nada disse. Vieram-lhe as lagrimas aos olhos. Quando em casa, repetiu a phrase ao pae, e logo o carvoeiro, homenzinho todo enfarruscado, resolveu ir á aula da tarde com o filho para fazer queixa ao mestre. Enquanto fazia as suas queixas, e todos nós calados, o pae de Nobis, que tirava, como fazia sempre, a capa dos hombros do filho á entrada da porta, ouvindo fallar em seu nome, entrou para pedir explicações.

— E' este operario, respondeu o mestre, que vem queixar-se de que seu filho Carlos dissera ao filho d'elle:

— Teu pae é um esfarrapado.

O pae de Nobis carregou o sobr'olho e corou um pouco. Depois perguntou ao filho:

— Disseste então aquellas palavras?

O filho, em pé, no meio da escola, com a cabeça baixa, não respondeu.

O pae então tomou-o por um braço, e purrou-o para diante de Betti, quasi a juntal-os, e disse:

— Pede-lhe perdão.

O carvoeiro foi intervindo:

— Não, não...

Mas o pae de Nobis, sem attender, repetiu ao filho:

— Pede-lhe perdão. Repete as minhas palavras :
« Peço-te perdão pela palavra injuriosa, insensata e indigna que proferi contra teu pae, a quem o meu se honra de apertar a mão. »

O carvoeiro fez um gesto impaciente como quem diz : Não, isso não pôde ser. O pae de Nobis não lhe deu attenção, e o filho disse lentamente, com um tenue fio de voz, e sem levantar os olhos do chão :

— Peço te perdão pela phrase injuriosa, insensata e indigna que disse contra teu pae, a quem o meu se honra de apertar a mão.

Então Nobis estendeu a mão ao carvoeiro, que lh'a apertou com força, e logo atirou o filho para os braços de Carlos Nobis.

— Faça favor de collocal-os junto um do outro, disse o fidalgo ao professor.

O mestre poz Betti no banco de Nobis. Quando se sentaram, o pae de Nobis fez uma cortezia e sahiu.

Ficou o carvoeiro algum tempo a pensar, olhando para as duas crianças agora juntas; depois approximou-se do banco e fixou Nobis com expressão de sympathia e pezar, como se intenta-se dizer alguma cousa. Nada disse: estendeu-lhe a mão para fazer-lhe uma caricia, mas nem a isso se atreveu, e apenas lhe roçou a fronte com dois dos seus grossos dedos. Depois encaminhou-se para a porta, e voltando-se ainda mais uma vez para vel-o, desappareceu...

— Recordem-se bem do que acabam de ver, meus filhos, disse o mestre, esta é a mais bella lição deste anno.

A mestra de meu irmão

Quinta-feira, 10.

O filho do carvoeiro foi discipulo da mestra Delcati, a qual veiu hoje ver meu irmão, que está de cama, e fez-nos rir contando-nos que a mãe daquelle rapaz lhe levara, havia dois annos, um sacco cheio de carvão, agradecendo o ter ella dado uma medalha ao filho; e teimava a pobre mulher em não querer tornar a levar o carvão para casa, e quasi chorou quando viu que tinha de voltar com o sacco.

Tambem de uma pobre mulher nos contou ella, que lhe levára um ramalhete de fiôres muito pesado e que tinha dentro um punhado de moedas de cobre. Divertimo-nos muito a ouvil-a, e deste modo meu irmão foi tomando a mezinha que até ali rejeitava.

Que paciencia não deve ter com aquelles meninos da *primeira*, todos sem dentes como uns velhinhos, sem poderem pronunciar o R nem o S; e um tosse, outro bota sangue pelo nariz, este perde os sapatos debaixo do banco, aquelle berra porque se picou com a penna, e outro chora porque comprou o caderno numero dous em vez do caderno numero um! Cincoenta n'uma aula, sem saberem nada, com umas mãosinhas de manteiga, e ter-se de ensinar a escrever a tudo aquillo! Alguns trazem de casa, no bolso, páosinhos d'alcaçûs, botões, pequenos saca-rolhas, ladrilho moido, uma porção de cousas miudas, e é preciso que a mestra os reviste; mas escondem os objectos até nos sapatos! E nunca estão attentos: um besouro que entre pela janella, põe tudo em alvoroço; no verão, levam para a escola palhinhas e folhas, que atiram para cima e vão cahir nos tinteiros, e enchem os cadernos de borrões.

A mestra tem que fazer de mãezinha com elles ; ajuda-os a vestir, liga-lhes os dedinhos quando se ferem, apanha do chão os chapéos e bonets que cahem, toma sentido que não troquem os paletós, senão depois fazem uma choradeira infernal. Pobres mestras ! E ainda por cima de tudo isto, vêm as mães a queixar-se :

— Como foi que meu pequeno perdeu a penna ?

— Como é que o meu não aprende nada ?

— Por que não dá o premio ao meu, que sabe tão bem ?

— Por que não manda tirar o prego do banco que rasgou os calções ao Pedrinho ?

Algumas vezes a mestra de meu irmão zanga-se com as crianças, e quando não póde mais, morde nos dedos para não desandar pancada ; perde a paciencia, mas arrepende-se logo e acaricia a criança com quem ralhou. Expulsa um garoto da escola, mas traga as lagrimas, e fica zangada com os paes que fazem jejuar as crianças por castigo. E' moça e alta a professora Delcati, bem vestida, morena ; e não pára ; commove-se por um nadinha, e fala então com extrema ternura.

— Mas, assim, as crianças lhe querem bem, disse minha mãe.

— Muitas sim, — respondeu — mas depois, acabado o anno, as outras, na maior parte, nem nos vêem mais. Quando estudam com os mestres, quasi se envergonham de terem aprendido com uma mestra. Depois de dous annos de cuidados, depois de termos amado tanto uma criança, faz-nos tristeza deixal-a, e dizemos : — Desta estou eu segura que sempre se lembrará de mim... Mas, passam-se as férias, entra de novo na escola, vamos-lhe ao encontro:— Oh! meu filho, meu

querido! — E ella volta a cabeça para o outro lado...

Aqui, a mestra deixou de falar.

— Mas tu não farás assim, não é?

E, a beijar meu irmão, com os olhos humidos de lagrimas:—Tu não me voltarás o rosto, não é? não renegarás tua pobre amiga!

Minha mãe

Quinta-feira, 10.

Na presença da mestra de teu irmão, faltaste ao respeito a tua mãe! Que isto te não succeda mais, Henrique, nunca mais! A tua palavra irreverente varou-me o coração como uma lamina d'aço. Pensa n'ella, em tua mãe, quando ha annos debruçada uma noite inteira sobre o teu berço, media a tua respiração, chorando sangue de amargura, batendo os dentes, tremula de terror, com medo de perder-te! Pots eu a vi louca, e ao lembrar-me disto fui tendo agora um sentimento de horror por ti.

Tu! offenderes tua mãe! a tua mãe, a ella que daria um anno de felicidades para poupar-te um instante de dor! a ella que mendigaria para ti! a ella que se deixaria matar para salvar-te a vida! Ouve, Henrique. Fixa bem na memoria o meu pensamento. Imagina que te estão reservados na vida muitos dias terriveis; mas o mais terrivel de todos será aquelle em que perderes tua mãe. Mil vezes, Henrique, quando fores homem, forte, provado em todas as lutas, tu a invocarás, opprimido por um desejo immenso de tornar a ouvir uma vez a sua voz: de te sentires, ainda uma vez, apertar naquelles mesmos braços, braços convulsos, que te hão de cingir a ti, pobre rapaz sem protecção nem conforto. Como te recordarás então de todas as amarguras que lhe tens causado, e com que remorsos as pagarás todas! Misero!

Não esperes serenidade na tua vida, se tiveres contristado tua mãe; arrepende-te-ás, pedir-lhe-ás perdão, venerarás a sua memoria, mas tudo em balde; a tua consciencia não possuirá a paz; aquella imagem doce e boa te apparecerá sempre n'uma expressão de tristeza, de retrahimento, tortura eterna de tua alma! Henrique, olha! esse é o mais

sagrado de todos os affectos humanos, e ai d'aquelle que o desconhece ! O assassino que venera sua mãe, possui ainda dentro de si alguma cousa de honesto e de nobre no coração; o mais glorioso, o mais illustre dos homens que uma só vez a magoe e a offenda, esse não pas-a de uma creatura vil. Que te não saia nunca mais da bocca uma só palavra dura para aquella que te deu a vida. E se uma ainda te escapar, não seja o temor de teu pae, mas o impulso da alma que te lance aos pés della, a supplicar-lhe que com o beijo do perdão te arranque da fronte a nodoa da ingratição.

Amo-te, meu filho ; tu és a esperanza mais cara da vida ; mas antes quero ver-te morto, do que ingrato para com tua mãe. Vae ! Por emquanto não me faças caricias : eu não t'as poderia retribuir de coração.

Teu Pae.

● meu companheiro Coretti

Domingo.

Meu pae perdoou-me ; mas eu fiquei um pouco triste, e minha mãe então mandou-me com o filho mais velho do porteiro dar um passeio pelo boulevard. Passando perto de uma carroça parada em frente de uma loja, senti chamarem por meu nome ; volto-me, era Coretti, o meu companheiro de escola, com o seu paletó côr de chocolate e o seu bonet de pello de gato ; estava todo suado e alegre, com um grande feixe de lenha ás costas. Um homem de pé, sobre a carroça, passava-lhe uma braçada de lenha, que elle por sua vez tomava e levava para o armazem de seu pae, onde com pressa e trabalho a ia empilhando.

— Que fazes, Coretti ? perguntei.

— Não estás vendo ? — respondeu estendendo os braços para receber o feixe : estou estudando a lição.

Eu ri-me, porém elle falava sério, e tomando a braçada de lenha ia correndo a dizer: — *Chamam-se accidentes do verbo... as suas variações... segundo o numero e a pessoa ..* E depois atirando mais lenha, e arrumando-a: — *Segundo o tempo a que se refere a acção.* E tornava de novo a levar outra braçada: — *Segundo o modo com que a acção é enunciada.*

Era a nossa lição de grammatica para o dia seguinte.

— Que queres? — disse-me elle — vou aproveitando o tempo. Meu pae sahiu com o caixeiro para uma *fazenda*. Minha mãe está doente. Tocame esse trabalho. Nesse tempo vou recordando a grammatica. E' uma lição difficil a de hoje. Não posso mettel-a na cabeça.

— Meu pae disse que estará aqui ás sete horas para lhe pagar, disse elle ao carroceiro.

A carroça partiu.

— Entra um momento, disse Coretti.

Entrei. Era um casarão cheio de pilhas de lenha e de fachina, com uma balança a um canto.

— Hoje, para mim, é um dia de carrego. Tenho de fazer o trabalho aos pedaços, aos boccados. Estava desenvolvendo as proposições da *lição de cousas*, e veio gente comprar. Volto a escrever, eis que chega a carroça. Já fui esta manhã duas vezes ao mercado da lenha, á praça Veneza. Já não dou accôrdo das pernas e tenho as mãos inchadas. Estava arranjado se tivesse lição de desenho!

E entretanto ia dando uma varredela ás folhas seccas e ás palhas que cobriam o ladrilho.

— Mas onde estudas, Coretti? — lhe perguntei.

— Aqui não, de certo — replicou; anda a vêr.

E conduziu-me a um quartinho no fundo da loja, que serve de cozinha e de sala de jantar, com uma

mesa a um canto, onde estavam os livros, os cadernos e a escripta principiada.

— Estou aqui, justamente ; deixei em meio a resposta da segunda pergunta : *com couro fazem-se o calçado e as cilhas...*, agora accrescento : — *e malas* — e pegando na penna principiou a escrever com a sua bella calligraphia.

Neste momento ouviu-se dizer alto na loja : — Não está cá ninguem ?

Era uma mulher que vinha comprar lenha miuda.

— Prompto ! respondeu Coretti. E correu, pesou a lenha, recebeu o dinheiro ; n'um borrador tomou nota da venda, e voltou para a escripta, dizendo :

— Vejamos se posso acabar o periodo. E escreveu : — *bolsas de via, em — e mochilas para os soldados.*

— Ah ! meu pobre café que se vae embora ! exclamou de repente, e correu ao fogão, retirando a cafeteira do fogo.

— E' o café para minha mãe. Foi bom aprender a fazel-o. Espera um pouco que vamos levar-lh'o. Assim ella te verá e ha de ficar alegre. Ha sete dias que está de cama... *Accidentes do verbo...* Escaldo sempre os dedos com esta cafeteira. Que devo eu accrescentar depois de *mochilas para os soldados* ! Ha de haver ainda alguma outra cousa, mas não me lembro. Vem vêr a mamãe.

Abriu uma porta e entrámos n'um outro quarto pequeno. Estava a mãe de Coretti n'um leito grande, com um lenço branco na cabeça.

— Aqui está o café, mamãe — disse Coretti, dando-lhe a chicara. Este é um meu companheiro de escola.

— Ah ! bravo ! meu menino, vem fazer uma visita à doente, não é verdade ?

Entretanto, Coretti arranjava os travesseiros por detraz dos hombros d'ella ; endireitava a cobertura da cama ; espevitava o fogo, e enxotava o gato de cima da caixa.

— Quer mais alguma cousa, mamãe ? perguntou depois, pegando na chicara : — Tomou as duas colherinhas do café ? Quando acabar irei buscar outro á botica. A lenha já está descarregada. A's quatro horas porei a carne ao lume, como me disse ; quando passar a mulher da manteiga, dar-lhe-hei o dinheiro. Tuda irá bem, não se incomode.

— Obrigada, meu filho, respondeu ella. Pobre filho ! Não se esquece de nada.

Quiz que eu tomasse um torrão de assucar, e depois Coretti mostrou-me um quadrosinho, um retrato em photographia de seu pae, vestido de soldado, com a medalha de bravura, que ganhára em 65, no quadrado do principe Humberto ; a mesma cara do filho, com aquelles olhos vivos e o mesmo sorriso alegre.

Voltámos á cozinha.

— Já achei... disse Coretti. E accrescentou no caderno : — *fazem-se tambem arreios para cavallos*. Bem ! o resto fal-o-hei de noite, deitar-me hei mais tarde. Tu, sim, que és feliz ; tens todo o tempo para estudar e podes ainda sair a passeio !

E sempre alegre e lesto, tornando a entrar na loja, começou a lascar as achas a meio, dizendo : — Esta é a minha gymnastica ! Olha : agora é o *impulso dos braços para diante*. Meu pae volta e verá toda esta lenha prompta ; ficará satisfeito. O que tu não sabes é que, depois de ter lascado ; escrevo os *tt* e os *ll* tremidos que parecem cobras, diz o mestre ; mas que hei de fazer ? — Digo-lhe que sou obrigado a mover os braços... O que importa é que minha mãe fique boa já, isso sim ! Hoje está melhor, graças a Deus.

A grammatica estudal-a-ei de manhã cedo, de madrugada. Oh! lá está a carroça com os troncos! Ao trabalho.

Uma carroça carregada de páos de arvoredos parou defronte da loja. Coretti sahiu correndo para falar com o carroceiro e logo voltou.

— Agora deixa-me; não te posso fazer mais companhia. Até amanhã. Fizeste bem em vir ver-me. Bom passeio. Feliz, tu!

E apertou-me a mão, correu a carregar o primeiro tronco, e recomeçou, da loja para a carroça, a trabalhar com a cara fresca como uma rosa, debaixo do seu gorro de pelle de gato, e esperto que fazia bem vel-o.

Feliz tu! disse-me elle:— Ah! não, Coretti; não! tu sim, é que és o mais feliz; tu, porque estudas e trabalhas mais; porque és mais util a teu pae e a tua mãe; porque és bom, cem vezes mais do que eu, ó querido companheiro!

☉ director

Sexta-feira 18

Coretti estava todo satisfeito, hoje de manhã, porque veio assistir ao exame mensal o meu mestre de *segunda*, Coatti, um homemzarrão, de enorme cabelleira crespa, barba preta e comprida, dois olhos grandes, escuros, e uma voz de trovão, que ameaça sempre os rapazes de espatifal-os, de leval-os pelo pescoço á policia, fazendo toda a sorte de caretas horrosas, mas não castiga a ninguem; pelo con-

trario, sorri sempre, por dentro das barbas, de modo que ninguém veja.

São oito os mestres, com Coatti, incluindo mais um adjunto, pequeno e sem barba, que parece um rapazinho. Ha um outro mestre, o da *quarta classe*, que é côxo, afogado n'uma enorme gravata de lã, e sempre a queixar-se de dôres que apanhou sendo professor na roça, em uma escola humida, cujas paredes gotejavam. Outro mestre da *quarta* é um velho, de cabellino todo branco; foi em outro tempo mestre dos cegos. Ha um, bem vestido, de oculos e suissas louras, a quem chamam o *Advogadinho*, porque, exercendo o magisterio, estudou a advocacia e obteve o titulo; e fez até um livro para ensinar a escrever cartas. Differente é o mestre que nos ensina gymnastica, typo de soldado; andou com Garibaldi e tem no pescoço a cicatriz de uma ferida de terçado que lhe fizeram na batalha de Millazzo. Depois ha o director, alto, calvo, com oculos de ouro e a barba grisalha cahindo-lhe sobre o peito, todo vestido de preto, sempre abotoado até debaixo do queixo; tão bom para os rapazes, que, quando entram tremulos chamados á direcção para serem reprehendidos, não lhes ralha; mas pega-lhes das mãos, diz tantas razões, que não deviam proceder assim, que é necessario que se arrependam e que prometam ser bons; e fala com tão bons modos e com voz tão doce, que todos saem com os olhos chorosos e mais confusos que se os tivesse castigado. Pobre director! elle é sempre o primeiro no seu posto, logo de manhã, a esperar os estudantes, a dar attenção aos parentes que os acompanham, e quando os mestres vão já caminho de casa, gyra elle ainda em volta da escola, a ver que os rapazes não se atirem entre as carroças e não se entretendam pela rua a fazer travessuras, ou a encher os bolsos de areia ou

de pedras; e todas as vezes que apparece em uma esquina o seu vulto alto e escuro, os bandos de rapazes fogem por todos os lados, deixando o jogo das penninhas e das bolas, e elle com o seu semblante amavel e triste ameaça-os de longe com o dedo erguido.

Ninguem ainda o viu rir depois que lhe morreu o filho, voluntario do exercito, e tem sempre o retrato d'elle diante dos olhos, em cima da mesa da direcção. Queria ir-se embora depois daquella desgraca, e tinha já o requerimento escripto, sobre a mesa, pedindo a sua aposentadoria ao municipio; mas sem mandal-o, porque não tinha animo de deixar as crianças. Mas no outro dia, estava decidido a apresental-o, e meu pae que estava com elle na direcção, disse-lhe:

— Pena é que se vá embora, senhor director!

Nisto entrou um homem para inscrever um menino que passava de out a secção para a nossa, por ter mudado de casa. Ao vêr o novo alumno, o director ficou espantado; fixou-o por algum tempo, olhou depois para o retrato que estava sobre a mesa, e tornou a fixar o rapaz, tomando-o entre os joelhos e levantando-lhe a cara. Assemelhava-se em tudo ao seu filho morto. Fez a inscripção, despachou pae e filho e ficou pensativo.

— Pena é que se vá embora... repetiu meu pae.

Então o director pegou do requerimento, rasgou-o em dous pedaços e exclamou:

— Eu fico.

Os soldados

Terça-feira, 22

Seu filho quando morreu era voluntario do exercito; por isso o director vae sempre ao *Corso* ver

passar os soldados, quando sahimos da escola. Ainda hontem passava um regimento de infantaria, e mais de cinquenta rapazes se puzeram a pular em volta da banda musical, cantando e batendo o compasso com as reguas sobre as bolsas e as pastas. Estavam n'um grupo, no passeio, a olhar: Garrone, impressado nas suas roupas muito esticadas, e com os dentes ferrados n'um pedaço de pão; Votini, o tal muito bem vestido, que sacode sempre os pellos do fato; Precossi, o filho do ferreiro, com a jaqueta do pae; e o Calabrez, e o *Pedreirinho*, e Crossi com a sua cabeça ruiva, e Franti com a sua face trigueira; e tambem Robetti, o filho do capitão de artilharia, aquelle que salvou uma criança do omnibus e anda agora de muletas. Franti deu uma risada na cara de um soldado que ia coxeando... Mas de repente sentiu que lhe batiam no hombro, e voltando-se deu de frente com o director.

— Sentido! disse-lhe este. Escarnecer d'um soldado quando está na fileira e que não pôde vingar-se nem responder... é o mesmo que insultar um homem preso. E' uma vilania!

Franti sumiu-se. Os soldados passavam, quatro a quatro, suados, poentos, e as espingardas scintilavam ao sol... O director disse:

— Deveis estimar os soldados, meus filhos; são elles os nossos defensores, são elles que se atirariam á morte por nós, se amanhã um exercito estrangeiro ameaçasse a nossa patria. São moços tambem elles, poucos mais annos têm do que vós, e tambem vão á escola; ha entre elles, como entre vós, pobres e ricos, e vêm de todas as partes da Italia. Vêde-os; pela physionomia pôde-se reconhecê-los: sicilianos, sardos, napolitanos e lombardos. Este é um velho regimento dos que combateram em 48. Os soldados não são já os mesmos, mas é sempre a mesma bandeira. Quan-

tos não morreram pelo nosso paiz em volta della vinte annos antes de nascerdes!

— Eil-a, disse Garrone.

E, com effeito via-se, pouco ao longe, a bandeira na frente por cima das cabeças dos soldados.

— Meus filhos! disse o director, fazei a vossa continencia de escolares, com a mão na frente, quando passarem as tres côres.

A bandeira, empunhada por um official, passava diante de nós, toda rota e desbotada, com as medallhas presas á haste... Todos nós saudámos ao mesmo tempo. O official olhou para nós, sorriu-se, e com um gesto retribuiu-nos o cumprimento.

— Bravo, rapazes! exclamou alguém por traz de nós.

Voltámo-nos para vêr. Era um velho que tinha na lapella do casaco a fita azul da campanha da Criméa, um official reformado.

— Bravo! disse, bella cousa fizestes.

Por este tempo, a banda do regimento voltava ao fundo do boulevard cercada de uma turba de rapazes, e cem gritos alegres acompanhavam o clangor das trombetas, como um canto de guerra.

— Bravo! dizia o velho official a encarar-nos. Quem em criança sabe respeitar a bandeira, homem saberá defendel-a.

⊙ protector de Nelli

Quarta-feira, 23.

Tambem Nelli, o pobre corcundinha, hontem olhava para os soldados, mas com ar triste, como quem pensasse: — Eu nunca poderei ser soldado!

Elle é bom, estuda, mas é tão magrinho e tão pallido, e respira com tanta difficuldade!... Anda

sempre de paletó de alpaca preta de lustro. A mãe é uma senhora pequena e loura, vestida de preto, que vem sempre buscar-o antes de acabar a aula, para que elle não caia ao descer com os outros, e faz-lhe muitas festas. Nos primeiros dias, porque tem a infelicidade de ser aleijado, muitos rapazes caçoavam d'elle e davam-lhe com as bolsas na corcunda; mas elle não se revoltava nunca, nem dizia nada á mãe, para não lhe dar o dissabor de saber que seu filho servia de chacota aos companheiros. Escarneciam d'elle; elle chorava e calava-se apoiando a cabeça no banco. Mas uma manhã, saltou Garrone e disse:

—O primeiro que tocar em Nelli, leva um sopapo que lhe fará dar tres reviravoltas.

Franti não fez caso; o sopapo cantou, e elle deu as tres reviravoltas; desde então ninguem poz mais a mão em Nelli. O mestre collocou-o ao pé de Garrone no mesmo banco. Tornaram-se amigos. Nelli afeiçoou-se-lhe muito. Apenas entra na escola, procura logo se está Garrone. Nunca se vae embora sem lhe dizer:—Adeus, Garrone! E Garrone faz o mesmo. Quando Nelli deixa cair a penna ou um livro debaixo da mesa, immediatamente, para que Nelli não faça esforço em abaixar-se, Garrone abaixa-se, apanha o livro ou a penna e ajuda-o a metter os seus livros e cadernos na pasta: enfia-lhe o capote. Por isso Nelli gosta muito de Garrone e tem sempre os olhos n'elle, e quando o professor o elogia, Nelli fica contente como se fôra o elogiado. E' natural que Nelli afinal contasse tudo á mãe, as caçoadas de que fôra victima nos primeiros dias, quanto o fizeram soffrer, e qual o companheiro que o defendera e o estimava; digo isto porque esta manhã aconteceu o seguinte:

O mestre mandou-me levar ao director o programma da lição, meia hora antes da sahida; e eu

estava no seu gabinete, quando entrou uma senhora loura e vestida de preto, a mãe de Nelli, a qual disse:

— Senhor director, ha na escola de meu filho um menino que se chama Garrone ?

— Sim, respondeu o director.

— Quer ter a bondade de o mandar vir aqui um momento, porque tenho de dar-lhe uma palavra ?

O director chamou o bedel e mandou-o á aula; um minuto depois assomava Garrone á porta, com a sua cabeça grande e rapada, todo pasmado.

Apenas o viu, a senhora correu para elle, abraçou-se-lhe ao pescoço, dando-lhe muitos beijos na fronte, dizendo:

— E's tu, Garrone, o amigo de meu filho, o protector de meu pobre filhinho! E's tu, bem o sei, és tu!

Em seguida apalpou apressadamente as algibeiras e a bolsa e, não encontrando nada, arrancou do pescoço um collar com uma pequena cruz, pendurou-a ao pescoço de Garrone, por baixo da gravata, e disse-lhe:

— Recebe-a; traze sempre essa cruz como lembrança minha, lembrança da mãe de Nelli, que te agradece e te abençoa.

● primeiro da classe

• Sexta feira, 25.

Garrone attrae a amizade de todos; Derossi, a admiração. Ganhou a primeira medalha, e será ainda o primeiro este anno; nenhum póde competir com elle, todos reconhecem a sua superioridade em todas as materias. E' o primeiro em arithmetica, em grammatica, em composição e em desenho; comprehende logo á primeira vista e tem uma memoria extra-

ordinaria, aprendendo sem esforço, como se o estudo lhe fosse um brinquedo.

O mestre disse-lhe hontem :

— Deu-te Deus grandes dons, e não tens mais que aproveitá-los.

E ainda por cima é alto, bonito, com uma grande juba de cabellos louros, e tão agíl que salta um banco apoiando-se apenas em uma das mãos, e já sabe jogar as armas. Tem doze annos, é filho d'um negociante; anda sempre vestido de azul com botões dourados, e sempre vivo e alegre: é delicado com todos, ajuda-os quanto pôde no exame, e nenhum ousou nunca fazer-lhe uma grosseria ou sequer dizer-lhe uma brutalidade. Só Nobis e Franti o olham de esguelha, e Votini despeja a inveja dos olhos; e todavia Derossi nem dá por isso. Todos sorriem para elle, e lhe tocam a mão ou o braço quando anda entre nós a recolher os trabalhos com a sua habitual maneira graciosa. Presenteia-nos com jornaes illustrados, com desenhos, com tudo que em casa lhe dão; desenhou para o calabrezinho uma pequena carta geographica da Calabria; e dá tudo, rindo, sem pretensão, como fidalgo, sem preferencias por ninguem.

E' impossivel não se lhe ter inveja, e nem deixar de reconhecer-se seu inferior em tudo. Ah! eu tambem como Votini lhe tenho inveja. Experimento uma amargura, quasi despeito ás vezes contra elle, quando me demoro a fazer a minha lição em casa, e me lembro que eile áquella hora a tem já acabada, e sem lhe custar nada. Mas depois, quando vou para a escola, e o vejo tão bello, risonho e triumphante a responder franco e seguro ás interrogações do mestre, e como é cortez, e como todos lhe querem, então toda a amargura e todo o despeito desaparecem-me do coração e envergonho-me de haver

tido taes sentimentos. Quizera ser sempre seu visinho, dar todas as lições com elle; sua presença, sua voz, dão-me coragem e vontade de trabalhar, dão-me alegria e prazer.

O mestre disse-lhe que copiasse o conto mensal que ha de lér amanhã—*O pequeno vigia lombardo*. Elle copiava-o esta manhã e estava commovido por aquelle acto heroico, tinha o rosto incendiado, os olhos humidos, a bocca tremula; eu fitava-o; como era bello e nobre! Com que satisfação não lhe teria eu dito em face, expansivamente:

— Derossi, vales em tudo mais do que eu! Tu és um homem comparado commigo! Eu te respeito, eu te admiro!

❶ pequeno vigia lombardo

(CONTO MENSAL)

Sabbado, 26.

Em 1859, tempo da guerra da libertação da Lombardia, poucos dias depois da batalha de Solferino e S. Martinho, vencida pelos francezes e italianos contra os austriacos, n'uma bella madrugada do mez de junho, um pequeno destacamento de cavallaria ligeira de Saluzzo seguia a passo por um caminho solitario, para os lados do inimigo, explorando o campo attentamente.

Commandavam a sortida um official e um sargento, e todos, com a vista fixa ao longe, em frente, mudos, esperavam vêr de um momento a outro surgir entre as arvores as divisas brancas das sentinellas avançadas do inimigo. Chegaram assim a uma casinha rustica, ensombrada ao redor de freixos,

e ao pé d'ella estava um rapaz de uma duzia de annos, que descascava com uma faca um galho de arvore para fazer uma bengala; da janella do predio pendia uma grande bandeira tricolor; dentro não havia ninguem, os camponeses arvoraram a bandeira e fugiram com medo dos austriacos. Apenas avistou a cavallaria, o rapaz botou fóra a bengala e tirou o barrete. Era um bello mocinho, de rosto resolutivo e forte, olhos grandes, azues, cabellos louros e compridos. Estava em mangas de camisa e via-se-lhe o peito nú, descoberto.

— Que fazes aqui? — perguntou-lhe o official sofrendo o cavallo. Por que não fugiste com a tua familia?

— Eu não tenho familia, respondeu o rapaz, sou engeitado. Trabalho um pouco para todos. Fiquei para vêr a guerra.

— Viste passar os austriacos?

— Não, senhor; ha tres dias que não.

O official esteve um momento a pensar, depois saltou do cavallo, e, deixando os soldados voltados em direcção ao inimigo, entrou na casa e subiu ao telhado. A casa era baixa, e do telhado não se via mais que um pequeno trecho de campo. Seria necessario subir ás arvores, pensou o official; e desceu. Mesmo em frente do oitão erguia-se aprumado um freixo altissimo e fino, a fronde verde oscillando alta, no azul. O official, só com os seus pensamentos, concentrado, olhava, ora para a arvore, ora para os soldados; depois, de repente, perguntou ao rapaz:

— Tens boa vista, meu velhaco?

— Eu? respondeu o rapaz: vejo um passarinho a meia legua.

— E és capaz de subir ao cimo d'aquella arvore?

— Aquella arvore!... Eu? n'um minuto!

— Es saberás dizer o que vires lá do alto; se ha soldados austriacos por alguma parte, nuvens de pó, luzir de espingardas, cavallos?

— De certo.

— Quanto queres para fazer esse serviço?

— Quanto eu quero? disse o rapaz sorrindo, cousa nenhuma... Ora! Se fosse para os austriacos, isso então por nada d'este mundo... mas para os nossos! Eu sou lombardo.

— Bem! sóbe, pois.

— Um momento, para tirar os sapatos!

Descalçou-se, apertou o cinto das calças, atirou ao chão o gorro, e abraçou-se ao tronco do freixo.

— Mas, cuidado!... exclamou o official fazendo menção de retel-o, como assaltado de um temor repentino. O rapaz voltou-se e fitou-o com os seus bellos olhos azues, interrogando-o.

— Não é nada, disse o official, sobe!...

O rapaz trepou como um gato.

— Olhai em frente! gritou o official aos soldados.

Em poucos momentos estava o rapaz no alto da arvore abraçado ao tronco, com as pernas entre as folhas, o busto descoberto. O sol incendiava-lhe a cabeça, que parecia de ouro. O official mal o via, tão pequenino elle parecia lá longe, em cima.

— Olha attento!—gritou-lhe o official.

O pequeno, para vêr melhor, desprendeu a mão direita da arvore e collocou-a sobre a testa.

— Vês alguma cousa? perguntou o official.

O rapaz inclinou a cabeça para baixo, e fazendo da mão porta-voz respondeu:

— Vejo dois homens a cavallo, em uma estrada branca.

— A que distancia d'aqui?

— Meia milha.

— Movem-se?

— Estão parados.

— Que mais vês? perguntou o official depois de um momento de silencio. Olha agora á direita.

O rapaz olhou á direita e disse:

— Ao pé do cemiterio, entre as arvores, ha qual-quer cousa que reluz; parece bayonetas.

— Vês gente?

— Não... pôde ser que esteja escondida sob as plantações.

N'aquelle momento, um silvo de bala agudissimo passou alto no ar, indo morrer ao longe, por traz da casa.

— Desce, que já te viram! Não quero mais nada: desce.

— Eu não tenho medo! respondeu o rapaz.

— Desce! repetiu o official... o que vês á esquerda?

— A' esquerda?

— Sim, á esquerda.

O rapaz voltou a cabeça á esquerda; nesse momento um outro silvo mais agudo e mais baixo cortou o espaço. O rapaz encolheu-se todo.

— Milagre! vinha direitinha a mim!

A bala tinha-lhe passado a pequena distancia.

— Abaixo! — gritou o official imperioso e irritado.

— Desço já — respondeu o rapaz — mas a arvore defende-me; não tenha receio. A' esquerda é que quer saber, não é?

— A' esquerda, sim — respondeu o official, mas desce!

— A' esquerda, gritou o rapaz volvendo o corpo, onde está uma capella... parece-me que vejo...

Um terceiro silvo feriu os ares e quasi em seguida o rapaz cambaleou, agarrando-se aqui e alli aos

galhos e ramos curvos, caindo de cabeça para baixo, com os braços abertos.

— Maldição! gritou o official, correndo para elle.

A misera criança batera com a espinha em terra e estendido de costas, com os braços largos, abertos; um jorro de sangue golfava-lhe rubro do lado esquerdo do peito. O sargento e dois soldados apearam-se logo e o official debruçou-se, abrindo-lhe a camisa. A bala tinha penetrado no pulmão esquerdo.

— Morto! exclamou o official.

— Não! vive! acudiu o sargento.

— Ah! pobre criança! continuou o official; coragem! coragem!

Mas enquanto elle o animava e lhe apertava um lenço sobre a ferida, o rapaz desfeito, pallido, entreabrindo os olhos, deixou cahir a cabeça: estava morto! O official empallideceu, fixou-o um momento, accomodando-o depois com a cabeça sobre a leiva. Levantou-se em seguida, e ficou a olhar para elle. O sargento e alguns soldados, immoveis, tinham tambem os olhos fitos no pequeno morto, e os outros estavam voltados com a frente para o inimigo.

— Pobre criança! repetiu tristemente o official.

Depois abeirou-se da casa, e, tirando da janella a bandeira tricolor, estendeu-a como uma mortalha sobre o cadaver, deixando-lhe o rosto descoberto. O sargento collocou ao lado do morto os sapatos, o barrete, a bengala e a faca.

Estiveram ainda algum tempo silenciosos, e em seguida o official voltou-se para o sargento e disse:

— Mandal-o-emos receber pela ambulancia: morreu como soldado, que seja enterrado por soldados!

Dito isto, atirou, com um gesto, um beijo ao morto e gritou:

— A cavallo!

Todos montaram; o destacamento reuniu-se e partiu.

Poucas horas depois, o pequeno morto recebia as honras de guerra.

Ao pôr do sol toda a linha dos postos avançados dos italianos marchava ao encontro do inimigo pelo mesmo caminho percorrido de manhã pelo destacamento de cavallaria; proseguiu em duas filas cerradas um grande batalhão de caçadores, que poucos dias antes regara valorosamente de sangue o monte de S. Martinho. A noticia da morte do rapazinho tinha-se divulgado entre aquelles soldados antes de deixarem o acampamento. O caminho, ladeado por um regato, ficava a poucos passos de distancia da casa. Quando os primeiros officiaes do batalhão viram o pequeno cadaver estendido ao pé do freixo e coberto com a bandeira tricolor, saudaram-o com a espada, e um d'elles, inclinando-se sobre a margem do regato, que estava toda florida, arrancou duas flores e atirou-lh'as. Então todos os caçadores, á medida que iam passando, colhiam flôres e lançavam-as ao morto. Em pouco tempo estava o corpo da misera criança todo coberto de flôres. Officiaes e soldados faziam-lhe a continencia, passando.

— Bravo! pequeno lombardo! Adeus! A ti, louro guerreiro! Viva! Gloria! Adeus!

Um official lançou-lhe a sua medalha de valor, e um outro foi dar lhe um beijo na testa.

E as flôres continuavam a chover, muitas, muitas, sobre os pés nús, sobre o peito rubro ensanguentado e sobre os cabellos louros do rapaz, envolto na mortalha, como se a bandeira alli no sólo fizesse rebentar uma floração repentina; e elle alli estava, o morto, o rosto pallido, quasi sorrindo, sentindo

talvez aquellas saudações, sentindo que vale bem a pena dar a vida pela patria amada.

Os pobres

Terça-feira, 29.

Morrer pela patria, cõmo aquelle joven lombardo, é uma grande virtude, mas não te esqueçam as pequenas virtudes, filho. Esta manhã ias tu diante de mim, quando voltavamos da escola, passaste perto d'uma mulher que tinha entre os joelhos uma criança pallida e sem vida, que te pediu esmola. Tu olhaste para ella e não lhe déste nada! e todavia tinhas algumas moedas na algibeira.

Ouve, filho. Nunca te habitues a passar indifferente pela miseria que estende a mão; menos ainda diante de uma mãe que pede uma esmola para seu filho. Pensa em que essa criança talvez tivesse fome e imagina a desolação da pobre mulher! imagina a dôr profunda de tua mãe se um dia tivesse de dizer-te: Henrique, hoje não te posso dar nem um bocadinho de pão.

Quando eu dou um vintem a um pobre, e elle me diz — Deus lhe conserve a saude e aos seus — nem tu podes comprehender o prazer que me trazem ao coração aquellas palavras.

Parece-me que aquelles bons desejos me conservam a saude por muito tempo; volto a casa contente pensando: — Oh! aquelle pobre deu-me mais do que eu lhe dei!... Pois bem; faz que eu ouça taes votos provocados e merecidos por ti; tira de vez em quando um vintem da tua pequena bolsa e deixa-o cair na mão d'um velho sem amparo, d'uma mãe sem pão, ou d'uma criança sem mãe. Os pobres amam a esmola das crianças, que não os humilha, porque as crianças têm necessidade de todos, assemelham-se a elles. Vê como ha sempre, ao pé das escolas, os pobres. A esmola do homem é um acto de caridade; mas a de uma criança é ao mesmo tempo um acto de caridade e uma caricia, entendes? E' como se da sua mão caísse ao mesmo tempo uma moeda e uma flôr. Lembra-te que a ti nada te falta e a elles falta-lhes tudo, que emquanto ambicionas ser feliz, a elles basta não morrer de fome. Pensa nesse horror de que no meio de tantos palacios, de tantas ruas por onde

passam ricas carruagens e meninos vestidos de velludo, ha mulheres e crianças que não têm que comer, nem de que vestir-se! Não ter que comer! Deus meu! Rapazes como tu, bons como tu, intelligentes como tu, no centro de uma grande cidade sem terem que comer! bestas feras perdidas n'um deserto! Oh! nunca mais passes diante de uma mãe mendiga sem deixar-lhe nas mãos uma mesquinha moeda. Nunca mais, Henrique.

Tua mãe.

DEZEMBRO

⊕ negociante

Quinta-feira, 1.

Quer meu pae que todos os dias feriados eu convide para casa um dos meus companheiros, ou que eu proprio vá procural-os, para ir me tornando pouco a pouco amigo de todos. Domingo, vou passear com Votini, o tal bem vestido, que está sempre a escovar-se, e que tanta inveja tem de Derossi.

Hoje, porém, veio cá o Garoffi, aquelle alto e magro, de nariz de coruja e olhos pequeninos e maliciosos, que parecem penetrar em tudo. E' filho de um droguista. Muito original. Está sempre a contar os vintens que tem na algibeira, e a fazer contas nos dedos, depressa, sem taboada. E está ajuntando. Tem já caderneta na caixa economica da escola. Desconfio que não gasta mais nem um vintem, e em cahindo-lhe dez réis debaixo dos bancos é capaz de procural-o uma semana inteira.

Elle faz como as pégas, no dizer de Derossi; tudo o que acha, pennas enferrujadas, sellos servidos, cotos de vela, vae apanhando tudo. Ha mais de dous annos que collecciona sellos, e já tem centos d'elles, de todos os paizes, n'um grande album que tenciona vender mais tarde ao livreiro, quando estiver todo cheio. O livreiro dá-lhe cadernos de graça, porque elle lhe leva lá uma porção de freguezes. Na escola vive negcciando todos os dias; faz venda de objectos, rifas, trocas e loterias; o que compra por dous, vae

vendendo por quatro; sabe jogar o jogo das penninhas e nunca perde; tambem vende jornaes velhos aos vendeiros; e tem um pequeno caderno, onde toma nota dos seus negocios, todo cheio de sommas e subtracções.

Na escola não estuda mais que arithmetica, e se deseja ganhar o premio, é só para ter entrada *gratis* no theatro de *bonecos*. Gosto d'elle, diverte-me. Temos brincado de negociante, com pesos e balanças; elle sabe o preço certo de tudo, e sabe fazer embrulhos muito bem, e depressa, como qualquer vendeiro.

Diz que, mal saia da escola, ha de pôr um negocio, um commercio novo, por elle inventado.

Ficou todo contente, por lhe ter eu dado uns sellos estrangeiros; e disse-me exactamente por quanto se vende cada um para collecções. Meu pae, fingindo lêr a gazeta, estava a ouvil-o e a sorrir.

Traz os bolsos sempre cheios das suas pequenas mercadorias, que recobre com um grande capote escuro, e mostra-se continuamente abstracto e cansado qual um negociante. Mas o que elle mais aprecia, é a sua collecção de sellos, um thesouro; e fica sempre nella; como se d'alli lhe tivesse de vir uma fortuna. Os companheiros acham-o avarento e usurario. Bem o creio; mas gosto d'elle, ensina-me muitas cousas e tem ares já de um homem. Coretti, o filho do vendedor de lenha, diz que Garoffi nem seria capaz de dar os seus sellos para salvar a vida da mãe.

Meu pae não acredita n'isso. Espera ainda para o julgar definitivamente.

— Tem essa mania, mas tem bom coração.

Vaidade

Segunda-feira, 5.

Hontem fui dar um passeio pelo boulevard de Rivoli com Votini e seu pae. Passando pela rua Dora Grossa, vimos Stardi, aquelle que responde com pontapés aos importunos; estava teso e direito diante de uma vitrina de livreiro, com os olhos fixos n'uma carta geographica; e quem sabe ha quanto tempo alli estaria! porque elle vae sempre estudando pela rua. Apenas correspondeu ao nosso cumprimento, o selvagem!

Votini ia bem vestido, e até de mais: trazia botinas de marroquim, pospontadas de vermelho; casaquinho bordado, com roupas de seda, chapéo de castor branco e relógio. E pavoneava-se todo. Mas desta vez devia soffrer a sua vaidade. Depois de termos corrido um grande pedaço pela alameda, seu pae ficou muito atraz porque andava de vagar, e nós parámos junto d'um banco de pedra, ao lado d'um rapaz vestido pobremente, que parecia fatigado e pensava, com a cabeça baixa. Um homem que devia ser pae d'elle, ia e vinha á sombra das arvores lendo a gazeta. Sentámo-nos. Votini ficou entre mim e o menino. De repente lembrou-se de que estava muito elegante, e quiz fazer-se admirar e invejar do visinho.

Levantou um pé e disse-me:

— Já viste as minhas botas de official?

Disse isto para chamar a attenção do outro, mas este nem se abalou. Abaixou então o pé e mostrou as borlas de seda, e, olhando de soslaio para o menino, disse-me que as borlas não lhe agradavam muito e que as ia mandar trocar por botões de prata. E o rapaz nem sequer olhou para as borlas.

Então Votini pôz-se a fazer gyrar sobre a ponta do index o seu bello chapéo de castor branco. E o rapaz, — parece que o fazia de proposito, — não se dignou lançar a vista para o chapéo.

Votini, que principiava a impacientar-se, puxou o relógio do bolso, abriu-o e mostrou-me o machismo.

— E' de prata dourada? perguntei.

— Não, — respondeu — é de ouro.

— Mas não ha de ser todo de ouro, repliquei eu, tambem ha de ter alguma cousa de prata.

— Nada — replicou elle. E para obrigar o rapaz a olhar, poz-lhe o relógio defronte dos olhos e disse:

— Vê, não é verdade que é todo de ouro?

O rapaz respondeu seccamente:

— Não sei.

— Oh! oh! exclamou Votini cheio de colera, — que orgulho!

Emquanto dizia isto, chegou seu pae, que, ouvindo a exclamação, fitou o rapaz alguns instantes, e depois disse asperamente ao filho:

— Cala-te!

E inclinando-sê, ajuntou ao ouvido:

— E' cego!

Votini levantou-se logo e fitou o rapaz de frente. Tinha as pupillas vidradas, sem expressão, sem olhar.

Votini ficou humilhado, silencioso, com os olhos em terra... Depois balbuciou: — Faz-me pena... eu não sabia.

Mas o céguinho, que comprehendera tudo, murmurou com um sorriso bom e melancolico:

— Oh! não faz mal...

Vaidoso, sim, mas não tem máo coração, Votini. Em todo o passeio não se riu mais.

A primeira neve

Sabbado, 10.

Adeus, passeios de Rivoli! Eil-a a bella amiga, a primeira neve! Desde hontem á tarde que cahem flocos pesados e grandes como flôres de jasmims. Que prazer ao vêl-a hoje de manhã na escola cahir contra as vidraças e amontoar-se sobre as sacadas; até o mestre olhava, esfregava as mãos; e todos estavam contentes, pensando nas bolas que haviam de fazer, no gelo que viria depois, e no fogão de casa. Só Stardi se mostrava indifferente, absorto na lição, com os punhos encostados ás fontes. Mas que aco-damento e que festas á sahida! Todos a saltar pela rua fóra gritando, bracejando, a juntar montões de neve e a vadeal-a, como cãesinhos n'agua! Os parentes que esperavam fóra, tinham ôs guarda-chuvas brancos; brancos ficavam os capacetes da guarda civil, e as nossas pastas em pouco tempo também ficavam brancas. Todos pareciam fóra de si d'alegria, até Precossi, o filho do ferreiro, o pallidosinho que não se ri nunca; e Robetti, o que salvou a criança do omnibus, também saltava com as suas muletas. O calabrez, que nunca tinha tocado em neve, fez uma bola e poz-se a comel-a como se fosse um pecego. Crossi, o filho da quitandeira, encheu a bolsa; e o pelreirinho fez-nos rebentar de riso quando meu pai o convidou para viramanhã a nossa casa; tinha a bocca cheia de neve, e, não se resolvendo a botal-a fóra, nem a engulil-a, estava engasgado, a olhar para nós, sem poder dizer nada. Mesmo as mestras sahiam da escola a correr e a rir, e também a minha mestra da *primeira superior*, coitadinha, corria atravéz do nevisco, resguardando a cara com o seu véo verde, e tossia. E no emtanto,

centenares de raparigas da escola vizinha passavam aos gritos e pulavam sobre aquelle alvo tapete. Mestres, bedeis e o guarda gritavam: — Para casa! para casa! E iam engulindo flocos de neve, e branquejavam-se-lhes os bigodes e a barba. Mas tambem esses riam da louca jovialidade das crianças que festejavam o inverno...

« Vós festejaes o inverno... mas ha crianças que não têm pão, nem sapatos, nem fogão em casa. Ha milhares d'ellas que descem das aldeias, por longo e rude caminho, trazendo nas mãos ensanguentadas das frieiras uma pouca de lenha para aquecer a escola. Ha centenares de escolas quasi sepultadas na neve, núas e tetricas como espeluncas, onde os meninos ficam suffocados de fumaça, e batem os dentes de frio olhando com terror para os flocos brancos que cahem mais e mais, e sem fim, sobre as suas cabanas distantes, ameaçadas de uma avalanche. Vós festejaes o inverno, crianças, e não vos lembraes de que ha milhares de creaturas para quem o inverno é a miseria que vem, é a morte que tudo acaba.

Teu Pae.»

● pedreirinho

Domingo, 11.

O pedreirinho veio hoje á caçadora, todo vestido de fato já usado por seu pae, ainda salpicado de cal e de gesso. Meu pae desejava ainda mais do que eu, que elle viesse. Que prazer nos causou! Apenas entrou, tirou o chapéo esfarrapado, todo molhado de neve, e metteu-o no bolso; depois, adiantando-se com o seu andar descuidado de operario cansado,

virando para um e outro lado a sua carinha redonda como uma maçã e o seu narizinho grosso, quando chegou á sala de jantar deu uma olhadella em redor e, parando a vista sobre um quadro que representa Rigoletto, um bobo corcunda, fez o *focinho de lebre*. E' impossivel ficar sério quando elle faz o *focinho de lebre*.

Puzemo-nos a brincar com as taboinhas. Elle tem uma habilidade extraordinaria para fazer torres e pontes, que parece sustentarem-se por milagre, e trabalha com a seriedade e a paciencia de um homem. Emquanto ia fazendo torres, foi falando da familia; estão em uma agua-furtada; o pae vai á escola nocturna aprender a ler; a mãe é natural de Biella. E vê-se que ambos o amam muito, porque anda vestido como pobre, mas bem resguardado do frio, com a roupa bem remendada e a gravata bem enlaçada pela mão de sua mãesinha. O pae, pelo que elle me disse, é um pedaço de homem, um gigante, que custa passar pelas portas, mas bom, e chama sempre ao filho *focinho de lebre*. O filho, ao contrario, é pequenino.

A's quatro horas juntos merendámos pão e uvas sentados no sofá, e quando nos levantámos, meu pae, não sei por que, não quiz que eu limpasse o espaldar que o pedreirinho tinha manchado de branco com a sua jaqueta: puxou-me a mão, e depois limpou-o elle, ás escondidas. Brincando, o pedreirinho perdeu um botão da *caçadora*, minha mãe pregou-lh'o e elle corou e esteve a vel-a coser, todo maravilhado e confuso, contendo a respiração. Depois, mostrei-lhe albuns de caricaturas, e elle, sem perceber, ia imitando-as, ás caretas, tão bem, que até meu pae se ria. Tão contente sahiu que se esqueceu de pôr na cabeça o gorro furado; e chegando ao pa-

tamar, para mostrar a sua gratidão, fez ainda uma vez o *focinho de lebre*.

Chama-se Antonio Rabucco, tem oito annos e oito mezes...

« Sabes tu, meu filho, por que não queria eu que limpasses o sofá? Porque limpál-o á vista do teu companheiro era quasi reprehendel-o por tel-o manchado. E isso não era bom: primeiro, porque elle não o tinha feito de proposito; e depois, porque o tinha feito com a roupa de seu pae, o qual a salpicara de cal no trabalho; e o que se faz no trabalho não se póde dizer sujo; será poeira, cal, verniz, tudo que quizeres... mas não é porcaria. O trabalho não emporcalha. Nunca digas d'um operario que vem do trabalho: «Está porco.» Dize: «Tem nas roupas os signaes e os indicios do seu trabalho.» Recorda-te bem. Ama ao pedreirinho, porque é teu companheiro, e porque é filho d'um operario.

Teu Pae.»

Uma bola de neve

Sexta-feira, 16.

E cae a neve, e cae a neve...

Triste acontecimento, o desta manhã, ao sahir da escola. Um bando de rapazes, apenas desembo-caram no *Corso*, principiaram a atirar bolas com aquella neve aquosa que as torna duras e pesadas como pedra. Passava muita gente. Um homem gritou:

— Alto lá, Srs. velhacos!

E justamente n'essa occasião ouviu-se um grito a gudo do outro lado da rua, e viu-se cambaleiar um

velho a quem cahira o chapéo, cobrindo o rosto com as mãos, e ao lado d'elle um rapaz que gritava :

— Soccorro! soccorro!

Subito, correu gente de todos os lados. O velho tinha sido ferido com uma bola n'um olho. Todos os rapazes debandaram, fugindo rapidos como flechas. Eu estava defronte da livraria onde tinha entrado meu pae, e vi chegar a correr muitos dos meus companheiros, que se misturavam com os outros ao pé de mim, fingindo olhar para as vitrinas; estavam alli Garrone com o seu costumado pão na algibeira, Coretti, o Pedreirinho e Garoffi, o dos sellos. No entanto tinha-se agglomerado povo em volta do velho, e policias corriam d'aqui para alli, ameaçando e perguntando:

— Que é isto? Quem foi? Foste tu? Dize quem foi!

E olhavam para as mãos dos meninos a vêr se estavam melhadas de neve. Garoffi estava a meu lado e notei que tremia todo e tinha o rosto branco que nem um defunto.

— Quem foi? — Quem foi? continuava a gritar a gente.

N'isto ouvi Garrone que dizia baixo a Garoffi:

— Anda, apresenta-te; seria covardia consentir que outro seja accusado.

— Mas é que eu nada fiz de proposito, respondeu Garoffi tremendo como uma folha.

— Não importa, cumpre teu dever, repetiu Garrone.

— Mas... eu não tenho coragem...

— Toma coragem! eu te acompanho.

E o policial e todos os outros gritando mais forte:

— Quem foi? Quem foi? Fizeram-lhe entrar um vidro dos oculos por um dos olhos! cegaram-o! Trantantes!

Eu cuidei que Garoffi desmaiava.

— Vem, — disse-lhe resolutamente Garrone, eu te defenderei.

E agarrando-o por um braço, deu-lhe um empurrão para diante, amparando-o ao mesmo tempo como a um doente. O povo viu e percebeu tudo, e alguns correram sobre elle com os punhos levantados. Mas Garrone poz-se no meio gritando:

— Dez homens contra uma criança ? !

Elles então contiveram-se, e um guarda civil agarrou Garoffi pela mão e, abrindo caminho por entre o povo, conduziu-o a uma loja de massas, onde se tinha recolhido o ferido. Vendo-o, reconheci logo no velho o empregado que mora no quarto andar de nossa casa, com um sobrinho. Estava sentado n'uma cadeira, com o lenço sobre os olhos.

— Não foi de proposito... dizia soluçando Garoffi, meio morto de medo.— Não foi de proposito.

Duas ou tres pessoas empurraram-no violentamente para dentro da loja, gritando :

— Inclina-te ! Pede perdão !

Deitaram-n'o por terra. Subito, dois braços vigorosos ergueram-n'o, e alguém, com voz resoluta, disse :

— Não, senhores ! — Era o nosso director que tinha visto tudo.— Já que teve a coragem de apresentar-se, ninguem tem o direito de humilha-lo.

Todos ficaram mudos.

— Pede perdão ! disse o director a Garoffi.

Garoffi, n'um pranto copioso, abraçou os joelhos do velho, e este, procurando com a mão a sua cabeça, afagou-lhe os cabellos. Então disseram todos :

— Vae, rapaz... volta para casa.

E meu pae tirou-me d'entre a multidão e disse-me pelo caminho : — Henrique, tu, em caso semelhante, terias a coragem de cumprir com o teu dever,

e de ir confessar a tua culpa? — Respondi que sim.

E elle :

— Dá-me a tua palavra de honra que o farias...

— Dou-te a minha palavra, meu pae.

As mestras

Sabbado, 17.

Garoffi estava todo assustado hoje, esperando uma grande reprehensão do professor, mas este não ve'u; e fazendo tambem o adjunto, veiu dar aula a senhora Cromi, a mais velha das mestras, que tem dous filhos já grandes e já ensinou a lêr e a escrever a muitas senhoras que vêm agora acompanhar os filhos á *Secção Baretti*. Estava hoje triste, porque tem um filho doente. Apenas a viram, principiaram a fazer algazarra; porém ella, com voz lenta e tranquillia, disse:

— Respeitae os meus cabellos brancos: eu não sou só uma mestra, sou uma mãe.

E nenhum mais se atreveu a falar, nem Franti, aquella cara de ferro, que se contentou com fazer momices ás escondidas. Para a classe de Cromi foi mandada a Delcati, mestra de meu irmão, e para o logar da Delcati foi aquella a que chamam a *Freirinha*, por andar sempre de escuro, com um avental preto; tem o rosto branco e pequeno, os cabellos sempre corridos, os olhos muito claros, e uma voz subtil, que parece estar sempre a murmurar umas rezas.

— Custa a comprehender, diz minha mãe, como, sendo tão branda, tão tímida, com aquelle fio de voz sempre inalteravel, que mal se sente, e não gritando e não se encolerizando, consegue, apesar

d'isso, ter os pequenos tão socogados que ninguem os ouve; os mais travessos abaixam a cabeça ao mais ligeiro aceno que ella faça com o dedo; parece um igreja a sua escola; e tambem por isso lhe chamam a *Freirinha*.

Ha ainda outra que me agrada muito. E' a maestra da *primeira inferior n. 3*, aquella, moça ainda, de rosto corado, que tem duas covinhas nas faces, e traz uma grande penna vermelha no chapéo, e uma cruzinha de vidro amarello pendente do pescoço. Está sempre alegre, e com ella está a classe em alegria; sorri sempre, grita sempre, com a sua voz argentina que parece que canta, tocando com a varinha em cima da mesa, batendo com as mãos para impôr silencio; depois, á saida, corre como uma criança atraz de uns e outros, para mettel-os em fileira; a este levanta a gola da jaqueta, áquelle abotôa o capote para que se não constipe; segue-os até á rua, para que não vão desgrenhados, pede aos paes que os não castiguem em casa, dá pastilhas aos que têm tosse, empresta a sua capa aos que se queixam de frio; e vive atormentada de continuo pelos mais pequeninos, que fazem muitas festas e lhe pedem beijos, puxando-lhe pelo véo e pela mantilha. E ella deixa que façam tudo, e beija-os a todos rindo, e vai sempre para casa com o vestido amarrotado, fatigada e contente, com as suas bellas covinhas nas faces e sua penna vermelha. E' tambem mestra de desenho das meninas, e sustenta com seu trabalho a mãe e um irmãozinho.

Em casa do ferido

Domingo, 18.

Está com a mestra da penna vermelha o sobrinho do velho empregado que foi ferido no olho pela bola

de neve de Garoffi; vimol-o hoje em casa do tio, que o estima como a um filho. Eu tinha acabado de escrever o cont. mensal para a futura semana: *O pequeno escrevente florentino*,—que o mestre me deu para copiar; e meu pae disse-me:

—Subamos ao quarto andar a vêr como está dos olhos o velhinho.

Entrámos n'um quarto quasi escuro, onde estava o velho n'uma cama, recostado em muitas almofadas; á cabeceira sentava-se a sua mulher e a um canto estava brincando o sobrinho. O velho tinha os olhos vendados. Ficou muito satisfeito por vêr meu pae; fez-nos sentar, e disse que se sentia melhor, que a vista não estava perdida, e mais que em poucos dias estaria curado.

—Foi uma desgraça! ajuntou, e que susto devia ter tido aquelle pobre rapaz!...

Depois falou-nos do medico, que devia chegar n'essa hora para fazer o curativo. N'esse momento souu a campinha.

—E' o medico... disse a senhora.

Abre-se a porta, e que vejo eu? Garoffi com o seu capote comprido, em pé na porta, cabisbaixo, sem ter coragem de entrar.

—Quem é? pergunta o doente.

—E' o menino que atirou com a bola, disse meu pae.

E o velho exclamou:

—Oh! pobre criança! entra. Então vens visitar o ferido, não é verdade? Vae melhor, fica socegado, vae melhor! estou quasi bom... vem cá!

Garoffi, confuso que nem os via, aproximou-se do leito, esforçando-se para não chorar; e o velho começou a acaricial-o, mas elle não podia falar.

—Obrigado, disse o velho. Dize pois a teu pae e

a tua mãe que tudo vae indo bem, que não se dêem cuidado maior.

Mas Garoffi não se movia ; percebia-se porém que tinha vontade de dizer alguma cousa. Mas não ou-sava.

— Que tens a dizer ? que queres ?

— Eu, nada.

— Bem, então adeus, até á vista ; vae e leva o co-ração em paz.

Garoffi foi até á porta ; mas ali parou, voltando-se depois para o sobrinho que o seguia e olhava curio-samente. De subito, tira de baixo do capote um objecto, e metteu-o nas mãos do pequeno, dizendo-lhe :

— E' para ti.

E desapareceu como um relampago. O pequeno levou o objecto ao tio. Tinha escripto : *Faço-te pre-sente d'isto*. Vae olhar... e ha uma exclamação de espanto. Era o famoso album com a colleccção de sellos que o pobre Garoffi tinha trazido, a colleccção de que elle falava semp e, sobre a qual tinha fundado tantas esperanças, e que lhe custara tantas fadigas ; era o seu thesouro ! pobre criança ! era metade do seu sangue que dava em troca do perdão !

⊕ pequeno escrevente florentino

(CONTO MENSAL)

Elle andava na *quarta classe elementar*. Era um gracioso florentino de doze annos, negro de cabellos e claro de rosto, filho mais velho de um empregado das estradas de ferro, que tendo muita familia e pe-queno ordenado vivia em aperto. O pae estimava-o muito, bom e indulgente com elle em tudo, menos no que se referia ao estudo ; nisto exigia muito, por-

que era preciso que o filho se collocasse em posição para ajudar a familia ; e para tornar-se de prompto habil em qualquer cousa, era necessario fatigar-se muito em pouco tempo. E comquanto o rapaz estudasse, o pae exhortava-o sempre a estudar mais. Era já adiantado em annos o pae, e o muito trabalho tinha-o envelhecido antes do tempo. Assim, para prover ás necessidades da familia, além das horas obrigadas do emprego, tomava ainda, aqui e allí, trabalhos extraordinarios de copista, e passava grande parte da noite a escrever. Ultimamente conseguira de uma casa editora, que publicava jornaes e livros em fasciculos, encarregar-se de escrever nas cintas o nome e a morada dos assignantes, e ganhava tres liras por cada quinhentas d'aquellas tiras de papel escriptas em letras grandes e regulares. Este trabalho porém extenuava-o e elle queixava-se muitas vezes á familia á hora do jantar.

— Os meus olhos se vão. . . Esse trabalho de noite dá cabo de mim !

Um dia, o filho disse-lhe :

— Papá, deixa-me fazer o teu trabalho ; bem sabe que escrevo tal qual como tu.

Mas o pae respondeu-lhe :

— Não, meu filho, tu deves estudar ; a tua escola é muito mais importante do que as minhas tiras de papel. Sentiria remorsos se te roubasse uma hora. Agradeço-te, mas não quero, e não falemos mais n'isso.

O rapaz sabia que com seu pae, em materia de estudo, era inutil insistir, e não insistiu. . . Mas eis o que fez : sabia que o pae á meia noite acabava de escrever e sahia do quarto de trabalho para o quarto de dormir. Algumas vezes o tinha percebido : era darem as doze pancadas do relógio, e elle logo ouvia

o rumor de uma cadeira que se arrastava e o passo lento do pae. Uma noite esperou até que elle estivesse já na cama ; vestiu-se de vagar, andou ás apalpadellas no gabinete, accendeu o candieiro de kerozene, sentou-se á escrevaninha, onde havia um montão de cintas em branco e a lista dos endereços, e principiou a escrever, imitando exactamente a letra do pae. E escrevia de boa vontade e contente, um pouco assustado ; e as tiras iam-se amontoando ; de tempos a tempos pousava a penna para esfregar as mãos, por causa do frio, e recomeçava logo com mais gosto, e ouvido attento e sorrindo. Escreveu cento e sessenta nomes, uma lira ! Então acabou ; poz a penna onde a tinha encontrado, apagou a luz e voltou para a cama nas pontas dos pés.

N'aquelle dia, ao meio dia, o pae sentou-se á mesa de bom humor. Não tinha desconfiado de cousa alguma. Fazia aquelle trabalho mecanicamente, medindo-o apenas pelas horas e pensando n'outras cousas, e sem contar as tiras escriptas senão no dia seguinte. Sentou-se á mesa satisfeito e, tocando com a mão no hombro do filho, disse-lhe :

— Ah, Julio ! E' ainda um bom trabalhador o teu pae, faze idéa ! Em duas horas fiz hontem á noite um bom terço mais de trabalho do que o costumado. A mão ainda está leve, e os olhos oumprem ainda o seu dever.

E Julio, contente, mudo, dizia consigo : Pobre pae ! além do ganho, ainda lhe dou esse prazer de crer-se remoçado. Pois bem ; coragem !

Animado pelo bom resultado, na noite seguinte, dada meia noite, foi trabalhar. E fez assim por muitas noites. O pae não dava por isso. Uma vez, apenas á ceia, sahiu-se com esta exclamação : — E' estranho quanto kerozene se gasta nesta casa ha tempos para cá ! Julio enfiou ; mas a observação

ficou nisso, acabou alli. E o trabalho nocturno ia para diante.

Interrompendo assim o somno todas as noites, Julio não dormia bastante; de manhã levantava-se fatigado, e á noite, quando estudava, custava-lhe a ter os olhos abertos. Uma noite, (pela primeira vez na sua vida!) adormeceu sobre o caderno! — Animo! animo! gritou o pae batendo as mãos — ao trabalho!... Elle acordou estremunhado e continuou a estudar. Mas nas noites e dias seguintes era a mesma cousa, ou peor... Cochilava sobre os livros, levantava-se mais tarde que de costume, estudava a lição com enfado, e parecia desviado do estudo. O pae principiou a observal-o, a preoccupar-se com elle, e finalmente a reprehendel-o.

— Julio! — disse-lhe uma manhã — tu estás ficando ruim; não és já o que eras. Isto assim não vai bem...

Olha; todas as esperanças da familia se fundam em ti. Eu estou desgostoso, sabes?

Com esta censura, a primeira verdadeiramente séria que recebia, a criança perturbou-se. — Sim! é verdade... disse comsigo. D'este modo com effeito não se pôde continuar! é necessario que o engano se acabe... Mas, á tarde, naquelle mesmo dia, ao jantar, disse o pae com muita alegria:

— Sabem que neste mez ganhei mais trinta e duas liras em sobrescriptar do que no mez passado?

E dizendo isto tirou de baixo da mesa um cartucho de doces, que tinha comprado para festejar com seus filhos o ganho extraordinario. E todos applaudiram batendo as mãos. Julio, vendo isto, cobrou animo, e, em seu coração, disse: — Não, pobre papá, não deixarei de enganar-te, farei maiores esforços para estudar durante o dia, mas continuarei a trabalhar de noite para ti, e para todos os outros.

O pae accrescentou ainda:— Trinta e duas liras mais ! Estou contente. Mas aquelle lá... (e apontando para Julio) é só quem me desgosta...

E Julio recebeu a censura em silencio, recalcando duas lagrimas que queriam rebentar, mas sentindo ao mesmo tempo dentro do coração uma doçura immensa.

E proseguiu no trabalho. Mas a fadiga accumulando-se á fadiga, cada vez mais difficil era-lhe resistir. As cousas iam assim havia dous mezes ! O pae continuava a censurar o filho, e a encaral-o sempre de sobrolho carregado. Um dia foi pedir informações ao mestre, e este disse-lhe :

— Sim, vae indo, vae indo, porque é intelligente ; mas já não tem a boa vontade de outr'ora. Cochila, boceja, é distrahi-lo. Faz as composições curtas, ás pressas, e com pessima letra. Oh ! podia fazer mais, mas muito mais !

Naquelle tarde, o pae chamou o rapaz á parte e disse-lhe cousas graves, como nunca as dissera.

« Que elle trabalhava, que consumia a vida pela familia... Que Julio não o auxiliava mais, não tinha coração para o pae, nem para os irmãos, nem para sua pobre mãe!... »

— Ah ! não digas isso, meu pae !... exclamou o filho em copioso pranto, e ia abrir a bocca para dizer tudo. Mas o pae interrompeu-o, dizendo :

— Tu bem conheces as nossas condições ; sabes que é preciso muito boa vontade e sacrificios da parte de nós todos. Eu proprio, vê tu, terei de redobrar os meus esforços ; eu contava este mez com uma gratificação de cem liras do caminho de ferro, e soube esta manhã que nada receberei.

A essa noticia Julio recalcou a confissão que ia partir-lhe da alma, e de si para si disse resolutamente: — « Não, pae, não te direi nada. Guardarei

o meu segredo e continuarei a trabalhar para ti. Dessa dôr de que sou causa, eu te compensarei de outro modo. Na escola estudarei quanto basta para ser promovido; o que importa é ajudar-te a ganhar a vida e diminuir-te a fadiga que te mata.»

E continuou sempre; e passaram-se outros dous mezes, de trabalho de noite, de cansaço de dia, de esforços desesperados do filho, e de reprehensões amargas do pae. O peior era que este ia esfriando e já falava ao filho raramente, como se fosse elle um indigno, de que não restasse mais nada a esperar; e fugia quasi de encontrar o seu olhar com o d'elle. Julio tudo percebia e soffria com isso; e quando o pae voltava costas, atirava-lhe furtivamente um beijo, inclinava rosto o com um sentimento de ternura piedosa e triste, e, entre a dôr e a fadiga, emm grecia, ia perdendo as côres, lutando com a necessidade de descurar os estudos. Percebia bom que isto havia de acabar um dia, e todas as tardes dizia comsigo: « Já esta noite me não levantarei.» Mas ao soarem as doze badaladas, no momento em que devia mais vigorosamente permanecer no seu proposito, sentia como que um remorso e parecia-lhe que se ficasse na cama faltaria a um dever e roubaria uma lira a seu pai e á sua familia; então levantava-se, pensando que, qualquer noite, o pae, despertando, o surprehenderia no trabalho, ou que poderia vir a conhecer o engano, se por acaso lhe dêsse para contar as tiras; e então tudo se acabaria, naturalmente, sem um acto de sua vontade, que elle não se sentia com coragem de exercer. E assim ia trabalhando...

Mas, uma tarde, ao jantar, o pae pronunciou uma palavra que foi decisiva para elle. A mãe encarou-o e, parecendo vel-o mais fraco e mais descorado que de costume, disse-lhe:

— Julio! tu estás doente! e voltando-se para o pae, anciosamente: Julio está doente!... Vê como está pallido! Meu Julio, que tens?

O pae olhou-o de relance e disse:

— E' a má consciencia que faz a má saude. Não estava assim quando era um escolar estudioso e um filho do coração.

— Mas elle está mal! exclamou a mãezinha.

— Não me importo de nada — respondeu o pae seccamente.

Aquellas palavras foram facadas no coração da pobre criança. Ah! não se importava mais com elle seu pae, que o amava e d'antes tremia só de ouvi-lo tossir! Já não se importava mais! não havia mais duvida que o filho morrera para o seu coração. — Oh! não, meu pae! — pensou elle, com o coração amargurado de angustia opprimido—isto não pôde continuar, não posso viver sem o teu affecto; quero-o como outr'ora, todo i teiro; dir-te-hei tudo, não te illudirei mais, estudarei como d'antes, aconteça o que acontecer, comtanto que tu voltes a querer-me bem. Oh! desta vez estou bem seguro da minha resolução!

E comtudo, ainda naquella noite despertou, mais por força de habito que por outra cousa... Depois teve desejo, uma vez ainda, de tornar, alguns minutos, áquelle quarto onde tanto tinha trabalhado, a horas mortas, com o coração cheio de satisfação e de ternura.. E quando se viu perto da escrevaninha, com o candieiro acceso, e viu aquellas tiras em branco, sobre as quaes não escreveria mais os nomes de cidades e de pessoas, nomes que já sabia de cór, foi tomado de grande tristeza; e n'um impeto pegou na penna para recommençar o trabalho costumado. Mas, ao estender a mão, deu com o braço n'um livro e o livro caiu... O sangue fugiu-lhe. Se

o pae acordasse! E' certo que o não surprehenderia a praticar uma acção má... mesmo já tinha resolvido contar-lhe tudo... mas sentir aquelle passo approximar-se na escuridão, ser surprehendido áquella hora, naquelle silencio... e sua mãe, que seria despertada com medo! pensar que seu pae poderia, pela primeira vez, sentir-se humilhado na sua presença descobrindo tudo... ah! isso o aterrava. Applicou o ouvido, com a respiração contida... não ouviu nada... Escutou á fechadura da porta que lhe ficava por traz das costas... e nada. Todos em casa dormiam... o pae não ouvira cousa alguma. Tranquillisou-se emfim.

E recommçou a escrever... e as tiras iam-se amontoando sobre as tiras.. Na rua deserta passavam lentas as rondas; era ás vezes o rodar de um carro que parava de repente e o estrepito de uma fila de carros que iam de vagar, de vagar; depois, um silencio profundo, cortado de quando em quando pelos latidos ao longe de algum cão... E escrevia... e escrevia...

E no entanto, o pae estava alli por traz delle; levantára-se ouvindo cair o livro, e espreitava a occasião opportuna; o estrepito dos carros havia abafado o rumor dos seus passos e o leve ranger das dobradiças da porta; e elle estava alli, com a sua cabeça branca, por sobre a cabecinha negra de Julio; vira correr a penna sobre as cintas, e n'um momento tinha adivinhado tudo: tudo recordára e comprehendera tudo; e um arrependimento subito, uma ternura immensa lhe invadira a alma presa, inquieta, suffocada, alli por detraz do filho. De repente, Julio deu um grito agudo!... dous braços convulsos estreitavam-o fortemente.

— Papae! perdôa-me! gritou reconhecendo o pae, que chorava copiosamente.

— Perdôa-me tu, meu filho—respondeu o pae soluçando, tremulo, cobrindo-lhe a fronte de lagrimas e beijos em tumulto. Comprehando agora... sei tudo, sou eu, sou eu quem te pede perdão, santa creatura minha! Vem, vem commigo.

E impelliu o ou antes levou-o até o leito de sua mãezinha, já acordada, e lançou-o entre os braços della, dizendo:

— Beija este anjo, beija este filho querido, que ha tres mezes não dorme e trabalha para mim, para mim que torturava o coração desse anjinho que nos ganhava o pão!

A mãe apertou-o affectuosamente ao peito, sem poder falar; depois disse:

— Vae dormir, meu querido filho, vae dormir, e descansar! Leva-o tu á cama.

O pae tomou-o nos braços e conduziu-o ao quarto; deitou-o no leito, commovido, acariciando-o, aconchegando-lhe as almofadas e as colchas.

— Muito obrigado, papae — foi dizendo o filho — muito obrigado! Mas vá deitar-se... eu estou muito bem; vá deitar-se.

Mas o pae queria vel-o adormecido, sentou-se á cabeceira da cama, tomou-lhe a mão, e disse-lhe:

— Dorme, dorme, meu filho!

E Julio, cansado, adormeceu finalmente, e dormiu e dormiu longas horas, gozando pela primeira vez, depois de alguns mezes, de um somno tranquillo, povoado de sonhos; e quando abriu os olhos já o sol brilhava havia muito, e sentiu e viu depois, junto ao peito, apoiada na beira da cama, a cabeça branca do pae, que tinha passado a noite alli, com a bocca tremente, como se por ella passassem sem nunca acabar de passar uma multidão de beijos e preces ao lado d'elle, e dormia ainda com a cabeça sobre o coração do filho bem amado.

A vontade

Quarta-feira, 28.

Stardi na minha *classe* é que seria capaz de fazer o que fez o pequeno florentino. Esta manhã houve dois acontecimentos na escola: Garoffi, doido de alegria, porque lhe tornaram a dar o seu album augmentado com tres sellos da republica de Guatemala, que elle procurava havia tres mezes; e Stardi, porque teve a segunda medalha. Stardi, primeiro da classe, depois de Derossi! Todos ficaram maravilhados! Quem havia de dizer em Outubro, quando o pae o conduziu á escola, embiocado n'aquelle capotão verde, e disse ao mestre, alli, á vista de todos: — E' necessario que tenha muita paciencia, porque elle é muito rude, Todos lhe chamavam cabeça de pão, a principio.

Mas elle disse: — Ou eu arrebento ou hei de vencer.

E poz-se a estudar, de dia, de noite, em casa, na escola: com os dentes cerrados, com os punhos fechados, paciente como um boi, teimoso como um jumento, e assim, á força de moer, desprezando *as caçadas*, atirando pontapés aos perturbadores, passou adiante de todos, aquelle cabeçudo. Não sabia uma palavra de arithmetica, enchia de disparates a composição, não conseguia decorar um periodo, e agora resolve os problemas, escreve a lição, canta-a como se fôra uma aria! Adivinha-se-lhe a vontade de ferro, ao ver como é feito, assim baixo, com a cabeça quadrada, sem pescoço, com as mãos curtas e grossas e com aquella voz rude. Estuda até em pedaços de jornaes, em annuncios de theatros; e sempre que póe juntar dez moedas compra um livro; já tem reunido uma pequena bibliotheca; e n'um

momento de bom humor declarou-me, ha dias, que me ha de levar á casa para vel-a. Não fala aninguem não brinca com pessoa alguma ; está sempre alli, á carteira, com os punhos nas fontes, firme como um páo a ouvir o mestre. Quando deve ter-se fatigado, pobre Stardi!

O mestre disse-lhe esta manhã, apezar de estar impaciente e de máo humor quando deu as medalhas:

Bravo, Stardi! quem porfia, afinal vence.

Mas elle não pareceu ficar orgulhoso. não se riu, e, apenas voltou para o barco com a sua medalha, tornou a amparar os punhos nas fontes e ficou ainda mais immovel e mais attento que d'antes. Mas o bello foi á sahida, onde estava esperando o paê, um sujeito gordo e baixo como elle, com um carão enorme e uma voz de trombone. Não esperava a medalha, e não queria acreditar ; foi necessario que o mestre lhe dissesse que era verdade. Poz-se então a rir de gosto, e deu uma palmada na nuca do filho, dizendo com voz forte:

— Mas muito bem! bravo, meu careca!

E olhava para elle maravilhado, a sorrir. E todos nós em volta sorriamos, exceptuando Stardi. Esse ruminava já no bestunto a lição da manhã.

Gratidão

Sabbado, 31.

Stardi, o teu companheiro, não se queixará mais do mestre. estou certo. O mestre «estava de máo humor, estava impaciente», assim o disseste tu, em tom de resentimento. Pensa quantas vezes tu tambem te mostras impaciente, e a quem ? a teu pae e a tua mãe, áquelles para quem a tua impaciencia é um crime. Bem razão tem o teu mestre para mostrar-se, uma vez ou outra, impaciente! Pensa que de muitos annos elle se cança pelos rapazes, e se entre elles

teve muitos bem criados e agradecidos, encontrou tambem muitissimos ingratos, que abusaram da sua bondade, e desconheceram os seus trabalhos; e é certo que uma cousa por outra ha mais amarguras que prazeres. Pensa que o mais santo homem da terra, em seu logar, se deixaria vencer algumas vezes da colera. E se pois soubesses quantos dias vae elle dar lição doente, e só porque a doença não é tão grave que possa dispensal-o da escola! impaciente, porque soffre, e é grande pezar para elle vêr que vós outros não percebeis, e abusaes.

Respeita e ama teu mestre, meu filho. Ama-o porque teu pae o ama e respeita; ama-o porque elle consagra a vida ao bem de tantas crianças que o esquecem; porque te abre e illumina a intelligencia e te educa o coração; ama-o emfim porque um dia, quando fores homem, e quando nem eu nem elle formos mais deste mundo, a sua imagem se te apresentará muitas vezes á memoria, ao lado da minha; e então a expressão de dôr e de cansaço daquella boa physionomia de homem honrado, que mal comprehendes agora, acudir-te-ha á memoria e causar-te-ha pena, trinta annos depois, e terás vergonha e grande tristeza de não o haveres estimado como elle merecia e de te teres portado mal com elle. Ama teu mestre, porque pertence áquella grande familia de cincoenta mil professores elementares, espalhados por toda a Italia, que são como os paes intellectuaes de milhões de crianças que crescem contigo; são elles trabalhadores mal comprehendidos e mal recompensados que preparam para o nosso paiz uma geração melhor do que a presente. Eu não fico contente com o amor que tens por mim, se o não tens para todos aquelles que te fazem bem, e entre estes o primeiro é o teu mestre, e depois os teus. Ama-o como amarias um meu irmão; ama-o quando te acaricia, e quando te reprehende, quando é justo, e quando te parece que é injusto; ama-o quando elle estiver alegre e affavel, e ama-o mais quando o vires triste. Ama-o sempre. E pronuncia sempre com reverencia este nome—mestre—que depois do de mãe e pae é o mais nobre e o mais doce dos nomes que um homem possa dar a outro homem.

JANEIRO

⊙ mestre substituto

Quarta-feira, 4.

Tinha razão meu pae. O mestre estava de máo humor porque achava-se mal de saúde e ha tres dias, com effeito, vem substituil-o ás vezes de substituto aquelle professor sem barba que parece um *rapazinho*. Deu-se esta manhã um factó desagradavel. Já no primeiro e no segundo dia tinham feito cachota na escola, porque o substituto tem paciencia e não faz senão dizer: — Estejam calados! por favor, estejam calados! — Mas esta manhã passou do limite. Faziam tal algazarra que não se ouvia a sua voz; e elle admoestava, pedia, mas era tempo perdido. Duas vezes o director appareceu á porta e observou. Mas apenas dava as costas, o sussurro crescia como n'um mercado. Bem se voltavam Garrone e Derossi a fazer acenos aos companheiros, que estivessem quietos, que aquillo era uma vergonha. Nenhum fazia caso. Stardi era o unico que estava silencioso, com os cotovellos fincados na banca e os punhos nas fontes, pensando talvez na sua famosa bibliotheca, e Garoffi, o nariz de gancho, o dos sellos, que estava todo occupado a fazer a lista dos subscriptores a dous centesimos para a rifa de um tinteiro de algebeira. Os outros riam-se e faziam tinir pontas de pennas espetadas nos bancos, e atiravam bolinhas de papelão com os elasticos das botinas. O substituto agarrava por um braço, ora um, ora outro, sacudia-os, e chegou a pôr um contra a parede.

Tempo perdido! Nem elle sabia já com que santo se agarrasse, e pedia:

— Mas para que procedeis d'este modo? Quereis zangar-me por força?

Depois dava murros na mesa e gritava com voz de raiva e de chôro:

— Silencio! Silencio! Silencio!

Fazia pena vê-lo. Mas o rumor crescia sempre. Franti atirou-lhe uma flecha de papel. Uns miavam como gato e outros davam piparotes; enfim, era mais do que se pôde descrever; n'isto entrou de repente o bedel, e disse:

— Senhor professor, o senhor director chama-o.

O mestre levantou-se, e sahiu ás pressas, em desespero.

Então a algazarra recomeçou ainda mais forte. Mas, de subito, Garrone levantou-se com a physionomia decomposta e os punhos cerrados, e gritou com a voz rouca de colera:

— Basta! animaes! Todo esse abuso é porque elle é bom. Se vos descancasse os ossos, estarieis ahi murchos como uns cães! bando de velhacos! o primeiro que lhe fizer o mais leve insulto, espero-o lá fóra e quebro-lhe os dentes, juro-o, ainda que seja á vista do pae!

Todos se calaram. Ah! como era bello vêr Garrone, com os olhos grandes a lançar chammas. Parecia um leãozinho furioso. Olhou um por um, para os mais atrevidos, e todos abaixaram a cabeça. Quando o substituto entrou com os olhos vermelhos, não se ouvia mais nem um respiro. Ficou sem comprehender. Mas, reparando em Garrone que ainda estava todo incendiado, comprehendeu o que se passara e disse-lhe com carinho, como diria a um irmão:

— Eu te agradeço, Garrone.

A livraria de Stardi

Fui visitar Stardi, que mora n'uma casa em frente à escola ; e tive devéras desejos de vêr a sua livraria. Não é nada rico, e nem pôde comprar muitos volumes, mas conserva com extremo cuidado os seus livros da escola, e os que lhe dão os parentes, e todos os soldos com que o presenteiam, põe-os de parte e gasta-os no livreiro ; deste modo já organisou uma pequena bibliotheca ; e quando o pae conheceu que elle tinha aquella paixão, comprou-lhe uma bella estante de nogueira, de cortinas verdes, e mandou-lhe encadernar os livros todos, com as côres que mais lhe agradavam. Assim elle agora puxa por um cordãozinho, a cortina verde corre e deixa ver tres filas de livros de todas as côres, e todos em ordem, limpos, com titulos dourados no dorso : livros de contos, de viagens e de poesias, e tambem livros illustrados. E elle sabe combinar bem as côres ; põe os volumes brancos ao lado dos vermelhos, os amarellos ao lado dos pretos ; os azues ao lado dos brancos ; de maneira que se vejam de longe e produzam boa impressão, e depois diverte-se em variar as combinações. Fez o seu catalogo. E fêl-o como se fosse um bibliothecario. Está sempre junto dos livros, a espanal-os, a folheal-os e a examinar as encadernações. E' de vêr o cuidado com que os abre, com as suas mãos curtas e grossas, a soprar sobre as paginas ; todos os livros parecem novos.

E eu, que tenho estragado todos os meus ! para elle cada livro novo que compra, é uma festa ; leva a alisal-o, a pol-o na estante, a tiral-o para o examinar de todos os lados ; e afinal guardal-o como um thesouro. Não me mostrou mais nada durante uma hora. E estava doente dos olhos, de tanto ler. Em certo momento passou o pae pela sala ; elle, que é

grosso e baixo como o filho, com uma cabeçorra como a sua, deu-lhe duas ou tres palmadas na nuca, dizendo-me com a sua voz grossa de gigante :

— Hein ! que me dizes d'esta cabeça de bronze ? E' uma cabeça que ha de dar alguma cousa, eu t'o asseguro.

E Stardi ia fechando os olhos ao pesado contacto d'aquellas rudes caricias, como um grande cão de caça, amoroso. Eu não sei ; mas não me atreveria a brincar com elle ; não me parece que tenha só um anno mais do que eu. Quando me disse :

— Até á vista—com aquella cara que parece sempre aspera, pouco faltou que eu lhe não respondesse :

— Muito me honra !—como se fosse a um homem.

Eu depois disse em casa a meu pae :

— Não comprehendo ! Stardi não tem muito talento, não tem maneiras agradaveis ; é uma figura quasi de lobo, e no emtanto me domina.

E meu pae respondeu :

— E' porque tem character.

— N'uma hora que estive com elle, não pronunciou cincoenta palavras, não me mostrou um só brinquedo, não se riu uma unica vez ; e apezar d'isso eu estava contente.

E meu pae disse :

— E' porque o estimas.

● filho do artista ferreiro

Sim, mas tambem estimo Precossi, e é muito pouco dizer simplesmente que o estimo, a Precossi, o filho do ferreiro, aquelle pequenino, fraquinho, de olhos meigos e tristes, e ar de espantado ; tão timido que vive a dizer a todos: — desculpe-me. — Sempre vive

adoentado; é que estuda muito. O pae entra em casa embriagado com aguardente, bate-lhe sem que nem porque; atira-lhe pelos ares livros e cadernos; e elle vem para a escola com manchas no rosto, e algumas vezes com a cara inchada, e os olhos inflamados de muito chorar. Mas ninguem lhe diga que levou pancadas do pae.

— Foi teu pae que te bateu...— dizem-lhe os companheiros. —E elle logo grita:

— E' falso! é muito falso! — para não deshonrar o pae.

— Esta folha não a queimaste tu — disse-lhe uma vez o mestre, mostrando-lhe um trabalho meio queimado.

— Fui eu, sim senhor, respondeu elle com a voz trememente; fui eu que a deixei cair ao fogo.

E comtudo nós sabiamos bem que fôra o pae embriagado que, com um pontapé, tinha tombado a mesa com o candieiro e tudo, quando elle estudava a lição. Elle está morando n'umas aguas furtadas da nossa casa, com escada independente; a porteira conta tudo a minha mãe; minha irmã Sylvia ouviu-o gritar do terraço um dia em que o pae o fez descer a escada aos trambolhões, porque lhe pedira alguns soldos para comprar uma grammatica. O pae bebe, não trabalha, e a familia passa fome. Quantas vezes o pobre Precossi vem para a escola em jejum, e rói um bocado de pão que lhe dá Garrone ás escondidas ou uma maçã que lhe traz a mestrinha da penna vermelha, que foi mestra sua na *primeira classe*. Mas nunca que elle diga: «Estou com fome; meu pae não me dá de comer.»

O pae vem algumas vezes buscal-o, quando passa por acaso diante da escola, pallido, a cambalear, com uma cara sombria, os cabellos cahidos sobre a testa e a carapuça de lado; e o pobre rapaz treme

todo quando o vê na rua, mas corre-lhe ao encontro, sorrindo; e o pae parece que nem o vê, pensando n'outra cousa. Pobre Precossi! Cose e reco-se os cadernos rotos, pede livros emprestados para estudar a lição, prende os punhos da camisa com alfinetes; e faz piedade vê-lo fazer gymnastica com aquelles sapatos em que se pôde nadar dentro, aquellas calças a arrastar no chão, e aquella jaqueta, muito comprida, com as mangas arregaçadas até aos cotovellos!

E estuda, e empenha-se; e fôra um dos primeiros se pudesse trabalhar em casa tranquillo. Esta manhã veio para a escola com signal de uma unhada na face, e todos a dizer-lhe:

— Foi teu pae! agora não pôdes negar que te fez isso! Dize ao director para que o faça chamar á policia.

Mas elle levantou-se todo vermelho, com a voz tremula de indignação, exclamando:

— Não é verdade! é uma mentira! meu pae não me bate nunca...

Mas depois, durante a lição, cahiam-lhe as lagrimas sobre a mesa; e quando se olhava para elle, esforçava-se por sorrir, para esconder as lagrimas! Pobre Precossi! Amanhã devem vir á minha casa Derossi, Coretti e Nelli. Quero dizer-lhe tambem que venha; obriga-o-ei a merendar commigo, e hei de fazer-lhe presente de livros e pôr em alvoroço a casa para divertil-o, e encher-lhe as algibeiras de fructas, para o vêr uma vez contente, pobre Precossi! que tão bom é e que tanta coragem tem!

Uma bella visita

Quinta-feira, 12.

Eil-a, para mim, uma das bellas quintas-feiras do anno. A's duas em ponto vieram á minha casa Derossi e Coretti, e Nelli o corcundinha; Precossi não veio porque o paenão deixou. Derossi e Coretti riam ainda, porque tinham encontrado na rua Crossi, o filho da vendedeira de hortaliças, aquelle do braço paralytico e dos cabellos ruivos, que andava a vender uma enorme couve para com o producto della comprar uma penna; e estava muito contente porque o pae tinha escripto da America que o esperassem qualquer dia. Oh! as bellas horas que passámos juntos! São os dois mais alegres da classe, Derossi e Coretti, meu pae gostou muito delles. Coretti tinha a sua camisola côr de chocolate e o gorro de pelle de gato. E' um diabinho que está sempre a fazer alguma cousa, a mexer, a bulir. Já havia carregado sobre os hombros uma carrada de lenha, de manhã cedo, e apezar disso andou aos saltos por toda a casa, observando tudo e fallando sempre, vivo como um ratinho; e passando pela cozinha perguntou á cozinheira por quanto pagava o feixe de lenha, e disse que o pae vendia a quarenta e cinco centesimos. Fala sempre do pae, de quando este foi soldado no regimento 49 na batalha de Custoza, onde se achou no quadrado do principe Humberto: e é tão delicado de maneiras! pouco importa que tenha crescido entre a lenha, setem nobreza no sangue e no coração, bem diz meu pae! Derossi divertiu-nos muito: sabe geographia como um mestre: fecha os olhos ás vezes e diz:—Agora estou vendo toda a Italia, os montes Apenninos, que se alongam até o mar Jonio; os rios que correm de cá e

de lá; as cidades brancas, os golfos, as cidades azues, as ilhas verdes », e dizia os nomes certos, rapidamente, como se os lesse no mappa; e ao vel-o assim, com aquella cabeça levantada, toda cheia de ouro dos cabellos, os olhos cerrados, vestido de azul com botões dourados, direito e bello como uma estatua, todos estavam admirados.

Em una hora elle tinha decorado quasi tres paginas de uma oração que deve recitar depois de amanhã, pelo anniversario dos funeraes de Victor Manoel. E por isso Nelli olhava para elle admirado, e com affecto, torcendo as pontas do seu avental de panninho preto, sorrindo com aquelles olhos claros e melancolicos. Deu-me grande prazer essa visita, e deixou-me alguma cousa como fulgurações estranhas de sol e de luz sadia, no espirito e no coração. E ainda me agradou, quando saíram, vêr o pobre Nelli no meio dos outros todos, grandes e fortes, que o levavam á casa pelo braço, fazendo-o rir como nunca vi rir tanto. Quando tornei a entrar na sala de jantar, notei que não estava lá o quadro que representa Rigoletto, o bobo corcunda. Tinha-o tirado meu pae para que Nelli, o corcundinha, o não visse.

Os funeraes de Victor Manoel

Janeiro, 17.

Hoje, ás duas, logo que o mestre entrou na aula, chamou Derossi, que se foi para junto da mesa, em frente de nós, e começou a dizer com entoação vibrante, levantando pouco a pouco a voz limpida e corando:

— « São passados quatro annos que n'este dia e n'esta hora chegava em frente ao Pantheon, em

Roma, o carro funebre que conduzia o cadaver de Victor Manoel II, primeiro rei da Italia, fallecido depois de vinte e nove annos de reinado, durante os quaes a grande patria italiana, dividida em sete Estados e opprimida por estrangeiros e tyrannos, resurgia em um só Estado, independente e livre; após um reinado de vinte e nove annos, que elle tornou illustre e bemfazejo, com valor, com lealdade, e coragem nos perigos, prudencia no triumpho, e constancia na desgraça. Chegára o carro funebre, cheio de corôas, depois de ter percorrido Roma sob uma chuva de flores, no silencio de uma immensa multidão dolorida, que correra de todas as partes da Italia, precedido de uma legião de generaes e de innumerous ministros e principes, seguido de um cortejo de mutilados, de uma floresta de bandeiras, de convidados de trezentas cidades, de tudo o que representa o poder e a gloria de um povo, e parava diante do templo augusto onde o tumulto o esperava. Doze couraceiros n'esse momento levantaram o feretro do carro; e n'esse momento a Italia dava o ultimo adeus ao seu rei morto, ao seu velho rei que tanto a amara, dava o ultimo adeus ao seu soldado, ao seu pae, aos vinte e nove annos os mais abençoados e felizes da sua historia. Foi um momento grande e solemne! A vista e a alma de todos trepidavam entre o feretro e as bandeiras já sem côr de oitenta regimentos do exercito italiano, empunhadas por oitenta officiaes enfileirados á passagem, pois que a Italia estava alli, n'aquelles oitenta symbolos, que recordavam os milhares de rios de sangue derramado, as nossas mais sagradas glorias, os nossos mais santos sacrificios, as nossas dores mais tremendas. O feretro conduzido pelos couraceiros passou e então inclinaram-se ao mesmo tempo, em continencia, todas as ban-

deiras dos novos regimentos, os velhos pendões de Goito, de Pastrengo, de Santa Lucia, de Novara, da Criméa, de Palestro, de San Martino, de Castelfidardo ; oitenta véos negros caíram, cem medalhas tilintaram contra o ataúde. E aquelle estrepito sonoro e confuso, que abrazava o sangue de todos, era como um som de mil vozes humanas que dissessem todas juntas : — « Adeus, bom Rei ! Rei altivo ! Rei leal ! Tu viverás no coração do teu povo enquanto o sol alumiar a Italia. »

Depois do que, levantaram-se as bandeiras alterosas para o céo, e o rei Victor entrou na gloria immortal do sepulchro.

Franti expulso da escola

Sabbado, 21.

Um unicamente seria capaz de rir-se enquanto Derossi falára nos funeraes do rei, e Franti riu-se. Eu detesto-o. E' um perverso. Quando algum pae vem á escola fazer queixa d'um filho, elle regosija-se ; se alguém chora, elle ri-se. Treme diante de Garrone, mas bate no pedreirinho porque é pequeno, e atormenta Crossi porque tem o braço paralytico. Escarnece Precossi, que todos estimam, e zomba até de Robetti, d'aquelle que anda de muletas por ter salvado uma criança. Provoca todos os que são mais fracos do que elle, e quando dá socco, é uma féra. Ha qualquer cousa de repellente n'aquella testa baixa, n'aquelles olhos mãos, quasi escondidos debaixo da viseira do seu gorro encerado. Não teme cousa alguma, ri na cara do mestre, rouba quando pôde, nega com uma cara desavergonhada, e está sempre em briga com alguém ; traz para a escola alfinetes para picar os visinhos, arranca os botões

da sua jaqueta e das dos outros e joga-os ; o tem a carteira, cadernos, livros, tudo esfrangalhado, despedaçado e sujo ; a regua cheia de dentes, a cannetta meio comida, as unhas roidas, o fato cheio de gordura e de rasgões feitos em brigas. Dizem que a mãe está doente por causa dos trabalhos que elle lhe dá, e que o pae já o expulsou de casa tres vezes ; a mãe vem de vez em quando pedir informações ao mestre, e volta sempre chorando. Elle odeia a escola, odeia os companheiros, odeia o mestre. O mestre finge algumas vezes que não vê as suas veihacadas, e elle ainda e sempre faz peor. Tentou leval-o por boa maneira e elle leva tudo flauteado. Disse-lhe então palavras muito duras ; e elle cobriu a cara com as mãos a fingir que chorava, e estava a rir-se ! Foi suspenso da escola por tres dias, e quando voltou vinha ainda mais insolente do que d'antes. Derossi disse-lhe um dia: «Acaba de uma vez com isso; olha que o mestre já te soffre de mais ». E elle ameaçou-o de metter-lhe um prego na barriga. Mas finalmente esta manhã foi expulso como um cão. Emquanto o mestre dava a Garrone o rascunho do *Tamborzinho sardo*, o conto mensal de janeiro, para copiar, atirou no soalho uma bomba, que rebentou fazendo um estrondo como uma descarga de fuzilaria. Toda a aula estremeceu. O mestre poz-se de pé, gritando :

— Franti, fóra da escola!

Elle respondeu :

— Não fui eu !... mas ria-se.

O mestre repetiu :

— Ponha-se fóra !

— Não me arredo, respondeu.

Então o mestre perdeu a cabeça, lançou-se a elle, agarrou-o por um braço, e arrancou-o do banco. E elle debatia-se e rangia os dentes ; foi preciso arrastal-o á viva força. O mestre quasi que o levou ao Di-

rector, e depois, voltando só, sentou-se á mesa, com a cabeça entre as mãos, afflicto, cançado, com uma expressão de anciedade que fazia mal vel-o.

— Ha trinta annos que ensino ! — exclamou tristemente, inclinando a cabeça. Ninguem respirava. As mãos tremiam-lhe de colera, e a ruga, que lhe atravessava horizontalmente a testa, estava tão profunda que parecia uma ferida. Pobre mestre ! Todos soffriam, Deroçsi levantou-se então e disse :

— Senhor professor, não se afflija. Nós somos seus amigos.

Ouvindo isto, pareceu ficar socegado, e disse serenamente :

— Continuemos a lição.

● tamberzinho sardo

(CONTO MENSAL)

No primeiro dia da batalha de Custoza, a 23 de julho de 1848, cerca de sessenta soldados d'um regimento de infantaria do nosso exercito, mandados para occupar sobre um morro uma casa solitaria, foram de repente assaltados por duas companhias de soldados austriacos, que, atacando-os a balas n'uma tempestuosa saraivada de todos os lados, apenas lhes deram tempo de refugiarem-se na casa e trancarem precipitadamente as portas, depois de ter deixado alguns mortos e feridos no campo.

Fechadas as entradas, correram os nossos furiosamente ás janellas do rez do chão e do primeiro andar, e principiaram a fazer fogo vivissimo sobre os assaltantes, que avançando aos poucos em semicirculo respondiam ao fogo vigorosamente. Com-mandavam os sessenta soldados italianos dois offi-

ciaes subalternos e um capitão, militar velho, alto, magro e austero, com os cabellos e bigodes brancos; e estava com elles um tamborzinho sardo, rapaz de pouco mais de quatorze annos, que parecia ter doze, pequeno, rosto trigueiro azeitonado, com dous olhinhos negros, profundos, que faiscavam. O capitão dirigia de uma sala do primeiro andar a defesa com vozes de commando que pareciam tiros de pistola e não se percebia em seu rosto de ferro nenhum signal de emoção. O tamborzinho, um pouco pallido, mas firme nas pernas, trepado sobre uma mesa, estendia o pescoço encostando-se á parede, afim de vêr pelas janellas o que havia fóra; evia atravéz do fumo, pelos campos, as divisas brancas dos austriacos, que vinham marchando lentamente. A casa era situada no alto d'uma ladeira e não tinha da parte do declive senão uma janellinha alta correspondente a um sotão; por isso os austriacos não acatavam por aquelle lado e a descida estava livre. O fogo dirigia-se á fachada e aos dous flancos.

Mas era um fogo do inferno, uma saraivada de balas de chumbo que rachava as paredes e despedaçava os telhados, e dentro quebrava o forro, moveis, ombreiras e batentes, lançando pelo ar estilhaços de madeira, nuvens de caliza, fragmentos de louças e vidros, sibilando, detonando, ricocheteando n'um fragor pavoroso de arrebentar os ouvidos. De quando em quando ouvia-se o baque de um dos soldados que faziam fogo das janellas, que cahia de costas sobre o pavimento, e era arrastado para o fundo. Outros cambaleavam passando de sala em sala, comprimindo as feridas com as mãos. Na cozinha havia já um morto com a cabeça esmigalhada. O semi-circulo dos inimigos ia-se cerrando, estreitando. N'um certo momento viu-se o capitão, até alli impassivel, dar signal de inquietação e sair apres-

sadamente da sala, seguido d'um sargento. Tres minutos depois voltou a correr o sargento e chamou o *Tamborzinho*, acenando-lhe que o seguisse. O rapaz seguiu-o subindo apressadamente por uma escada de madeira, e entrou n'uma agua furtada nua, onde viu o capitão a escrever com um lapis n'uma folha de papel, apoiado á pequena janella, tendo aos pés, no chão, uma corda de poço. O capitão dobrou a folha de papel, e disse de improviso, encarando o rapaz e fitando-o com suas pupillas, pardase quietas, diante das quaes todos os soldados tremiam :

— Tambor !

O tambor poz a mão na viseira. O capitão perguntou :

— Tens coragem ?

Os olhos do rapaz lampejaram.

— Tenho, sim, capitão — respondeu.

— Olha lá para baixo — disse o capitão impellido-o para a janella — vês no plano perto da casa-ria de Villafranca uma scintillação de bayonetas ? Lá estão immoveis os nossos. Toma este bilhete, agarra-te á corda, desce pela janella, devora a ladeira, corre pelos campos, chega até os nossos e entrega o bilhete ao primeiro official que encontrares. Tira o cinturão e a mochila.

O tamborzinho tirou o cinturão e a mochila e met-teu o bilhete no seio. O sargento deitou a corda para fóra da janella, segurando-a por uma das pontas ; e o capitão, ajudando o rapaz a passar pela janella com as costas voltadas para fóra, disse-lhe :

— Olha ! A salvação do destacamento está na tua coragem e nas tuas pernas.

— Confie em mim, senhor capitão ! — respondeu o tambor já suspenso da parte de fóra.

— Curva-te na descida, disse ainda o capitão segurando a corda juntamente com o sargento.

— Não ha duvida.

— Deus te acompanhe.

Em poucos momentos o tamborzinho tocou em terra ; o sargento puxou para cima a corda e desapareceu ; o capitão foi rapidamente direito á janella e viu o rapaz que voava, ladeira abaixo ; já o suppunha livre das vistas do inimigo, quando cinco ou seis nuvens de poeira que se erguiam do chão, raspando a terra em torno do rapaz, lhe deram a perceber que tinha sido descoberto pelos austriacos, que do ponto mais elevado da ladeira lhe faziam fogo pelas costas. Mas o tamborzinho continuava^{es} correr, a correr. De repente cahiu.

— Morto ! rugiu o capitão, mordendo os punhos.

Mal tinha falado, e logo viu o tamborzinho levantar-se.

— Ah ! apenas uma quéda... disse comsigo, e respirou. O tamborzito effectivamente recommencara a correr a toda força, mas coxeava. Torceu um pé... pensou o capitão. Algumas nuvenzitas de pó se levantaram ainda, aqui e alli, em volta do rapaz, mas cada vez mais longe. Estava pois salvo. O capitão soltou uma exclamação de triumpho, mas continuou a seguil-o com os olhos, nervoso, tremulo, porque era questão de minutos ; se o emissario não chegasse lá abaixo depressa com o bilhete em que pedia soccorro immediato, ou todos os soldados cairiam mortos, ou teria elle de render-se e ficar prisioneiro com os seus. O rapaz corria com rapidez um pedaço, depois afrouxava o passo, coxeando ; tornava a correr, mas cada vez mais cansado, ora tropeçava, ora parava de repente. — E' que alguma bala o apanhou de rasto, pensou o capitão, e tremendo acompanhava-lhe todos os movimentos, encorajava-o, falava-lhe de longe como se elle o pudesse ouvir, media sem descanço com o olhar incendiado o espaço inter-

posto entre o rapaz que corria e o scintillar das armas que brilhavam lá embaixo na planície, no meio dos campos de trigo dourados ao sol. E entre tanto ouvia o zunido e o estrondo das balas nas salas de baixo, as vozes rudes do commando dos officiaes e sargentos, os gemidos agudos dos feridos, o estalar dos moveis e da calça.

— Sus ! coragem ! gritava, seguindo com a vista o pequeno tambor—mais... mais... corre... avante... corre !... Lá pára, o maldito ! Bem ; torna outra vez a correr !

Um official vem dizer-lhe, offegante, que os inimigos, sem interromper o fogo, desfraldavam uma bandeira branca, intimando-os á rendição.

— Não se responda ! — gritou elle, sem desprezar os olhos do rapaz que já entrara na planície, mas andando vagarosamente e parecendo arrastar-se a custo... — Mais ! mais ! corre !... dizia o capitão, cerrando os dentes e os punhos. Mata-te... morre, scelerado, mas chega ! Depois soltou uma imprecação horrivel : — O infame poltrão sentou-se !

De facto, o rapaz, cuja cabeça até então se descobria por cima do trigo louro, desaparecera como se tivesse cahido. Um momento depois, porém, a sua cabeça surgiu acima, uma vez, outra vez, e afinal se perdeu no matto e o capitão não o viu mais..

Desceu o capitão precipitadamente ; saraivavam as balas ; as salas, atulhadas de feridos ; alguns cambaleavam como bebedos, agarrando-se aos moveis, ás paredes, e no pavimento manchado de sangue os cadaveres amontoavam-se atravessados ás portas. O tenente tinha o braço direito partido por uma bala, e a fumaça e a poeira envolviam toda a casa.

— Coragem ! gritou o capitão. Cala um firme no seu posto ! Chegam-nos soccorros ! Ainda um pouco de coragem !

Os austriacos tinham-se approximado mais; viam-se de cima, através do fumo, os seus rostos desfeitos pela ira; ouvia-se o estrepito das descargas, gritos selvagens que insultavam e intimavam á rendição com ameaças de extermínio. Se algum soldado menos corajoso se retirava da janella, os sargentos empurravam-n'o para a frente. Mas o fogo da defesa ia enfraquecendo, o desanimo manifestava-se em todos os rostos. e não era mais possível prolongar a resistencia. N'um momento dado os tirós dos austriacos affrouxaram e uma voz trovejante gritou, primeiro em allemão e depois em italiano :

— Rendei-vos !

— Não ! rugiu o capitão de uma das janellas.

E o fogo recomeçou mais vivo e mais furioso das duas partes. Cahiram mais soldados ; mais de uma janella já estava sem defensores. O momento fatal era imminente. O capitão gritava com a voz suffocada entre os dentes :

— Não vêm ! não vêm . . .

E corria d'um lado para outro furioso, torcendo a espada nas mãos convulsas, resolvido a morrer.

N'isto um sargento, descendo do sotão, gritou fortemente :

— Chegam !

— Chegam afinal ! repetiu o capitão n'um grito de alegria. κ

A'quella voz, todos, sãos, feridos, sargentos e officiaes, lançaram-se para as janellas e a resistencia tornou-se mais feroz ainda. D'alli a poucos momentos notou-se entre os inimigos como que uma tal ou qual incerteza, e um principio de desordem. De repente, o capitão, em furia, reuniu um grupo n'uma sala ao rez do chão para esperarem o inimigo á bayoneta calada. Voltou ainda acima e, mal tinha chegado, quando se sentiu o estrepito de passos preci-

pitados, acompanhados de um *hurrah* formidavel, e se viu das janellas por entre o fumo avançarem os chapéos de dous bicos dos carabineiros italianos um esquadrão de cavallaria a todo o galope, um relampago fulminador de laminas esfusiantes e luminosas, que cahiam sobre as cabeças, os hombros e as costas ; os sitiados então pela porta afóra irromperam de bayoneta calada, e os inimigos, vacillantes, em desordem, voltaram as costas fugindo ; o terreno ficou desembaraçado, a casa ficou livre, e pouco depois dous batalhões de infantaria italiana e dous canhões occupavam a altura.

O capitão com os soldados que lhe restavam, uniu-se ao seu regimento, combateu ainda, e ficou bastante ferido na mão esquerda por uma bala de ricochete no ultimo assalto á bayoneta.

O dia acabou com a victoria dos nossos.

Mas, no dia seguinte, tendo recommçado o combate, os italianos foram derrotados, apesar da valorosa resistencia, pelo numero superior dos austriacos e na manhã de vinte e seis tiveram de tomar tristemente o caminho de retirada para o Mincio.

O capitão, bem que ferido, fez a marcha a pé com os seus soldados, cançados, silenciosos, e, chegando ao cahir do dia a Goito sobre o Mincio, procurou logo o tenente, que fôra recolhido á ambulancia, com o braço partido, e devia ter já chegado alli antes d'elle. Indicaram-lhe uma igreja transformada apressadamente em hospital de guerra. Foi lá. A igreja estava cheia de feridos, deitados em duas filas de leitos e de colchões estendidos no pavimento ; dous medicos e varios enfermeiros iam e vinham, apressados, e ouviam-se gritos abafados e gemidos.

Apenas entrando, o capitão parou, olhando em volta, em procura do seu official.

Ne-se momento ouviu que o chamavam com uma voz fraca, muito proxima :

— Sr. capitão !...

Voltou-se : era o tamborzinho.

Estava estendido n'um estrado, coberto até o peito com uma cortina de janella grossa, de quadrinhos vermelhos e brancos ; com os braços de fóra, pallido, escaveirado, emmagrecido, mas sempre com aquelles olhos vivos como dous brilhantes.

— Estás aqui, exclamou o capitão surprezo, sem entender — Bravo ! cumpriste o teu dever.

— Fiz o possivel — disse o tamborzinho.

— Estás ferido ? — disse o capitão, procurando com os olhos o seu official nos outros leitos.

— Que quer ? respondeu o rapaz, a quem dava coragem para falar a altiva alegria de ser pela primeira vez ferido, sem o que se não atreveria a abrir a bocca em presença do seu capitão ; corrida de corrida, viram-me logo. Chegaria vinte minutos mais cedo se não me atirassem. Felizmente encontrei logo um capitão do estado maior a quem entreguei o bilhete. Mas foi o diabo aquella minha descida depois de tal presente. Morria de sede, receiava não chegar mais, chorava de raiva pensando que, por cada minuto de demora, lá em cima ia indo um companheiro para o outro mundo. Basta : fiz o que pude. Estou contente. Mas com licença, capitão, tambem o senhor está ferido.

Com effeito, da mão mal ligada do capitão, cahiam pelos dedos abaixo algumas gottas de sangue.

— Quer que eu lhe aperte mais a ligadura, capitão ? Dê-me a sua mão um momento.

O capitão deu-lhe a mão esquerda, estendendo a direita para ajudar o rapaz a desatar o nó e tornar a atal-o ; mas havendo-se erguido apenas do travesseiro, o rapazinho empallideceu e inclinou a cabeça.

—Basta! basta! disse o capitão, olhando-o attento e retirando a mão ligada que elle tentava reter; cuida em teus males em vez de cuidares nos dos outros; cousas insignificantes descuradas podem tornar-se graves.

O tamborzinho abanou a cabeça.

— Mas tu, disse-lhe o capitão fixando-o attentamente, deves ter perdido muito sangue para estares debilitado d'esse modo....

—Perdido muito sangue? —respondeu o rapaz com um sorriso — alguma cousa mais que sangue. Olhe...

E tirou de um jacto a coberta.

O capitão deu um passo atraz horrorisado. O rapaz tinha apenas uma perna; a perna esquerda fôra-lhe amputada por cima do joelho. A coxa estava ligada em pannos sanguejantes. N'aquella occasião passava, em mangas de camisa, um medico militar, pequeno, gordo.

— Senhor capitão, disse elle rapidamente, mostrando o tamborzinho, um caso desgraçado. Salvava-se-lhe a perna se elle a não tivesse forçado d'aquelle modo; veio uma inflammação maldita; foi necessario amputar-lh'a, por alli, como vê. Oh! mas é um bravo este rapaz! asseguro-lh'o. Nem uma lagrima, nem um grito! Orgulhava-me de que fosse um italiano quando o estava operando; palavra de honra! este, Deus do céo, é de boa raça!...

E seguiu o seu caminho.

O capitão carregou as grandes sobranceiras, olhou fixo para o tamborzinho, e tornou a estender-lhe a coberta por cima; depois, lentamente, quasi que sem perceber o que fazia, e fixando-o sempre, levou a mão á cabeça e tirou o kepi, saudando.

—Capitão! interveiu o rapaz maravilhado. Que faz, meu capitão? Para mim?

E então aquelle rude soldado, que nunca dissera uma palavra branda a um inferior qualquer, respondeu com uma voz indizivelmente feminina e doce:

— Eu sou apenas um capitão, e tu és um heróe.

E debruçou-se, em lagrimas, de braços abertos para o tamborzinho, e estreitou-o tres vezes sobre o coração.

☉ amor da patria

Terça-feira, 24.

Pois que a historia do tamborzinho te fez bater o coração, devia ser-te facil esta manhã escrever bem sobre o thema de exame: POR QUE AMAS A ITALIA. Não te acodem cem respostas? Eu amo a Italia porque minha mãe é italiana; porque o sangue que me corre nas veias é italiano; porque é italiana a terra onde estão sepultados os mortos que minha mãe chora e meu pae venera; porque a cidade onde nasci, a lingua que eu falo, os livros que me educação, meu irmão, minha irmã, eu, os meus collegas, o grande povo no meio de que vivo, a bella natureza que me cerca, tudo que vejo, que amo, que estudo e que admiro, é italiano.

Oh! tu não podes ainda sentir toda inteira essa paixão! Sentil-a-ás quando fôres homem, quando ao voltares de uma longa viagem, depois de longa ausencia, chegando uma manhã á amurada da embarcação, vires no horizonte ao longe as montanhas azues da tua terra; sentil-a-ás então, na onda impetuosa de ternura que te arrazará os olhos de lagrimas e irá descendo buscar um grito ao coração. Sentil-a-ás em qualquer grande cidade distante no impulso d'alma que te arrastar, por entre uma multidão desconhecida, para um operario desconhecido, que ao passar ao teu lado pronuncie uma palavra da tua lingua. Sentil-a-ás mais violenta e mais profunda ainda, no dia em que a ameaça de um povo inimigo desencadear uma tempestade de fogo sobre a tua patria, e vires levantarem-se, frementes, exercitos de todas as partes, correrem os moços ás legiões, os paes beijando os filhos exhortando «coragem!» Sentil-a-ás com uma

alegria divina, se tiveres a fortuna de vêr entrar na tua cidade os regimentos, rareados pelos claros luminosos dos sacrificados, esfarrapados, terríveis com o esplendor da victoria sanguejando rubra nos olhos, com as bandeiras em trapos, varadas pelas balas, seguidos de um comboio sem fim de valorosos que levantarão alto as cabeças feridas e ligadas, no meio de una multidão delirante que os cobrirá de flôres, de bençãos e de beijos.

Tu comprehenderás o amor da patria, e sentirás a patria, Henrique. E é tão grande, tão sagrada, ella, que se um dia eu te visse voltar são e salvo de uma batalha combatida por ella; a ti, que és a minha carne, a ti que és a alma minha; e se soubesse que tuhas salvado a villa por teres fugido do perigo e da morte, eu, teu pae, eu, teu amor, eu que te acolho com um grito de alegria quando voltas da escola, eu receber-te-hia com um soluço de amargura, não poderia mais amar-te nem mais ver-te, e morreria miseravelmente com esse punhal no coração.

Inveja

Quarta-feira, 25.

A melhor de todas as composições sobre a *Patria* foi a de Derossi. E Votini que estava seguro de obter a primeira medalha? Eu poderia ainda gostar de Votini, apesar da sua vaidade e dos seus luxos, mas agora que estou junto delle no banco, faz-me mal vêr a inveja que elle tem de Derossi. Estuda, mas não pôde competir com elle, não o pôde, de nenhum modo: o outro sâbe dez vezes mais; e Votini morde-se nos dedos de raiva. Carlos Nobis tambem lhe tem inveja, mas tem tanta soberba no corpo que, mesmo por soberba, não a dá a perceber. Votini, ao contrario, vae-se trahindo, queixa-se dos pontos em casa, e vae dizer que o mestre faz injustiças; e quando Derossi responde ás perguntas tão prompto e tão bem, elle perturba-se, abaixa a cabeça, finge que não ouve, ou então arremeda um ri-

so, mas um riso amarello. Todos o sabem já, e quando o mestre elogia Derossi, voltam-se os olhares para Votini, que se mostra damnado; e até o pedreirinho faz-lhe o *focinho de lebre*.

Esta manhã, por exemplo, fez uma das suas. O mestre entra na escola e annuncia o resultado do exame dizendo: « Derossi, dez pontos e a primeira medalha ». Votini deu um grande espirro. O mestre olhou-o, era facil comprehendel-o.

—Votini, disse-lhe, não deixes entrar no teu corpo o demonio da inveja ; é uma serpente que roe o cerebro e corrompe o coração.

Fitaram-no todos, excepto Derossi ; Votini quiz responder, mas não pôde; ficou como que petrificado, com o rosto pallido. Depois, enquanto o mestre explicava a lição, poz-se a escrever com letras grandes n'uma folha de papel : *Eu não tenho inveja dos que ganham a primeira medalha com protecções e injustiças*. Era um bilhete que queria mandar a Derossi, e entretanto via eu que os visinhos de Derossi tramavam alguma cousa, falavam-se ao ouvido, e um recortava com o canivete uma grande medalha de papel, onde tinham desenhado uma cobra. E Votini percebeu. O mestre sahiu por poucos minutos e logo os que estavam perto de Derossi levantaram-se para sahir dos bancos e vir apresentar solemnemente a medalha a Votini. Toda a aula se preparava para uma comedia. Votini tremia todo. Derossi gritou:

—Dém-m'a.

—Sim, responderam, é melhor que sejas tu quem lh'a leve.

Derossi pegou da medalha e rasgou-a em mil pedacinhos. Naquelle momento tornou a entrar o mestre e continuou a lição. Eu tinha os olhos pregados em Votini. Elle estava vermelho como uma

brasa; pegou do papel que escrevera, e de vagar, como se o fizesse por distracção, machucou-o ás escondidas, metteu-o na bocca, mastigou-o por um pouco, e cuspiu-o depois debaixo do banco. Ao sahir da escola, passando diante de Derossi, Votini, que estava ainda um pouco atrapalhado, deixou cahir um mataborrão; Derossi, delicado, apanhou-o e metteu-lh'o na carteira, ajudando-o a apertar a correia.

Votini nem ousou levantar a cabeça.

A mãe de Franti

Sabbado, 28.

Mas Votini é incorrigivel. Hontem na aula de religião, em presença do director, o mestre perguntava a Derossi se sabia de cór as duas estrophesinhas do livro de leitura:

E por onde o olhar se volva
Sempre a Deus encontrará....

—Não sei—e Votini atalhou immediatamente:— Sei eu—com um sorriso para fazer picardia a Derossi. Peior, porém, para elle, que não pôde recitar a poesia, porque neste momento entrou na escola a mãe de Franti, offegante, com os cabellos grisalhos em desordem, toda molhada de neve, e empurrando adiante de si o filho, que fôra expulso da escola por oito dias. Que triste scena essa de ver-se! A pobre mulher quasi se deitou de joelhos diante do director, juntando ás mãos em supplica:

— Oh! senhor director, faça-me este favor; torne a admitir o menino na escola! Tres dias ha que está em casa, tenho-o tido escondido, mas Deus me livre que o pae saiba isso tudo, porque o matará. Tenha

piedade de mim, senhor, que não sei mais que fazer! Peço-lh'o de todo o coração.

O director procurou conduzi-la para fóra da aula, mas ella resistia, sempre pedindo e chorando.

— Oh! se soubesse as privações que tenho passado por este filho, o senhor teria compaixão. Faça-me este favor; elle ha de mudar, eu o espero. Eu já não viverei muito; tenho a morte perto, mas quereria vel-o mudado antes de morrer porque... (e cahiu em pranto)—é meu filho, amo-o e morreria desesperada... Admitta-o ainda mais uma vez, para que não succeda alguma desgraça na familia; piedade para uma pobre muther!

E cobriu o rosto com as mãos, angustiada, soluçando. Franti estava de cabeça baixa, impassível. O director olhou para elle, esteve pensando um pouco, e em seguida disse:

— Franti, vai para o teu logar.

Então, a pobre senhora tirou as mãos do rosto, satisfeita, a dizer-se obrigada, sem deixar falar o director, e encaminhou-se para a porta, enxugando os olhos, e dizendo cousas sem nexo, atropelladamente: —Filho meu. Eu te recommendo. Tenham paciencia todos, sim?... Muito obrigada, senhor director, por essa obra de caridade; meu filho, sô bom!... Bom dia, meninos.—Muito obrigada! Até á vista, senhor mestre.—E desculpem todos uma pobre mãe.

Ainda da porta olhou com ar supplice para o filho e foi-se embora arrepanhando o chale que ia cahido, pallida, curvada, toda tremula: ouvimos-a ainda tossir já nas escadas.

O director olhou fixo para Franti, no meio do silencio absoluto da aula, e falou com uma voz de fazer tremer a todos:

— Franti, tu matas tua mãe!
Todos voltaram-se para vêr Franti.
E a peste ria-se.

Esperança

Domingo, 29.

Bello o impeto, Henrique, de lançar-te ao seio de tua mãe, quando voltavas da aula de religião. Sim, grandes e consoladoras palavras deveria tel-as dito o mestre. Deus que nos lançou uns nos braços de outros, não ha de separar-nos para sempre; quando teu pae morrer, não mais diremos aquellas tremendas e desesperadas palavras: Mamãe, papae, Henrique, não te verei nunca mais!

Vêr-nos-emos em uma outra vida, onde os que soffreram nesta, serão compensados; onde o que muito amou na terra, tornará a encontrar as almas amadas n'um outro mundo sem lagrimas e sem morte. Mães devemos tornar-nos todos dignos dessa outra vida. Ouve, filho; a tua acção boa, a tua palavra de affectos aos que te amam, cada acto de cortezia para com os teus companheiros, e cada nobre pensamento, será como que mais um impulso que te irá erguendo e te irá approximando daquelle mundo. E tambem te elevam todas as desgraças e todas as dôres, porque cada dôr é a expiação de uma culpa, e cada lagrima apaga uma nodoa. Procura cada dia ser melhor e mais amavel que no dia anterior. Dize-me todas as manhãs: Hoje quero fazer uma cousa de que a consciencia me louve, e que meu pae aprove, qualquer cousa que me faça amado deste ou daquelle companheiro, do meu mestre, de meu irmão, ou d'outro emfim. E pede a Deus que te dê força para realisares o teu proposito.

— Senhor, eu quero ser bom, eu quero ser nobre, corajoso, sincero, soccorre-me, faze que todas as noites, quando minha mãe me dá o ultimo beijo, eu possa dizer-lhe: Tu beijas esta noite um filho mais honesto e mais digno do que o que beijaste hontem.

Tem sempre no pensamento aquelle outro Henrique sobrehumano e feliz que tu poderás ver na outra vida. E résa. Não podes imaginar que doçuras experimenta, como ella se sente bem, uma mãe, quando vê o filho amado de joelhos

com as mãos postas. Quando te vejo a resar, parece-me impossível que ninguém te vigie e ninguém te esteja ouvindo. Creio então mais firmemente que existe uma bondade suprema e ha uma piedade infinita; amo-te mais, trabalho com mais ardor, soffro com mais paciencia, perdôo de toda a minha alma, e penso na morte, serena, calma, sem tribulações nem temores. Oh! Deus grande, Deus bom! Tornar a ouvir, depois da morte, a voz de minha mãe, tornar a encontrar-me com meus filhos, tornar a ver o meu Henrique, o meu Henrique abençoado e immortal, apertal-o n'um abraço que não se dissolverá mais, nunca mais, nunca mais!

Oh! résa! resemos! amemo-nos! sejamos bons, com esta celeste esperanza dentro d'alma, meu adorado filho!

Tua mãe.

FEVEREIRO

Uma medalha bem dada

Sabbado, 4.

Esta manhã veio distribuir as medalhas o inspector escolar, um senhor de barbas brancas, vestido de preto. Entrou com o director pouco antes da hora de sahida e sentou-se ao lado do mestre. Interrogou varios alumnos e depois deu a primeira medalha a Derossi; e, antes de dar a segunda, esteve a ouvir o mestre e o director, que lhe falavam em voz baixa. Todos perguntavam :

— A quem dará elle a segunda ?

O inspector disse em voz alta :

— A segunda medalha mereceu-a esta semana o alumno Pedro Precossi, mereceu-a pelos trabalhos que fez em casa, pelas lições, pela calligraphia, e pelo procedimento, por tudo.

Todos se voltaram para vêr Precossi, e via-se em todos a alegria. Precossi levantou-se muito escabriado, nem sabia mais onde estava.

— Vem cá ! — disse o inspector.

Precossi saltou do banco e foi collocar-se ao lado da mesa do mestre. O inspector olhou attento para aquella carinha côr de cêra, aquelle corpinho mettido n'umas roupas todas arrêgçadas e em desalinho, para aquelles olhos cheios de bondade e de ternura que evitavam os seus, mas que deixavam adivinhar uma historia de soffrimentos; depois com a voz cheia de carinhos prendeu-lhe a medalha ao peito :

— Precossi, dou-te esta medalha. Nenhum é mais digno do que tu de possuil-a. Não a dou tanto á tua intelligencia e á tua boa vontade; dou-a tambem ao teu coração, á tua coragem, ao teu character de generoso e bom filho. Não é verdade, accrescentou voltando-se para a aula, não é verdade que elle a merece ainda por todos esses motivos?

— Sim, sim! — responderam todos a uma voz.

Precossi fez um movimento com o pescoço como para engolir qualquer cousa, e lançou sobre toda a aula um olhar dulcissimo, que exprimia sua gratidão illimitada.

— Vae, pois, disse-lhe o inspector. — E Deus te proteja!

Era chegada a hora de sahir. A nossa classe sahiu antes das outras. Apenas tinhamos descido, á entrada, no saguão, quem haviamos nós de vêr? O pae de Precossi, o ferreiro, pallido, como de costume, carrancudo, os cabellos sobre os olhos, a carapuça pelo avesso, e mal firme nas pernas. O mestre viu-o logo e falou ao ouvido do inspector; este procurou Precossi apressadamente, e, tomando-o pela mão, levou-o para junto do pae. O rapaz tremia. O mestre e o director approximaram-se, e muitos rapazes faziam-lhe roda.

— O senhor é o pae d'este rapaz, não é verdade? — perguntou o inspector ao ferreiro, com ar alegre, como se fossem amigos. E sem esperar resposta continuou: — Pois dou-lhe os parabens. Olhe; seu filho ganhou a segunda medalha entre cincoenta e quatro companheiros; e mereceu-a pela escripta, pela composição, pela arithmetica, e por tudo. E' um menino cheio de intelligencia e de boa vontade, que ha de ir muito longe! um bravo que possui a affeição e a estima de todos. Póde orgulhar-se d'elle, eu lh'o digo.

O ferreiro, que estava a ouvil-o de bocca aberta, olhou fixamente para o inspector e para o director, e depois para o filhinho que tinha ao pé de si, com os olhos baixos, tremendo; e como se recordasse e comprehendesse n'aquelle momento, pela primeira vez, tudo quanto tinha feito soffrer áquella pobre criança, e toda a bondade, toda a heroica constancia com que ella, fraca, tudo soffrera, retratou-se-lhe de repente no rosto um pasmo estúpido, uma dôr muda e concentrada, e afinal uma ternura violenta e triste; e n'um gesto rápido lançou os braços ao pescoço do filhinho, apertou-o ao peito fortemente, convulsamente.

Passámos todos diante d'elles; e eu convidei o filho para vir á nossa casa, quinta-feira, com Garrone e Derossi. Outros cumprimentavam-o; um fazia-lhe caricias, outro tocava-lhe na medalha, e todos lhe disseram cousas alegres. E o pae olhava para nós, estupefacto, admirado, tendo sempre apertada contra o seu rude peito de operario a cabeça do filho, que soluçava.

Bons propositos

Domingo, 5.

Despertou-me um remorso aquella medalha dada a Precossi. Eu que não ganhei ainda nenhuma! De tempos para cá não estudo, ando descontente; o mestre, meu pae e minha mãe andam descontentes. Nem ao menos sinto prazer em divertir-me como d'antes, quando trabalhava de boa vontade, quando deixava a mesa do trabalho e corria para os meus brinquedos cheio de alegria, como se não tivesse brincado durante um mez! Nem á mesa, com os meus, sinto a alégria de outr'ora. Trago sempre

não sei que sombra no espirito, e ha uma voz dentro em mim que me diz continuamente: — *Assim não vae bem!*...

Quando vejo, á tarde, passar pelas ruas tantos meninos que voltam do trabalho, no meio de grupos de operarios, cansados todos, mas alegres, a apressar o passo, impacientes por chegarem á casa para jantar, fallando alto, rindo, batendo-se nos hombros uns dos outros, com as mãos negras de carvão ou brancas de cal, e penso em que elles trabalharam desde o romper do dia até aquella hora; e tantos outros, ainda mais pequenos, que passaram o dia inteiro em cima dos telhados, diante dos fornos, no meio de machinas, dentro da agua ou debaixo da terra, não comendo mais que um bocado de pão... sinto uma immensa vergonha por não ter feito em todo aquelle tempo mais que rabiscar quatro paginasinhas, e de má vontade! Ah! estou descontente, muito descontente! Vejo bem que meu pae está de máo humor, e com vontade de m'ó dizer, mas penalisa-se e espera ainda. O meu querido pae, elle que trabalha tanto! Tudo é teu, tudo o que vejo aqui, tudo o que toco, tudo o que me veste e me alimenta, tudo o que me ensina e me diverte, tudo é fructo do teu trabalho, e eu não trabalho! tudo te tem custado pensamentos, provações, desgostos, fadigas, e eu não me afadigo! Ah! não, isto é uma injustiça, isto me fere o coração. Quero principiar desde hoje, quero entregar-me ao estudo como Stardi, com os punhos e os dentes cerrados, com toda a força da minha vontade e com toda a força do meu coração; hei de vencer o sonno á noite, hei de levantar-me cedo de manhã, martellar a cabeça sem descanso, castigar a preguiça sem piedade, sem detença, afadigar-me, soffrer mesmo e cair doente, mas emfim acabar por uma vez com esta vida que

se arrasta fraca, sem vontade, que me avilta, e entristece os outros.

Coragem ! ao trabalho ! ao trabalho toda a alma, todos os nervos. Ao trabalho, que me tornará outra vez doce o meu descanso, tornará divertidos os jogos e alegre o jantar; ao trabalho, que me restituirá o bom sorriso de meu mestre e o beijo abençoado de meu pae !

⊙ trem de ferro

Sexta-feira, 10.

Precossi veio cá hontem á casa, com Garrone. Creio que, se fossem filhos de príncipes, não seriam acolhidos com mais festas. Garrone era a primeira vez que vinha, porque é um pouco urso, e envergonha-se de apparecer, por ser já crescido e estar ainda na classe elementar.

Fomos todos abrir-lhes a porta quando bateram; Crossi não veio, porque lhe tinha finalmente chegado o pae da America, ausente havia seis annos. Minha mãe logo beijou Precossi; e meu pae apresentou-lhe Garrone, dizendo:

— Eil-o, aqui está ! Este não é sómente um bom rapaz, é um homem de bem.

Garrone curvou a grande cabeça rapada, rindo para mim, ás escondidas. Precossi tinha a sua medalha e estava contente, porque o pae se poz novamente a trabalhar; e já cinco dias ha que se não embriaga, desejando tel-o sempre na officina a fazer-lhe companhia; e parece outro ! Puzemo-nos a brincar e eu mostrei todos os meus brinquedos. Precossi ficou encantado diante de meu trem de caminho de ferro, com a machina que anda por si,

dando-se-lhe corda; nunca vira cousa assim, e devorava com os olhos aquelles vagõesinhos vermelhos e amarellos.

Dei-lhe a chavezinha, para que elle também brincasse; ajoelhou-se a brincar e não levantou mais a cabeça. Nunca o vi tão alegre! e dizia sempre: — Desculpe-me!... desculpe! — a todo proposito, accenando com a mão, para que não fizesses parar a machina. E depois pegava e tornava a pôr os vagõesinhos com mil cuidados, como se fossem de vidro; tinha medo de embacial-os com o halito, limpava-os e examinava-os por cima e por baixo, rindo-se sósinho. Nós todos em pé o observavamos, olhávamos para aquelle pescoço fino, para as pobres orelhinhas, das quaes eu vira um dia escorrer sangue, para o jaquetão com as mangas arregaçadas, donde sahiam dois bracinhos de doente, que se haviam erguido tantas vezes para defender o rosto das pancadas.

Oh! n'aquelle momento eu lhe lançara aos pés todos os meus brinquedos e todos os meus livros, arrancaria da minha boca o ultimo bocado de pão para dar-lhe; ter-me-ia despido para vestil-o; cahiria de joelhos só para beijar-lhe as mãos.

Ao menos o trem quero lh'o dar, — pensei eu; mas era preciso pedir licença a meu pae. Nesse momento notei que me mettiam um pedaço de papel na mão; olhei; era escripto a lapis por meu pae, e dizia: «O teu trem agrada a Precossi. Elle não tem brinquedos. Teu coração nada te aconselha?»

Peguei na machina logo e nos vagões com ambas as mãos, e puz-lhe tudo nos braços, dizendo:

— Toma tudo, é para ti.

Elle olhou para mim, sem nada comprehender.

— E' para ti — disse eu — dou-te isso de presente.

Então elle olhou para meu pae e para minha mãe ainda mais espantado, e perguntou-me:

— Mas por que ?

Meu pae disse-lhe:

— Henrique t'ó dá porque elle é teu amigo, e porque te quer bem, para festejar tua medalha.

Precossi perguntou timidamente:

— Devo levar tudo para casa ?

— Certamente — respondemos todos.

Estava á porta e não ousava ir-se embora. Era feliz ! Pedia desculpa com os labios tremulos e sorridentes. Garrone ajudou-o a embrulhar o trem nò lenço, e inclinando-se deixou cahir os biscoitos que lhe enchiam os bolsos.

— Tambem um dia — disse-me Precossi — hei de levar-te á officina para vêr meu pae trabalhar, e hei de dar-te prégos.

Minha mãe poz uma florzinha na casa do jaquetão de Garrone, para que a dêsse á sua mamãe em seu nome.

Garrone disse com a sua voz muito grossa:

— Obrigado! — mas isto sem levantar a cabeça.

De dentro vinha illuzinar-lhe os olhos a sua alma boa e nobre.

Soberba

Sabbado, 11.

E dizer que Carlos Nobis sacode sempre as mangas com affectação, quando, ao passar, Precossi o toca.

E' a soberba em carne e osso, porque seu pae é rico. E todavia tambem o pae de Derossi é rico. Mas aquelle quizera ter um banco só para si, porque receia que os outros o sujem, e olha para todos de

cima para baixo, e sempre com um risinho de desprezo nos labios; ai do que o encontrôa quando saímos, dois a dois! Por uma cousa atôa lança em rosto uma palavra injuriosa; ou ameaça com a vinda do pae á escola, apezar d'este lhe ter dado um bom lembrete, quando chamou de pobretão ao carvoeiro.

Eu nunca vi empafia igual! Ninguem lhe fala, ninguem lhe diz adeus quando sae, e não ha um só que lhe explique a lição, quando não a sabe. Elle tambem não soffre ninguem e finge desprezar principalmente a Derossi, porque é o primeiro, e a Garrone, porque todos lhe querem bem. Derossi, porém, nem sequer olha para elle, e Garrone, quando lhe contaram que Nobis falava d'elle, respondeu:

— E' de uma soberba tão estúpida, que nem merece os meus cachações.

Tambem Coretti, um dia em que elle caçoava de seu barrete de pello de gato, lhe disse:

— Vae ter com Derossi, se queres aprender um pouco a ser delicado.

Hontem queixou-se ao mestre, porque o calabrez lhe tocara n'uma perna com o pé. O mestre do calabrez perguntou:

— Fizeste-o de proposito?

— Não senhor — respondeu francamente.

E o mestre continuou: — E' muito melindroso, Nobis! — E Nobis com a costumada: «Hei de dizer a meu pae».

Então o mestre irritou-se: — Seu pae não lhe ha de dar razão, como já o fez de outras vezes; — disse — na escola não ha senão o mestre que julga e castiga; — e depois accrescentou com doçura: — Ora vamos, Nobis, mude de maneiras, seja bom e delicado com os seus companheiros.

«Veja que ha aqui filhos de operarios e de — senhores—ricos e pobres, e todos se amam e tratam-se

como irmãos, como de feito são. Por que não ha de de fazer como os outros? Custava-lhe bem pouco fazer-se estimado de todos, e havia de andar mais satisfeito... Então, nada tem que responder-me?

Nobis, que estivera ouvindo com o seu habitual risinho de desprezo, respondeu friamente:—Não, senhor.

— Bem, sente-se, disse-lhe o mestre. Lastimo-o, porque é um menino sem coração.

Parecia ter acabado tudo; mas o pedreirinho, que está no primeiro banco, voltou a sua carinha redonda para Nobis, que está no ultimo, fez-lhe um *focinho de lebre*, tão bem feito e tão engraçado, que toda a classe cahiu em gargalhadas. O mestre reprehendeu-o, mas viu-se obrigado a tapar a bocca com a mão para esconder o riso. Nobis tambem se riu, mas era alvar o riso que lhe passara pelos labios.

As victimas do trabalho

Segunda-feira, 13.

Nobis póde emparelhar com Franti; não se comoveram esta manhã com o terrivel espectáculo que nos passou diante dos olhos. Saindo da escola, estava eu com meu pae a ver uns poucos de gaiatos da segunda, que se atiravam de joelhos em terra, esfregando o gelo com as mantas e os barretes, para tornal-o mais escorregadio, quando vimos vir do extremo da rua uma multidão de gente apressada, todos sérios e como que espantados, falando em voz baixa.

No centro vinham tres guardas municipaes, e por traz dos guardas dois homens que conduziam uma padiola.

Os meninos corriam de todos os lados e a multidão caminhava em direcção a nós. Sobre a padiola estava estendido um homem, branco, muito branco, como um cadaver, com a cabeça cahida sobre um hombro, os cabellos em desordem, ensanguentado, e sabia-lhe sangue pela bocca e pelos ouvidos; ao lado da padiola caminhava uma mulher que parecia louca, com uma criança nos braços a gritar, chorando de momento a momento.

— Morto! Está morto! exclamaram. Seguia um rapaz com a pasta debaixo do braço, soluçando.

— Que foi que houve? perguntou meu pae.

Alguem que estava perto, respondeu que um pedreiro cabira d'um quarto andar, quando trabalhava.

Os portadores da padiola descansaram um momento. Muitos voltaram o rosto horrorisados.

Vi a mestra de penna vermelha, que amparava a sua collega da primeira superior, quasi desmaiada, e ao mesmo tempo senti que me tocavam no cotovello.

Era o pedreirinho, pallido, que tremia da cabeça aos pés.

Pensava em seu pae de certo.

E eu tambem me lembrei d'elle.

Felizmente tenho a alma em paz quando estou na escola, porque sei que meu pae está em casa sentado á escrevaninha, longe de qualquer perigo; mas quantos dos meus companheiros não pensam nos paes que trabalham sobre pontes altissimas ou perto das rodas das machinas, onde um gesto, um passo em falso, póde-lhes custar a vida! São como os tantos filhos dos soldados que têm os paes na guerra. E o pedreirinho olhava, olhava cada vez mais, tremia; e meu pae, reparando nelle, disse:

— Vae, vae para casa, vae para casa de teu pae, que lá o acharás bom e tranquillo, vae!

O pedreirinho foi-se, mas voltando-se para traz a cada passo. Entretanto a multidão poz-se de novo em movimento, e a mulher gemia, a cortar a alma: «Está morto! Está morto!»

— Não, não, não está morto, diziam-lhe de todas as partes.

Mas ella a nada attendia e arrancava os cabellos. Nisto ouvi uma voz indignada que disse: Tu te ris! e voltando-me vi um homem barbado a olhar para Franti, que se ria ainda. Então o homem das barbas atirou-lhe o barrete ao meio da rua com um safanão, dizendo:

— Descobre-te, perverso, quando passa uma victima do trabalho.

A multidão havia já passado: listrava a rua, ao meio, um longuissimo rastro de sangue.

O preso

Ah! este é de certo o caso mais extraordinario de todo o anno.

Meu pae levou-me hontem de manhã aos arredores de Moncalieri, onde ia vêr uma chacara que se alugava para o verão proximo; porque este anno não vamos mais para Chieri. Soube-se lá que quem tinha a chave era um mestre que serve de secretario ao senhorio. Mostrou-nos a casa toda, depois levou-nos ao seu gabinete, onde nos deu de beber. Havia sobre a escrevaninha, entre alguns copos, um tinteiro de madeira em fórma de funil, esculpido de modo singular. Vendo que meu pae o analysava, o homem disse-lhe:

— Este tinteiro me é muito precioso. Se o senhor soubesse a historia desse tinteiro... E contou-a.

Annos ha, era elle mestre em Turim, e foi durante todo o inverno dar lições aos presos das cadeias. Dava lição na igreja da cadeia, que é um edificio redondo, e ao redor, pelas paredes altas e núas, havia janellinhas quadradas, vedadas por duas barras de ferro em cruz, e a cada uma dellas correspondia uma cella pequenina e apertada. Elle dava lições passeando pela igreja fria e escura, e os presos debruçavam-se naquellas aberturas, com os cadernos de encontro ás reixas, não se vendo mais que os rostos na sombra, rostos descarnados e tetricos, as barbas grisalhas e maltratadas, os olhos fixos de homicidas e de ladrões. Havia entre elles um, o n. 78, que era o mais attento de todos, estudava muito, e olhava para o mestre com olhos cheios de respeito e gratidão.

Era um homem moço, de barba preta, mais desgraçado que perverso; marceneiro, que n'um impeto de colera tinha atirado com uma plaina contra o mestre, que o havia pouco antes reprehendido, ferindo-o mortalmente na cabeça, e por isso foi condemnado a alguns annos de prisão.

Em tres mezes tinha aprendido a lér e a escrever, e lia continuamente, e quanto mais aprendia, mais parecia tornar-se bom e arrepende-se do seu crime.

Um dia, ao terminar a lição, fez signal ao mestre para chegar-se á grade, e annunciou-lhe com tristeza que na manhã seguinte partiria de Turim para ir cumprir sentença n'um dos carceres de Veneza; e dizendo-lhe adeus pediu com voz humilde e commovida que consentisse em lhe apertar a mão.

O mestre deu-lhe a mão, e elle a beijou soffrego, e depois disse:

— Obrigado, muito obrigado.

E retirou-se. O mestre retirou a mão, que estava banhada de lagrimas. Depois disso nunca mais o viu.

Passaram-se seis annos.

Eu pensaria em tudo menos naquelle desgraçado, disse o mestre, quando hontem de manhã me apparece em casa um desconhecido, com uma barba preta, crescida, já com alguns fios brancos, mal vestido, que me perguntou:

— E' o senhor o mestre fulano de tal?...

— Quem é o senhor? perguntei-lhe eu.

— Sou o preso n. 78. Ensinou-me a ler e a escrever ha seis annos. Não se recorda? Na ultima lição deixou-me apertar a mão. Acabei de cumprir a minha sentença e aqui estou para lhe pedir que me faça o favor de aceitar uma lembrança minha, uma cousa que fiz na prisão. Não quer aceitar esta lembrança, senhor mestre?

E eu fiquei absorto sem poder falar. Elle pensava que eu lhe não queria aceitar a offerta, olhou para mim como se quizesse dizer:—Seis annos de soffrimentos não são ainda bastantes para me purificarem as mãos? E olhou-me com tão viva expressão de dôr, que eu estendi logo a mão e tomei o tinteiro. Eil-o, ahi; é esse.

Examinámos detidamente o tinteiro: parecia ter sido trabalhado com a ponta de um prego com extrema paciencia; estava na parte superior esculpida uma penna atravessada sobre um caderno, e escripto em volta:—« *Ao meu mestre. Lembrança do n. 78. Seis annos!* »

E por baixo em lettras miudinhas: « *Estudo e esperança.* » O mestre não disse mais nada e sahimos.

Mas por todo o tracto de Moncalieri a Turim não podia sahir-me da cabeça um momento aquelle prisioneiro debruçado na grade, aquelle adeus ao mestre e aquelle pobre tinteiro trabalhado no carcere, que dizia tantas cousas. Sonhei com elle de noite, e ainda esta manhã pensava n'elle... Quão longe estava eu da surpresa que me esperava na escola!

Mal entrei e me sentei no meu novo banco ao lado de Derossi, e depois de escripto o problema de arithmetica para o exame mensal, contei ao meu companheiro toda a historia do condemnado e do tinteiro, e como o tinteiro era feito, e como tinha uma penna atravessada sobre o caderno e aquillo que estava escripto em volta : *Seis annos!*

Derossi, a taes palavras, ficou estupefacto e principiou a olhar, ora para mim, ora para Crossi, o filho da quitandeira, que estava no banco da frente com as costas voltadas para nós, todo abstracto a vêr o seu problema.

— Scio!... disse logo em voz baixa, agarrando-me por um braço Não sabes? Crossi disse-me ante-hontem que viu de relance um tinteiro de madeira nas mãos de seu pae, que chegou da America, um tinteiro afunilado feito á mão, com um caderno e uma penna, e a inscripção *Seis annos*, e disse-me mais que o pae estivera na America, quando onde elle esteve, sim, foi na cadeia. Crossi era criança quando o pae commetteu o delicto, não se recorda, e a mãe trouxe-o sempre enganado; elle tudo ignora. E' preciso não nos escape uma palavra a este respeito.

Eu fiquei mudo, com os olhos fregados em Crossi. e Derossi, resolvendo o problema, passou-lh'o por baixo do banco, deu-lhe uma folha de papel e tomou-lhe das mãos o *Enfermeiro de Tata*, historia mensal que o mestre lhe dera para copiar, com o fim de fazer por elle o trabalho; e deu-lhe tambem pennas, e acariciou-o, pousando-lhe brandamente as mãos nos hombros; e fez com que eu lhe dêsse a minha palavra de honra de não dizer a ninguem cousa alguma do que sabia. Emquanto sahiamos da escola, disse-me apressadamente :

— Hontem o pae veiu buscal-o, é provavel que tambem venha hoje. Procede como eu.

Na rua, lá estava o pae de Crossi, um pouco re-trahido a um canto; era um homem de barba negra um pouco grisalha, mal vestido, com o rosto macilento e pensativo. Derossi apertou a mão de Crossi de modo que todos vissem bem, dizendo em voz alta : «Ate á vista, Crossi,» e passou-lhe as mãos pelas faces.

Eu fiz o mesmo. Mas Derossi e eu ficámos ambos muito vermelhos ; e o pae de Crossi olhou-nos attentamente com um olhar benevolo, mas em que transluzia uma expressão irrequieta de suspeita, que nos gelou o coração.

❶ enfermeiro de Tata

(CONTO MENSAL)

Era uma manhã chuvosa em dia de março. Um menino vestido de camponez, todo encharcado e enlameado, sobraçando uma trouxa de roupa, chegava ao *Hospital dos Peregrinos*, de Napoles. e perguntava ao porteiro por seu pae, apresentando ao mesmo tempo uma carta.

Tinha um bello rosto oval, de um moreno pallido, os olhos pensativos e dois grossos labios semiabertos, deixando ver a brancura dos dentes. Chegava de uma aldeia dos arredores de Napoles. O pae partira de casa havia um anno, para ir procurar trabalho em França, e voltara á Italia. Desembarcando em Napoles pouco antes, e ahi adoecendo repentinamente, apenas tinha tido tempo de escrever algumas linhas á familia, annunciando-lhe a sua chegada e dizendo que entrava no hospital. A mu-

lher, afflicta com essa noticia, não podendo sahir de casa, porque tinha uma filhinha enferma e outra de peito, mandara a Napoles o filho mais velho com algum dinheiro no bolso, para ir fazer companhia ao pae, ao seu *Tata*, como lá se diz. O rapaz andara dez milhas. O porteiro passou os olhos pela carta, chamou um enfermeiro, e disse-lhe que conduzisse o rapaz ao pae.

— Que pae ? perguntou o enfermeiro.

O menino, tremendo com receio de uma triste noticia, disse o nome do pae. O enfermeiro não se recordava d'aquelle nome.

— Um velho operario que veiu de fóra ? perguntou.

— Sim, um operario, respondeu o rapaz cada vez mais ancioso, mas não é muito velho ; veiu de fóra, é verdade.

— E entrou no hospital, quando ? perguntou o enfermeiro.

O rapaz correu os olhos pela carta, e disse :

— Há cinco dias, creio.

O enfermeiro esteve a pensar um pouco, e depois, como que recordando-se de repente, disse :

— Ah ! sim . . . no quarto salão . . . na ultima cama.

— Estará muito doente ? Como está elle ? — perguntou anciosamente o rapaz.

O enfermeiro olhou para elle sem responder. Passados momentos, disse :

— Vem commigo.

Subiram dois lances da escada, e, seguindo até o fim de um largo corredor, acharam-se em frente da porta aberta de um salão, onde se alongavam duas filas de leitos.

— Vem, repetiu o enfermeiro entrando.

O rapaz cobrou animo e seguiu-o, lançando olhares receiosos para a direita e para a esquerda, sobre

os rostos pallidos e cadavericos dos doentes, alguns dos quaes tinham os olhos fechados e pareciam mortos, e outros olhavam fixamente para o tecto com os olhos abertos e espantados. Alguns gemiam como crianças. O salão estava escuro; o ar impregnado de um aroma forte de remedios.

Duas irmãs de caridade iam e vinham com garrafas de medicamentos. Chegando ao fundo do salão, o enfermeiro parou á cabeceira de um leito, e, abrindo as cortinas, disse :

— Aqui está teu pae.

O rapaz desatou a chorar, e, largando a trouxa, deixou cair a cabeça sobre o hombro do doente, agarrando-lhe com uma das mãos no braço que tinha estendido, immovel, sobre a coberta.

O doente não se mexeu. O rapazito levantou-se, olhou para o pae, e rompeu de novo em pranto.

Então o doente volveu-lhe um olhar longo, demorado e pareceu reconhecê-lo. Mas os seus labios não se moviam. Pobre Tata! como estava mudado! O filho não o teria mais reconhecido. Tinham-se-lhe branqueado os cabelos, crescera-lhe a barba; inchára-lhe o rosto, tomando uma côr vermelha carregada, com a pelle esticada e lustrosa, os olhos esmorecidos, os labios grossos, a physionomia toda alterada; do seu não tinha mais que a fronte e o arco das sobrancelhas. Respirava difficilmente.

— Tata, meu Tata! disse a criança, sou eu, não me conheces! Sou Cecilio, o teu Cecilio, que veio agora de casa, e foi a mamãe que me mandou. Olha bem! não me reconheces? Dize-me uma palavra ao menos.

Mas o doente, depois de tel-o fixado attento, fechou os olhos.

— Tata! Tata! que tens? olha, sou eu, sou o teu filho, o teu Cecilio.

O doente não se mexeu mais e continuou a respirar com ancia.

Então o rapaz, chorando, puxou uma cadeira, sentou-se e ficou esperando, sem levantar os olhos do rosto do pae. Algum medico ha de vir á visita (pensava) e elle me dirá alguma cousa. E mergulhou-se nos seus tristes pensamentos, recordando tantas cousas do seu bom pae; o dia da partida d'elle, quando lhe dera o ultimo adeus a bordo, as esperanças que fundára a familia n'aquella viagem, a desolação de sua mãe á chegada da carta; e pensou na morte d'elle; viu-o morto, a mãe vestida de preto, a familia na miseria. E esteve assim muito tempo. Afinal uma mão tocou-lhe de leve no hombro e fel-o estremecer : era uma religiosa.

— Que tem meu pae ? perguntou-lhe logo.

— E' teu pae ? disse a irmã docemente.

— E' sim meu pae, e eu vim... Mas que tem elle ?

— Coragem, meu filho, respondeu a irmã, logo virá o medico. E foi-se embora sem dizer mais nada.

D'ahi a meia hora ouviu o toque de uma campainha e viu entrar na extremidade do salão o medico, acompanhado de um assistente ; seguiam-n'o uma irmã e um enfermeiro. Principiaram a visita, parando em cada leito. A espera parecia eterna ao rapaz, e a cada passo do medico lhe crescia a ansiedade. Finalmente, chegára ao leito visinho. O medico era um velho alto, e já curvado, de ar grave. Antes que se afastasse do leito visinho, o rapaz levantou-se; e quando o medico se aproximou, poz-se a chorar. O medico olhou para elle:

— E' o filho do doente — disse a irmã — chegou esta manhã d'á sua terra.

O medico passou-lhe a mão pelo hombro e depois, inclinando-se sobre o doente, tomou-lhe o pulso,

apalpou-lhe a testa, e fez algumas perguntas á irmã, que respondeu :

— Nada de novo.

Ficou um momento pensativo, dizendo em seguida :

— Continue como eu disse.

Então o rapaz cobrou coragem e perguntou com a voz cheia de lagrimas :

— Que é que meu pae tem ?

— Cria animo meu filho, respondeu o medico torcendo a passar-lhe a mão pelos hombros. Teu pae tem uma erysipela na face. E' grave, mas ainda ha esperanza. Assiste-o, que a tua presença ha de fazer-lhe bem.

— Mas elle não me reconhece ! exclamou o rapaz n'um tom angustioso.

— Ha de reconhecer-te... amanhã talvez. Esperemos sempre e cria coragem.

Quizera bem o rapaz perguntar mais ; mas não se atreveu. O medico passou adiante. E o rapaz começou então a sua vida de enfermeiro. Não podendo fazer mais, arranjava as cobertas, tocava de vez em quando na mão do doente, enxotava-lhe as moscas e inclinava-se sobre elle a cada gemido, e, quando a irmã lhe trazia o remedio, tirava-lhe da mão o copo ou a colher, e era elle que o propinava. Encarava-o o doente uma vez ou outra ; mas não dava signal de reconhecê-lo. Apenas o seu olhar se detinha cada vez mais sobre elle, especialmente quando o via levar o lenço aos olhos. Assim passou o primeiro dia. A' noite o rapaz dormiu em cima de duas cadeiras, n'um canto da enfermaria, e de manhã recommçou o seu piedoso officio. N'esse dia pareceu-lhe que os olhos do doente começavam a revelar uns começos de consciencia.

A' voz acariciadora do rapaz parecia que uma expressão vaga de gratidão lhe brilhava a momentos nas pupillas ; e de uma vez moveu um pouco os labios, como se quizesse dizer alguma cousa. Sempre depois de curta modorra reabrindo os olhos parecia procurar o seu pequeno enfermeiro. O medico passando duas vezes, notou que ia melhorando. A' tarde, chegando-lhe um copo á boca, o rapaz julgou ver desabrochar um ligeirissimo sorriso nos seus labios entumecidos. Principiou então a animar-se e a esperar. E sappondo que era comprehendido, embora confusamente, falava-lhe, falava-lhe muito, da mãe, das irmãs pequenas. da volta para casa, e animava-o com palavras amorosas e meigas.

E supposto duvidasse muitas vezes de ser realmente comprehendido, no emtanto falava-lhe sempre, porque lhe parecia que, embora o doente o não entendesse, ouviria com prazer a sua voz repassada d'uma entonação sem igual, de ternura e de tristeza. E assim, passou-se o segundo dia, o terceiro, o quarto, n'uma alternativa de ligeiras melhoras e de recaídas: e o rapaz, alli, vivia absorto nos seus cuidados, apenas tomava duas vezes ao dia um pouco de pão e um pouco de queijo, que a irmã lhe levava, e nem dava fé do que se passava ao pé d'elte, nem dos enfermos moribundos, nem do correr inesperado das irmãs, de noite; nem do pranto e actos de desolação dos visitantes que sahiam sem esperanças. Todas aquellas scenas dolorosas e lugubres da vida d'um hospital, certo, em qualquer outra occasião o teriam aturdido e aterrorisado. E as horas e os dias iam-se indo, e elle sempre alli como o seu Tata, attento, solícito, tremendo a cada suspiro, a cada olhar, mobil, sem repouso, entre uma esperança que lhe consolava a alma, e um desconforto que lhe confrangia o coração. No quinto dia, o

doente repentinamente peiorou. O medico, interrogado, abanou a cabeça, como quem dizia estar tudo acabado, e o rapaz deixou-se cahir sobre a cadeira, rompendo em soluços. E, comtudo, uma cousa o consolava. Comquanto peiorasse, parecia-lhe que o doente ia lentamente readquirindo um pouco de intelligencia. Encarava o rapaz agora mais fixamente e com uma expressão crescente de doçura; não queria beber, nem tomar remedios a não ser pela mão d'elle, fazia mais vezes um movimento forçado dos labios, como se quizesse pronunciar uma palavra, e ás vezes de modo tal o fazia. que o pequeno lhe segurava o braço violentamente e embalado por uma repentina esperança dizia-lhe quasi com alegria:—Coragem! coragem, Tata! Has de ficar bom, iremos ver mamãe, aninno!

Eram quatro horas da tarde, justamente quando o rapaz se entregava a um d'aquelles impetos de ternura e de esperança, quando, ouvindo de lá, da porta mais proxima da enfermeira, um rumor de passos, e logo em seguida em voz forte estas unicas palavras—Até á vista, irmã! —deu um pulo e soltou um grito suffocado, estrangulado na garganta. Ao mesmo tempo entrou na enfermaria um homem com uma grande trouxa na mão, seguido de uma irmã de caridade. O rapaz soltou um grito agudo e ficou pregado ao logar. O homem voltou-se e encarando-o um momento: Cecilio! exclamou. — E correu direito para elle. O rapaz caiu nos braços de seu pae, suffocado. As irmãs, os enfermeiros, o assistente, de todos os lados correram e ficaram allí, estupefactos! O rapaz não podia falar.

— Oh! meu Cecilio! exclamou o pae, depois de ter olhado attentamente para o doente, beijando e tornando a beijar o rapaz, meu querido filho! Como! Pois conduziram-te á cama d'outro? Já desesperava

de te não vêr. Eu be... sabia pela carta de tua mãe que vieras, pobre Cecilio ! Ha quantos dias estás tu aqui ? que confusão foi esta ?... Estive vae não vae, mas sinto-me forte, sabes ? E a mamãe ? e a Conceição-sinha ? e o nêê ? como vão todos ? Eu saio já do hospital... vamos ! Ah ! meu Deus ! quem o teria dito !

Ao rapaz custou-lhe balbuciar quatro palavras para dar noticias da familia, depois : — Oh ! como estou contente ! Como estou satisfeito ! Mas que dias horriveis tenho passado ! E não cessava de beijar o pae. E nem se movia.

— Anda d'ahi ! — disse-lhe o pae. Ainda esta tarde chegaremos á nossa casa... Vamos ! e puxou-o para si.

Mas o filho volveu o olhar para o doente.

— Então ? vens ou não vens ? perguntou-lhe o pae espantado.

O rapaz dirigiu ainda um olhar ao enfermo que n'aquelle momento abriu os olhos e fitou-o. Rebentou-lhe então d'alma uma torrente de palavras :

— Não, Tata, espera... vê... não posso... E aquelle velho que alli está ? Ha cinco dias que estou junto d'elle. Procura-me sempre com os olhos. E eu pensava que eras tu. Já lhe queria bem... Olha. Sou eu quem lhe dá os remedios e sinto que me deseja sempre a seu lado ; agora está elle muito mal. Tem paciência, mas eu não tenho animo, faz-me muita pena. Voltarei á casa amanhã ; deixa que eu fique aqui mais um pouco, não devo abandonal-o. Vê, vê de que maneira elle me está olhando ! Eu não sei quem é ; mas sinto que me estima ; morreria só : deixa-me ficar, meu querido Tata.

— Muito bem, meu rapaz ! gritou o assistente.

O pae ficou perplexo, olhou para o filho e depois para o enfermo.

— Mas... quem é elle ? perguntou.

— E' um camponez como o senhor, respondeu o assistente. Veiu da fóra e entrou para o hospital no mesma dia em que o senhor entrou. Trouxeram-o aqui, porque estava sem sentidos, e não póde até agora dizer nada. Tem talvez alguma familia distante, tem filhos. Cuida talvez que este é algum dos seus.

O doente tinha sempre os olhos no rapaz. O pae disse a Cecilio : Fica !

— Não terá de ficar por muito tempo, murmurou o assistente.

— Fica, repetiu o pae, tens bom coração. Eu vou já á casa para livrar tua mãe de cuidados. Toma lá um escudo para as tuas necessidades. Adeus, meu querido filho ! Até á vista.

Abraçou-o, fitou-o, beijou-o de novo na testa, e partiu.

O rapaz voltou para a cabeceira da cama e o enfermo pareceu ficar mais consolado. Cecilio continuou a servir-lhe de enfermeiro, não chorando mais, mas com a mesma solicitude, a mesma paciencia que d'antes ; continuou a dar-lhe de beber, a endireitar-lhe a roupa da cama, a acariciar-lhe a mão, a falar-lhe com doçura, a animal-o. Assistiu-lhe o dia todo, toda a noite, e estivera sempre ao lado d'elle todo o dia seguinte. O doente, porém, ia sempre a peor, o rosto tornara-se côr de violenta, a respiração pesada, e a agitação augmentava sempre ; da boca sahiam-lhe sons inarticulados e a inflamação tornava-se monstruosa. Na visita da tarde, o medico disse que não passaria d'aquella noite. Cecilio redobrou de cuidados, e não o perdeu de vista um só minuto. O doente conservava sempre os olhos fitos n'elle ; movia ainda os labios, de quando em quando, com grande esforço como se quizesse dizer

alguma cousa e uma expressão de doçura extraordinaria illuminava-lhe de tempos a tempos os olhos, que se iam escurecendo e desmaiando aos poucos. N'aquella noite, o rapaz velou-lhe á cabeceira até que viu atravéz das janellas os primeiros alvares da aurora, e apparecer a irmã.

A irmã abeirou-se do leito, olhou um momento para o enfermo, e saiu a passos rapidos, voltando logo com o medico assistente e com um enfermeiro que trazia uma lanterna.

— Está agonisando, disse o medico.

O rapaz tomou a mão do moribundo. Este abriu os olhos, fitou-o e tornou a fechal-os.

Nesse momento, pareceu ao rapaz ter sentido um aperto de mão, e exclamou :

— Apertou-me a mão !

O medico debruçou-se sobre o doente, observando-o, e ergueu-se logo. A irmã de caridade desprezou da parede um crucifixo.

— Morreu! exclamou o rapaz.

— Vae, filho, respondeu o medico. A tua santa obra está terminada. Vae e sê feliz, que bem o mereces. Deus te protegerá. Adeus !

A irmã, que se afastara um momento, voltou com um raminho de violetas, tirado d'um copo que estava na janella, e entregou-o ao rapaz, dizendo :

— Não tenho outra cousa para te dar. Guarda bem isso, é uma lembrança do hospital.

— Obrigado, respondeu o rapaz tomando as flores com uma das mãos e enxugando os olhos com a outra; mas tenho tanto que caminhar a pé . . . que murcharão de certo! E soltando as violetas, espalhou-as pelo leito dizendo :

— Deixo-as em recordação ao meu pobre morto. Obrigado, irmã; obrigado, senhor doutor. Depois voltando-se para o morto—Adeus! E enquanto pro-

curava o nome que lhe havia de dar, subiu-lhe do coração aos labios o nome que lhe dera durante cinco dias :

— Adeus, pobre Tata!

E, dizendo isso, metteu debaixo do braço a sua trouxa de roupa e, a passos lentos, extenuado, cansado, partiu. Pelo céu de ouro, a manhã vinha rompendo...

A officina

Sabbado, 18.

Precossi hontem á tarde veiu lembrar-me a visita á sua officina, que é em baixo, na rua; e esta manhã, saindo com meu pae, parámos lá um momento. Estavamos já a entrar na officina e sahia della Garoffi, o correr, com um capote na mão, e voava, enfunado o seu grande pacote que lhe cobre os generos de trafico. Ah! agora já sei onde vae elle buscar a limalha de ferro que troca por jornaes velhos! o traficante de Garoffi!

Chegando á porta, vimos Precossi sentado sobre um monte de tijolos, a estudar a lição com o livro nos joelhos.

Levantou-se logo e fez-nos entrar.

Era um armazem cheio de pó de carvão, com as paredes todas cheias de martellos, tenazes, alavancas e ferramentas de todas as fórmas; a um canto ardia rubro o fogo de uma forja, com um folle a soprar, movido por um menino. Precossi pae estava junto da bigorna, e um aprendiz sustentava uma barra de ferro mettida no fogo.

— Eil-o aqui, disse o ferreiro, apenas nos viu, tirando a carapuça, o bravo mocinho que faz presen-

tes de trens de caminhos de ferro... Com que então veio vêr trabalhar um pouco, não é verdade? Pois vae já ser servido.

E, dizendo isto, sorria, e não tinha já aquelle aspecto sombrio, nem aquelles olhos vesgos d'outr'ora. O aprendiz apresentou-lhe uma longa vara de ferro, vermelha e candente n'uma ponta, e o ferreiro pol-a na bigorna. Estava fazendo uma dessas grades em voluta, que servem de parapeito nos terraços. Levantou um grande martello e começou a bater, voltando a parte rubra ora de um, ora de outro lado, entre uma ponta e o centro da bigorna, girando com a vara de varios modos; era uma maravilha vêr como, sob golpes rapidos e certos, o ferro se encurvava e retorcia, e ia tomando, aos poucos, a fórma graciosa, encrespada de uma flôr, como um pedaço de massa que elle modelasse á mão. E no emtanto o filho olhava para nós com um certo ar altivo, como se quizesse dizer: Então vêem como meu pae trabalha! — Então, viu como eu trabalhei? perguntou-me o ferreiro quando acabou, mostrando-me a vara de ferro que parecia o baculo de um bispo.

Depois pol-a de parte, e metteu uma outra vara no fogo.

— Na verdade, está muito bem feita, disse-lhe meu pae. E accrescentou: Com que então trabalha-se... hein? Voltou a vontade antiga.

— Voltou, sim, respondeu o operario enxugando o suor e corando um pouco. E sabe quem m'a fez voltar?

Meu pae fingiu que não o entendia. — Foi aquelle bom rapaz, disse o ferreiro apontando com o dedo para o filho, aquelle bom filho, que estudava honrando seu pae, emquanto que o pae andava na vadiagem e o tratava como um animal... Quando vi

aquella medalha... Ah ! meu magricella mais fino que uma fatia de queijo, vem cá, vem cá, deixa lá vêr esse focinho.

O rapaz correu direito a elle, e o ferreiro pol-o em pé sobre a bigorna, segurando-o por debaixo dos braços e dizendo :

— Anda. Limpa um pouco a cara a este animalão de teu pae.

E então Precossi cobriu de beijos o rosto enfaruscado do pae, e ambos ficaram com a mesma cara toda tisonada.

— Ficas bem assim... disse-lhe o ferreiro e tornou a apeal-o.

— Sim, muito bem, com certeza, Precossi! exclamou meu pae, satisfeito.

E feitas as despedidas ao ferreiro e ao filho, saímos. Já fóra, o pequeno Precossi disse-me :

— Desculpe-me — e metteu-me na algibeira um pacotinho de prégos. Eu convidei-o para vir vêr de nossa casa o carnaval.

— Tu presenteaste-o com o teu trem de ferro, pelo caminho adiante disse-me meu pae ; fosse elle de ouro e carregado de perolas, ainda seria um pequeno presente para aquella santa creaturazinha, que fez nascer de novo o coração paterno.

● palhaçozinho

Segunda-feira, 20.

Toda a cidade está em reboliço com o carnaval, que se vae acabando ; em todas as praças se erguem barracas de saltimbancos e cavallinhos ; e nós temos debaixo da janella um circo de lona, onde dá

espectaculos uma pequena companhia veneziana, com cinco cavallos. O circo é no meio da praça e n'uma esquina ha tres carroções onde os saltimbancos dormem e se mascaram. São tres casas com rodas, janellas e uma chaminé que fumega sempre; e entre as janellinhas veem-se fraldas de crianças, a seccar. Ha uma mulher que amamenta uma criança, cozinha e dança na corda. Pobre gente! e para muitos o nome saltimbancos é uma injuria; e comtudo elles ganham o pão honestamente, divertindo aos mais. E quanto não se afadigam!

Em todo o dia, correm do circo para as carroças mal vestidos de malha, por este frio; e comem uns dois bocados, de fugida, ás carreiras, em pé, entre uma e outra representação; e ás vezes, quando está á o circo cheio de gente, levanta-se uma ventania que arranca o toldo, apaga as luzes, e adeus espectáculo! e elles têm então de restituir o dinheiro e andam toda a noite a endireitar a barraca. Ha dois rapazes pequenos que trabalham; meu pae reconheceu o mais novo, quando atravessara a praça.

E' filho do dono do circo, o mesmo que vimos fazer habilidades a cavallo, o anno passado, na praça Victor Manuel. Está crescido; terá já oito annos, e é uma linda criança de carinha redonda, trigueira, muito viva, cabellos negros, em profusão de anneis que lhe caem em torno do chapéo, afunilado.

Anda vestido de palhaço, mettido dentro de uma especie de sacco com mangas, branco, bordado de preto, e com sapatos de lona.

E' um diabinho. Não ha quem não goste delle. Faz tudo.

Vemol-o embrulhado n'um chale, de manhã cedo, levando leite para a sua casa de madeira; depois vae buscar os cavallos á cocheira da rua Bertola,

anda com o pequerrucho ao collo, transporta os arcos, os cavalletes, as barras e as cordas: limpa e varre os carroções, accende o fogo; e nos momentos de descanso está sempre agarrado á mãe. Meu pae vê-o sempre da janellia, e fala muito delle e dos seus, que todos parecem ser boa e quererem bem aos filhos.

Uma noite, fomos ao circo: fazia frio, não havia quasi ninguem, e todavia o palhaçozinho fazia toda a diligencia para alegrar aquella pouca gente dalli; dava saltos mortaes, agarrava-se á cauda dos cavallos, caminhava com as pernas para o ar, sózinho, e cantava, sempre a rir-se com a sua carinha morena e bonitinha; o pae, que vestia casaca vermelha, calções brancos, de botas altas, de chicote na mão. olhava para elle; mas estava triste. Meu pae teve pena delles, e falou a seu respeito, no dia seguinte, com o pintor Deliis, que veio visitar-nos. Aquella pobre gente mata-se a trabalhar e faz tão máo negocio! Gostava tanto daquella criança! Que se poderia fazer em seu favor?

O pintor teve uma lembrança.

— Escreve um bom artigo para a *Gazeta*, disse-lhe, tu que sabes escrever. Conta as proezas do palhaçozinho, e eu faço-lhe o retrato; e como todos lêem a *Gazeta*, arranja-se-lhe, ao menos por uma vez, uma enchente.

E assim se deu. Meu pae escreveu um bello artigo cheio de graça, que contava tudo o que nós viamos da janella, e que dava vontade de conhecer e applaudir o pequeno artista, e o pintor esboçou um retrato muito parecido e gracioso, que saiu publicado no sabbado de tarde. E d'ahi, no espectáculo de domingo, correu ao circo grande multidão de curiosos.

Estava annuciado: — Representação em beneficio do Palhaçozinho — do *Palhaçozinho*, como lhe

chamava a *Gazeta*. Meu pae levou-me para os primeiros logares. Junto á entrada haviam pregado a *Gazeta*. O circo estava repleto e muitos espectadores tinham o jornal na mão e mostravam-n'cao beneficiado, que ria e pulava de um lado para o outro, todo feliz. Tambem o director estava contente. Façam idéa! Nunca jornal nenhum lhe fizera tanta honra, e a gaveta encheu-se. Meu pae sentou-se ao meu lado, e entre os espectadores vimos pessoas conhecidas. O mestre de gymnastica, aquelle que andou com Garibaldi, estava proximo á entrada dos cavallos; e em frente a nós, nos segundos logares, o Pedreirinho, com a sua carinha redonda, sentado ao lado do gigante do pae; e apenas me avistou, fez-me de já o *focinho de lebre*. Um pouco mais adiante estava Garoffi, que contava os espectadores, calculando pelos dedos quanto poderia ter ganho a companhia. Estava tambem nos logares de primeira ordem, pouco mais adiante de nós, o pobre Robetti, o que salvou a criança do bond, com as suas muletas entre os joelhos, muito junto ao pae, capitão de artilharia, que lhe pousava a mão sobre o hombro. Principiou a representação.

O palhaçozinho fez o diabo a quatro em cima do cavallo, no trapezio e na corda, e sempre que saltava a baixo, todos davam palmas, e muitos lhe puxavam, brincando, pelos longos anneis do cabello. Depois deram sorte os outros funambulos, pelotiqueiros e picadores, vestidos de farrapos, numa scintillação de ouro e pedraria falsa. Mas quando o palhaçozinho não estava na praça, parecia que o publico se aborrecia. Em certo momento vi o mestre de gymnastica parado, perto da entrada dos cavallos; falava ao ouvido do director do circo e este logo correu a vista pelos espectadores, como se procurasse alguém.

E o seu olhar fixou-se em nós.

Meu pae entendeu e percebeu logo que o mestre dissera ser elle o autor do artigo ; e, para evitar agradecimentos, foi saindo, dizendo-me :

— Fica, Henrique ; espero-te lá fóra.

O palhaçozinho, depois de ter trocado algumas palavras com o pae, fez ainda um exercicio, de pé sobre o cavallo, a galopar, trajou-se quatro vezes de peregrino, de marinheiro, de soldado e de acrobata, e todas as vezes que passava perto, olhava-me.

Depois, quando desceu, principiou a andar ao redor do circo com o chapéo de palhaço entre as mãos, e todos lhe iam atirando moedas e confeitos. Eu tambem já tinha na mão dois soldos, mas quando chegou diante de mim, em vez de apresentar-me o chapéo, retirou-o, olhou-me e passou adiante.

Fiquei mortificado. Por que teria elle para comigo tal desconsideração ?

A representação acabou-se emfim, o director agradeceu ao publico, e toda a gente se levantou, agglomerando-se na sahida. Eu ia perdido na multidão, e estava já perto da rua, quando senti que me tocavam na mão. Voltei-me ; era o palhaçozinho com a sua bella carinha morena, e os seus anneis de cabellos pretos, que sorria para mim, e tinha as mãos cheias de confeitos. Então, comprehendi tudo :

— *Quererás, disse elle, aceitar estes confeitos do palhaçozinho ?*

Eu fiz com a cabeça que sim, e tirei uns tres ou quatro.

— *Então, accrescentou ainda, vae tambem um beijo ?*

— *Dá-me dois,* respon'di, e apresentei-lhe a face. E elle limpou com a manga a cara enfarinhada,

poz-me um braço em volta do pescoço e deu-me dois beijos nas faces :

— *Leva um para ti teu pae.*

● ultimo dia de carnaval

Terça-feira, 21.

Triste a scena que vimos hoje na corrida dos mascaradas !

Acabou bem, felizmente, mas podia haver uma grande desgraça.

Na praça de S. Carlos, toda decorada de galhardetes amarellos, vermelhos e brancos, atropellava-se uma grande multidão ; iam e vinham mascaradas de todas as côres, rodavam carros dourados e embandeirados, em fôrma de pavilhões, de theatrinhos e de barcos, cheios de arlequins e de guerreiros, de cozinheiros, de marinheiros, e de pastorinhas ; era tal a confusão que nem se sabia para onde se devia olhar ; era um estrondear de trombetas, de clarins e de pratos turcos que arrebetavam os ouvidos, e os mascaradas, dos carros, bebiam e cantavam, apostrophando a gente de pé, e as pessoas das janellas respondiam á queima-roupa, atirando com furia branjas e confeitos, e acima dos carros e da multidão, até onde a vista chegava, viam-se fluctuar bandeirinhas, faiscar os capacetes, tremular os penachos, agitarem-se enormes cabeças de papelão, toucados gigantescos, tubos enormes, armas extravagantes, tambores, cascaveis, barretes vermelhos, e garrafas ; todos pareciam doidos ! Quando a nossa carruagem entrou na praça, ia adiante de nós um carro magnifico tirado por quatro cavallos, cobertos de gualdrapas recamadas de rosas artificiaes, sobre o qual iam quatorze ou quinze *senhores*, mascarados

de gentis-homens da côrte de França, todos resplendentes de sedas, com cabelleiras brancas, chapéos de pluma debaixo do braço, espadim, laço de fitas e rendas ao peito; bellissimos! Cantavam todos juntos uma cançoneta franceza e lançavam doces ao povo, e o povo, gritando, batia palmas.

De repente, vimos á nossa esquerda um homem levantar ao ar, por cima das cabeças da multidão, uma criancinha de cinco ou seis annos, uma pobrezinha que chorava desesperadamente, agitando os braços, em convulsões.

O homem abriu caminho até ao carro dos fidalgos; um d'estes inclinou-se, e o homem disse alto:

— Tome conta desta menina; ella perdeu a mãe, no meio da multidão: traga-a nos braços, a mãe não estará longe e vel-a-á. Não ha outro meio.

O gentil-homem tomou a menina nos braços, e todos os outros cessaram de cantar; a criança berava e debatia-se: elle tirou a mascara, e o carro continuou a andar vagarosamente. Nesse momento, segundo depois nos disseram, na extremidade oposta da praça uma pobre mulher rompia o povo, acotovelando, empurrando a todos e gritando:

— Maria! Maria! Maria! Perdi a minha filha! roubaram-m'a! mataram-n'a! minha pobre Maria!

Um quarto de hora havia que se estorcia e desesperava andando de uma parte para outra, apertada pela multidão, que a custo se abria para ella passar. O fidalgo do carro, no emtanto, tinha a criança apertada contra as fitas e as rendas do peito; e girando a vista pela praça procurava socegar a pobre

menina, que cobria o rosto com as mãos, não sabia onde estava, e soluçava de modo a cortar o coração. Estava commovido, e via-se bem que aquelles gritos lhe feriam dentro na alma.

Todos os seus companheiros offereciam á menina laranjas e confeitos, mas ella repellia tudo, cada vez mais espantada e convulsa.

— Procurem a mãe, gritava do carro, dirigindo-se ao povo. Procurem a mãe!

E todos se voltavam á direita e á esquerda, mas não se achava a mãe da criança. Finalmente, a poucos passos da embocadura da rua de Roma, viu-se uma mulher correr para o carro... Ah! nunca mais poderei esquecel-a! Nem parecia mais uma creatura humana, tinha os cabellos soltos, o rosto desfigurado, rotos os vestidos; lançou-se estertorando em gritos, que se não comprehendia bem se eram de alegria, de angustia ou de raiva, e estendeu as mãos fortes como duas garras para empolgar a filha. O carro parou.

— Eil-a, disse o gentil-homem apresentando a criança, e depois de a ter beijado pol-a nos braços da mãe, que a apertou ao seio com furia.

Mas uma das mãosinhas da criança ficou ainda alguns instantes presa ás mãos do fidalgo, e este, tirando então do dedo um anel de ouro com um grande diamante, enfiou-o rapidamente no dedinho da criança.

— Toma! será o teu dote de esposa.

A mãe quedou-se alli, pasma; o povo rompeu em applausos, e elle tornou a pôr a mascara e os seus companheiros recommencaram o canto. E o carro lentamente partiu, no meio de uma tempestade rumorosa de palmas e de vivas.

Os meninos cegos

Quarta-feira, 22.

O meu mestre está muito doente, e mandaram para substituí-lo o da 4ª classe, que fôra professor no Instituto dos Cegos; é o mais velho de todos, tão branco que parece ter na cabeça uma cabelleira de algodão; fala de certo modo, como se cantasse uma canção melancolica, mas fala bem e sabe muito. Mal entrou na escola, vendo um menino com um olho vendado, approximou-se d'elle e perguntou-lhe o que tinha.

— Muito cuidado com os olhos, disse.

E então Derossi perguntou-lhe :

— E' verdade, senhor mestre, que o senhor já foi mestre dos cegos ?

— Fui, sim, por muitos annos.

E Derossi disse a meia voz :

— Conte-nos alguma cousa...

O mestre foi sentar-se á mesa.

Coretti disse alto :— O Instituto dos Cegos é na rua Nizza.

— Vós dizeis cegos, cegos... falou o mestre, como se dissesseis pobre ou que sei eu? Compreendeis bem o significado dessa palavra? Reflecti um pouco: cegos! não ver cousa nenhuma, nunca! Não distinguir o dia da noite; não vêr nem o céu, nem o sol, nem os proprios paes, nada de tudo aquillo que está em volta de nós e em que se toca; viver immerso n'uma obscuridade perpetua, e como sepultado nas profundezas da terra! Experimentae um momento, cerraes os olhos, e lembrae-vos de que podieis ficar sempre assim; uma tortura subito se apossará de vós, e um terror a que vos seria

impossível resistir, vos obrigaria a gritar e morre-riais ou ficariéis loucos.

E comtudo, pobresinhos! quando se entra pela primeira vez no Instituto dos Cegos, á hora de recreio, e se ouvem violinos e flautas de todas as partes, e falam alto e riem, subindo e descendo escadas a passos apressados, girando livremente pelos corredores e dormitórios, ninguém dirá serem elles tão desventurados como realmente são.

E' preciso observal-os bem. Ha moços de dezeseis e dezoito annos, robustos e alegres, que soffrem a sua cegueira como desenvoltos, e quasi despreocupados; mas comprehende-se pela expressão resentida e altiva dos rostos, que devem ter soffrido tremendamente antes de se resignarem áquella desventura. Ha outros de rosto pallido e suave, onde se vê uma grande resignação e adivinha-se que algumas vezes, em segredo, devam chorar ainda. Ah! filhos meus! Lembrai-vos de que alguns delles perderam a vista em poucos dias, outros depois de longos annos de martyrio e de muitas operações chirurgicas terriveis, e que muitos assim nasceram n'uma noite que nunca mais teve aurora para elles, e entraram no mundo como se entrassem n'um sepulchro immenso, e não sabem como seja formado o rosto humano!

«Imaginae quanto não terão soffrido, quanto ainda devem soffrer, pensando assim confusamente na differença tremenda que existe entre elles que não vêem nada, e os outros que vêem tudo, perguntando a si mesmos:—Por que esta differença, se não temos culpa alguma?—Eu que tenho passado muitos annos entre elles, quando me lembro d'aquella escola, de todos aquelles olhos apagados para sempre, todas aquellas pupilas sem olhar e sem vida, e ólho depois para vós outros, parece-me impossível que não sejaes

todos felizes. Reparai : ha aqui cerca de vinte e seis mil cegos, na Italia. Vinte e seis mil pessoas que não vêem a luz ; entendei bem. Um exercito que gastaria quatro horas a desfilar debaixo das nossas janellas.

O mestre calou-se : não se sentia nem uma respiração na escola. Derossi perguntou se era verdade que os cegos têm o tacto mais apurado do que nós.

— E' verdade, sim, disse o mestre, todos os outros sentidos se aperfeçoam nelles, e a razão é que, devendo todos juntos supprir o da vista, são mais e melhor exercitados do que os daquelles que vêem.

De manhã, nos dormitorios, pergunta um a outro :

— Faz sol? e o que é mais ligeiro em vestir-se corre immediatamente ao páteo ; agita as mãos no ar para sentir se ha calor de sol, e corre a dar a boa nova :

— Faz sol...

Pela voz de qualquer pessoa fazem idéa da sua estatura. Nós avaliamos a coragem de uma pessoa pelos olhos ; elles, pela voz ; e recordam-se da entonação e do accento d'ella, por muitos annos. Conhecem se n'uma sala está mais do que um individuo, ainda que um só fale e os outros se conservem immoveis. Conhecem pelo tacto se uma colhérestá pouco ou muito limpa. As crianças differencam a lâ tingida d'aquella que tem a côr natural. Passando dois a dois pela rua distinguem quasi todas as lojas pelo cheiro, mesmo aquellas em que nós não sentimos cheiro algum. Jogam o pião e ouvindo o zunido que elle faz, girando, vão direitos apanhal-os sem se enganarem.

Correm com arcos, jogam a bola, saltam a corda, fazem casinhas com pedras, colhem violetas como

se as vissem; fazem estojos e cestinhas, entrânçando palhas de varias côres, depressa e bem, tão exercitado têm elles o tacto! O tacto é nelles a vista. Um dos maiores prazeres para elles, é o de apalpar, de apertar e de adivinhar a fórmula dos objectos, tacteando-os. E' commovente vê-los quando os levam ao museu industrial, onde lhes deixam pôr a mão em tudo quanto querem, e ver com que alegria se apoderam dos instrumentos geometricos, dos modelinhos de casas, de todos os instrumentos, e com que satisfação apalpam, esfregam e reviram entre as mãos todas as cousas para vêr como são feitas! E elles dizem — *vêr*.

Garoffi interrompeu o mestre para lhe perguntar se era verdade que os rapazes cegos aprendem a fazer contas, melhor dos que os outros.

—E' verdade, sim, respondeu o mestre. Aprendem a fazer contas e a lêr. Ha livros feitos de proposito com as letras em relevo; pas-am-lhes os dedos por cima, reconhecem-as e dizem as palavras, e lêem correctamente. E é preciso vêr-se como elles, coitadinhos, coram quando commettem algum erro. E escrevem tambem, mas sem tinta; escrevem sobre um papel grosso e duro com um ponteiro de metal, abrindo pontinhos agrupados, segundo um alphabeto especial, cujos signaes apparecem em relevo no reverso do papel, de modo que, voltando o papel e passando os dedos por cima d'aquellas saliencias, lêem o que escreveram, e assim tambem o que os outros escrevem: e dest'arte elles fazem composições e se correspondem.

Pelo mesmo systema escrevem algarismos e fazem calculos.

Calculam bem de cór e com uma facilidade incrível, porque se não distraem com vêr outras cousas como a nós succede. E se visseis, como elles são

apaixonados por ouvir lèr; como estão attentos; e como depois se recordam de tudo; como discutem uns com os outros — até os pequenos — acerca de cousas de historia e de lingua, sentados todos aos quatro e aos cinco no mesmo banco, sem se voltarem uns para os outros, e conversando o primeiro com o terceiro, o segundo com o quarto, em voz alta e todos juntos, sem perderem uma só palavra, de tal modo têm o ouvido agudo e prompto! Dão mais importancia aos exames e afeiçãoam-se mais aos mestres do que vós; eu vol-o asseguro.

Reconhecem o mestre pelos passos e pelo cheiro; percebem se está de bom ou máo humor, se está doente ou são, e isto só pelo som de suas palavras: querem muito que elle lhes ponha a mão quando os anima e os louva, e apalpam-lhe tambem as mãos e os braços para exprimir-lhe a sua gratidão.

E querem-se bem uns aos outros e são bons companheiros. Nas horas de recreio, os que se juntam em grupo são sempre os mesmos.

Na secção das meninas, formam grupos, segundo os instrumentos que tocam, as violinistas, as pianistas e as que tocam flauta; e nunca se separam. Quando se afeiçãoam, é difficil separal-os. Elles acham um grande conforto na amizade. Julgam-se sem paixão entre si. Têm uma noção clara e profunda do bem e do mal. Ninguem se exalta como elles contando um acto generoso ou um grande feito.

Votini perguntou se tocavam bem.

— Amam a musica ardentemente, respondeu o mestre. Ella é a sua alegria e a sua vida, a musica. Crianças cegas, mal entram no *Instituto*, são capazes de estar tres horas immoveis, de pé, a ouvir tocar. Aprendem facilmente e tocam com paixão.

Quando o mestre diz a algum que não tem vocação para a musica, esse passa grande desgosto e mette-se a estudar desesperadamente ! Ah ! se ouvísseis a musica lá dentro, se os visseis quando elles tocam com a cabeça erguida, os sorrisos nos labios, o rosto incendiado, tremulos de commoção, extaticos quasi, escutando, apanhando as harmonias que elles atiram na escuridão infinita que os circumdam, comprehenderíeis então que consolação divina é essa da musica !

Regosijam-se e illuminam-se de felicidade quando um mestre lhes diz : — Tu serás um artista ! Para elles o primeiro na musica, o que sobresahe a todos no piano ou no violino, é como um rei ; e amam-o e veneram-o !

Se dois discutem, recorrem a elle como juiz ; se dois amigos se desaveem, é elle quem os reconcilia. Os mais pequenos a quem elle ensina a tocar, tratam-o como pae. Antes de se irem deitar, vão todos dar-lhe a boa noite. E falam continuamente de musica. Estão já na cama, de noite, tarde, quasi todos cansados do estudo e do trabalho e meio adormecidos. e discorrem ainda em voz baixa sobre operas, *maestros*, instrumentos e orchestra. E é um castigo bem grande para elles prival-os da leitura ou da lição de musica, e soffrem tanto, que quasi não ha coragem de castigal-os assim, outra vez. O que a luz é para os nossos olhos, é a musica para o coração d'elles.

Derossi perguntou se não se podia ir vel-os.

— Póde-se, sim, respondeu o mestre — mas vós, rapazes, não deveis lá ir por ora. Ireis mais tarde, quando estiverdes no caso de comprehender toda a piedade que elles merecem. E' um espectáculo triste, meus filhos ! Vereis lá algumas vezes rapazes sen-

tados junto a uma janella aberta gozando o ar fresco com a cara immovel, que parece que olham para a grande planicie verde e as bellas montanhas azues que nós vemos ; e ao pensar que não vêem nada, e que nunca verão cousa alguma de toda essa immensa belleza, confrange-se-lhe a alma, como se ficassem cegos n'aquelle mesmo instante. E ainda os cegos de nascença, nunca tendo visto o mundo, nada têm que lastimar, porque não têm a imagem de cousa nenhuma e excitam por isso menos compaixão. Mas ha rapazes cegos de poucos mezes, que se recordam ainda de tudo e avaliam bem tudo o que perderam ; esses têm mais a dôr de sentir que se lhes vão escurecendo na mente, dia por dia, as imagens mais queridas ; de sentir que se lhes vão morrendo e se apagando na memoria as pessoas mais amadas. Um d'estes dizia-me uma vez, com tristeza inexprimivel : — Quizera ter vista uma vez um só momento apenas, para tornar a ver as feições de minha mãe, de que já não me lembro ! » E quando a mãe vae visital-os, põem-lhe as mãos no rosto, alpalpam-a muito desde a testa até ao queixo, e as orelhas, para sentir como ella é feita ; quasi se não persuadem que não podem vê-la, e chamam-lhe pelo nome muitas vezes, como para rogar-lhe que se deixe vêr, que se mostre uma vez ao menos. Quantos visitantes (mesmo aquelles de coração duro) não saem de lá chorando !

E quando a gente sae d'alli parece ser nossa essa excepção, esse immerecido privilegio de vêr os homens, as casas e o céu. Oh ! nenhum de vós, estou certo, saindo do Instituto dos Cegos, não se sentiria disposto a privar-se um pouco da propria vista, para dar qualquer cousa, um vislumbre ao menos áquellas pobres crianças, a essas para quem o sol não tem luz, e as mães não têm semblantes.

Ⓢ mestre enfermo

Sabbado, 25.

Hontem, de tarde, ao sair da escola, fúí visitar o meu mestre doente. De muito trabalhar, adoeceu.

Ci co horas de lição por dia, mais una hora de gymnastica, depois mais duas horas na escola nocturna, o que quer dizer dormir pouco, comer ás carreiras e esfalfar-se de manhã á noite!

E arruinou a saúde. Assim disse minha mãe. Minha mãe ficou esperando por mim em baixo no portal; subi só, e encontrei na escada o mestre das barbas grandes, pretas, Coatti, o que mette medo a todo mundo e não castiga a ninguem; olhou para mim com os seus grandes olhos, e rugindo imitou, ao passar, a voz do leão, por brincadeira, mas sem se rir.

Eu me ria ainda puxando a campainha no quarto andar, mas fiquei logo triste, quando a creada me fez entrar n'uma pobre alcova, meio escura, onde estava o meu mestre deitado, n'uma pequena cama de ferro; tinha crescidas as barbas. Poz a mão sobre os olhos para vêr melhor, e exclamou com a sua voz affectuosa:

— Olá, Henrique!

Approximei-me do leito, e elle, pousando-me a mão em cima no hombro, disse:

— Muito bem, meu filho! Fizeste bem em vir visitar o teu pobre mestre. Estou reduzido a esse estado que vês, meu caro Henrique. Como vae a escola? Como vão os companheiros? Tudo bem, ein? mesmo sem mim. Não faz por lá nenhuma falta o velho mestre, não é certo?

Eu queria dizer que não, mas elle interrompeu :

— Sei bem que não me queres mal.

E suspirou.

Eu olhava para umas photographias suspensas á parede:

— Vês, disse-me elle, são todas de crianças que ha vinte annos para cá me têm dado os seus retratos. Uns bons rapazes! são as minhas memorias da vida. Quando eu morrer, o meu derradeiro olhar dal-o-hei a elles, a todos esses vadios entre os quaes passei a minha existencia. Tu tambem me has de dar o teu retrato, não é verdade? quando tiveres acabado os primeiros estudos.

Depois pegou n'uma laranja que tinha sobre a mesa de cabeceira e deu-m'a, dizendo:

— Não tenho outra cousa para dar-te. E' um mimo de doente.

Eu olhava para elle e tinha o coração triste, não sei porque.

— Olha lá, continuou a falar, eu espero escapar d'esta, mas se não melhorar mais, vê se te fazes mais forte na arithmetica, que é o teu fraco. Faze um esforço, não se trata senão de um primeiro esforço; porque ás vezes não é falta de aptidão, é um preconceito, é como se dissesse uma idéa fixa.

Mas, dizendo, isto, respirava difficilmente, e via-se que soffria.

— Tenho uma má febre, disse suspirando; já vae a meio caminho. Nota o que te digo; insistir na arithmetica e nos problemas. Não os resolves á primeira? Descança um pouco e torna a principiar. Não consegues ainda? Recomeça novamente? Torna a descansar e torna a repetir. E assim por diante, mas tranquillamente, sem impaciencia. Vae. Recommendações a tua mamãe. E não tornes a subir estas es-

cadás, havemos de nos vêr na escola; mas se assim não fôr, recorda-te algumas vezes do teu mestre da *terceira*, que foi muito teu amigo.

A essas palavras, não pude deixar de chorar.

— Chega-te cá, disse elle.

Eu inclinei a cabeça sobre o travesseiro, e elle beijou-me os cabellos. Depois disse:

— Vael — E voltou o rosto para a parede.

E voei pelas escadas abaixo, porque eu sentia necessidade de abraçar minha mãe.

A rua

Sabbado, 25.

Observava-te eu da janella, esta tarde, quando voltavas da casa do mestre; dêste um encontrão n'uma senhora. Toma cuidado quando andares pela rua. Alli tambem ha deveres. Se medes os teus passos e teus gestos n'uma casa particular, por que não has de fazer o mesmo na rua, que é a casa de todos? Repara, Henrique. Todas as vezes que encontrares um velho tropego, um pobre, uma mulher com uma criança nos braços, um aleijado com suas muletas, um homem com um fardo, uma familia vestida de luto, cede-lhe o passo com respeito; nós devemos respeitar a velhice, a miseria, o amor de mãe, a enfermidade, a fadiga e a morte.

Todas as vezes que vires uma pessoa de quem inapercebidamente se approxima um carro, desvia-a. se fôr uma criança, e avisa se fôr um homem; pergunta sempre á criança sosinha que chora, o que é que ella tem, e apanha a bengala do ancião que a deixa cair. Se dois meninos brigarem, separa-os; se forem dois homens, afasta-te, e não assistas ao spectaculo da violencia brutal que offende e endurece o coração. E quando passar um homem preso no meio de guardas, não juntes á tua a curiosidade cruel da multidão: elle pôde ser um innocençe. Cessa de falar com o teu companheiro e de sorrir, quando encontrares uma maca de hospital, que conduz talvez um moribundo, ou um carro mortuario, porque amanhã um igual pôde sair de tua casa. Olha com reverencia para todos os meninos dos Institutos, que passam dois a dois: são os cegos, mudos, rachiticos,

orphãos e crianças abandonadas; e lembra-te que são a desventura e a caridade humana que passam. Finge sempre não ver o individuo que tem uma deformidade repugnante ou ridicula. Apaga sempre os phosphoros accesos que encontras debaixo dos teus passos e que podem custar a vida a outros. Responde sempre com amabilidade ao transeunte que te perguntar onde fica uma rua. Não olhes para pessoa alguma rindo, nem corras sem necessidade, nem grites. Respeita a rua. A educação de um povo julga-se, antes de tudo, pelo comportamento d'esse povo na rua.

Onde vires a villania nas praças, encontrarás a villania dentro das casas. Estuda as ruas, estuda a cidade onde vives; se amanhã fores forçado a deixal-a, has de alegrar-te tendo-a bem presente na memoria e podendo-a percorrer toda com o pensamento. A tua cidade, tua pequena patria, aquella que foi por tantos annos o teu mundo, onde déste os primeiros passos ao lado de tua mãe; onde experimentaste as primeiras emoções; onde primeiro choraste, abriste o espirito ás primeiras idéas; onde emfim tiveste os primeiros amigos: essa foi mãe para ti; instruiu-te, protegeu-te. Estuda-a nas suas ruas e na sua gente, e ama-a bem, e quando ouvires injurial-a, defende-a.

Teu Pae.

MARÇO

As escolas nocturnas

Quarta-feira, 1.

Meu pae levou-me hontem ás escolas nocturnas da nossa secção Baretto, que estavam já todas illuminadas. Os operarios começavam a entrar.

Ao chegarmos encontrámos o director e os mestres aborrecidos, porque pouco antes haviam quebrado com uma pedrada um vidro da janella. O bedel sahio á rua, e agarrou um menino que passava; mas logo se apresentou Stardi, que mora defronte da escola, e disse:

— Não foi esse, eu vi com os meus olhos. Foi Franti quem atirou a pedra, e disse: «Ai de ti se contares alguma cousa!» Mas eu não tenho medo d'elle.

O director declarou que Franti ia ser expulso para sempre. Entretanto, ia eu olhando para os operarios que entravam aos dois e aos tres, juntos, e já lá havia mais de duzentos!

Não imaginava quanto era bella uma escola nocturna!

Havia moços de doze annos para cima e homens barbados, que vinham do trabalho, trazendo livros e cadernos, carpinteiros, foguistas com a cara negra, pedreiros com as mãos brancas de cal, serventes de pedreiros com os cabellos enfarinhados, e sentia-se o cheiro de verniz, de couros, de peixe, de azeite, de todos os officios. Entrou tambem uma companhia de operarios de artilharia, vestidos de soldados, conduzidos por um cabo. Enfileiraram-se todos, á pressa, nos bancos, tirando a tábua debaixo,

onde nós costumamos pôr os pés, e curvando logo a cabeça sobre o trabalho. Alguns iam ao mestre pedir explicações com os cadernos abertos. Vi lá aquelle mestre, muito moço, que anda sempre muito bem vestido, e *Advogadinho*, com tres ou quatro operarios em volta da escrevaninha, fazendo-lhes correções na escripta, e vi tambem aquelle outro côxo, que ria mostrando o tintureiro, que lhe levava um caderno todo manchado de tinta vermelha e azul.

Estava tambem o meu mestre, já restabelecido, e que deve voltar amanhã á escola. As portas da aula estavam abertas.

Fiquei maravilhado, quando principiaram as lições, ao vêr como todos se conservavam attentos e de olhos fixos.

E comtudo a maior parte d'elles, dizia o director, para não chegarem tarde, nem ao menos passaram por casa para comer um bocado de pão, e tinham fome. Os pequenos, esses, depois de meia hora de escola, cahiam de somno; alguns até adormeciam com a cabeça encostada á banca, e o mestre ia acordal-os fazendo-lhes cócegas nas orelhas com a penna. Mas os grandes estavam bem despertos, com a bocca aberta, ouvindo a lição sem pestanejar.

A mim fazia-me impressão vêr todos aquelles homens barbados nos nossos bancos. Subimos depois ao outro andar e, indo eu logo direito á porta da minha aula, vi, no meu logar, um homem com grandes bigodes e uma das mãos entrapada, talvez por se ter ferido em alguma machina; e todavia procurava meios de escrever, de vagar. Mas o que mais me agradou, foi vêr no logar do Pedreirinho, exactamente na mesma banca e no mesmo canto, seu pae, aquelle pedreiro grande como um gigante, que lá estava, sem poder mexer-se, com os coto-

vellos sobre a banca, a barba apoiada nos punhos, e os olhos sobre o livro, tão attento que nem respirava.

E não estava alli por simples coincidência. Elle proprio, na primeira noite que veiu á escola, disse ao director:

— Senhor director, ha de fazer-me o prazer de collocar-me no lugar do meu *focinho de lebre*. (Porque assim é que elle chama ao filho...)

Meu pae entreteve-se alli até ao fim, e quando sahimos, vimos na rua muitas mulheres com crianças ao collo, que esperavam os maridos. Os operarios pegavam os filhos nos braços, e davam ás mulheres os livros e os cadernos, e assim iam para casa. A rua esteve por alguns momentos cheia de gente e de rumor. Depois tudo cahiu em silencio e não vimos mais que a figura esguia e curva do director que se ia embora.

A luta

Domingo, 5.

†

Era de esperar: Franti, expulso pelo director, quiz vingar-se e esperou Stardi em uma esquina, depois da sahida da escola, quando elle passava com a irmã, que vai buscar todos os dias a um Instituto da rua Dora Grossa. Minha irmã Silvia, sahindo do collegio, viu tudo, e chegou á casa cheia de susto.

Eis o que aconteceu. Franti, com o seu barrete de oleado, achatado, á banda sobre uma orelha, correu nas pontas dos pés atraz de Stardi e, para o provocar, puxou pela trança dos cabellos da irmã; puxão tão forte, que quasi a deitou por terra, de costas.

A menina deu um grito e o menino voltou-se logo. Franti, que é muito mais alto e mais forte do que Stardi, pensava:—ou elle não respinga ou bategel-o-ei a valer. Mas Stardi não se demorou a pensar, e, assim pequeno como é, arremessou-se de um salto sobre o grandalhão, e começou a socal-o; porém como era menos possante, apanhava mais do que dava. Na rua não havia senão meninas e ninguém podia separal-os. Franti atirou-o ao chão, porém Stardi ergueu-se logo e investiu de novo; mas Franti batia-lhe como n'uma porta; n'um momento arrancou-lhe metade de uma orelha, machucou-lhe um olho, e fez-lhe deitar sangue pelo nariz. Mas Stardi, forte, rugia:

— Mata-me; mas has de pagar-me.

E Franti, de cima, aos bofetões e pontapés; e Stardi, de baixo, correspondia com cabeçadas e murros.

Uma senhora gritou da janella:

— Bravo, rapaz!

Diziam outros:

— E' um irmão que defende sua irmã... Coragem! Dá-lhe, dá-lhe sem pena.

E gritavam a Franti:

— Perverso, covarde!

Franti estava furioso; passou-lhe uma rasteira. Stardi cahiu por baixo d'elle.

— Rende-te!

— Não!

— Rende-te!

— Não!

E n'um pulo conseguiu Stardi levantar-se e cingindo Franti pela cintura e fazendo um furioso esforço, atirou-o de costas na calçada, e poz-lhe um joelho no peito.

— Ai que o infame puxa por uma faca! gritou um homem correndo para desarmar Franti.

Mas Stardi, fóra de si, já lhe tinha agarrado no braço com ambas as mãos e dado na mão uma tal mordidela, que a faca cahira-lhe, e da mão escorria sangue. N'este meio tempo, acudiram outros que os separaram e levantaram; Franti foi-se safando, muito mal tratado; e Stardi ficou com a cara arranhada e um olho pisado, mas vencedor, alli, ao lado da irmã, que chorava, enquanto que algumas raparigas apanhavam os livros e os cadernos espalhados pela rua.

— Bravo! — diziam todos — defendeu sua irmã!

Mas Stardi occupava-se mais da sua carteira do que da victoria, e poz-se logo a examinar, um por um, os livros e os cadernos, a vêr se tinha algum perdido ou roto; limpou os com a manga, guardou a penna, poz cada cousa no seu logar; depois, tranquillo e sério como sempre, disse á irmã:

— Vamos depressa, que te ho que resolver um problema das quatro operações.

Os parentes dos meninos

Segunda-feira, 6.

Esta manhã estava o grande Stardi, pae, á porta da escola, á espera do filho, com receio de que este se encontrasse outra vez com Franti. Mas Franti não apparecerá mais, dizem, porque vai ser preso. Entre outros via-se tambem o vendedor de lenha, o pae de Coretti, completo retrato do filho, esbelto, alegre, com os seus bigodinhos pontudos e uma fita de duas côres na casa do paletó. Eu já vou conhecendo quasi todos os paes dos rapazes, por vêl-os ali sempre. Ha

uma avó, corcovada, de coifa branca, que vem quatro vezes ao dia, quer chova, nevisque ou haja tempestade, trazer e buscar um seu netinho da *primeira superior*; péga-lhe no capote, enfia-lh'ó, endireita-lhe a gravata, sacode-lhe a poeira, penteia-o e guarda-lhe os cadernos... Vê-se que ella não tem outra preocupação, nem vê cousa mais bella neste mundo. Tambem apparece muitas vezes o capitão de artilharia, pae de Robetti, aquelle das muletas que salvou a criança do omnibus; e assim como todos os companheiros do filho o saúdam ao passarem diante d'elle, tambem elle retribue do mesmo modo; e não ha exemplo de esquecer-se d'um; — inclina-se para todos; e quanto mais pobres são e mal vestidos, mais satisfeito fica, e mais lhes agradece. Mas ás vezes vêem-se cousas bem tristes.

Um senhor que não apparecia havia mais d'um mez, porque lhe morrera um filho, e mandava o outro pela criada, voltando hontem pela primeira vez, e tornando a ver a classe e os companheiros do seu pequeno morto, rempeu em soluços, cobrindo o rosto com as mãos; e o director, tomando-o por um braço, conduziu-o ao seu gabinete.

Ha paes e mães que conhecem pelo nome todos os companheiros dos filhos, meninas da escola visinha e escolares do gymnasio que vêm esperar os irmãos.

Ha um senhor velho que foi coronel, e quando algum pequeno deixa cahir um caderno ou uma penna, apanha e entrega-lh'a. Vêem-se tambem senhoras bem vestidas, que falam a respeito da escola, com outras de *fichú* na cabeça e cesta no braço, e dizem:

— Ah! foi terrivel, d'esta vez, o problema.

— A lição de grammatica parecia não ter fim hoje!

E quando ha um doente na classe, todos o sabem; quando o doente melhora, todos se alegram. Ainda esta manhã oito ou dez senhoras e operarios estavam em volta da mãe de Crossi, a quitandeira, a pedir-lhe noticias de um pobre pequeno, da classe de meu irmão, que mora na mesma casa e está em perigo de vida. E' que torna todos amigos e iguaes, a escola.

❶ numero 78

Quarta-feira, 8.

Hontem á tarde, vi uma scena commovente. Havia já muitos dias que a quitandeira, todas as vezes que passava por Derossi, olhava-o sempre com expressão de grande affecto ; isso porque Derossi, depois que fez a descoberta do tinteiro e do prisioneiro numero 78, principiou a estimar muito seu filho Crossi, o dos cabellos ruivos e do braço paralytico, ajudando-lhe a fazer o trabalho na escola, suggerindo-lhe as respostas e dando-lhe papel, pennas e lapis; em summa, fazendo o que faria a um irmão, e isso para compensal-o da desgraça que aconteceu ao pae e que elle nem sabe.

E por isso a quitandeira olhava com insistencia para Derossi; parecia não poder desprender os olhos d'elle, porque é uma boa mulher que vive toda para seu filho, a quem Derossi auxilia para que faça boa figura na aula. Derossi, que é um *senhor* e o primeiro da escola, parece-lhe a ella um rei, um santo. Olhava sempre para elle, parecia querer dizer-lhe alguma cousa, mas acanhava-se. Mas hontem

de manhã, finalmente, encheu-se de coragem e fel-o parar diante de um portão, dizendo-lhe:

— Perdôe-me, *senhor*, que tão bom é, e tanto bem quer a meu filho, faça-me o prazer de aceitar esta pequena lembrança de uma pobre mãe (e tirou da cesta de hortaliça uma caixinha de cartão branco e dourado).

Derossi corou e recuou, dizendo resolutamente:

— Dê-a a seu filho, que eu não aceito nada.

A mulher ficou muito vexada e pediu desculpa balbuciando:

— Eu não pensava offendel-o; a caixinha não tem senão caramelos.

Derossi continuou a dizer que não, abanando a cabeça. Então timidamente ella tirou da cesta um mólhinho de rabanetes, e disse:

— Aceite-os que são muito fresquinhos, faça favor de os levar á sua mamãe.

Derossi sorriu, e respondeu:

— Muito obrigado, não aceito, não quero cousa nenhuma; e esteja certa que farei sempre tudo o que puder por Crossi. Nada posso aceitar. Muito obrigado, e agradeço-lhe como se aceitasse.

Derossi disse-lhe que não, que não, sorrindo; e seguiu o seu caminho, enquanto a mulher clamava toda contente:

— Oh! que mocinho este! Nunca vi nenhum tão bom, nem tão bonito assim!

Parecia tudo terminado, quando, ás quatro da tarde, em vez da mãe de Crossi, aproximou-se de Derossi o pae com o seu semblante pallido e melancolico, fel-o parar, e pelo modo porque o enamorava comprehendí logo que suspeitava ter Derossi conhecimento do seu segredo.

Olhou-o fixamente, e disse com voz triste e affectuosa:

— Sei que estima muito meu filho. Por que lhe quer tanto bem?

Derossi ficou com o rosto côr de fogo, e quizera responder-lhe: *Quero-lhe bem porque tem sido infeliz; e porque o senhor tambem tem sido talvez mais infeliz que culpado; já expiou nobremente o seu crime e é um homem de coração; mas faltou-lhe a coragem para dizer-lhe isto, porque lá no seu intimo sentia ainda um certo receio e quasi repugnancia diante do homem que derramara o sangue de outro homem e estivera seis annos na prisão. Mas o outro adivinhou tudo, e, baixando a voz, disse ao ouvido de Derossi, quasi tremendo:*

— Quer bem ao filho, mas não quer mal nem despreza o pae, não é verdade?

— Ah! não! não! pelo contrario, exclamou Derossi com um impulso d'alma.

E então o homem fez um gesto violento, como quem desejava apertal-o nos braços, mas não ousou; e em vez do abraço, tomou-lhe entre os dedos um anel dos seus cabellos louros desenrolando-o e deixou-o ir seguindo o seu caminho; depois, levou a mão á bocca, beijou-a na palma, seguindo Derossi com os olhos humidos, como para dizer-lhe que era para elle aquelle beijo... Em seguida deu a mão ao filho, e foi-se embora para casa a passos apressados.

① pequeno morto

Segunda-feira, 13.

O pequeno que morava no pátio da quitandeira, aquelle da *primeira superior*, companheiro de meu irmão, morreu. A mestra Delcati veio sabbado de

tarde, toda afflicta, dar esta noticia ao mestre; e logo Garrone e Coretti sé offereceram para ajudar a levar o caixão. Era um bello menino; ainda na semana passada ganhára a medalha; era muito amigo de meu irmão, e tinha-lhedado um mealheiro quebrado; minhã mãe fazia-lhe festa sempre que o encontrava. Trazia um barrete com duas listras de panno vermelho. O pae é carregador no caminho de ferro. Hontem á tarde ás quatro e meia fomos á sua casa para acompanhar o filho á igreja. Mora no rez do chão. No pateo estavam já muitos collegas da *primeira superior*, com as mães, e todas traziam suas velas, cinco ou seis mestras, e alguns visinhos. A mestra da penna vermelha e a Delcati tinham entrado e por uma janella aberta via-se que ellas choravam; e via-se a mãe do pequeno, que soluçava alto. Duas senhoras, mães de dois colleguinhas do morto, traziam grinaldas de flôres. A's cinco em ponto puzemo-nos a caminho. Ia adiante um rapaz que levava a cruz, depois um padre, atraz o caixão, um caixão pequenino — pobre criança! — coberto com um panno preto, ao qual iam presas as grinaldas de flôres das duas senhoras. Do mesmo panno pendiam a medalha e tres menções honrosas que o pequeno ganhára durante o anno. Pegavam no caixão Garrone, Coretti e dois rapazes do páteo. Seguiram-n'o primeiro a Delcati, que chorava como se fosse elle seu filho: atraz d'ella iam outras mestras, e logo depois d'estas, crianças, algumas das quaes muito pequeninas, e estas olhavam, espantadas, para o feretro, dando a mão ás mães, que levavam as vélas por ellas. A uma ouví que perguntava:

— Elle agora não volta mais á escola?

Quando o caixão saiu do páteo ouviu-se pela janella um grito desesperado. Era a mãesinha do morto; mas logo a fizeram recolher-se. Chegando

à rua encontrámos os alumnos de um collegio, que passavam dois a dois, e vendo o feretro com a medalha, e as mestras, todos se descobriram.

Pobre criança que foi dormir para sempre com a sua medalha! Não o tornaremos a vêr, o seu barretinho vermelho. Estava bom ainda ha pouco; em quatro dias morreu.

No ultimo dia fez ainda um esforço para levantar-se e fazer seu trabalhosinho de nomenclatura, e quiz que lhe puzessem a medalha em cima da cama, com medo que l'ha furtassem.

— Ninguem t'a furtará mais, pobre criança! Adeus! adeus! A tua memoria não se apagará na secção Bareti, anjinho! Dorme em paz.

A vespera de 14 de Março

Hoje foi um dia mais alegre que o de hontem. Treze de março! Vespera da distribuição dos premios no theatro Victor Manoel, a bella e grandiosa festa de todos os annos! Mas d'esta vez não foram apanhados ao acaso os meninos que devem ir ao palco apresentar a lista dos premios aos senhores que os distribuem. O director veio esta manhã á hora da sahida e disse:

— Meus filhos, uma boa noticia.

E em seguida chamou Coraci, o calabrez. Coraci levantou-se.

— Queres ir amanhã ao theatro apresentar a lista dos premios á autoridade?

O calabrez respondeu que sim.

— Está bem: assim tambem a Calabria terá o seu representante, e é uma bella cousa.

O municipio quiz este anno que os dez ou doze meninos que têm de apresentar os premios sejam

filhos de todas as partes da Italia, tirados das diversas secções das escolas publicas. Temos vinte secções com cinco succursaes; sete mil alumnos. Em tão crescido numero não foi difficil encontrar um rapaz de cada uma das regiões italianas. Da secção *Torquato Tasso* vêm dois representantes das ilhas, um sardo e um siciliano; da escola *Boncompagni* vae um pequeno florentino, filho de um escultor de madeira; um romano, filho de Roma, da secção *Tommaseo*; tambem ha venezianos, lombardos e romanholos; da secção *Monviso* ha um napolitano, filho de um official; nós damos um genovez e um calabrez, que és tu, Coraci. Serão doze, com o piemontez. E' bello, não vos parece? Recebereis os premios das mãos dos vossos irmãos de todas as partes de Italia. Tomae sentido. Devem comparecer no palco todos doze juntos. Recebei-os com applausos. São crianças, mas representam a patria como se fossem homens. Uma pequena bandeira tricolor é symbolo da Italia, da mesma fórma que uma grande bandeira, não é verdade? Applaudi-os pois calorosamente. Mostrae que tambem os vossos pequenos corações se inflammam, que tambem as vossas almas de dez annos se exaltam diante da imagen santa da patria.

— Com que então, Coraci, tu és o deputado da Calabria?

E então todos começaram a bater palmas e a rir, e quando chegaram á rua cercaram Coraci, e agarrando-o pelas pernas, levaram-n'o em triumpho, gritando: — Viva! viva o deputado da Calabria! — tudo por brincadeira, já se vê, e não por zombaria; eram expansões de coração, porque é uma criança estimada de todos; e ella sorria. Assim a levaram até a esquina da rua, onde esbarraram com um

sujeito de barbas pretas, que se poz a rir. O calabrez disse:

— E' meu pae.

E n'isto os rapazes deixaram-lhe o filho nos braços e foram-se, cada um para seu lado.

A distribuição dos premios

Março, 14.

A's duas horas o enorme theatro estava cheio, platéa, galeria, camarotes, palco, tudo a transbordar! milhares de rostos; meninos, senhoras, mestres, operarios, mulheres do povo, crianças; era um agitar de cabeças e de mãos, um tremular de pennas, de laços de fitas, de cabellos, um murmúrio longo e festivo que causava alegria. O theatro estava todo guarnecido de festões de panno vermelho, branco e verde.

Na platéa haviam feito duas pequenas escadas: uma á direita, por onde os premiados deviam subir para o palco; outra, á esquerda, por onde os mesmos deviam descer depois de ter recebido o premio.

A' frente do palco havia duas ordens de poltronas vermelhas, e do espaldar da do centro pendiam duas coroasinhas de louro. Ao fundo um trophéo de bandeiras; de um lado uma mesa com panno verde tendo em cima todos os premios atados com laços tricolôres. A banda de musica estava na platéa, abaixo do palco. Os mestres e as mestras enchiam toda uma metade da primeira galeria, que fôra reservada para elles. Nos bancos e nas varandas da platéa accumulavam-se centenaes de rapazes que deviam cantar e tinham a musica entre as mãos. No fundo e em torno viam-se andar para um e outro lado mestres e mestras, que punham em fileira os

premiados, e havia uma quantidade enorme de parentes a dar-lhes a ultima penteadella aos cabellos e o ultimo arranjo ás gravatinhas.

Apenas entrei com a minha familia no camarote vi em outro, defronte, a mestrasinha da penna vermelha, que ria, com as suas bellas covinhas nas faces, e com ella a mestra do meu irmão, a *Freirinha*, toda vestidinha de preto, e a minha boa mestra da *primeira superior*, mas tão pallida, coitada! tossia tão forte que se ouvia de um lado a outro do theatro. Na platéa descobri logo aquella querida cabeçorra de Garrone e a cabecinha loura de Nelli, que estava encostada ao hombro d'aquelle. Um pouco mais adiante vi Garoffi com o seu nariz de bico de coruja, atarefadamente, a recolher as listas impressas dos premiados, e tinha já um grande masso d'ellas para fazer o seu negocio. Sabel-o-emos amanhã.

Proximo á porta estava o vendedor de lenha com a mulher, vestidos de gala ao pé do filho, que tem um terceiro premio da *segunda*. Fiquei pasmado de lhe não ver o barrete de pelle de gato e a jaqueta de malha, côr de chocolate. D'esta vez estava vestido como um *fidalginho*. N'uma galeria vi por um momento Votini, com um grande collarinho de rendas; depois desapareceu. Em um camarote cheio de gente, junto ao proscenio, estava o capitão de artilharia, pai de Robeti, aquelles das muletas que salvou a criança do *omnibus*.

Ao dar duas horas a banda tocou e foram subindo pela escadinha o syndico, o prefeito, o assessor, o provedor e muitos outros *senhores*, todos vestidos de preto, que se assentaram nas poltronas vermelhas em frente do palco. A musica acabou de tocar. Veiu então á frente o director da escola de canto, com uma

batuta na mão, e, a um signal seu, todos os meninos da platéa puzeram-se em pé e a um outro aceno principiaram a cantar. Eram setecentos cantando uma lindissima canção; setecentos rapazes cantando juntos; como é bello! Todos os escutavam immo-veis; era um canto doce, limpido, vagaroso, que parecia cantico de igreja.

Quando acabaram, todos applaudiram. Depois fez-se silencio. A distribuição dos premios ia começar. Já se via na frente do palco o meu mestre da *segunda*, com a sua cabeça ruiua e os seus olhos vivos, que devia lêr os nomes dos premiados. Esperava-se que entrassem os doze rapazes para apresentar os attestados. Os jornaes tinham já dito que appareceriam ali filhos de todas as provincias da Italia: todos o sabiam e esperavam-os, olhando com curiosidade para o lado donde deviam entrar. O syndico e outros *senhores* aguardavam tambem a entrada d'elles; todo o theatro estava mudo e silencioso.

De repente vêem-se marchar até o proscenio e parar ali, em fileira, todos doze, sorrindo.

Tres mil pessoas, todo o theatro, se levantaram ao mesmo tempo, prorompendo n'um applauso que parecia um ribombar de trovão. Os rapazes ficaram um momento confusos e desconcertados.

— Eil-a, a Italia! disse, uma voz, do palco.

Reconheci logo Coraci, o calabrez, vestido de preto como sempre. Um vereador municipal que estava comnosco e os conhecia a todos, ia-os indicando a minha mãe. Aquelle pequeno louro é o representante de Veneza, o romano é aquelle alto e frisado.

Havia dois ou tres vestidos fidalgamente, e os outros eram filhos de operarios, mas todos mui limpos e muito aceiadinhos. O florentino, que era o mais pequeno, tinha uma faixa azul em volta da

cintura. Passaram todos diante do syndico, que os beijava na frente, enquanto um homem ao seu lado lhe dizia de vagar, e sorrindo, os nomes das cidades. — Florença, Napoles, Bolonha, Palermo... E a cada um que passava, todo o theatro batia palmas. Depois correram todos á mesa verde em busca dos attestados e o mestre principiou a lêr a lista, dizendo as secções, as classes e os nomes; e os que iam ser premiados principiaram a sair e a desfilar.

Tinham apenas subido os primeiros, quando se ouviu por detraz do panno do fundo uma musica ligeira e harpejada de violinos, que não cessou enquanto durou a desfilada, uma aria doce, sempre igual, que parecia o murmurio de muitas vozes de todas as mãos, de todos os mestres e de todas as mestras, n'um côro, todos juntos dando conselhos, rogando e fazendo amorosas advertencias.

É no emtanto os premiados passaram, um após outro, diante dos *senhores* sentados, que lhes entregavam os premios e diziam a todos uma palavra affectuosa ou uma caricia. Os rapazes da platéa e da galeria applaudiam todas as vezes que passava algum muito pequeno, ou que pelos vestidos parecesse pobre, e tambem os que tinham grandes cabelleiras encaracoladas, ou estavam de vermelho ou de branco. Passaram alguns da primeira superior, que chegando alli atarantaram-se e não sabiam para onde se haviam de virar, e todo o theatro ria. Passou um de tres palmos de altura, que mal podia andar, com uma fita côr de rosa no hombro, tropeçou no tapete, cahiu e o prefeito levantou-o. Todos riram e deram palmas. Um outro resvalou pelas escadas até a platéa, e ouviram-se gritos; mas não lhe aconteceu mal nenhum. Passaram ainda outros muito differentes d'aquelles, rostos de traquinas, caras assustadiças, pequenos bufos que riam para

todos, e que mal chegavam á platéa eram detidos pelos paes e pelas mães que d'alli a pouco os levavam para casa. Quando chegou a vez da nossa secção, então é que eu me diverti ! Passaram muitos dos meus conhecidos.

Passou Coretti, de roupa nova, dos pés á cabeça, mostrando através do sorriso alegre os dentes brancos ; e comtudo, quem sabe quantos feixes de lenha não tinha elle já carregado de manhã !...

O syndico, ao dar-lhe o premio, perguntou-lhe o que era uma mancha vermelha que tinha na testa, e pousou-lhe a mão sobre o hombro. Procurei com os olhos pela platéa o pae e a mãe, e lá os vi rindo e cobrindo a boca com as mãos. Depois passou Derossi todo vestido de azul, com botões reluzentes e os cabellos de ouro em anneis, esbelto, agil, com a fronte alta, tão bello, tão sympathica, que a minha vontade era atirar-lhe um beijo ; e todos aquelles *senhores* falavam-lhe e apertavam-lhe a mão. Depois, o mestre gritou : Julio Robetti ! e viu-se chegar á frente, de muletas, o filho do capitão de artilharia. Centenares de rapazes sabiam do facto ; a noticia espalhou-se n'um atom, explodindo uma salva de applausos e de gritos que fez estremecer o theatro ; os homens levantaram-se todos, as senhoras começaram a agitar os lenços no ar, e aquella boa criança parou no meio do palco, aturdida, tremendo... O syndico chegou-o a si, dando-lhe o premio e um beijo, e tirando do espaldar da poltrona as duas coroaesinhas de louro que alli estavam penduradas, enfiou-lh'as na travessinha das muletas.

E acompanhou-o até ao camarote do proscenio, onde estava o capitão seu pae, que suspendeu o filho e passou-o para dentro, no meio de palmas, *bravos* e *vivas*.

E no emtanto, continuava a ouvir-se, ao longe, a musica ligeira e gentil dos violinos, e os meninos continuavam desfilando. Eram agora os da secção da *Consolata*, quasi todos filhos de vendedores do mercado ; em seguida os da secção de *Vanchiglia*, filhos de operarios ; vieram depois os da secção *Boncompagni*, dos quaes muitos são filhos de camponezes ; e os da escola *Rayneri*, que foram os ultimos. Apenas havia acabado, os setecentos rapazes da platéa cantaram uma outra canção bellissima ; depois o syndico falou, e em seguida o assessor, que terminou o seu discurso dizendo aos rapazes :

— Mas não sahireis d'aqui sem saudardes aquelles que tanto se afadigaram por vós, que vos consagraram todas as forças da sua intelligencia e do seu coração, que vivem e morrem por vós. Eil-os ! e apontou para os mestres.

E então das galerias, dos camarotes e da platéa, todos os rapazes se levantaram e estenderam os braços gritando e saudando os mestres e mestras, que correspondiam agitando as mãos, os chapéos e os lenços, todos direitos, em pé, commovidos. Depois d'isso, a banda tocou mais uma vez, mais uma vez ainda o publico saudou ruidosamente os doze meninos de todas provincias da Italia, que se apresentaram no proscenio, enfileirados, de mãos dadas, sob uma chuva tempestuosa de flôres.

Litigio

Segunda-feira, 20.

Não foi por ter inveja do premio que Coretti ganhou que briguei com elle esta manhã. Não, não foi por inveja. Mas eu tinha razão. O mestre tinha-o

mandado para o meu lado, e eu estava a escrever no meu caderno de calligraphia ; elle tocou-me com o cotovello, fiz um borrão e manchei tambem o original do conto mensal, *Sangue Romanholo*, que eu tinha de copiar para o «Pedreirinho» que está doente. Zanguei-me e disse-lhe uma palavra feia ; elle respondeu-me sorrindo : — Não foi por querer. — Deveria acreditar-o, porque o conheço, mas não gostei que elle se risse e pensei : — Ai ! quem sabe se elle não está vaidoso por ter ganhado o premio !... — E pouco depois, para vingar-me, dei-lhe um encontrão tão grande que fez estragara pagina inteira.

Elle então, todo vermelho de raiva, disse-me : — Tu sim, tu é que o fizeste de proposito. — E levantou a mão. O mestre viu e elle retirou-a logo. Mas accrescentou : — Espero-te lá fóra ! — Fiquei incommodado, a raiva assoberbou-me ; mas eu arrependera-me.

Coretti não podia fazel-o senão involuntariamente. Elle é bom, pensei. Recordei-me logo de quando o vira em sua casa como trabalhava e como servia de enfermeiro á mãe doente, e depois, com que festa o recebi em minha casa e quanto elle agradeceu a meu pae.

Quando não daria eu agora para lhe não ter dito aquella palavra, para lhe não ter feito aquella villania ! E pensava no conselho que me daria meu pae. — « Não tens razão ? Não, senhor.—Pois vae então pedir-lhe desculpa. » Mas isso é que eu me não atrevia a fazer, porque tinha vergonha de humilhar-me. Olhava para elle de esguelha, via a jaqueta de malha descosida no hombro, talvez por ter carregado muita lreha, e sentia que o estimava e dizia commigo : coragem ! Mas a palavra—*Desculpa-me* ficava-me na garganta. Elle tambem olhava para

mim, de revez, de tempos a tempos, e parecia-me mais atormentado do que enraivecido. Eu olhava-o pambem para mostrar que não tinha medo. Elle retetiu-me :

— Lá fóra falaremos.

E eu disse-lhe :

— Pois sim, lá fóra...

Mas lembrava-me do que meu pae me havia dito uma vez :

« Se não tens razão, defende-te, mas não batas », e dizia commigo: Defendo-me, mas não lhe baterei. Fiquei descontente, triste, e já nem mais dava attenção ao mestre. Emfim chegou o momento da saída. Quando estava só na rua, vi que elle me seguia. Parei e esperei-o com a regua na mão. Elle aproximou-se ; levantei a regua.

— Não, Henrique ! disse elle com seu bom sorriso e acenando-me para baixar a regua.

— Sejamos amigos como d'antes.

Fiquei extatico um momento, e senti como que uma mão nas costas empurrando-me, e fui cahir nos braços de Coretti. Beijou-me, e disse:

— Nunca mais havemos de brigar, não é assim ?

— Nunca mais, nunca mais ! respondi.

E separámo-nos contentes.

Logo que cheguei á casa contei tudo a meu pae, julgando que lhe seria agradavel sabel-o; elle ficou sério e disse-me :

— Devias ser tu o primeiro a estender-lhe a mão, porque não tinhas razão. Levantar a regua para um companheiro que é melhor do que tu e de mais a mais para o filho de um soldado!...

E arrancando-me a regua das mãos partiu-a em dois pedaços e atirou-os fóra.

Minha irmã

Segunda-feira, 20.

Por que Henrique, depois que o papá te repreendeu por te haveres portado mal com Coretti, tiveste ainda aquella desatenção commigo? Tu nem imaginas a dôr que me causaste. Pois não sabes que quando eras criança estava eu horas e horas ao lado do teu berço, em vez de divertir-me com as minhas companheiras? que quando adormecias me levantava a todos os momentos da cama, de noite, para vêr se queimavas de febre? Não sabes que magôas tua irmã que te serviria de mãe e que te querería bem, como a filho, se uma desgraça tremenda nos ferisse a nós? Não sabes que, quando o papá e a mamã deixarem de existir, serei a tua melhor amiga, a unica com quem possas fallar dos nossos mortos e da tua infancia, eu, que, se fosse necessario, trabalharia por ti, Henrique, para ganhar-te o pão e fazer-te estudar? eu que te amarei sempre quando tu fores grande, que te estimarei sempre quando tu estiveres longe, porque crescemos juntos e temos o mesmo sangue?... Fica certo, ó Henrique, que quando fores homem e te acontecer uma desgraça e te vires só, fica certo de que me procurarás logo, que virás ter commigo e me dirás: «Silvia, minha irmã, deixa-me estar commigo, e falemos de quando eramos felizes, lembra-te? falemos da nossa mãe e da nossa casa, d'aquelles bellos dias que já vão tão longe?» E tu, Henrique, acharás sempre tua irmã de braços abertos. Sim! meu querido Henrique, e perdoa-me tambem a censura que ora te faço. Eu não me lembrarei de nenhuma injustiça tua, e se mais desgostos me déres ainda, que importa? serás sempre do mesmo modo o meu irmão, e só me lembrarei de ter-te acalentado nos meus braços, criancinha, de ter amado contigo pae e mãe, de ter-te visto crescer, e de ter sido por tantos annos a tua mais fiel companheira. Escreve-me, pois, hoje uma phrase amiga sobre este mesmo caderno, que eu de-sejo ler antes da noite. E no entanto, para mostrar-te que não estou zangada commigo, vendo eu que estavas cansado, copiei para ti o conto mensal «Sangue romanholo» que tu querias copiar para o Pedreirinho doente; procura-o na gaveta do lado direito da tua mesinha. Escrevei-o todo, esta noite, em-

quanto dormias. E agora, Henrique, escreve-me uma palavra, eu t'ó peço,

Tua irmã, Silvia.

« Não sou digno de beijar-te as mãos. »

Henrique.

Sangue romanholo

(CONTO MENSAL)

Naquella tarde a casa de Ferruccio estava mais socegada do que de costume. O pae, que possuia uma pequena loja de mercieiro, tinha ido a Forli fazer compras, e a mulher acompanhára-o, e mais Luizinha, uma menina que ia ao medico para operar-se de um olho doente, e não deviam voltar senão na manhã seguinte. Faltava pouco para a meia noite. A mulher que viera fazer o serviço do dia fôra-se embora ao escurecer.

Em casa não ficára senão a avó paralytica, e Ferruccio, menino de treze annos. Era uma casinha isolada, ao rez do chão, edificada sobre a estrada, a um tiro de espingarda d'uma aldeia pouco distante de Forli, cidade da Romanha; e não havia ao lado senão uma casa deshabitada, arruinada dois mezes antes por um incendio, sobre a qual pendia ainda a taboleta de uma hospedaria.

Por detraz da casinha havia uma porta, cercada de uma sebe de espinho para a qual dava uma tosca cancella rustica. A porta da venda que servia igualmente de porta da casa, dava sobre a estrada. Em volta, estendia-se a campina solitaria, vastos campos lavrados e plantados de amoreiras.

Faltava pouco para meia-noite. Chovia e ventava. Ferruccio e a avó, ainda despertos, estavam na sala de jantar, entre a qual e a horta havia um quarto pequeno, atulhado de mobilia velha. Ferruccio não entrara em casa senão ás onze, depois de uma ausencia furtiva de muitas horas, e a avó esperava-o com os olhos abertos, cheia de anciedade, encravada n'uma poltrona sobre a qual costumava passar o dia todo e mesino muitas noites, porque uma suffocação a opprimia, e nem a deixava estar deitada.

Chovia, e o vento ruflava nas vidraças com as bategas de agua. A noite estava muito escura. Ferruccio entrára cansado e enlameado, com a jaqueta rasgada, e com a pisadura de uma pedra na testa. Jogara pedradas com outros companheiros, e tinham vindo depois á unha, como de costume; e ainda por cima tinha tambem jogado e perdido todo o dinheiro que possuia, e deixado cair o barrete n'um vallão. Supposto que na cozinha não houvesse mais luz do que a que dava um pequeno candieiro de azeite, moribundo, no angulo de uma mesa, ao lado da poltrona, comtudo logo a pobre velha percebeu o estado deploravel em que se achava o neto. Parte já o tinha adivinhado, o resto soube-o obrigando o rapaz a confessar as suas extravagancias.

Ella, a velhinha, amava ao neto de todo o coração e quando soube de tudo começou a chorar.

— Ah! não! disse depois de longo silencio. Tu não tens amizade alguma á tua pobre avó. Que coração é o teu, para te aproveitares, d'este modo, da ausencia de teu pae e de tua mãe, para dar-me esses desesperos. Todo o dia me deixaste só. Não tiveste pena de mim! Toma sentido em ti, Ferruccio; vaes indo por um máo caminho, que te conduzirá a um triste fim. Tenho visto outros que principiaram como tu e acabaram mal. Começa-se a fugir de casa, a

entrar em rixas com os outros rapazes, a perder o dinheiro ao jogo; depois, pouco a pouco, das pedradas passa-se ás facadas, do jogo aos outros vícios, e dos vícios ao roubo...

Ferruccio ficou a escutar a tres passos de distancia, teso, encostado a um armario, com o queixo sobre o peito, e as sobranceiras franzidas, abrazado, quente ainda pelo calor da luta. Pelo meio da testa caia-lhe uma madeixa de cabellos castanhos, e tinha os olhos azues immoveis.

— Do jogo ao roubo, continuou a avósinha, as lagrimas correndo. Pensa bem nisto, Ferruccio. Pensa n'aquelle desgraçado, aqui visinho, no Vito Mazzoni, que anda agora na cidade feito um vagabundo, que aos vinte e quatro annos já tinha estado duas vezes na cadeia, e matou de desgostos de coração a sua pobre mãe, que eu conheci, e fez o pae fugir para a Suissa, desesperado... Lembra-te desse infeliz a quem teu pae se envergonha de cumprimentar, sempre acompanhado de scelerados peiores do que elle, até ao dia em que cahirá nas galés! Pois bem, eu o conheci bom rapaz; principiou como tu. Por esse caminho levarás teu pae e tua mãe ao mesmo fim.

Ferruccio estava mudo. Não porque tivesse o coração duro, ao contrario; as suas extravagancias derivavam mais da superabundancia de vida e de audacia, que de máos instinctos; o pae acostumara-o mal, justamente porque, achando-lhe um character no fundo, capaz dos mais bellos sentimentos, e tendo provado ser de acção forte e generosa, deixava-o á redea solta, suppondo que tomaria juizo por si. Era antes bom do que máo, mas teimoso, e custava-lhe muito, mesmo quando tinha o coração opprimido pelo arrependimento, deixar

fugir dos labios aquellas boas palavras que fazem perdoar :

« Sim, fiz mal ; não o farei mais, prometto ; perdoe-me. »

Tinha ás vezes a alma cheia de ternura ; mas o orgulho não lh'a deixava expandir.

— Oh ! Ferruccio, disse a avó, vendo-o assim, mudo ; nem uma palavra de arrependimento me dizes ? vês a que estado estou reduzida ? Já me poderiam enterrar. Se tivesses coração, não me farias soffrer assim ; não obrigarias a chorar a mãe de tua mãe, velha já, perto do seu ultimo dia, a tua pobre avó que sempre te quiz tanto, que te embalava noites e noites inteiras, quando eras criança, que não dormia, só para te acalantar. Eu sempre dizia : esto ha de ser a minha consolação ! E agora tu me matas, me consumes a vida, me fazes morrer. Como eu daria, de boa vontade, esta pouca de vida que me resta para ver-te bom e obediente, como eras naquelle tempo, quando eu te conduzia ao santuario, lembra-te, Ferruccio ? Tu me enchias as algibeiras de pedrinhas e de folhas, e eu trazia-te para casa nos braços, adormecido. Nesse tempo, querias bem á tua pobre avó ; mas agora que estou paralytica e tenho necessidade da affeição, como de ar para respirar, que não tenho mais nada no mundo, pobre mulher meio morta como já estou, Deus meu !...

Ferruccio, meio vencido pela commoção, ia lançar-se aos braços da avó, quando lhe pareceu ouvir um ligeiro rumor, um estalido no quarto proximo, que dava para a horta. Não pôde, porém, perceber se eram as portas das janellas batendo impellidas pelo vento, ou se era outra qualquer cousa. Applicou o ouvido. A chuva cahia. O rumor repetiu-se. A avó também o sentio.

— Que será? — perguntou ella, depois de um momento, perturbada.

— A chuva — respondeu o rapaz.

— Ora vamos, Ferruccio, — disse a velha, esfregando os olhos — promettes-me que has de ser bom, e que não mais has de fazer chorar a tua misera avó?

Nisto um novo rumor ligeiro interrompeu-os.

— Mas... não me parece chuva! — exclamou empallidecendo... Vai ver. E accrescentou logo: — Não, fica aqui; — e agarrou-se ás mãos de Ferruccio.

Ficaram ambos com a respiração suspensa. Não ouviam senão o estrepito da agua.

Depois estremeceram ambos.

A um e outro pareceu sentir um arrastar de pés no quarto.

— Quem está ahí? — perguntou o rapaz, recordando a voz a custo.

Ninguém respondeu.

— Quem está ahí? — tornou a perguntar Ferruccio, transido de susto.

Apenas pronunciadas aquellas palavras, os dois juntos soltaram um grito de terror! Dois homens appareceram repentinamente na sala. Um agarrou o rapaz e tapou-lhe a boca com a mão; o outro apertou as guelhas á velha. O primeiro disse:

— Silencio, se não morres!... — o segundo: — Cala-te! — e levantou uma faca. Ambos traziam a cara tapada por um lenço escuro com dois buracos no lugar dos olhos. Por um momento não se ouviu mais que a respiração penosa de todos quatro, e o estalar da chuva lá fóra.

A velha dava gemidos cavernosos e tinha os olhos fóra das orbitas. Aquelle que segurava o rapaz disse-lhe ao ouvido:

— Onde tem teu pae o dinheiro?

— Acolá... no armario, respondeu o menino com um fio apenas de voz.

— Anda commigo, disse-lhe o ladrão. E arrastou-o para a sala apertando-lhe a garganta. No chão estava uma lanterna furta-fogo.

— Onde está o armario? perguntou.

O rapaz, suffocado, apontou para o armario. Então para segurar bem a criança, o ladrão pôl-a de joelhos diante do armario, apertando-lhe fortemente o pescoço com as pernas, de modo a poder suffocal-o, se gritasse; e segurando a faca entre os dentes, e a lanterna com uma das mãos, tirou do bolso com a outra um ferro aguçado, introduziu-o na fechadura, sondou, quebrou, escancarou as portas, remexeu furiosamente tudo, encheu as algibeiras, fechou, tornou a abrir revolvendo tudo de novo; depois agarrou o rapaz pela garganta e trouxe-o de rastos até onde estava o companheiro, que ainda conservava subjugada a velha convulsa, já com a cabeça cahida e a boca aberta.

Esse perguntou em voz baixa:

— Achou?

O companheiro respondeu:

— Achei; accrescentando:—Espreita á porta.

O que estava segurando a velha correu á porta da horta a ver se estaria alguém, e disse de fóra, com uma voz que parecia um assobio:—Vem.

O que tinha ficado e segurava ainda Ferrucio mostrou a este a faca, e á velha que reabria os olhos disse:

— Nem uma palavra! se não, volto atraz e cortolhes as guelhas.

Nisto, ouviu-se ao longe, pela estrada, um canto de muitas vozes. O ladrão voltára subitamente a cabeça para a porta e com aquelle movimento vio-

lento caira-lhe o lenço da cara. A velha soltou um grito:

— Mazzoni!...

— Maldita! — rugiu o ladrão reconhecido, vaes morrer!

E lançou-se de faca em punho contra a velha, que desmaiara.

Mas com um movimento rapidissimo, soltando um grito desesperado, Ferruccio atira-se sobre a avó, cobrindo-a com o proprio corpo. O assassino fugiu, atirando ao chão a mesa e a lanterna, que logo se apagou. O rapaz escorregou lentamente sobre a avó, e, caindo de joelhos, ficou n'aquella posição, com os braços em volta da cintura da paralytica e a cabeça no seio d'ella. Passaram-se assim alguns momentos no meio da escuridão e o canto dos aldeões ia-se perdendo ao longe pela campina. A velha tornára a si.

— Ferruccio! — balbuciou ella, com voz apenas intelligivel, batendo os dentes.

— Avósinha! respondeu o rapaz.

A velha fez um esforço para falar, mas o terror paralysava-lhe a lingua. Esteve um momento silenciosa, tremendo violentamente. Depois conseguiu perguntar:

— Já aqui não estão?

— Não.

— Não me mataram — murmurou a velha com voz suffocada.

— Não; estás salva! — disse Ferruccio com voz fraca. Estás salva, querida avósinha. Roubaram dinheiro, mas papá tinha-o levado quasi todo comigo.

A avó pôde respirar.

— Avó! — disse Julio, sempre de joelhos e apertando-a nos braços, querida avó! Quer-me muito bem, não é?

— Ferruccio! meu pobre filho! respondeu ella correndo-lhe a mão pelos cabellos. Que susto não deves ter tido! Oh! Senhor de Misericordia!... Accende o gaz... não fiquemos ás escuras, que ainda estou com medo.

— Avósinha! continuou o rapaz — eu tenho-lhe dado muitos desgostos...

— Não tens, não, Ferruccio, não digas essas cousas. Eu já esqueci tudo... e quero-te muito! muito!...

— Tenho-lhe dado muitos desgostos, — repetiu Ferruccio, a custo, com a voz tremula, — mas olhe que sempre fui seu amigo. Perdôa-me, sim, avó?

— Sim, filho, perdôo-te tudo, perdôo-te tudo, perdôo-te de todo o coração. Não estejas de joelhos, levanta-te, meu filho. Não te torno mais a ralhar. Tu és bom, muito bom! Accendamos o gaz. Tomemos um pouco de coragem. Levanta-te, Ferruccio.

— Obrigado, avósinha, — disse o rapaz com a voz cada vez mais debil, agora já estou mais contente, e a avó ha de recordar-se de mim, não é verdade? Ha de recordar-se sempre de mim, de seu Ferruccio.

— Meu filho! — exclamou ella, surprehendida e sobresaltada, apalpando e inclinando a cabeça para vêr-lhe o rosto.

— Não te esqueças de mim, — murmurou ainda o rapaz, cuja voz parecia um sopro. Dá um beijo a minha mãe... a meu pae... a Luizinha... Adeus, avó...

— Em nome do céo, que tens? — gritou a velha apalpando anciosamente a cabeça do rapaz que repousava desamparada sobre os joelhos, e com quanta força tinha exclamou no maior desespero:

— Ferruccio ! Ferruccio ! meu querido filho ! meu querido filho ! meu amor ! Anjos do paraíso, valem-me !

Mas Ferruccio não respondeu mais. O pequeno herói, o salvador da mãe de sua mãe, ferido com uma facada nas costas, entregara a Deus a sua bella alma corajosa.

● Pedreirinho moribundo

Segunda-feira, 27.

O pobre Pedreirinho está doente, e mal o mestre disse que fossemos vê-lo, combinámos ir juntos, Garrone, Derossi e eu. Stardi irá connosco, porém como o mestre nos deu por trabalho a descripção do *Monumento a Cavour*, elle disse-nos que tinha de ir vê-lo para fazer a descripção mais exacta. Também para experimentar, convidámos o orgulhoso Nobis. Respondêu simplesmente : — Não.

Votini também se esousou, talvez com receio de manchar de cal o vestido. Fomos lá. A' sahida, pelas quatro horas, chovia a cantaros. Pelo caminho Garrone parou e disse :

— Que é que se ha de comprar ?

E fazia tilintar dois soldos na algibeira. Puzemos dois soldos cada um, e comprámos tres laranjas grandes. Subimos á agua furtada. Diante da porta, Derossi tirou a medalha e metteu-a no bolso. Perguntei-lhe porque, e elle respondeu :

— Não sei. E' para não ter assim ares de... Parece-me mais delicado entrar sem a medalha.

Batemos e appareceu o pae, homemzarrão que parece um gigante. Trazia o rosto mudado e afflicto.

— Quem procuram ? — perguntou.

Garrone respondeu logo :

— Somos companheiros de escola do Antonio, e trazemos-lhe tres laranjas.

— Ai! o meu pobre Toninho... — exclamou o pedreiro, sacudindo a cabeça — penso que não chegará a comer as vossas laranjas!

E limpou os olhos com as costas da mão... Fez-nos signal para que o acompanhassemos e entrámos n'uma mansarda onde vimos o Pedreirinho dormindo em um pequeno leito de ferro; a mãe, debruçada sobre o leito, tinha o rosto entre as mãos e voltou-se apenas para nos vêr. Na parede, viam-se penduradas algumas brochas, uma picareta e um crivo para cal; aos pés do doente estava estendida a jaqueta do pedreiro, sarapintada de gesso. O pobre rapaz tinha emmagrecido; estava pallido, muito pallido, com o nariz afilado, e tinha curta a respiração. Que pena me fez vêr naquelle estado o pobre Toninho, tão alegre e tão bom companheiro! quanto não daria eu para tornar a vê-lo fazer o *focinho de lebre*! pobre Pedreirinho! Garrone poz-lhe uma laranja em cima do travesseiro, mesmo ao pé da cara; o cheiro despertou-o, pegou n'ella, mas logo depois deixou-a cahir e olhou fixo para Garrone.

— Sou eu, — disse-lhe este, — sou Garrone. Conhecem-me?

Elle sorriu tão levemente que apenas se percebia e levantando a custo da cama a sua pequena mão deu-a a Garrone, que a tomou entre as suas, apoiando a face sobre ella, e disse-lhe:

— Coragem! coragem! Pedreirinho! has de ficar bom depressa! has de voltar á escola e o mestre ha de pôr-te junto de mim. Estás contente?

O Pedreirinho não respondeu.

A mãe desatou em soluços:

— Ai! meu pobre Toninho! meu pobre Toninho! Tão meigo e tão bom! e Deus quer arrebatá-lo.

— Socega, mulher, — exclamou o operário entristecido, socega pelo amor de Deus, ou eu perco a cabeça.

Depois disse-nos, com a voz presa na garganta:

— Vão... vão! muito obrigado!... vão para casa que aqui nada têm que fazer...

O pequeno tinha fechado os olhos e parecia morto.

— Precisa d'alguma coisa? — perguntou Garrone.

— Não, meu filho, não é preciso nada, muito obrigado — respondeu o pedreiro. — Vão para casa.

E dizendo isto, conduziu-nos até ao patamar e fechou a porta. Vinhamos a meio da escada quando ouvimos gritar de cima.

— Garrone! Garrone!

Tornámos a subir ás pressas todos tres.

Garrone!... — gritou ainda o pedreiro, com o rosto mudado. Chamou-te pelo nome... Ha dois dias que não falava... Disse duas vezes: — Garrone!

— Garrone! — Quer vêr-te! vem depressa! Deus queira que seja isso um bom signal!

— Até logo, disse-me Garrone. Eu fico aqui.

E entrou com o pae.

Derossi tinha os olhos rasos de lagrimas; e eu perguntei-lhe:

— Choras pelo Pedreirinho? Elle que já falou, ha de melhorar.

Tambem me parece... respondeu Derossi — mas não pensava agora nelle... Pensava em como é boa e santa essa alma de Garrone.

○ Conde Cavour

Quarta-feira, 29.

E' a descripção do monumento a Cavour que tu deves fazer. Descreve-o, pois. Mas quem foi o conde Cavour é que tu não podes comprehender por ora. Por agora, sabe sómente que foi elle por muitos annos o primeiro ministro do Piemonte : foi elle quem mandou o exercito piemontez á Crimeá, levantando com a victoria de Cernaia a nossa decabida gloria militar ; foi elle quem fez descer pelos Alpes cento e cincoenta mil francezes para expulsar os austriacos da Lombardia ; foi elle quem governou a Italia no periodo mais solemne da nossa revolução ; foi elle quem deu n'aquelles annos o mais poderoso impulso á santa empreza de unificação da patria ; sempre elle, com o seu genio luminoso, com a sua constancia invencivel, com a sua actividade mais do que humana. Muitos generaes passaram horas afflictivas no campo de batalha, mas elle passou-as bem mais terriveis no seu gabinete, quando a sua grande obra podia, desmoronar-se de um momento para outro, como fragil edificio a um abalo de terremoto. Horas e noites de lutas e de angustia, elle as passou sahindo d'ellas com a razão desvairada e a morte no coração. Foi este gigantesco e tempestuoso trabalho que lhe abreviou vinte annos de vida ! E contudo, devorado pela febre que o devia levar á sepultura, lutava ainda esforçadamente com a doença, para fazer alguma cousa, em prol da sua patria. — E' estranho ! dizia dolorosamente no seu leito de morte, não posso, não sei mais ler...

Enquanto lhe tiravam sangue e a febre augmentava, pensava elle na sua patria, e dizia imperiosamente :

— Curae-me ! o meu espirito obscurece-se, tenho necessidade de todas as minhas faculdades para tratar de negocios graves.

Quando tocava quasi os ultimos momentos e toda a cidade se agitava e o rei estava á sua cabeceira, elle dizia com amargura :

— Tenho tantas cousas que dizer-vos, tantas cousas a revelar-vos, mas estou doente... não posso ! não posso !

E ficava desolado. O seu pensamento febril eram os negocios do estado, as novas provincias italianas que se tinham unido a nós, e tantas cousas emfim que ficavam por fazer. Quando o delirio o assaltava :

— Educae a infancia, gemia convulsivamente, educae a infancia e a mocidade ! governae com liberdade !

Crescia o delirio, a morte estava prestes, e elle invocava ainda, com palavras ardentes, o general Garibaldi, com quem tivera desintelligencias, e Veneza e Roma, que não eram ainda livres ; tinha largas visões do futuro da Italia e da Europa ; sonhava uma invasão estrangeira ; perguntava onde estavam os corpos do exercito e os generaes. Tremia ainda por nós, pelo seu povo. A sua grande dôr não era, bem o vês, perder a vida ; mas era vêr fugir-lhe a patria, que carecia ainda d'elle, e pela qual desprendera em poucos annos as forças desmesuradas do seu vigoroso organismo. Morreu com o grito de batalha na garganta, e a sua morte foi grande como a sua vida. Agora pensa um pouco, Henrique, no que são os nossos trabalhos, que, no emtanto, nos pesam tanto ; o que são as nossas dores, mesmo a nossa morte, em confronto com as fadigas, com as amarguras formidaveis, com as agonias tremendas d'aquelles homens em cujo coração pesa um mundo ! Pensa nisto, filho, e quando passares diante d'aquella imagem de marmore dize-lhe de dentro da alma : — Gloria !...

Teu pae.

ABRIL

A primavera

Sabbado, 1.

Primeiro de Abril ! tres mezes ! Esta foi uma das mais bellas manhãs do anno ! Eu estava contente na escola, porque Coretti tinha-me dito fosse com elle e com o pae, depois de manhã, para vêr a chegada do rei, que o pae conhece, e porque minha mãe tinha promettido levar-me no mesmo dia a visitar o Asylo Infantil do Corso Valdocco. Além disso estava satisfeito porque o Pedreirinho está melhor, e porque hontem, de tarde, o mestre, passando, disse a meu pae : « Vai bem, vai bem. » Era uma linda manhã de primavera. Das janellas da escola via-se o céu azul, as arvores do jardim todas cobertas de rebentos, e as janellas das casas, escancaradas, os sotãos cheios de vasos verdejantes. O mestre não ria porque não ri nunca, mas estava de bom humor, e tanto que quasi se lhe não via a ruga direita pelo meio da testa. Explicava, gracejando, uma lição na ardosia. Via-se que sentia prazer em respirar o ar do jardim, que entrava pelas janellas abertas, impregnado de um cheiro sadio, fresco, de terra e de folhas, que fazia lembrar os passeios do campo. Emquanto elle explicava a lição, ouvia-se n'uma rua proxima um ferreiro batendo na bigorra, e na casa defronte uma mulher cantando para adormecer uma criança. Ao longe, no quartel da Cernaia, tocavam os clarins. Todos pareciam contentes, até o proprio Stardi.

N'um dado momento, o ferreiro principiou a bater mais de rijo e a mulher a cantar mais alto. O mestre interronpeu a lição e poz-se a oscutar. Depois disse lentamente a olhar pelas janellas:

— O céo que sorri, uma mãe que canta, um operario honrado que trabalha, as creanças que estudam... Que bello que é!

Quando sahimos da aula, observámos que tambem todos os outros estavam alegres, caminhando em filas, fazendo barulho com os pés, e cantarolando como na vespera de umas ferias de quatro dias. As mestras gracejavam, e a da penna vermelha saltava atraz dos seus pequenos, como se fosse uma escolar; os parentes dos meninos conversavam rindo, e a mãe de Crossi, a quitandeira, trazia na cesta muitos ramos de violetas que perfumavam todo o salão de entrada. Eu nunca senti tanta alegria como nesta manhã ao vêr minha mãe, que me esperava na rua. E disse-lhe indo ao seu encontro.

— Estou, mamãe, tão contente! que será que me faz assim alegre esta manhã?

E minha mãe respondeu-me, sorrindo, que era a bella estação e a boa consciencia.

Rei Humberto

Segunda-feira, 3.

A's dez em ponto, meu pae viu da janella Coretti, o vendedor de lenha, e o filho, que me estavam esperando na praça, e disse-me:

— Elles lá estão, Henrique, anda vêr o teu rei.

Eu descí rapido como um raio. Pae e filho pareceram-me ainda mais alegres do que de costume, e nunca me pareceu que se assemelhassem tanto um ao outro como esta manhã. O pae tinha no paletó a

medalha de valor no meio de duas *commemorativas*, e os bigodes frisados e aguçados como dois alfinetes. Puzemo-nos logo a caminho, em direcção á estação da estrada de ferro, onde o Rei devia chegar ás dez e meia. O pae de Coretti ia fumando cachimbo, esfregando as mãos.

— Sabeis — dizia — que o não tornei a vêr desde a guerra de sessenta e seis? a bagatella de quinze annos e seis mezes! Vi-o tres annos antes em França e depois em Mandovi, e aqui, que o poderia ter visto, nunca se deu o caso de achar-me na cidade quando elle vinha. Combinações do acaso!

Elle falava do rei *Humberto* como se tratasse de um camarada: *Humberto* commandava a 16ª divisão... *Humberto* tinha vinte e dois annos e tantos dias... *Humberto* montava um cavallo assim e assim...

— Quinze annos! dizia em voz alta, alongando o passo. Tenho muita vontade de o tornar a vêr; deixei-o principe, vou encontral-o rei, mas quanto a isso tambem eu mudei: passei de soldado a vendedor de lenha. E ria-se.

O filho perguntou-lhe:

— Se o rei o vir, ainda o conhecerá?

— Tu és tolo, rapaz! respondeu. Não faltava mais nada! *Humberto* era um só, e nós eramos tantos como moscas. Então querias que elle estivesse a olhar-nos um por um?

Desembocámos no *corso* Victor Manuel, onde havia muita gente em caminho da estação. Passava uma companhia de Alpinos, com os clarins, e passavam tambem dois carabineiros a cavallo e a galope. O tempo estava magnifico.

— Sim, exclamou Coretti, animando-se. Sinto muito prazer em tornar a vêr o meu general de divisão. Ah! como eu envelheci depressa! Parece-me

que ainda foi o outro dia que eu tinha a mochila ás costas e a espingarda na mão, no meio daquella balburdia, na manhã de 24 de Junho, quando estavamos para atacar á bayoneta! Humberto ia e vinha com os seus officiaes, emquanto o canhão troava ao longe; e todos olhavam para elle e diziam: «Que o não offenda alguma bala!...» Bem longe estava eu de pensar que d'alli a instantes me acharia ao pé d'elle, em frente das lanças dos uhlanos austriacos, a quatro passos um do outro, filhos! estava um dia magnifico! o céu como espelho, e um calor!... Mas, vamos vêr se se póde entrar.

Chegámos á estação, onde havia uma multidão de enormes carruagens, guardas, carabineiros, associações com estandartes. Tocava a banda de um regimento. O pae de Coretti quiz entrar no vestibulo, mas não lh'o consentiram. Tratou então de collocar-se na primeira fila de povo, que formava alas á sahida, e, abrindo o caminho com os cotovellos, conseguiu levar-nos tambem para a frente. Mas aquella multidão, ondeando, empurrava-nos, ora para aqui, ora para alli. O vendedor de lenha lançava os olhos para o primeiro pilar do vestibulo, onde os guardas não deixavam estar ninguem. De repente disse:

— Vinde commigo.

E agarrando-nos pelas mãos atravessou em dois pulos o espaço vasio, e foi collocar-se lá com os hombros á parede. Correu logo um official de policia a dizer-lhe:

Aqui não póde estar ninguem.

— Sou do quarto batalhão do 49, respondeu Coretti, apontando ao mesmo tempo para a medalha.

O official olhou-lhe o peito, e disse:

— Fique.

— Então, que disse eu? exclamou Coretti trium-

phante; são palavras magicas o *quarto do quarenta e nove*! Pois não havia eu de ter o direito de vel-o um pouco á minha vontade, ao meu general, eu que estive no quadrado! Se o vi de perto então, parece-me justo que o veja de perto agora. E digo general, mas o que elle foi por uma meia hora boa foi commandante do meu batalhão, emquanto estava no centro, e não o major Ubrich.

No emtanto, via-se no salão de entrada e cá fóra um grande movimento de senhoras e de officiaes, e diante da porta enfileiravam-se carruagens, com os criados vestidos de vermelho.

Coretti perguntou ao pae se o principe Humberto tinha a espada na mão quando estava no quadrado.

— De certo, tinha a espada na mão para aparar alguma lançada, que tanto o podia tocar a elle como a outro! Ah! os demonios desenfreados! Cahiram-nos em cima como a ira de Deus! volteavam entre os grupos, os quadrados, os canhões, que pareciam impellidos por um furacão, destruindo tudo. Era uma confusão de cavalleiros de Alexandria, de lanceiros de Foggia, de infantaria, de caçadores, um inferno que ninguem entendia. Eu ouvi gritar «Alteza! Alteza!», e vendo approximarem-se as lanças caladas, descarregámos as espingardas e uma nuvem de pó envolveu tudo. Depois a poeira rarefez-se e a terra estava juncada de cavallo e de uhlanos feridos e mortos. Voltei-me para traz e vi no meio de nós Humberto a cavallo, olhando em torno, com ar de quem perguntava: — Foi arranhado algum dos meus camaradas? — E nós gritamos — Viva! — como doidos, mesmo ao pé d'elle. Deus! que momento aquelle!... Ahi chega o trem!

A banda tocou, os officiaes correram, a multidão levantou-se nas pontas dos pés.

— Não sae tão cedo... — disse um guarda. Ainda lhe vão fazer um discurso.

Coretti pae não cabia mais em si.

— Ah! quando penso n'isto... estou mesmo a vê-lo lá. Foi um bravo no tempo do cholera, e quando houve terremotos e todas essas cousas... mas como eu tenho na memoria, e como o vi no meio de nós com a physionomia tranquilla! E estou certo de que tambem elle se recordará do quarto do 49, mesmo hoje que é rei, e que ficaria satisfeito se nos visse uma vez á mesa, a todos os que o cercaram n'aquelles instantes. Temos agora, por cá, generaes, muitos galões e grandes *senhores*, mas lá não havia senão soldados rasos. Ah! se eu pudesse trocar com elle cara á cara quatro palavras!... O nosso general de vinte e dous annos, o nosso principe que estava então confiado ás nossas bayonetas. Quinze annos ha que o não vejo!... O nosso Humberto!... E então esta musica faz-me ferver o sangue, palavra de honra!

Uma explosão de gritos interrompeu-o, milhares de chapéos se levantaram ao ar. Quatro *senhores* vestidos de preto sahiram na primeira carruagem:

— E' elle! gritou Coretti, e ficou como que encantado.

Depois balbuciou lentamente:

— Minha Nossa Senhora! como elle está grisalho!

Todos tres nos descobrimos: a carruagem caminhava vagarosamente pelo meio da multidão que gritava, e todos agitavam os chapéos. Olhei para Coretti pae.

Parecia-me outro; parecia-me que crescera; estava sério, um pouco pallido, direito, encostado á pilastra. A carruagem chegára diante de nós, a um passo de distancia...

— Viva!... gritaram muitas vozes.

— Viva!... gritou Coretti, depois dos outros.

O rei encarou-o de frente, e fixou um momento a vista sobre as tres medalhas. Coretti então perdeu a cabeça e bradou:

—Quarto batalhão do 49°!...

O rei, que se tinha voltado para o outro lado, tornou a olhar em direcção a nós, e fixando muito Coretti, estendeu a mão para fóra da carrugem. Coretti deu um salto para a frente e apertou-lh'a. A carruagem passou, a multidão fechou-se separando-nos e perdemos um momento de vista Coretti, encontrando-o logo offegante, com os olhos humidos, chamando em volta pelo filho, e trazendo a mão muito erguida. O filho foi direito ao pae, e elle exclamou.

— Aqui, meu filho, aqui, que ainda tenho esta mão quente.

E passou-lh'a pelo rosto, dizendo:

—Ahi está uma caricia do rei.

E alli ficou como espantado, com os olhos fitos na carruagem que se ia afastando, com o cachimbo entre as mãos, no centro de um grupo de curiosos que o examinavam.

—Foi um dos do quadrado 49, diziam.

—E' um soldado que conhece o rei. Foi este quem lhe estendeu a mão.

— Apresentou uma petição ao rei — disse um mais alto.

—Não! respondeu Coretti. Eú não lhe apresentei nenhuma petição. Alguma cousa lhe daria eu, se elle m'a pedisse.

Todos olharam para o velho soldado.

E Coretti disse simplesmente:

— O meu sangue!

O Asylo Infantil

Terça-feira, 4. •

Minha mãe, como me havia promettido, levou-me hontem depois do almoço ao asylo infantil do *corso* Valdocco, para recommendar á directora uma irmãzinha de Precossi. Eu não nunca tinha visto um asylo e gostei muito.

Eram duzentas crianças, meninos e meninas, tão pequeninas que os nossos da *primeira inferior* pareciam homens ao pé dellas. Chegámos justamente quando entravam enfileiradas para o refeitório, onde havia duas mesas muito compridas, cheias de buracos redondos, e em cada buraco uma tigela escura cogulada d'arroz e de feijão, e uma colher de estanho ao lado.

Entrando, umas cahiam, e estendiam-se ao comprido; e allí ficavam estiradas até que alguma das mestras as fösse erguer. Muitas paravam diante de uma tigela julgando ser allí o seu lugar e enguliam precipitadamente uma colherada. Quando chegava alguma mestra e dizia — Atiante — as crianças davam tres ou quatro passos, e zás, outra colherada. Isto se repetia até que chegavam ao seu lugar, depois de terem comido ás furtadellas uma meia tigela.

Finalmente, á força de empurrões e gritos: — Aviem-se! Despachem-se! — puzeram-se todas em ordem e principiaram a resar. Todas as das filas de dentro, que para resar tinham de dar as costas á tigela, voltavam a cabeça para traz, e tinham-a sempre de olho, com receio de que a tirassem; e assim resavam com as mãos erguidas, os olhos no céu, mas com o coração no *papa*.

Finalmente, principiaram a comer. Que curioso espectáculo! Uma comia com duas colheres, outra

tomava a comida com as mãos; umas apanhavam os feijões um a um, e encafuavam-os no bolso; outras apertavam-os na toalha e batiam-lhes em cima, reduzindo-os a massa. Algumas ficavam sem comer, vendo voar as moscas, e outras engasgavam-se, tossiam e espalhavam em volta uma chuva de arroz. Parecia um galinheiro. Mas era engraçado. Faziam um bello effeito as duas filas de meninas, todas com os cabellinhos atados no alto da cabeça, com laços vermelhos, verdes e azues. Uma mestra perguntou a um grupo de oito meninas:

— Onde nasce o arroz?

Todas oito escancararam a bocca cheia de sopa, e responderam ao mesmo tempo, cantando:

— Nas-ce na-agu-a.

Em seguida a mestra ordenou que todas levantassem as mãos. Então é que foi bonito vêr erguerem-se todos aquelles bracinhos que poucos mezes antes estavam ainda envoltos nas faixas infantis; agitarem-se aquellas mãos pequeninas que pareciam outras tantas borboletas brancas e roseas. Depois sahiram para o recreio, tendo antes tomado cada uma seu cestinho que estava dependurado na parede, e dentro do qual levava cada uma a sua merenda. Sahiram para o jardim, e espalharam-se, tirando para fóra dos cestos as provisões: pão, ameixas cozidas, um pedacinho de queijo, um ovo cozido, maçãs pequenas, grãos d'hervilhas, e uma aza de frango. Todo o jardim se cobriu n'um momento de migalhas, como se ahi se tivesse espalhado milho para um bando de passarinhos.

Comiam de todas as maneiras as mais extravagantes, parecendo coelhos, ou ratos e gatos, roendo, lambendo e chupando. Havia uma pequena que trazia ao peito um *grissino*, especie de biscoito longo e duro, e esfregava-o com uma nespera, como se

estivesse polindo uma espada ; crianças machucavam nas mãos queijinhos frescos, que lhes escorriam por entre os dedos que nem leite, passando-lhes para dentro das mangas, sem ellas darem por isso. Corriam umas atraz das outras, com os guardanapos e maças presas nos dentes, como câesinhos. Vi tres que remexiam uma palha dentro de um ovo cozido, julgando encontrar alli algum thesouro, espalhavam metade pelo chão, apanhando depois os bocadinhos, com grande paciencia, como se fossem perolas. Se alguma possuia qualquer cousa de extraordinario, era logo cercada por oito ou dez com as cabeças inclinadas a olharem para dentro do cestinho, como teriam olhado para a lua no fundo de um poço. Estavam talvez vinte em roda de um menino, todo cheio de si por ter na mão um cartuchinho de assucar ; e todos a fazer-lhe negações para ver se conseguiam metter dentro o pão, e elle a uns deixava, mas a outros apenas consentia que mettessem o dedo para chupal-o depois.

Entretanto minha mãe, que tinha tambem vindo ao jardim, acariciava, ora um, ora outro. Muitas criancinhas andavam em volta d'ella a pedir-lhe beijos, com a carinha levantada para cima como se olhassem para um terceiro andar, abrindo e fechando a bocca como para pedir maminha. Uma offerecia-lhe um gomo de laranja meio chupado, outra uma codeasinha de pão ; uma menina deu-lhe uma folha, outra mostrou-lhe com grande seriedade a ponta de um dedo, onde olhando com attenção se via uma bolhasinha microscopica que fizera no dia anterior, chegando o dedo á chamma de um lampeão. Punham-lhe debaixo dos olhos, como grandes maravilhas, insectos pequenissimos, que nem eu sei como conseguiram vê-los e apanhal-os, rolhinhas de cortiça, botõesinhos de camisa e floresinhas arrancadas

dos canteiros. Um pequerrucho com a cabeça amarrada de ataduras queria ser ouvido, por força, e tagarellava não sei que historia de uma cambalhota, de que se não entendia uma palavra. Outro quiz que minha mãe se curvasse e disse-lhe ao ouvido: — Meu pai faz escovas. — Em meio de tudo isto, aconteci-m aqui e alli mil desastresinhos que faziam andar as mestras n'uma roda viva: crianças que choravam porque não podiam desatar o nó de um lenço; outras que disputavam a berros e á unhada duas pevides de maçãs; um pequenito que tinha cahido de bruços sobre uma cadeirinha tombada, e chorava em cima d'aquellas ruinas sem poder levantar-se.

Antes de sahirmos, minha mãe agarrou pelos braços tres ou quatro, e então outros correram de todos os lados para se deixarem agarrar, com as carinhas sujas de gemas de ovo e de sumo de laranjas. Uma pegava-lhe das mãos, outra puxava-lhe pelo dedo para vêr o anel; qual a puxar-lhe pela cadeia do relógio, qual a querer apanhar-lhe as tranças? — Cuidado! — diziam as mestras, — que lhe estragam o vestido! — Minha mãe, sem se importar com o vestido, continuou a beijal-as, e ellas cada vez mais se agrupavam em torno d'ella; as mais proximas, estendendo os bracinhos como quem queria subir; as de mais longe, empurrando as outras para abrir caminho e todas gritavam: Adeus! adeus! adeus!

Emfim, minha mãe sempre pôde sahir do jardim, correram então todas a metter as cabecitas entre as grades da cancella para a verem passar e botaram os braços de fóra para saudal-a, offerecendo ainda bocados de pão, pedacinhos de nesperas e cascas de queijo, todas na mesma gritaria.

-- Adeus! Adeus! Adeus! Volta amanhã, vem outra vez, sim?

Minha mãe ao passar correu a mão por aquellas cem mãosinhas abertas, como sobre uma grinalda de rosas vivas, e chegou desembaraçada á rua; mas toda coberta de migalhas e de nodoas, amarrotada, desgrenhada, com uma das mãos cheia de flores e os olhos cheios de lagrimas, contente como se sahisse de uma festa.

E lá dentro ouvia-se ainda um murmurio de vozes, como um longo pipilo de passaros, que diziam: — Adeus! Adeus! Vem outra vez ainda.

Na gymnastica

Quarta-feira, 5.

Continuando o tempo bellissimo, fizeram-nos passar da gymnastica de salão para a dos apparelhos no jardim.

Garrone estava hontem no gabinete do director, quando chegou a mãe de Nelli, aquella senhora loura, vestida de preto, pedindo para que fosse dispensado o filho dos novos exercicios. Cada palavra lhe custava um esforço, e fallava pousando a mão sobre a cabeça do pequeno: — Elle não póde— dizia ella ao director. Mas Nelli mostrou-se muito magoado por ser excluido dos exercicios, e ainda por aquella humilhação de mais...

—Mamã, verás que eu faço como os outros! dizia elle.

A mãe olhava-o em silencio, com um ar de piedade e de affecto. Depois observou com excitação:

—Receio que os seus companheiros...

Ella queria dizer:—Temo que riam d'elle.

Nelli respondeu:

—Não fazem nada; está lá Garrone. Basta que elle se não ria.

Deixaram enfim que elle viesse. O mestre, o da cicatriz do pescoço, o que andou com Garibaldi, conduziu-nos logo ás barras verticaes, que são muito altas, e era necessario trepar até acima, e pôr-se a gente direita sobre a prancha transversal. Derossi e Coretti andaram lá por cima como dous macacos; Precossi tambem subiu com agilidade, apesar de embaraçado com aquelle jaquetão que lhe bate p'los joelhos; e para vêr se o faziam rir enquanto subia todos lhe repetiam o seu estribilho: — Desculpa-me, desculpa-me! — Stardi bufava e ficava vermelho como um perú; apertava os dentes que nem um cão damnado; mas ainda mesmo com o perigo de arrebentar, havia de chegar até acima e chegou realmente; e Nobis tambem, quando se viu lá no alto, tomou uma postura de imperador. Mas Votini escorregou duas vezes apesar do seu vestido novo, de listrinhas azues, feito de proposito para gymnastica. Para subir mais facilmente, todos untaram as mãos com uma especie de breu, *colofonia*, como lhe chamam; e sabe-se que é o negociante do Garoffi que a fornece a todos, em pó, vendendo-a a um soldo o cartucho, ganhando uma porcentagem. Depois tocou a vez a Garrone, que subiu mastigando pão, como se nada fosse, e creio que seria capaz de levar sobre os hombros qualquer de nós, tão corpulento e tão forte é aquelle tourozinho! Depois de Garrone, foi Nelli. Apenas o viram agarrar-se á barreira com aquelles braços compridos e debeis, muitos começaram a rir e a zombar; mas Garrone, encruzando os grossos braços sobre o peito, lançou em torno um olhar de tal modo expressivo, que dava mesmo a entender claramente que largaria, á primeira, quatro sopapos, mesmo em presença do mestre; e todos

cessaram de rir no mesmo instante. Nelli começou a trepar; forcejava, coitado, fazia-se-lhe a cara arroxeadada, respirava a custo, e cahia-lhe o suor pela testa.

O mestre disse-lhe:—Desce—mas elle nada! e esforçava-se, obstinava-se; estava eu a vel-o de um momento a outro resvalar por alli abaixo, meio morto. Pobre Nelli! Estava a lembrar quanto soffreria minha mãe se me visse assim na posição d'elle! e pensando nisto e no bem que queria a Nelli, teria dado não sei o que, para vel-o acabar, e para ajudal-o de baixo, sem ser visto. Derossi e Coretti diziam, no emtanto :

—Acima, acima, Nelli! força... mais um bocadinho... animo!...

E Nelli fez ainda um esforço violento, dando um gemido, e achou-se a dois palmos da prancha.

—Bravo ! — gritaram-lhe os outros. Coragem ! mais um impulso!...

E eis Nelli agarrado á prancha. Todos batiam palmas.— Bravo!— disse o mestre — mas agora basta; desce.

Nelli, porém, quiz subir até acima como os outros, e com um pouco mais de esforço conseguiu pôr os cotovellos em cima da prancha, depois os joelhos, por ultimo os pés.

Por fim aprumou-se, offegante, e sorriu-nos.

Tornámos a dar palmas e então elle voltou-se para o lado da rua; voltei-me tambem para o mesmo lado e através das plantas que marchetam a grade do jardim, vi a mãe d'elle que estava sobre o passeio, sem se atrever a olhar.

Nelli desceu e todos lhe fizeram muita festa; estava excitado, corado, brilhavam-lhe os olhos e não parecia mais o mesmo.

Depois, á sahida, quando a mãe lhe veio ao en-

contro, perguntou-lhe um pouco inquieta abraçando-o:

— Então, meu pobre filhinho, que tal? como te sahiste?

Todos os companheiros responderam a uma:

— Muito bem! subiu como nós. E' forte! E' agil; fez tal qual como os outros.

Era de ver-se então a alegria daquelle senhora.

Quiz nos agradecer e não pôde... apertou a mão a tres ou quatro; fez uma caricia a Garrone, e levando consigo o filho, vimol-os por um pedaço caminhar á pressa, percorrendo e gesticulando ambos, e ambos tão contentes como nunca vi tanta alegria.

❶ mestre de meu pae

Terça-feira, 11.

Que magnifico passeio fiz hontem com meu pae! Foi assim. Ante-hontem ao jantar meu pae lendo o jornal soltou de repente uma exclamação de surpresa. E disse:

— E eu que o julgava morto ha vinte annos! Quem saber que é vivo ainda o meu primeiro mestre ele mentar, Vicente Crosetti, que tem hoje oitenta e quatro annos? Leio aqui que o ministerio acaba de conferir-lhe a medalha de merito, por sessenta annos de professorado! sessenta annos, comprehendis? E apenas dois annos ha que deixou de dar aula. Pobre Crosetti!

Mora a uma hora de caminho de ferro d'aqui, em Condove, na terra da nossa antiga jardineira da villa de Chieri. E ajuntou: Henrique! Havemos ambos de ir vê-lo.

E em toda a noite não falou de mais nada se não delle. O nome do seu mestre elementar trazia-lhe á memoria mil cousas de quando era menino, dos seus primeiros companheiros, de sua mãe já morta.

— Crosetti ! — exclamava — tinha elle quare ta annos quando fui seu discipulo. Parece-me que o estou a vêr : um homemzito já um pouco curvado, com os olhos claros e a cara sempre rapada. Era severo, mas de boas maneiras ; amava-nos como um pae, mas não nos perdoava uma falta. Era um simples camponez, e subiu assim á força de estudo e de privações. Um homem do bem. Minha mãe era-lhe muito affeiçãoada, e meu pae tratava-o como a um amigo. Como foi de Turim metter-se em Condove ? !... De certo me não conhecerá ; não importa, reconhecêl-o-ei. São passados quarenta e quatro annos. Henrique ! iremos vê-lo amanhã.

E hontem ás nove horas, estavam já na estação do caminho de ferro de Susa. Eu bem queria que viesse tambem Garrone, mas não pôde, porque tinha a mãe doente. Estava um bello dia de primavera.

O trem corria por entre prados verdejantes e sebes em flôr, e respirava-se um ar perfumado. Meu pae, contente, de quando em quando punha-me o braço em volta do pescoço e falava-me como a um amigo. E olhando para a campina :

— Pobre Crosetti ! dizia. Foi elle o primeiro homem que me acariciou e mais me fez bem, depois de meu pae. Nunca esqueci os seus bons conselhos, nem algumas das suas admoestações tão asperas que me faziam voltar á casa com um nó na garganta. Tinha as mãos grossas e curtas. Estou a vê-lo ainda, quando entrava na escola, pondo a bengala em um canto, e pendurando o capote no cabide, sempre da mesma fórma. Todos os dias o mesmo hu-

mor ; sempre consciencioso, cheio de boa vontade e attento, como se cada dia fosse o primeiro em que dava aula. Recordo-me, como se o estivesse ouvindo agora, quando elle se dirigia a mim. — Bottini, eia, Bottini ! olha que é o dedo indicador e o médio sobre a penna. — Deve estar muito mudado depois de quarenta e quatro annos !

Apenas chegámos a Condove, fomos procurar a jardineira de Chieri que tem uma bodega n'um becco. Achámol-a com os seus meninos ; fez-nos muita festa, deu-nos noticias do marido, que deve voltar da Grecia, onde está a trabalhar ha tres annos, e da filha mais velha que está no *Instituto dos Surdos Mudos* em Turim. Depois ensinou-nos o caminho para ir á casa do mestre, que é lá conhecido de todos.

Saimos da povoação e tomámos por uma ladeira ingreme, flanqueada de moitas em flôr. Meu pae ia calado, parecia todo absorto nas suas recordações, e de vez em quando sorria e sacudia a cabeça. De repente parou, dizendo :

— Eil-o ! aposto que é elle.

Vinha descendo pelo atalho em direcção a nós um velho baixo, com a barba toda branca, com o chapéo grande, apoiando-se a uma bengala. Arrastava os pés, e tremiam-lhe as mãos.

— E' elle !—repetiu meu pae, apressando o passo.

Quando chegámos ao pé, parámos, o velho parou tambem e olhou para meu pae. Tinha o rosto ainda fresco, e os olhos claros e vivos.

— O senhor é — perguntou meu pae, tirando o chapéo — o mestre Vicente Crosetti ?

O velho descobriu-se tambem e respondeu : — Sou eu — com a voz tremula mas ainda cheia.

— Bem, — disse meu pae pegando-lhe da mão — permitta a um seu antigo discipulo o prazer de aper-

tar-lhe a mão, e perguntar-lhe como está. Vim de Turim para vê-lo.

O velho olhou para elle, espantado, dizendo em seguida :

— Faz-me muita honra ; não sei... meu discípulo, desculpe-me... o seu nome por obsequio ?

Meu pae disse o nome—Alberto Bottini; e o anno em que frequentára a sua escola e onde, accrescentando :

— O senhor não se recorda de mim, é natural ; mas eu reconheço-o perfeitamente.

O mestre inclinou a cabeça, e olhava para o chão, pensando : e duas ou tres vezes murmurou o nome de meu pae, que entretanto olhava para elle, com o olhar fixo, jovialmente. De repente, o velho levantou a cabeça, arregalou os olhos e disse vagarosamente :

— Alberto Bottini... O filho do engenheiro Bottini ? aquelle que morava na praça Deila Consolata ?

— Esse mesmo—respondeu meu pae estendendo-lhe as mãos.

— Então... — disse o velho — permitta-me, caro senhor, permitta-me... e avançando um passo abraçou meu pae ; a sua cabeça branca apenas lhe chegava ao hombro. Meu pae apoiou a face sobre a fronte d'elle.

— Tenha a bondade de vir commigo, disse o mestre.

E sem falar, voltou-se e tomou o caminho que ia para casa.

Em poucos minutos chegámos a um terreiro, diante de uma pequena casa com duas portas e um pedaço de muro caiado de branco.

O mestre abriu a porta e fez-nos entrar n'uma sala. Eram quatro paredes brancas. N'um canto um leito de bancos com uma coberta de quadradinhos

brancos e azues, no outro uma mesa com uma pequena estante, quatro cadeiras e uma velha carta geographica suspensa á parede. Sentia-se um cheiro agradável de maçãs.

Sentámo-nos todos tres. Meu pae e o mestre olharam-se por alguns momentos em silencio.

— Bottini ! exclamou depois o mestre, fixando os olhos no chão de tijolos, que com o sol fazia o effeito de um taboleiro de xadrez. — Agora me vou recordando bem ; a sua excellente mãe era tão boa senhora ! No primeiro anno estive o senhor no primeiro banco á esquerda, proximo da janella. Veja lá se me recordo. Estou a vê ainda os seus cabellos em anneis. Depois estive um pouco a pensar.—Era um rapaz muito vivo. No segundo anno, adoeceu de *crup*, recordo-me até de quando voltou á escola, muito magro, e embrulhado n'um chale. Já lá vão quarenta annos, não é verdade ? E que bondade tamanha em recordar-se e vir vê o seu pobre mestre ! Já aqui têm vindo outros, meus antigos discipulos, visitar-me, um coronel, alguns sacerdotes e varios senhores.

Perguntou a meu pae qual era a sua profissão. E depois disse :

— Muito me alegre ! de todo o coração ! Agradeço-lhe muito. Ha já bastante tempo que não via nenhum antigo discipulo e receio bem que o senhor seja o ultimo, meu bom amigo.

— Para que diz isso ? exclamou meu pae — o senhor está bom e ainda robusto. Não deve falar assim.

— Oh ! não — respondeu o mestre — vê esta tremura — e mostrou as mãos.—Isto é máo signal. Apareceu-me esta molestia ha tres annos, quando ainda dava aula. A principio não fiz caso ; julguei que era incommodo passageiro, mas, ao contrario,

ficou e foi augmentando, até que um dia chegou em que não pude mais escrever. Ah ! aquelle dia, a primeira vez que fiz um borrão no caderno de um discipulo, foi um golpe para meu coração, caro senhor ; trabalhei ainda por algum tempo, mas afinal não pude mais. Depois de sessenta annos de ensino, devia dizer adeus á escola, aos rapazes, ao trabalho ! custou-me muito, custou-me muito. A ultima vez que dei lição, acompanharam-me todos á casa : fizeram-me muita festa ; mas eu estava muito triste, comprehendia que a minha vida estava acabada. Já um anno antes, tinha perdido minha mulher e meu unico filho ; ficaram-me apenas dois sobrinhos, camponeses. Agora vivo de algumas centenas de liras de pensão ; não faço mais nada. Os dias parece-me que não se acabam A minha occupação é folhear os meus livros velhos de escola, algumas collecções de jornaes escolares e um ou outro livrinho de que me têm feito presente. Estão alli, disse apontando para a pequena livraria, estão alli as minhas recordações e todo o meu passado. Não me resta mais nada no mundo.

Depois, n'um tom improvisamente alegre :

— Quero fazer-lhe uma surpresa, meu caro senhor Bottini.

Levantou-se. approximou-se da mesa, abriu uma gaveta onde estavam muitos pacotinhos, todos amarrados com um cordão, e sobre cada um d'elles via-se escripta uma data com quatro algarismos. Depois de ter procurado um pouco, abriu um, folheou inuitos papeis, tirou uma folha amarellada, e apresentou-a a meu pae. Era trabalho de escola feito havia quarenta annos ! Em cima estava escripto : *8 de Abril de 1838. Alberto Bottini.* Meu pae conheceu logo a sua letra, grande, de então, e poz-se a lêr sorrindo ; mas, de repente, humedeceram-se

lhe os olhos. Eu levantei-me e fui perguntar-lhe o que tinha.

Passou-me um braço em volta da cinta, e, apertando-me ao peito, disse :

— Olha esta folha. Vês ? Estas são as correcções da minha pobre mãe. Ella engrossava-me sempre os *ll* e os *tt*. As ultimas linhas são todas da sua mão. Aprendera a imitar a minha letra, e quando eu estava cansado e tinha somno, era ella quem terminava o trabalho por mim. Minha santa mãe !

E beijou a pagina.

— Estão aqui, disse o mestre mostrando os outros pacotes — as minhas memorias. Todos os annos punha de parte um trabalho de cada um dos meus discipulos, e estão todos aqui em ordem e numerados. A's vezes, folheio-os e leio uma linha aqui, outra lá, e vêm-me ao espirito mil cousas ; parece-me reviver os annos passados. E quantos não são já passados, meu caro senhor. Fecho os olhos e vejo rostos após rostos, classes após classes, centenaes e centenaes de crianças, e quantas d'estas não terão já morrido ! De muitas me recordo bem. Recordo-me principalmente dos melhores, dos peiores, d'aquelles que me deram muita satisfação e dos que me fizeram passar momentos de tristeza. Porque eu tive tambem ingratos, como deve saber, e em não pequeno numero, mas agora, bem vê, é como se estivesse já no outro mundo, quero bem a todos, igualmente.

Tornou a sentar-se e tomou uma das minhas mãos entre as suas.

— E de mim ? — perguntou meu pae sorrindo. — Não se lembra das minhas travessuras ?

— Do senhor ? respondeu o velho com um sorriso — n'este momento não. Mas isto não quer dizer,

de modo nenhum, que não as tivesse feito. Porém o senhor tinha muito juizo para a sua idade, era um rapaz serio. Recordo-me da grande affeição que lhe tinha a senhora sua mãe... Mas teve muita bondade e muita gentileza em vir procurar-me. Como pôde deixar as suas occupaões para vir visitar o pobre velho mestre ?

— Ouça, Sr. Crosetti ! — respondeu meu pae vivamente. — Recordo-me da primeira vez que minha boa mãe me acompanhou á escola. Era a primeira vez que ella devia separar-se de mim por duas horas, e deixar-me fóra de casa, em outras mãos que não fossem as de meu pae : nas mãos de uma pessoa desconhecida, em summa. Para aquella boa creatura, a minha entrada na escola era como a entrada do mundo, a primeira de uma longa série de separações necessarias e dolorosas : era a sociedade que lhe arrebatava, pela vez primeira, o filho, para não mais lh'o restituir, inteira e completamente. Estava commovida e eu tambem. Recommendeu-me ao senhor com a voz tremula, e depois, saindo, ainda me saudou já fóra da porta, com os olhos rasos de lagrimas. Lembro-me que, n'esse momento, o senhor lhe fez um aceno com a mão, pondo a outra no peito, como para dizer-lhe : « Confie em mim ». Pois bem, meu mestre, aquelle gesto, acompanhado de um olhar pelo qual percebi que comprehendera todos os affectos e todos os pensamentos de minha mãe, aquelle olhar que queria dizer : — Coragem ! aquelle gesto que era uma honesta promessa de protecção, de affecto e de indulgencia, não o esqueci mais, gravou-se-me no coração para sempre : e foi essa recordação que me fez partir de Turim. E eis-me aqui, depois de quarenta e quatro annos a dizer-lhe : Obrigado, querido mestre.

O mestre não respondeu. Acariciava-me os ca-

bellos com a mão, e a mão tremula cahia-me dos cabellos sobre a testa, e da testa sobre os hombros.

No entanto meu pae olhava para as paredes nuas, para o modesto leito, para um pedaço de pão e uma lata de azeitonas que estava sobre a janella, e parecia querer dizer : — Pobre mestre ! Depois de sessenta annos de trabalho, é esse todo o teu premio ?

Mas o bom velho estava contente e principiou de novo a falar com vivacidade da nossa familia, dos outros mestres do seu tempo e dos companheiros de escola de meu pae, que de uns se recordava, e de outros não ; e sobre cada um dava noticias d'isto e d'aquillo, quando meu pae, interrompendo a conversação, pediu ao mestre que viesse á povoação, para almoçarmos juntos. Elle respondeu com expansão :

— Agradeço, agradeço.

Mas parecia indeciso. Meu pae pegou-lhe das mãos e instou de novo.

— Mas, como me arranjarai eu para comer ? — disse o mestre. — Com estas pobres mãos que bailam desta maneira ? E' uma penitencia até para os outro...

— Nós o ajudaremos, mestre, disse meu pai.

Aceitou então, abanando a cabeça e sorrindo.

— Um bello dia este ! — exclamou, fechando a porta por fóra, um magnifico dia, caro senhor Bottini. Asseguro-lhe que me hei de recordar sempre d'elle até o fim da vida.

Meu pai deu o braço ao mestre, este pegou-me na mão e descemos a rampa. Encontrámos duas rapariguinhas descalças que conduziam umas vaccas, e um rapaz que passou correndo com um feixe de palha aos hombros. O mestre disse-nos que eram duas escolares e um estudante da segunda, que de manhã levavam o gado a pastar e trabalhavam nos campos, descalços, e de tarde calçavam os sapatos

e iam á escola. Era quasi meio-dia. Não encontrámos mais ninguem. Em poucos minutos chegámos á hospedaria e sentámo-nos a uma grande mesa, ficando no meio o mestre, e principiámos logo a almoçar. A hospedaria estava silenciosa como um convento.

O mestre estava muito contente e a commoção augmentava-lhe a tremura. Quasi não podia comer.

Mas meu pai partia-lhe a carne e o pão, punha-lhe o sal no prato. Para beber precisava sustentar o copo com as mãos ambas, e ainda assim lhe tilintava nos dentes : mas discorria com um certo calor sobre os livros de leitura, de quando elle era moço, e os horarios de então, os elogios que lhe tinham feito os superiores, os regulamentos dos ultimos annos, sempre com aquelle rosto sereno, um pouco mais corado que antes, com a voz alegre e um sorriso quasi de moço. Meu pai olhava para elle, e olhava com a mesma expressão com que o surpreendendo muitas vezes a olhar para mim, em casa, quando pensa e sorri comsigo mesmo. O mestre deixou cahir vinho no peito ; meu pae levantou-se e limpou-o com o guardanapo.

— Oh ! por quem é, senhor, não consinto — disse elle rindo-se e murmurou algumas palavras em latim.

Por ultimo levantou o copo, que lhe dansava na mão, e articulou muito serio : — A' sua saúde, caro senhor engenheiro, á saúde de seus filhos e á memoria de sua boa mãe.

— A' sua, meu bom mestre ! — respondeu meu pae apertando-lhe a mão.

No fundo da sala estavam o dono da hospedaria e outros, que olhavam e sorriam de um modo que se via estarem contentes d'aquella festa que se fazia ao mestre da sua terra.

A's duas da tarde sahimos. O mestre quiz-nos acompanhar até a estação. Meu pae deu-lhe de novo o braço, e elle tornou a pegar-me pela mão. Eu levava-lhe a bengala. A gente passava e olhava, porque todos o conheciam; alguns cumprimentavam-o. A certa altura da estrada, ouvimos de uma janella muitas vozes de meninos que liam juntos soletrando. O mestre parou, e pareceu ficar triste.

— Ah! está, caro senhor Bottini — disse — o que me faz pena; é ouvir a voz das crianças na escola, e não estar eu lá, e saber que está outro! Por espaço de sessenta annos ouvi aquella musica, e já tinha o coração habituado a ella. Agora estou sem familia, não tenho mais filhos.

— Não, mestre! — disse-lhe meu pae, continuando a caminhar. O senhor tem ainda muitos filhos espalhados por este mundo, que se recordam do senhor, como eu me recordei sempre.

— Não, não, — respondeu o mestre com tristeza. Não tenho mais escola, não tenho mais filhos. E pouco viverei sem elles. A minha hora está chegando.

— Não diga isso, nem pense em semelhante cousa, mestre! — acudiu meu pae. Em todo o caso o senhor fez tanto bem! empregou a sua vida tão nobremente!

O velho mestre inclinou a cabeça branca sobre o hombro de meu pae, e apertou-me a mão. Tinha-mos entrado na estação, e ia partir o trem.

— Adeus! querido mestre! — disse meu pae beijando-o nas faces.

— Adeus! e muito obrigado! adeus... — respondeu o mestre tomando com a sua mão tremula uma das mãos de meu pae, apertando-a sobre o coração.

Depois beijei-o eu, e senti-lhe o rosto humido. Meu pae impelliu-me para o carro, e quando elle ia

subir, tirou rapidamente da mão do mestre o bastão grosseiro, e trocou-o pela sua magnifica bengala de castão de ouro com as suas iniciaes, dizendo-lhe :

— Conserve-a para memoria minha. — O velho tentou restituir-lh'a e tornar a receber a sua, mas meu pae estava já dentro e tinha fechado a portinhola do carro.

— Adeus, meu bom mestre!

— Adeus, meu filho, — respondeu o velho quando o trem começava a mover-se. — Deus o abençõe pela consolação que veio trazer a este pobre velho.

— Até á vista! — gritou meu pae, com a voz commovida.

Mas o mestre sacudia a cabeça como quem queria dizer: « Não nos veremos mais. »

— Sim, sim, — repetia meu pae — até á vista.

E elle respondeu, levantando a mão tremula ao céu :

— Lá em cima...

E movendo-se o trem, o velho mestre desapareceu aos nossos olhos, assim, com a mão levantada...

Convalescença

Quinta-feira, 20.

Quem me diria, quando voltava tão alegre, com meu pae, d'aquelle bello passeio, que se passariam dez dias sem eu vêr nem os campos nem o céu!

Estive muito doente, em perigo de vida. Ouvi minha mãe chorar e vi meu pae, muito pallido, a olhar-me fixamente; e minha irmã Silvia e meu irmão falando baixo entre si; e o medico, com os seus oculos, sempre junto de mim, dizendo cousas que eu não comprehendia. Estive, com effeito, a

ponto de dizer o ultimo adeus a todos. Ah! pobre de minha mãe! Passaram-se pelo menos tres ou quatro dias de que quasi nada me recordo, como se tivesse tido um sonho complicado e obscuro. Entretanto, lembro me de ter visto á cabeceira da cama a minha mestra da *primeira superior*, que se esforçara por suffocar a tosse com o lenço, para não me acordar; e recordo-me tambem, confusamente, de meu mestre, que, inclinando-se para me beijar, roçou-me a cara com a barba: e vi passar como uma nevoa a cabeça ruiva de Crossi, os anneis louros de Derossi, e o calabrez vestido de preto, e Garrone que me trouxe um raminho de amendoas com folhas e sahiu logo, porque sua mãe estava mal. Depois despertei como se acordasse de um somno longuissimo, e percebi que estava melhor, vendo meu pae e minha mãe que sorriam, e ouvindo Silvia que cantarolava. Oh!, que triste sonho que tive! Depois, principi a melhorar todos os dias. Veiu vêr-me o Pedreirinho, que me fez rir pela primeira vez, com o seu *focinho de lebre*. E como o faz bem, agora que ficou com a cara mais comprida por causa da molestia que teve! Coitado! Veio tambem Coretti, e veio Garoffi, que me trouxe dois bilhetes de presente, para uma rifa que vai fazer de um canivete com *cinco sorpresas*, que comprou a um bufarinheiro da praça Bertola. Hontem tambem, enquanto dormia, veio Precossi, encostou a face em cima da minha mão sem despertar-me, e como vinha da officina do pae, com o rosto ennegrecido de carvão, deixou-me um signal negro no punho da camisa, o que vi com grande prazer, quando acordei. Como se tornaram verdes as arvores n'estes poucos dias! E que inveja me fazem os meninos que vejo correr para a escola com os livros, quando meu pae me leva á ja-

ila. Mas dentro em pouco irei tambem. Estou impaciente por ver outra vez todos os meus collegas, minha carteira, o jardim, aquellas ruas; saber o que tem acontecido n'esse tempo; tornar a regressar-me aos livros, aos cadernos, que já me parece não ver ha mais de um anno! Pobre de minha mãe, que está tão magra e tão pallida! Pobre meu pae que está tão abatido! E os meus bons companheiros que vieram visitar-me e andavam na calçada dos pés e me beijavam a fronte! Faz-me tristeza agora que me lembro que um dia nos havemos de separar. Com Derossi e mais alguns continuarei a estudar, ainda juntos de certo; mas os outros? Uma vez terminada a *quarta*, adeus; não nos veremos mais. Nunca mais os terei á minha cabeceira, quando estiver doente, Garrone, Precossi, Coretti, os bellos rapazes, os bons e queridos companheiros, nunca mais!

Os amigos operarios

Quinta-feira, 20.

Nunca mais, e por que, Henrique? Isso dependerá de ti. Acabada a 4ª classe, tu irás para o gymnasio; elles serão operarios, mas ficarás na mesma cidade e talvez por muitos annos. E por que então os não verás tu mais? Quando estiveres na universidade ou no lyceu, poderás procural-os nas suas lojas e nas suas officinas. e sentirás grande prazer tornando a vêr os teus companheiros de infancia, já homens, a trabalhar. Sempre quizera vêr se tu não irias procurar Coretti e Precossi onde quer que estivessem! Has de ir lá e has de passar muitas horas em sua companhia, estudando a vida e o mundo, aprendendo com elles quantas cousas nenhuns outros te saberiam ensinar a respeito das suas artes, da sua sociedade e do teu paiz. E nota que, se não conservares estas amizades, será difficil que adquiras

outras semelhantes no futuro; amizades, quero dizer, fô da classe a que pertences; viverás assim n'uma classe social, e o homem que frequenta ũma só classe social, é como estudioso que não lê senão um livro. Prepara-te, portanto desde já, para conservar aquelles bcns amigos, para qual estiverdes separados, e começa desde já a preferil-os, isso mesmo que sãc filhos de operarios. Os homens das classes superiores são os officiaes, e os operarios, soldados do trabalho; mas assim na sociedade como no exercito. nã só o soldado não é menos nobre do que o official, porque nobreza está no trabalho e não no dinheiro, no valor e nos galões, mas se ha uma superioridade no merito, tence esta ao soldado e ao operario, porque tiram menor veito da propria obra. Ama, pois, e respeita sobre todo, entre os teus companheiros, os filhos dos soldados do trabalho; honra n'elles as fadigas e os sacrificios de seus paes, despreza as differenças de fortuna e de classe, pelas quaes só os vis regulam os sentimentos e a cortezia, e pensa que o sangue abençoado que resgatou a nossa patria sahiu quasi todo das veias dos operarios das officinas e dos trabalhadores dos campos. Ama Garrone, ama Precossi, ama Coretti, ama o teu «Pedreirinho»; pois no peito d'esses pequenos operarios palpitam corações de príncipes; e jura a ti mesmo que nem uma mudança de fortuna poderá jamais arrancar estas santas amizades infantis da tua alma. Jura que se d'aqui a quarenta annos, passando por uma estação de caminho de ferro, reconheceres, mettido na blusa de machinista, o teu velho Garrone, com a cara empoeirada, ah! não preciso do teu juramento: estou certo de que saltarás sobre a machina e te lançarás nos braços do teu amigo, ainda que fosses senhor do reino.

TEU PAE.

A mãe de Garrone

Sabbado, 29.

Triste noticia, logo que voltei á escola! Desde muitos dias Garrone não apparecia, porque a mãe estava gravemente doente. Sabbado á noite morreu.

Hontem de manhã, apenas entrámos na escola, disse-nos o mestre :

— Ao pobre Garrone feriu-o a maior desgraça que pôde ferir um homem : morreu-lhe a mãe. Amanhã voltará elle á aula, e eu peço a todos que desde já respeitem aquella terrivel dôr que lhe dilacera a alma. Quando elle entrar, saudae-o com affecto ; nenhum gracejo, nenhum riso, peço-vos.

E esta manhã, um pouco mais tarde do que os outros, entrou o pobre Garrone. Senti um golpe no coração ao vel-o. Tinha o rosto amortecido, os olhos vermelhos, e mal se sustinha nas pernas ; parecia ter estado um mez de cama. Quasi se o não reconhecia ; vinha todo vestido de preto, fazia compaixão. Ninguém respirava, e todos olhavam para elle. Apenas entrou e viu outra vez aquella escola, onde sua mãe vinha buscal-o quasi todos os dias, aque la carteira, onde tantas vezes ella se inclinára nos dias de exame para lhe fazer a ultima recommendação, olhou para o logar onde tantas vezes tinha pensado n'ella, impaciente por sahir para correr-lhe ao encontro, e cahiu n'um pranto desesperado. O mestre chamou-o para o pé de si, apertou-lhe ao peito e disse-lhe :

— Chora, chora, pobre criança, mas tem animo. Tua mãe já não existe neste mundo ; mas vê-te, ama-te ainda, vive a teu lado, e um dia has de tornar a vê-la, porque és uma alma boa e honesta como ella. Tem coragem !

Dito isto, acompanhou-o ao banco ao pé do meu. Eu não ousava olhar para elle. Tirou os cadeiros e os livros, que não tinha folheado havia muitos dias, e abrindo um livro de leitura, que tem uma vinheta representando uma mãe com o filho pela mão, proinpeu a chorar de novo n'um pranto copioso, deixando pender a cabeça sobre o braço. O mestre fez-nos signal para que o deixassemos estar assim e

pricipiou a lição. Eu desejava fallar-lhe, mas nem sabia o que lhe havia de dizer. Puz-lhe uma das mãos no braço e disse-lhe ao ouvido:

— Não chores, Garrone!

Elle não respondeu, e, sem levantar a cabeça da carteira, poz a sua mão na minha e deixou-a ficar algum tempo. A' sahida ninguem lhe falou; todos o rodeavam com respeito e silencio.

Eu vi minha mãe, que me esperava, e corri a abraçá-la; porém ella, com os olhos fitos em Garrone, repelliu-me! A' primeira vista não percebi por que; mas depois notei que Garrone, sósinho, um pouco afastado, olhava para mim com um olhar de inexprimível tristeza, que queria dizer: «Abraças tua mãe, e eu não abraçarei mais a minha... Tu tens ainda a tua mãe viva, e a minha é morta!»

E então comprehendí a razão por que minha mãe me repellira, e sahi sem dar-lhe a mão.

José Mazzini

Sabbado, 29.

Garrone ainda veiu esta manhã á escola e trazia os olhos inchados de chorar, e apenas olhou de longe para os pequeninos presentes que lhe tinhamos posto sobre a carteira para o consolar. O mestre tinha trazido uma pagina de um livro para lêr-lhe e incutir-lhe coragem. Primeiro advertiu-nos de que iríamos todos amanhã, ao mio-dia, ao municipio, para ver entregar a medalha de *Valor civico* a um rapaz que salvára uma criança no rio Pó, e que na segunda-feira nos dictaria a descripção da festa em logar do *Conto mensal*. Depois, voltando-se para Garrone, que estava de cabeça baixa, disse-lhe:

— Garrone, faz um esforço e escreve tambem o que eu vou dictar.

Todos pégamos na penna. O mestre dictou:

« José Mazzini nasceu em Genova em 1805 e falleceu em Piza em 1872. Grande alma de patriota, grande engenho de escriptor, inspirador genial, o primeiro apostolo da revolução italiana, que por amor da patria viveu quarenta annos pobre, proscripto, perseguido, errante, heroicamente firme nos seus principios e nos seus propositos, José Mazzini adorava sua mãe, e herdára d'ella quanto na sua alma fortissima e nobre existia de mais alto e mais puro. A um seu fiel amigo assim escrevia elle para consolal-o na maior das desventuras. São pouco mais ou menos estas as suas palavras:

« Amigo. Não tornarás a vêr mais tua mãe neste mundo. E' esta a tremenda verdade. Eu não vou ter contigo porque a tua dôr é daquellas dôres solemnes e santas que é necessario soffrer e vencer por si só. Comprehendes o que quero dizer com estas palavras: *E' necessario vencer a dôr?* Vencer o que a dôr tem de menos santo e de menos purificador, o que em vez de melhorar a alma a enfraquece e a abaixa. Mas a outra parte da dôr, a parte nobre, aquella que engrandece e eleva a alma, essa deve ficar contigo e não te deixar mais nunca. Nada neste mundo substitue uma mãe. Ou nas dôres, ou nas consolações que a vida pôde dar-te ainda, não a esquecerás nunca. Deves, porém, recordal-a, amal-a e sentir a sua morte de um modo digno d'ella. Amigo, escuta-me! A morte não existe, a morte não é nada. Não se pôde comprehendel-a. A vida é a vida, e segue a sua propria lei, o progresso. Ainda hontem tinhas tua mãe na terra, hoje tens um anjo em outro logar; tudo o que é bom sobrevive, engrandecido de poder, á vida terrena. Assim tambem o amor de tua

mãe. Ella ama-te agora mais que nunca. E tu és responsavel pelas tuas acções em relação a ella edas tuas obras depende encontral-a, tornal-a a vêr em uma outra existencia. Deves, pois, por amor e reverencia á tua mãe tornar-te melhor e dar-lhe alegria. Deverás d'ora avante, a cada um dos teus actos, inquirir a ti mesmo: approval-o-á minha mãe? A sua transformação deu-te no mundo um anjo da guarda, a quem deves referir todas as tuas cousas. Sê, pois, forte e bom; resiste á dôr desesperada e vulgar, mas conserva a tranquillidade dos grandes soffrimentos nas grandes almas. E' isso o que ella quer.»

— Garrone — accrescentou o mestre — *sê forte e tranquillisa-te; é isso o que ella quer* — entendes?

Garrone acenou que sim com a cabeça, e no entanto cahiam-lhe as lagrimas copiosas, grossas, sobre as mãos, sobre os cadernos e sobre a carteira.

Valor civico

(CONTO MENSAL)

Ao meio-dia estavamos com o mestre diante do palacio municipal, para ver entregar a medalha de *Valor civico* ao rapaz que salvou um companheiro no rio Pó.

No terraço da fachada fluctuava uma grande bandeira tricolor.

Entrá nos no atrio do palacio.

Estava já cheio de gente. Via-se ao fundo uma mesa com um panno vermelho e em cima papeis, e por traz uma fila de poltronas douradas para o syndico e para a junta; os guardas do municipio esta-

vam de fardamento azul e calças brancas. A' direita via-se collocada uma bandeira da guarda civica coberta de melalhas, e ao lado uma bandeira dos guardas da alfandega. Do outro lado os bombeiros com o fardamento de gala, e muitos soldados de cavallaria, caçadores e artilheiros, sem ordem, que foram ali só para ver. Depois, em volta, tudo cheio de *senhores*, de paizanos, de officiaes, mulheres e crianças que se acotovelavam. Nós reunimo-nos n'um canto, onde estavam já amontoados alguns alumnos de outras secções com o seus mestres, e proximo de nós achava-se um grupo de rapazes do povo, de entre dez e dezoito annos, que riam e falavam animadamente, e viam-se que eram todos das margens do Pó, companheiros e conhecidos d'aquelle que ia ganhar a medalha. Em cima, de todas as janellas, debruçavam-se empregados do municipio, e até a galeria da bibliotheca estava repleta de gente, que se opprimia contra a balaustrada. No lado opposto viam-se, como imprensadas, um grande numero de *mocinhas* das escolas publicas, e muitas *Filhas dos militares*, com os seus véos azues celeste. Parecia um theatro. Todos conversavam alegres, olhando a cada momento para o lado da mesa vermelha, a ver se apparecia alguem. A banda de musica tocava em andamento vagaroso, ao fundo do portico.

Nas paredes batia o sol.

Bellissimo !

De repente, os que estavam no atrio, nas galerias e nas janellas começaram todos a bater palmas. Eu puz-me nas pontas dos pés para vêr.

A multidão que estava por traz da mesa vermelha rompeu-se e appareceram á frente um homem e uma mulher. O homem trazia pela mão um menino. Era o que tinha salvado o companheiro. O homem era o

pae, um pedreiro, vestido de festa ; a mulher, sua mãe, pequena e loura, vestia de preto. O rapaz, também pequeno e louro, trajava jaquetão cinzento.

Ao vêr tanta gente, e ao ouvir tão grande estrepito de applausos, ficaram todos tres de modo que não ousavam olhar nem mover-se. Um guardá municipal collocou-os ao lado da mesa, á direita. Tudo ficou calado um momento, e depois ruidosamente elevaram-se os applausos de todas as partes. O rapaz olhou para as janellas e depois para as galerias das *Filhas dos militares* ; tinha o chapéo entre as mãos, e parecia não comprehender bem onde estava. Achei que se parecia um pouco com Coretti na cara, mas um pouco mais corado. O pae e a mãe tinham os olhos fixos na mesa.

No emtanto todos os rapazes dos lados do Pó, que estavam ao pé de nós, apresentaram-se á frente, faziam gestos para o seu companheiro, para que este os visse, e chamavam-o em voz baixa : « Pin ! Pin ! Pinot ! . . . »

A' força de chamar conseguiram fazer-se ouvir. O rapaz olhou para elles e escondeu o sorriso por de-raz do chapéo.

N'um dado momento todos os guardas perflaram.

Entrou o syndico, acompanhado de muitos *senhores*. O syndico, todo branco, com uma grande faixa tricolor, approximou-se da mesa. Ficou de pé, e todos os outros ficaram por detraz e dos lados.

A banda cessou de tocar, e a um gesto do syndico tudo se calou.

Elle principiou então a falar. As primeiras palavras não as entendi bem, mas comprehendi que contava o successo. Depois levantou a voz, que se espalhou clara e sonora por todo o atrio, e não perdi mais uma palavra.

« Quando viu do cães o companheiro que se debatia nas aguas já tomado pelo terror da morte, despiu-se precipitadamente e correu sem hesitar um momento. Gritaram-lhe :— Afogas-te ! — e elle não respondeu. Agarraram-o e elle soltou-se. Chamaram-o pelo nome e já elle estava na agua ! O rio rolava cheio, e era terrivel o perigo, mesmo para um homem. Mas elle arremessou-se contra a morte, com toda a força do seu pequeno corpo e do seu grande coração ; foi até deitar a mão ao desgraçado, que já estava mergulhado, e trouxe-o á tona d'agua. Luctou furiosamente com a onda que queria tragal-os, com o companheiro que tentava agarrar-se a elle ; muitas vezes desapareceu, para reaparecer de novo por um desesperado esforço obstinado e invencivel no seu santo proposito, não como uma criança que tentasse salvar outra criança, mas como um homem, como um pae que luctasse para salvar um filho que fosse a sua esperanza e a sua vida ! Afinal ! Deus não permittiu que tão generosa coragem ficasse inutil. E o nadador, a criança, arrancára a victima ao rio gigante ; trouxe-a á terra e prestou-lhe ainda com outros os primeiros socorros ; depois do que, voltou para casa, só e tranquillo, a contar ingenuamente o que havia feito. Senhores ! Bello, veneravel, é o heroismo do homem. Mas n'uma criança, em quem nenhuma mira de ambição ou de qualquer interesse é possivel, n'uma criança que necessita ter tanto mais audacia, quanto menos tem de força ; na criança, a quem nada pedimos, porque em nada a avaliamos ; que nos parece já muito nobre e digna de ser amada, não quando faça, mas quando comprehenda e reconheça os sacrificios de outrem ; na criança o heroismo é alguma cousa de divino. Nada mais direi, senhores ! Não quero ornar de louvores superfluos uma tão simples gran-

deza. Eil-o aqui diante de vós, o salvador valoroso e gentil. Soldados ! saudae-o como um irmão ; mães ! abençoa-e-o como um filho ; crianças ! recordae-vos do seu nome : fixae na mente as suas feições, e que ellas não se apaguem mais da vossa memoria, nem do vosso coração. Approxima-te. Em nome do-rei de Italia, eu te dou a medalha do *Valor civico.* »

Um viva altissimo, levantado ao mesmo tempo por muitas vozes, echoou em todo o palacio.

O syndico tomou de sobre a mesa a medalha e prendeu-a ao peito do rapaz. Depois abraçou-o e beijou-o.

A mãe poz uma das mãos sobre os olhos ; o pae tinha a cabeça inclinada sobre o peito.

O syndico apertou a mão a ambos, e pegando no decreto da condecoração, atado com uma fita, entregou-o à mãe.

Depois dirigiu-se ao rapazinho e disse :

« Que a recordação d'este dia tão glorioso para ti, tão feliz para teu pae e para tua mãe, te mantenha por toda a vida no caminho da virtude e da honra. Adeus ! »

O syndico sahiu ; a banda tocou ; e tudo parecia acabado, quando a bandeira dos bombeiros se desdobrou, e uma criança de oito a nove annos, impellida para frente por uma mulher, que logo se escondeu, foi direita ao condecorado, e estreitou-o entre os braços. — Um outro estrondo de vivas e applausos retumbou por todo o atrio. Todos comprehenderam logo que era aquelle rapaz salvo do Pó, que vinha agradecer ao seu salvador. Depois de o ter beijado, agarrou-se-lhe a um braço para acompanhal-o á sahida. Elles adiante, e o pae e a mãe atraz, caminhavam para a porta da sahida, passando a custo entre a gente que fazia alas á sua passagem : guar-

das, meninos, soldados, mulheres, tudo em confusão. Todos tentavam chegar-se á frente, e punham-se nas pontas dos pés para vêr o heroezinho. Os que estavam na frente, na passagem apertara n-lhe a mão. Quando passou diante dos alumnos da escola, todos agitavam os barretes no ar. Os das margens do Pó fizeram um grande barulho puxando-lhe pelos braços e pela jaqueta, gritando : — Pin ! viva Pin ! Bravo Pinot ! Eu vi-o passar mesmo perto de mim. Estava com o rosto corado e muito contente. A medalha vermelha tinha a fita branca e verde. A sua mãezinha chorava e sorria, e o pae torcia o bigode com uma das mãos, que lhe tremia como se tivesse febre. E de cima das janellas e das galerias dèbruçavam-se todos a applaudir. De repente, quando estava a chegar debaixo do portico, veio de cima da galeria das *Filhas dos militares* uma verdadeira chuva de amores perfeitos, de raminhos de violetas e de margaridas, que cahiam sobre a cabeça do heroezinho, do pae e da mãe, espalhando-se depois pelo chão. Muitos apanhavam-os á pressa e entregavam-os á mãe. E a banda no fundo do atrio tocava lentamente uma aria bellissima, que parecia o canto de muitas vozes argentinas que vagarosamente, pelas margens de um rio, lentas se fossem afastando, perdendo-se ao longe...

MAIO

As crianças rachíticas

Sexta-feira, 5.

Hoje não fui á escola, porque não estava bom, e minha mãe levou-me comsigo ao *Instituto dos meninos rachíticos*, onde ia recommendar uma menina, filha do porteiro; mas não me deixou entrar na escola...

Não comprehendeste, Henrique, por que não te deixei entrar? Para não pôr diante d'aquelles desgraçados, alli no meio da escola, quasi como em exposição, um menino são e robusto. Muitas occasiões têm elles já de se achar em comparações dolorosas. Que triste cousa! Sobem-me as lagrimas do coração ao entrar lá dentro. Eram uns sessenta, entre meninos e meninas. Pobres ossos torturados! pobres mãos! pobres pésinhos contrahidos e tortos! pobres corpinhos aleijados! Observei logo á entrada muitas carinhas sympathicas e olhos cheios de affectos. Havia uma pequerrucha com o nariz afilado e o queixo pequeno que parecia uma velhinha; mas tinha um sorriso de suavidade celeste. Alguns, de frente, são bellos e não parecem defeituosos; mas voltam-se e comprime-se-nos o coração. Estava o medico a fazer a visita. Punha-os em pé em cima dos bancos, e levantava-lhes os vestidinhos para tocar-lhes no ventre inchado e as articulações estumescidas; mas não se envergonhavam d'isso, pobres creaturas! Bem se via que eram crianças acostumadas a ser despidas, examinadas e voltadas de todos os lados... E pensar que ainda agora ellas estão no periodo mais suave da doença, que quasi não soffrem nada!... Mas quem pôde imaginar os seus soffrimentos ao principiar a deformação no corpo, quando com o crescer da enfermidade sentiram diminuir o affecto em torno de si, pobres crianças, deixadas horas e horas sózinhas, no canto de uma sala ou de um pateo, mal nutridas, e ás vezes ainda escarnecidas ou atormentadas, mezes e mezes, com ligaduras a apparelhos orthopedicos inuteis?

Agora, porém, graças aos cuidados, á boa alimentação e á gymnastica, muitas melhoram.

A mestra mandou-as fazer gymnastica. Fazia compaixão vê-las, obedecendo ás vozes, esticar debaixo dos bancos todas aquellas perninhas enfaixadas e apertadas todas, e cheias de inchaços e aleijões, aquellas perninhas que seriam cobertas de beijões ! Muitas não podiam levantar-se do banco e ficavam alli com a cabeça encostada ao braço, acariciando as muletas com a mão ; outras faziam movimentos com os braços, mas faltava-lhes a respiração e cahiam sobre o banco, pallidas, mas sorrindo para dissimularem o cansaço. Ah ! Henrique, vós outros que tendes saude, não sabeis aprecial-a, parecendo-vos cousa de pequeno valor. Eu pensava nos rapazes fortes e florescentes de viço que as mães levam, como em triumpho, soberbas da sua belleza ; e sentia-me capaz de estreitar freneticamente ao coração todas aquellas cabecinhas e dizer-lhes : « Se eu fosse só, não sahiria mais d'aqui, consagra-vos-ia a vida, servir-vos-ia de mãe, a vós todos, até ao meu ultimo dia ». E tambem têm aptidões aquelles anjinhos, e estudam, disse-me a mestra, uma senhora joven e gentil, que tem na physionomia, cheia de bondade, certa expressão de tristeza, como um reflexo das desventuras que ella acaricia e consola. Santa mulher ! Entre todas as creaturas humanas que ganham a vida com o trabalho, não ha nenhuma que ganhe a vida mais santamente que tu, minha boa filha.

Tua mãe.

Sacrificio

Terça-feira, 9.

Minha mãe é boa : e minha irmã Silvia é como ella, tem o mesmo coração grande e nobre. Eu estava copiando hontem á noite uma parte do conto mensal — *Dos Apenninos aos Andes* — que o mestre repartiu por uns poucos para copiar, quando Silvia entrou nos bicos dos pés e me disse apressadamente :

— Vem commigo onde está mamãe. Ouvi esta manhã dizer ao papá (elles conversavam) que lhe

correra mal um negocio, e estava aborrecido ; a mamãe animava-o ; entendes ? estamos em más circumstancias. Não ha dinheiro ; o papá disse mais, que lhe era necessario fazer sacrificios para equilibrar-se. Ora, é necessario que nós façamos tambem sacrificios iguaes, não te parece ? Estás prompto ?... Bem ; eu vou falar á mamãe ; tu has de dizer-lhe que sim, que promettes fazer o que eu disser.

Dito isto, pegou-me na mão e levou-me á mamãe, que estava cosendo muito pensativa. Sentei-me de um lado do sofá e Silvia disse-lhe sem mais rodeios :

— Ouça, mamãe, nós temos que te falar.

A mamãe olhou para nós maravilhada e Silvia principiou :

— O papá está sem dinheiro, não é verdade ?

— Que dizes ? respondeu nossa mãe, corando.

Não é exacto ; que sabes tu ? Quem te contou isso ?

— Eu sei, disse Silvia resolutamente. Ouça, mamãe: a nós tambem deve tocar uma parte dos sacrificios. A mamãe tinha-me promettido um leque para o fim de maio, e Henrique esperava a sua caixa de tintas. Pois bem, não queremos cousa nenhuma; não queremos que se gaste dinheiro; ficaremos satisfeitos do mesmo modo, entende ?

A mãe tentou falar, mas Silvia disse:

— Não; ha de ser assim: temos decidido. E emquanto papá não tiver dinheiro, não queremos mais fructas nem mais nada. Bastar-nos-á a sopa, e de manhã ao almoço comeremos pão; assim gastar-se-á menos com a mesa, com que já se despende muito. E nós promettemos andar sempre contentes como até aqui. Não é verdade, Henrique ?

Eu respondi que sim. E ella repetiu pondo a mão não boca da mamãe:— Sempre contentes da mesma maneira! E se ha outros sacrificios a fazer, ou seja

no vestir ou no que fôr, nós os faremos de boa vontade; também se podem vender os nossos brinquedos. Eu dou todas as minhas cousas, e sirvo de criada de quarto; não daremos mais nada a fazer fóra de casa, trabalharei com a senhora todo o dia e farei quanto quizer, porque estou disposta a tudo.

A tudo!— exclamou, lançando os braços ao pescoço de minha mãe—comtanto que o papá e a mãe não tenham mais desgostos, e que continuemos a vê-los ambos tranquillos e de bom humor como até aqui, juntos da sua Silvia e do seu Henrique, que lhes querem tanto bem e que dariam a vida por elles.

Ah! eu nunca vi minha mãe tão contente como ao ouvir aquellas palavras; nunca nos beijou nas faces de qualquer modo, entre chorando e rindo, sem poder falar.

Depois assegurou a Silvia que esta tinha comprehendido mal, que não estavamos reduzidos ao que julgara, felizmente; e cem vezes nos agradeceu, ficando alegre toda a noite, até que meu pae entrou, e elle contou-lhe tudo. Meu pobre pai não disse nada. Mas esta manhã, sentando-me á mesa, experimentei um grande prazer e uma grande tristeza ao mesmo tempo. Debaixo do guardanapo encontrei a caixainha de fitas, e Silvia achou o seu leque.

● incendio

Quinta-feira, 11.

Esta manhã tinha eu acabado de copiar a minha parte da historia *Dos Apenninos aos Andes* e procurava um thema para a composição livre que eu devia fazer, quando ouvi um rumor estranho nas escadas, e logo depois entrarem dois bombeiros, que

pediram a meu pae licença para examinar as estufas e as chaminés, porque, diziam, via-se sahir fumo por cima do telhado, sem saber d'onde era. Meu pae disse: — Examinem! e supposto não tivessemos fogo acceso em parte nenhuma, elles principiaram a gritar pelos quartos e a applicar o ouvido ás paredes para averiguar se se sentia o rumorejar do fogo nos tubos que vão para os outros andares da casa. Emquanto os bombeiros andavam pelos quartos, meu pae fallou:

— Henrique! ahí tens tu um bom thema para a tua composição «Os bombeiros». Experimenta um pouco escrever o que te vou contar.

Eu vi-os trabalhar ha dous annos, quando sahia do theatro *Balbo*, já tarde. Entrando na rua de Roma, vi um clarão desusado e uma onda de gente que corria. Uma casa estava a arder, linguas de fogo e nuvens de fumo irrompiam das janellas e do tecto: homens e mulheres appareciam ás varandas e desapareciam, lançando gritos desesperados. E era grande o tumulto em frente da porta; a multidão bradava: — Morrem queimados! soccorro! os bombeiros!

Chegára um carro nessa occasião e delle saltaram quatro bombeiros municipaes, os primeiros que compareceram; e entraram apressadamente na casa. Mal tinham entrado, presenciou-se uma scena horrivel. Uma mulher debruçou-se, gritando de uma janella do terceiro andar; subiu ao peitoril, e ficou agarrada, quasi suspensa no ar, com as costas para fóra, curvada por baixo do fumo e das chammas, que, sahindo pela janella, quasi lhe crestavam os cabellos. A multidão soltou um grito de horror. Os bombeiros, detidos por engano no segundo andar pelos inquilinos aterrados, tinham já destruido uma parede e entrado precipitadamente numa sala,

quando cem vozes gritaram:— No terceiro andar! Voaram ao terceiro andar. Ahi eram as ruinas do inferno! traves do tecto que desabavam, corredores cheios de labaredas e nuvens de fumo que suffocava. Para que pudessem chegar ás salas onde estavam os inquilinos foragidos, não havia outro remedio senão passar pelo telhado. Subiram sem hesitação, e um minuto depois appareceu sobre as telhas como que um phantasma negro, entre a fumaça. Era o cabo de bombeiros que primeiro tinha chegado. Mas para attingir a parte do telhado que correspondia ao quarto invadido pelo fogo, era necessario passar por espaço estreitissimo, comprehendido entre uma trapeira e a borda do telhado. Tudo mais ardia. A pequena passagem coberta de neve e de gelo não tinha ponto algum de apoio.—E' impossivel passar! —gritava-debaixo a multidão. O cabo avançou para a beira do telhado, todos estremeceram e ficaram a olhar, com a respiração suspensa. Passou, e um immenso viva subiu ao céu. O cabo continuou a correr, e chegando ao ponto ameaçado, começou a quebrar furiosamente a golpes de machado, telhas, traves, ripas, para abrir um buraco por onde pudesse penetrar e descer ao interior. No emtanto a mulher continuava suspensa para fóra da janella, o fogo rastejava-lhe pela cabeça; mais um minuto, e precipitar-se-ia na rua.

O buraco estava aberto, e viu-se o cabo tirar o boldrão e descer.

Os outros bombeiros que lá estavam, seguiram-n'o. No mesmo momento, uma altissima escada apropriada, chegada então, foi encostada á cornija da casa em frente das janellas d'onde sahiam chammás e gritos desesperados, de verdadeiros loucos! Julgava-se que fosse tarde. — Ninguem se

salva, gritavam. Os bombeiros morrem queimados! Acabou! Estão mortos! — De repente appareceu á janella do peitoril a figura negra do cabo de bombeiros, illuminada de cima abaixo pelas chammas. A mulher agarrou-se-lhe ao pescoço, e elle, segurando-a pela cintura com ambos os braços, levantou-a e levou-a para dentro do quarto. A multidão soltou um grito de mil vozes, que cobriu o ruido crepitante produzido pelo incendio. Mas os outros? e para descer? — A escada, apoiada n'uma cornija, diante de uma janella, ficava um pouco longe da varanda. Como poderiam agarrar-se a ella? Emquanto isto se dizia, um dos bombeiros, sahindo pela janella, poz o pé direito sobre o batente e o esquerdo n'um degrão da escada, e assim, direito, no ar, sobraçando um a um os inquilinos que os companheiros lhe apresentavam de dentro, entregava-os a outro que subira da rua, e os ia atando a um cabo, descendo-os cada um por sua vez, ajudado por outros bombeiros que estavam em baixo e os recebiam nos braços. Passou primeiro a mulher do peitoril, depois uma criança, depois outra mulher e um velho. Todos estavam salvos. Depois do velho, desceram os bombeiros que tinham ficado dentro; o ultimo a descer foi o cabo, que tinha sido o primeiro a chegar. A multidão acolheu-os a todos com uma explosão de applausos; mas quando veiu o ultimo, a vanguarda dos salvadores, aquelle que primeiro tinha affrontado o abysmo, e que teria morrido, se algum houvesse de morrer, a multidão saudou-o como a um triumphador, gritando e estendendo os braços n'um impulso affectuoso de respeito e de gratidão, e em poucos momentos o seu nome obscuro, José Rubbino, foi pronunciado per mil boccas. Comprehendes? Esta é que é a coragem de coração que não raciocina, que não vacilla, que vae direita,

céga, como um raio, onde sent o grito de quem morre. Levar-te-hei um dia aos exercicios dos bombeiros, e mostrar-te-hei o cabo Rubbino, porque has de ficar satisfeito em conhecê-lo. Não é verdade?

Respondi que sim.

— 'Eal-o, é este — disse meu pae. Voltei-me logo. Os dois bombeiros, terminada a visita, atravessavam a sala para sahir.

Meu pae apontou-me o mais pequeno, o que tinha os galões, e disse-me:

— Aperta a mão do cabo Rubbino.

O cabo parou e estendeu-me a mão, sorrindo. Eu apertei-lh'a; elle fez um cumprimento e sahiu.

— Lembra-te bem — disse meu pae — porque de milhares de mãos que has de apertar em tua vida, não haverá talvez dez que valham as suas.

Dos Apenninos aos Andes

(CONTO MENSAL)

Muitos annos ha, um rapaz genovez, de trêze annos de idade, filho de um operario, partiu de Genova para a America, sósinho, em procura de sua mãe.

Sahira ella, dois annos antes, para a America, afim de se pôr ao serviço de alguma casa rica e ganhar assim, em pouco tempo, o bastante para rehabilitar a familia, a qual, em consequencia de varios contratempos, cahira em pobreza e achava-se cheia de dividas.

A pobre mãe tinha chorado lagrimas de sangue ao separar-se dos filhos, um de dezoito annos, outro de onze, mas partira com coragem e cheia de esperanças. Apenas chegada á America, encontrou logo, por intermedio de um negociante genovez, primo de seu marido, estabelecido ahi havia muito tempo,

uma familia americana, que lhe pagava caro e a tratava bem. Durante algum tempo, tinha mantido com os seus uma correspondencia regular. Como haviam combinado entre si, o marido dirigia as cartas ao primo, que as entregava á mulher, e mandava tambem as respostas, que expedia para Genova, acrescentando-lhe elle algumas linhas de seu punho. ganhando oitenta liras por mez, e não gastando nada comsigo, mandava para casa todos os trimestres uma boa somma, com a qual o marido, que era homem hourado, ia pagando pouco a pouco as dividas mais urgentes, readquirindo assim a sua boa reputação. E no emtanto, trabalhava e andava satisfeito da sua vida, até pela esperança de que a mulher regressaria em pouco tempo, por que a casa lhe parecia vasia sem ella.

Decorrido, porém, um anno da partida, depois de uma pequena carta em que ella dizia achar-se mal de saude, nunca mais receberam cartas suas. Escreveram duas vezes ao primo, mas o primo não respondeu. Escreveram á familia americana onde ella estava a servir, mas, porque talvez estropiassem o endereço, tambem não tiveram resposta.

Pae e filhos estavam consternados e o mais novo vivia opprimido de uma tristeza que não podia vencer.

Que fazer ? A quem recorrer ? A primeira idéa do pae foi partir e ir procurar a mulher na America ; mas o seu trabalho ? Quem lhe sustentaria os filhos ? Nem o mais velho poderia ir, porque esse justamente principiava a ganhar alguma cousa para ajudar a familia. E nesta afflicção viviam, repetindo todos os dias as mesmas considerações tristes, ou olhando uns para os outros em silencio, até que, n'uma tarde, Marcos, o mais pequeno, sahiu-se des- embaraçadamente dizendo :

— Pois eu vou á America procurar minha mãe !
O pae inclinou a cabeça tristemente sem responder. Era uma idéa sentimental, mas cousa impossivel de realisar-se. Aos treze annos, fazer sósinho uma viagem á America, quando é necessario um mez para lá chegar ! Mas o rapaz insistiu pacientemente. Insistiu n'aquelle dia, no outro dia, todos os dias, com grande calma, racionando com o bom senso de um homem.

Outros lá têm ido — dizia elle — e ainda mais pequenos do que eu. Uma vez a bordo do navio, chego lá como outro qualquer. E assim, pouco a pouco, chegou quasi a convencer o pae. Seu pae estimava-o, sabia que elle tinha juizo e coragem, que estava acostumado a privações e sacrificios, e que tão boas qualidades dobrariam de forças no seu coração, para o santo fim de achar sua mãe, que elle adorava. Acresce ainda, que um commandante de vapor, amigo de um seu conhecido, ouvindo falar do facto, empenhou-se em obter gratis um bilhete de terceira classe para a America. Foi então que, depois ainda de alguma hesitação, o pae consentiu, e a viagem ficou decidida. Encheram-lhe um sacco de roupa, metteram-lhe no bolso alguns escudos, deram-lhe o endereço do primo, e n'uma bella tarde do mez de Abril levaram-o a bordo.

— Marcos, meu filho ! — disse o pae, dando-lhe o ultimo beijo, com as lagrimas nos olhos, na escada do vapor que ia partir. Tem coragem ! Partes para uma santa missão. Deus te ajudará.

Pobre Marcos ! Elle tinha o coração forte e preparado tambem para as mais duras provas n'aquelle viagem ; mas quando viu desaparecer-lhe no horizonte a sua bella Genova, e se achou no alto mar, sobre aquelle grande vapor, cheio de camponezes emigrantes, sósinho, sem conhecer ninguem, com

aquelle pequeno sacco que encerrava toda a sua fortuna, um desanimo triste e subito assaltou-o. Durante do's dias esteve atirado como um cão á prôa, quasi sem comer, opprimido, preso por uma grande vontade de chorar. To la a especie de pensamentos tristes lhe atravessavam o espirito, e o mais triste, o mais terrivel de todos, era o que mais se obstinava em atormental-o : a idéa de que sua mãe talvez tivesse morrido. Nos seus sonhos interrompidos e penosos, via sempre a cara de um desconhecido que olhava para elle com ar de compaixão e lhe dizia depois ao ouvido : — Tua mãe morreu. Através do oceano, na solidão, vinha-lhe um grande acabrunhamento. Os dias que se succediam vãos e monotonos, confundiam-se-lhe na memoria, como se dá com os dentes. Parecia-lhe estar no mar havia um anno. E todas as manhãs, acordando, experimentava novas tristezas, vendo-se alli, só, no meio d'aquella immensidade de agua em viagem para a America.

E a viagem não acabava mais : mar e céu, mar e céu, hoje como hontem, amanhã como hoje, agora, logo, sempre, eternamente. E passava longas horas encostado á amurada, a olhar para o mar sem fim, absorto, pensando vagamente em sua mãe, até que os olhos se lhe fechavam e a cabeça lhe cahia de somno; e então tornava a ver aquella cara desconhecida que o olhava com ar de piedade, repetindo-lhe ao ouvido : — Tua mãe morreu! E a essa voz elle acordava sobresaltado, e começava de novo a sonhar, com os olhos desmesuradamente abertos, a olhar para o horizonte immoto.

Durara a viagem longuissimos dias! Os ultimos foram os melhores. O tempo estava lindo, e o ar fresco. Marcos fizera conhecimento com um bom velho lombardo que ia á America procurar um filho,

cultivador de terras, e tinha-lhe contado toda a sua historia. O velho repetia-lhe a cada momento, batendo-lhe com a mão na nuca :

— Coragem, meu rapaz ! tu encontrarás tua mãe com saude e contente.

Aquella companhia reanimava-o a ponto de os seus pensamentos passarem de tristes a alegres.

Assentado á prôa, ao pé do velho camponez, que fumava cachimbo, debaixo de um bello céu estrelado, no meio de grupos de emigrantes que cantavam, cem vezes se lhe representava no pensamento a sua chegada á America. Via-se n'uma determinada rua, achava a loja, corria ao encontro do primo, perguntava-lhe : — Como está minha mãe ? onde está ella ?

« Vamos depressa ! vamos depressa ! e corriam juntos, subiam uma'escada, abria-se uma porta... »

E aqui, o seu colloquio em silencio paravã, a sua imaginação perdia-se n'um sentimento de inexprimivel ternura, que lhe fazia tirar, ás escondidas, uma medalhinha que trazia ao pescoço, e murmurar, beijando-a, as suas orações.

No fim de muitos dias, depois da partida, chegaram. Por uma bella e rosea aurora de maio, o vapor lançava ancora no porto. Aquelle tempo esplendido pareceu-lhe de bom agouro. Estava fóra de si de alegria e de impaciencia. A poucas milhas de distancia estava sua mãe ; ia vê-la em poucas horas ! E elle achava-se na America, no novo mundo, e tinha tido a coragem de vir só ! A longuissima viagem parecera-lhe então ter-se escoado n'um minuto. Parecera-lhe que viera voando, sonhando, e despertára ali.

Com o seu sacco na mão, embarcou, juntamente com outros muitos italianos, n'um vaporzinho que os levou até pouca distancia da margem, desembar-

cou no cães, despediu-se do seu velho amigo lombardo e caminhou a passos apressados para a cidade.

Chegando á embocadura da primeira rua, aproximou-se de um homem que passava e pediu-lhe por favor que lhe indicasse o rumo a seguir.

Mas não lhe tardou a noticia desesperada de que sua mãe não estava na cidade e provavelmente se achava no interior do paiz.

A criança emmudeceu, e após a tortura desse desengano resolveu procurar sua mãesinha onde quer que ella estivesse.

Elle sabia que ia partir para o interior, pelo grande rio que vinha desembocar no porto, n'uma barca onde iam patricios seus, genovezes robustos, bronzeados, cuja linguagem suave lhe lembrava a patria amada. E Marcos resolveu partir com elles.

Partiram; e a viagem durou tres dias e quatro noites, e foi ella um espanto para o pequeno viajante.

Tres dias e quatro noites subindo aquelle maravilhoso rio, que comparado ao nosso grande Pó, não passava este de um regato; e o comprimento da Italia quadruplicado não attinge o seu curso. A grande barca seguia lentamente contra a corrente de tão desmesurada massa de agua. Passava pelo meio de grandes ilhas, em outro tempo ninhos de serpentes e de tigres, cobertas de lorangeiras e salgueiros, semelhantes a bosques fluctuantes. A barca ora se enfiava por estreitos canaes de que parecia não poder mais sahir, ora desembocava em grandes extensões de agua, de aspecto de vastos lagos tranquillos. Depois outra vez por entre ilhas e canaes enredados de um archipelago, no meio de massiços enormes de vegetação. Reinava um silencio profundo. Por largos espaços, as margens e as aguas

solitárias, vastíssimas, davam a imagem de um rio desconhecido, onde aquella pobre vela fosse a primeira do mundo a aventurar-se. Quanto mais se adiantavam, tanto mais aquelle monstruoso rio o desanimava. Imaginava sua mãe lá nas origens, e que a navegação duraria annos! Duas vezes no dia comia um pouco de pão e de carne salgada com os barqueiros, que, vendo-o triste, não lhe dirigiam mais palavra. A' noite, dormia sobre a coberta, e despertava a cada momento em sobresalto, electrisado, estatelado pela luz limpidissima da lua, que branqueava as aguas de leite, immensas, e as praias longinquas, geladas. Então o coração confrangia-se-lhe. Mas, depois, pensava :

— *Minha mãe passou por aqui, viu estas ilhas e aquellas praias...* e não lhe pareciam mais tão estranhos e solitarios aquelles logares, por onde o olhar de sua mãe tinha passado. A' noite um dos barqueiros cantava... Aquella voz fazia-lhe lembrar as cantigas de sua mãe, quando o adormeciam em criança. A' ultima noite, ao ouvir aquelle canto, espiritualisante, sagrado e triste, começou a soluçar. O barqueiro parou; depois gritou-lhe :

— Animo! animo! que diabo! Um genovez a chorar porque está longe de casa! Os genovezes dão volta ao mundo gloriosos e triumphantes.

Mas novas decepções e novas dores vieram desilludil-o. Depois de vivas peregrinações no interior, tendo cada dia um desengano, e cada noite uma esperança, depois de todos os soffrimentos curtidos em terra estranha, sem agasalho sufficiente, sem pão ás vezes e sem dinheiro e sem roupa, esfarrapado, abatido, mas sempre revoltado contra a conspiração surda da terra e dos homens, elle afinal veiu a saber que em longes terras, além das montanhas, ahí devia estar sua mãe querida a quem procurava.

Esta só noticia, que bastaria para desanimar um homem, deu-lhe nova seiva e nova energia. Aggregou-se a um bando de homens rusticos e boiadeiros que faziam a travessia do sertão, e com elles partiu quasi mendigo, pagando esse favor com o serviço de criado, ajuntando lenha para o rancho, vigiando os pousos, emfim trabalhando como podia.

Afinal, nas proximidades do lugar onde devia estar sua mãezinha, despediu-se do *capataz* e dos boiadeiros. A caravana devia seguir caminho differente e o rapaz teve de deixal-a. O *capataz*, commovido, deu-lhe as informações precisas, poz-lhe o sacco aos hombros de modo a não incommodal-o, e sem mais demora, como se tivesse receio de commover-se, disse-lhe adeus.

O rapaz teve apenas tempo de beijar-lhe um braço. Até os homens rudes e de trato aspero pareciam movidos de lastima ao verem-o ficar assim, agora só-sinho, e disseram-lhe adeus com a mão, afastando-se. Elle correspondeu a esse adeus, e ficou a olhar para o comboio, até que o perdeu de vista envolvido na poeira vermelha da campina. Depois poz-se a caminho tristemente.

Uma cousa, porém, confortou-o um pouco desde o começo. Depois de tantos dias de viagem através d'aquella interminavel planicie sempre a mesma, elle via diante de si uma cadeia de montanhas altissimas, azues, que lhe recordavam os Alpes e lhe davam uma idéa da approximação do seu paiz. Eram os Andes, a espinha dorsal do continente americano, essa cadeia immensa que se estende da Terra do Fogo até o mar glacial do pólo arctico, por cento e dez grãos de latitude. E tambem o confortava o sentir o ar cada vez mais quente; o que acontecia pela razão de que, subindo em direcção ao norte, mais se avisinhava das regiões tropicaes. A grandes

distancias d' parava pequenos grupos de casas e uma taverna, onde comprava qualquer cousa para comer. Encontrava homens a cavallo, e de vez em quando mulheres e meninos sentados no chão, immoveis e graves, com caras verdadeiramente estranhas para elle, côr de barro, com os olhos obliquos, os ossos das faces salientes, que o olhavam attentamente, e acompanhavam-o com a vista, voltando a cabeça lentamente como automatos. Eram indios.

No primeiro dia caminhou quanto lhe permittiam as forças, e dormiu debaixo de uma arvore. No segundo, caminhou muito menos e com menos coragem. Tinha os sapatos rotos, os pés esfolados e o estomago enfraquecido pela má alimentação. Ao anoitecer, principiou a ter medo. Tinha ouvido dizer na Italia que n'aquelles paizes havia muitas serpentes. Parecia-lhe que as sentia rastejar, babando visgos immundos, e elle parava, depois corria, sentindo calefrios nos ossos. A's vezes compadecia-se de si proprio, e chorava em silencio, caminhando. Depois pensava: Oh! quanto não soffreria minha mãe, se soubesse que eu tenho tanto medo!

Esta idéa restituia-lhe a coragem. Então, para se distrahir, pensava em muitas cousas della, recordava as suas palavras quando partira de Genova, recordava-se do cuidado com que ella costumava chegar-lhe a roupa em volta do pescoço, quando estava na cama e era ainda criança, e quando ás vezes pegava nelle ao collo, e lhe dizia: — Fica um pouco aqui commigo; e ficava assim muito tempo, com a cabeça apoiada na sua, scismando, scismando. E dizia comsigo: — Ver-te-ei um dia, querida mãe? Chegarei ao fim da minha viagem, minha mãe? E caminhava, caminhava por entre arvores desconhecidas e vastas plantações de canna de as-sucar, e prados sem fim, sempre com aquellas gran-

des montanhas azuaes agudas que espiguilhavam o céu sereno com as suas pontas luzidias de touros robustos em desespero. Quatro dias, cinco, uma semana se passou. As forças iam-lhe gradualmente faltando e dos pés lhe escorria sangue. Finalmente uma tarde, ao pôr do sol, disseram-lhe : — « Fica a cinco milhas daqui. » Soltou um grito de alegria, e apressou o passo, como se tivesse readquirido n'um momento todo o vigor perdido.

Pouco lhe durou a illusão, as forças abandonaram-o de repente; cahiu sobre as bordas de um fosso fundo. Mas o coração batia-lhe de contentamento.

O céu coberto de estrellas luminosas nunca lhe parecera tão bello. Comtemplava-o deitado sobre a leiva para dormir e pensava que talvez, ao mesmo tempo, sua mãe estivesse vendo aquelle mesmo céu. E dizia: Minha mãe, onde estás? que fazes neste momento? pensarás no teu filho? pensarás no teu Marcos, já tão proximo de ti?

Mas, ali, cahido de cansaço, sentia-se penetrar de novas seivas : como que vinham lapidal o, a elle santo e martyr, a chusma dos pagãos e dos incrédulos. E elle souhou que cada pedra que lhe atiravam, dava-lhe ás carnes a rigidez serena da fé. Oh ! ella está perto, minha mãe! A' noite, o aspecto da natureza se transformára.

Pobre Marcos! se elle pudesse vêr o estado em que então se achava a sua mãe, teria feito um esforço sobrehumano para caminhar ainda, e chegar perto della algumas horas antes. Estavá doente decama, n'uma sala ao rez do chão de uma casinha fidalga, onde habitava toda a familia Mequinez, que lhe era muito affeiçãoada e lhe fazia grande esmola. A pobre mulher estava já adoentada, quando o engenheiro Mequinez foi obrigado a partir ás pressas da cidade, e não tinha melhorado ainda com os bons ares do

interior. Depois, o não ter recebido respostas ás suas cartas, nem do marido, nem do primo, o presentimento sempre vivo de alguma grande desgraça, a anciedade continua em que vivia, incerta entre o partir ou ficar, esperando todos os dias uma noticia funesta, tinha-a feito piorar, fóra do commum. Por ultimo manifestára-se-lhe uma molestia gravissima, uma hernia intestinal estrangulada.

Havia quinze dias que se não levantava da cama. Era necessaria uma operação cirurgica para salvar-lhe a vida. N'aquelle momento, justamente, em que o seu Marcos chamava por ella, estavam á sua cabeceira o dono e a dona da casa, procurando convencel-a com muita ternura de que se deixasse operar, e ella persistia na recusa, chorando. Um distincto medico da cidade já tinha vindo uma semana antes, mas inutilmente.

—Não, meus queridos senhores—dizia ella—não me falem nisso; não tenho mais forças para resistir; morreria na operação. E' melhor que me deixem morrer assim. Não me interesso mais pela vida. Está tudo acabado para mim. E melhor é que morra antes de saber o que aconteceu á minha familia.

E os amos a dizerem-lhe que não, que tivesse coragem, que das ultimas cartas, mandadas para Genova directamente, havia de receber resposta, que se deixasse operar pelo amor que tinha a seus filhinhos. Mas aquelle pensamento dos filhos não fazia senão aggravar mais angustiosamente o desanimo profundo que a prostrava desde tanto tempo. A'quellas palavras desatava em pranto.

— Oh! os meus filhos! os meus filhos! exclamava juntando as mãos, talvez já não existam! E' melhor que eu morra tambem. Muito obrigada, meus amigos, agradeço-lhes de todo o coração. Mas é melhor que morra. Tambem não ficaria boa com a operação,

estou certa. Muito obrigada por tantos cuidados, meus bons patrões. E' inutil que depois de amanhã volte o medico. Quero morrer. E' destino meu morrer aqui. Está decidido.

E elles a consolal-a e a repetir-lhe : — Não, não diga isso;—e pegavam-lhe nas mãos e pediam; porém ella fechava os olhos e cahia n'uma prostração funda, de gente inanida e morta.

E os patrões ficavam allí, por um pouco de tempo, á luz fraca de uma lamparina, contemplando com grande piedade aquella mãe admiravel, que para salvar a sua familia vinha morrer a duas mil leguas da sua patria: morrer depois de ter soffrido tanto! pobre mulher, tão honesta, tão boa, tão desgraçada.

No dia seguinte, de manhã cedo, com o seu sacco aos hombros, curvado e coxeando, mas cheio de animo, Marcos entrava na cidade onde devia encontrar sua mãezinha querida; vinha com as mesmas illusões e os mesmos desesperos; a cidade tinha a mesma cruel semelhança das outras; eram as mesmas ruas estreitas e compridas; as mesmas casas baixas e brancas; em todas as partes uma vegetação nova e esplendida, um ar perfumado, uma luz maravilhosa, um céu limpido e profundo, como elle nunca vira, nem mesmo na Italia. Caminhando pelas ruas adiante, tornou a sentir a agitação febril, o mysterio esperado das noticias imprevistas. Olhava para as janellas e para as portas de todas as casas: olhava para todas as mulheres que passavam, com a inquieta esperança de encontrar sua mãe: quizera interrogar quantos passavam e não se atrevia a interromper ninguem.

Todos os que chegavam ás portas, olhavam com curiosidade para o pobre rapaz esfarrapado e poeirento, que mostrava vir de tão longe. Procurava

elle entre a gente, pessoa cuja physionomia lhe dês-e confiança e a quem fizesse a tremenda pergunta, quando deu com a vista na taboleta de uma taverna, na qual estava escripto um nome italiano. Dentro estavam um homem de oculos e duas mulheres. Marcos approximou-se vagarosamente da porta e tomando alento perguntou :

— Os senhores saber-me-ão dizer onde mora a familia Mequinez?

— Do engenheiro Mequinez? — perguntou o taverneiro.

— Sim, do engenheiro Mequinez — respondeu Marcos com voz de contentamento.

— A familia Mequinez — disse o taverneiro — não está na cidade.

Um grito desesperado de dôr, como de uma pessoa apunhalada, fez echo áquellas palavras.

O taverneiro e a mulher levantaram-se e alguns visinhos correram.

— Que é? que tens tu? — perguntou o taverneiro, puxando-o para dentro e fazendo-o sentar. — Não é cousa para desesperar; que diabo! Se os Mequinez não estão aqui, perto estão, a poucas horas d'aqui.

— Onde? onde? — gritou Marcos, levantando-se como um resuscitado.

— A umas quinze milhas da cidade — continuou o homem — na margem do Sedodilla; n'um lugar onde se está construindo um grande engenho de assucar e um grupo de casas; é ali a morada do Sr. Mequinez. Todo o mundo sabe; podes lá chegar em poucas horas.

— Ha um mez que lá estive, disse um sujeit que acudira aos gritos de Marcos.

Marcos olheu para elle, com os olhos muito

abertos ; e perguntou precipitadamente, empallidecendo :

— E viu lá a criada do Sr. Mequinez, a italiana ?

— A genoveza ? Vi, sim.

Marcos rompeu em soluços convulsivos, estrepitosos, riudo e chorando. Depois com um impeto de resolução violenta :

— Por onde se vae ? Depressa, digam-me onde é o caminho... eu parto já, ensinem-me o caminho.

— Mas é um dia de viagem — disseram-lhe todos a uma voz. — Tu estás muito fatigado e precisas de repouso. Partirás amanhã.

— E' impossivel ! impossivel ! — respondeu Marcos. — Digam-me por onde se vae, não esperarei mais um minuto ; parto immediatamente, ainda que eu tivesse de morrer pelo caminho.

Vendo que não cedia, não se oppuzeram mais. — Deus te acompanhe ! — disseram-lhe. — Tem cuidado no caminho da matta... Boa viagem, *italianito*. Um homem acompanhou-o até fóra da cidade. Indicou-lhe o caminho, deu-lhe alguns conselhos e demorou-se a vê-lo seguir pela estrada. Em poucos minutos o rapaz diminuiu o passo e desapareceu, coxeando com o seu sacco ás costas, por detraz das arvores frondosas que orlavam a estrada.

Aquella noite foi tremenda para a pobre enferma. Soffria dôres atrozes que lhe arrancavam gritos de rebentar as veias e lhe davam momentos de delirio. As mulheres que lhe assistiam, não sabiam que fazer.

A senhora vinha vê-la de quando em quando, muito vexada. Todos principiaram a reccar que, embora ella consentisse em deixar-se operar, o medico que devia vir na manhã seguinte, chegaria já tarde. Nos momentos em que delirava, comprehen-

dia-se que os seus terriveis padecimentos não provinham das dôres do corpo, mas do pensamento constante na sua familia distante. Pallida, magra, com o rosto mudado, mettia as mãos pelos cabellos n'uma desesperação que confragia a alma; e gritava:

— Meu Deus! meu Deus! morrer tão longe!... morrer sem tornar a vê-los. Infelizes filhos que ficam sem mãe, ó minhas creaturas, ó meu pobre sangue! E o meu Marcos, tão pequenino ainda, tão bom! tão affectuoso! Nem sabeis como elle era! se a senhora o conhecesse... Não o podia largar dos braços quando parti, chorava, chorava que mettia dó! parecia adivinhar que não veria mais sua mãe. Pobre Marcos! meu pobre filho! Pensei que me estalava o coração. Se eu morresse n'aquelle momento! Se eu morresse quando me dizia adeus!... Se então cahisse fulminada, e morta eu cahisse!

« Sem mãe, pobre criança, que me amava tanto e tanta necessidade tem de mim, sem mãe, na miseria, mendigando talvez, elle, Marcos, o meu querido Marcos, a estender a mão com fome! Oh! Deus eterno! Não! eu não quero morrer! O medico. Chamem-n'o depressa. Que venha, despedace-me, corte-me as entranhas, faça-me enlouquecer, mas salve-me a vida. Quero ficar boa. Quero viver, partir, fugir, amanhã! já! O medico! socorro! socorro!»

E as mulheres agarravam-lhe as mãos, afagavam-a, rogavam e faziam-a tornar a si pouco a pouco, falando-lhe de Deus e da esperança. Então ella recahia n'um abatimento mortal, chorava mettendo as mãos nos cabellos grisalhos, gemia como criança, n'uns lamentos prolongados e murmurando de quando em quando: — Oh! a minha Genova!

A minha casa ! Todo aquelle mar !... O meu Marcos, o meu pobre filho. Onde estará agora a minha pobre creatura !»

Era meia-noite. E o pobre Marcos, depois de ter passado muitas horas á borda de um barranco, extenuado de forças, caminhava através de uma matta vastissima, de arvores gigantescas, monstros de vegetação e de troncos desmesurados, semelhantes a pilastras de cathedraes, que entranchavam, a prodigiosa altura, as suas cabelleiras enormes, brancas, inundadas pelo luar. Vagamente, n'aquella meia obscuridade, via myriades de troncos de todas os fórmias : direitos, inclinados, torcidos, em attitudes estranhas de ameaça e de lucta ; alguns derubados por terra, como torres cahidas de um jacto, cobertas de uma folhagem tersa, vigorosa e confusa, que semelhavam uma multidão irada, luctando palmo a palmo ; outros juntos, em grandes grupos, verticaes e cerrados, como feixes de lanças titanicas, cujas pontas e petassem as nuvens feridas, sangrentas : uma grandeza soberba, uma desordem prodigiosa de fórmias colossaes : espectáculo formidavel !

Momentos havia que era invadido de grande terror. Mas, de repente, a alma fugia-lhe rapida para sua mãe. Estava exausto, com os pés em sangue, só, no meio daquella formidavel floresta, onde não via senão de tempos a tempos, demoradamente, pequenas habitações humanas, que ao pé daquellas arvores semelhavam miseros mamelões terrosos de formigas subterraneas e laboriosas.

Estava abatido, mas não sentia fadiga : estava só e todavia não tinha medo. A grandeza da floresta dilatava, engrandecia-lhe tambem a alma ; a proximidade de sua mãe dava-lhe a força e ousadia de um homem ; a recordação do oceano, dos desani-

mos, das dores soffridas e vencidas, das fadigas já supportadas, da sua rija constancia inabalavel, fazia-lhe levantar a frente, e todo o seu forte e nobre sangue genovez refluia-lhe ao coração, n'uma onda vermelha de altivez e audacia. E uma cousa nova e original se dava n'elle: depois de dois annos de ausencia, a imagem de sua mãe conservára-se-lhe na mente, obscura e esmaecida, e naquelle momento essa imagem se illuminava, clara, completa; e elle tornava a ver-lhe o rosto inteiro e puro, como nunca o tinha visto até ahi, via-o muito perto a falar; via os movimentos fugitivos dos seus olhos e dos seus labios, todas as suas posições, todos os seus gestos, todas as sombras do pensamento della, e impellido por aquellas recordações insistentes apressava o passo; e uma emoção nova, uma ternura indizivel lhe crescia no coração, fazendo-lhe correr pelas faces lagrimas torrentuosas, doces e consoladoras; e seguindo nas trevas falava com ella, dizendo as palavras que dentro em pouco lhe murmuraria ao ouvido:

— Estou aqui, minha mãe, estou aqui; não te deixarei mais; voltaremos para casa juntos; estarei sempre a teu lado no navio, agarrado a ti, e ninguem mais me separará de ti, querida mãe, ninguem nunca mais, emquanto me durar a vida.

E nem se apercebia que nos cimos das arvores gigantescas ia desmaiando a luz argentina da lua, como que enxugada pela toalha branca e limpida do dia.

A's oito horas d'aquella manhã, o medico, joven americano, estava já á cabeceira da doente, em companhia de um assistente, tentando pela ultima vez persuadil-a a deixar-se operar, e com elle faziam calorosas instancias o engenheiro Mequinez e sua esposa.

Tudo, porém, era inutil. A mulher, sentindo-se

exhausta de forças, não tinha mais fé na operação; estava certa, dizia, de morrer no acto ou de não sobreviver mais que algumas horas, depois de ter soffrido dores mais atrozes do que as que a deviam matar naturalmente. O medico insistia em repetir:

— A operação é segura e a sua cura é certa: basta só um pouco de coragem! E é igualmente certa a sua morte, se se recusa a ella.

Eram palavras soltas ao vento.

— Não, respondeu ella com voz fraca—eu tenho ainda coragem para morrer; mas falta-me para soffrer inutilmente. Obrigada, senhor doutor. Está destinado que seja assim. Deixe-me morrer tranquilla.

O medico desanimado desistiu.

Ninguem falou mais. Então a doente voltou o rosto para a sua ama e fez-lhe com voz moribunda os seus ultimos pedidos.

— Querida e boa senhora, disse a mui'ò custo, em soluços, peço-lhe o favor de mandar aquelle pouco dinheiro á minha familia, por intermedio do senhor consul. Eu espero que ainda estejam todos vivos. O meu coração m'ò prediz bem nestes ultimos momentos. Faça-me o favor de escrever-lhes, dizendo-lhes que tenho sempre pensado nelles, que tenho sempre trabalhado para elles... para os meus filhos... e que a minha maior dôr é de não tornar a vel-os mais... mas que morri com coragem... resignada... abençoando-os... e que recommendo a meu marido e a meu filho mais velho... o mais pequeno, o meu pobre Marcos, a quem tive sempre no coração até ao ultimo momento:

E, exaltando-se de repente, gritou erguendo as mãos:

— O meu Marcos ! o meu filho ! a minha vida ! E voltando os olhos cheios de lagrimas, viu que sua ama não estava alli, porque a tinham chamado furtivamente. Procurou com o olhar o amo ; tinha tambem desapparecido ! Via apenas as duas enfermeiras e o assistente.

Na sala visinha sentia-se um rumor de passos apressados, um murmurio de vozes rapidas e contidas de exclamações suffocadas. A doente fixou os seus olhos velados, esperando. Depois de alguns minutos viu voltar o medico com uma expressão fóra do natural e em seguida os amos, tambem com as feições alteradas. Todos tres olhavam para ella com expressão singular, e trocavam entre si algumas palavras em voz baixa. Pareceu-lhe que o medico dissera á senhora :—E' melhor já ». A doente não comprehendia.

— Josepha, disse a ama com a voz tremula — tenho uma boa noticia a dar-lhe. Vá preparando o coração para recebê-la.

A mulher fixou-a attentamente.

— Uma noticia — continuou a senhora, sempre agitada — que lhe vae dar muita alegria.

A enferma abriu os olhos.

— Prepare-se, proseguiu a senhora, para vêr uma pessoa a quem quer muito bem.

A mulher levantou a cabeça com um impulso vigoroso e principiou a olhar rapidamente, ora para a senhora, ora para a porta, com os olhos fulgurantes.

— Uma pessoa, accrescentou a senhora, que chegou agora inesperadamente.

— Quem ? gritou a mulher com voz rouca e estranha, como de pessoa assustada.

Um instante depois soltou um grito agudissimo ; sentando-se repentinamente na cama, ficou immovel, com os olhos arregalados e com as mãos nas

fontes, como diante de uma aparição sobrehumana. Marcos, rôto e coberto de pó, estava hirto à entrada da sala e agarrado por um braço pelo doutor.

A mulher gritou tres vezes :

— Deus ! Deus ! oh ! meu Deus !

Marcos aproximou-se, e ella, estendendo os braços desarmados e apertando-o ao seio com a força de um tigre, desatou n'um riso violento, cortado de profundos soluços, sem lagrimas, que a fizeram tornar a cahir suffocada no travesseiro.

Mas reanimou-se logo, e gritou louca de alegria, enchendo-lhe a cabeça de beijos :

Como vieste aqui ? Por que ? E's tu ? Como estás crescido !... Quem te trouxe ? Estás só ? Não estás doente ? E's tu, Marcos ? Não é um sonho ? Deus meu ! fala-me !

Depois mudando de tom e repentinamente : — Não, cala-te ! Espera ! — E voltou-se para o medico, impetuosamente : — Já, depressa, doutor. Quero ficar boa. Estou prompta. Não perca um momento. Mande sahir Marcos, para que não sinta... Isto não é nada, meu Marcos. Contar-me-ás depois... Ainda um beijo... Vae. Aqui estou, doutor.

Marcos foi conduzido para fóra.

Os amos e as enfermeiras sahiram apressadamente, ficando apenas o operador e o ajudante, que fecharam a porta.

O Sr. Mequinez tentou conduzir Marcos para uma sala afastada, mas foi-lhe impossivel. Elle parecia pregado ao soalho.

— Que é ? perguntou. Que tem minha mãe ? Que é que lhe estão fazendo ?

Então Mequinez, de vagar, e tentando sempre afastal-o, disse-lhe :

— Olha cá... ouve. Tua mãe está doente : é pre-

ciso fazer-lhe uma operação... Depois te explicarei. Vem commigo.

— Não, respondeu o rapaz, resistente—quero ficar aqui. Explique-me já.

O engenheiro amontoava palavras sobre palavras, insistindo em afastal-o. O rapaz principiava a assustar-se e a tremer.

De repente, um grito agudissimo, como o grito de um ferido de morte, resoou por toda a casa. O rapaz respondeu com outro grito desesperado :

— Minha mãe está morta !

O medico abriu a porta, e disse :

— Não ; tua mãe está salva.

O rapaz olhou para elle um momento, e depois rojou-se-lhe aos pés soluçando :

— Muito obrigado... doutor.

O medico ergueu-o com um gesto, dizendo-lhe :

— Levanta-te. Foste tu, pequeno heroe, que salvaste tua mãe.

Verão

Quarta-feira, 24.

Marcos, o genovez, é o penultimo pequeno heroe com que faremos conhecimento n'este anno ; e falta-nos apenas um mez para o mez de Junho.

Temos apenas dois exames mensaes, vinte e seis dias de lição, seis quintas-feiras e cinco domingos.

Sente-se já o ar do fim do anno.

As arvores do jardim, frondosas e floridas, cobrem de bella sombra os aparelhos de gymnastica.

O alumnos andam já vestidos de verão. E' bonito vêr agora, á sahida das classes, como tudo é diverso dos mezes decorridos ! Os cabellos que chegavam

aos hombros, foram deitados abaixo ; todas as cabeças á escovinha. Vêm-se pernas núas e collos nús ; chapéozinhos de palha de todas as fórmãs, e com fitas que descem pelas costas abaixo, camisas e gravatinhas de todas as côres, todos os mais pequenos com qualquer cousa vermelha ou azul nas vestes, um enfeite, um debrum, uma borlazinha, um trapinho que seja de côr viva, applicado de qualquer modo pela mamãe, comtanto que faça vista ; até os mais pobres ; e muitos vêm para a escola sem chapéos, como fugidos de casa. Alguns trazem o trajo branco da gymnastica. Ha um alumno da mestra Delcati, vertido de vermelho, da cabeça aos pés, parecendo um caranguejo cozido.

Andam alguns vestidos á marinheira. Mas o mais bello é o Pedreirinho, que traz um chapéozinho de palha, que lhe dà ares de um coto de vela com um *paralume*, e é engraçado vê-lo fazer o *focinho de lebre* por baixo das abas. Coretti tambem poz de parte o seu barrete de pello de gato, e traz agora uma velha gôrra de seda cinzenta, de viajante. Votini traz um vestido á escosseza, todo justinho. Crossi mostra o peito nú. Precossi regala-se dentro de uma blusa azul de mestre ferreiro. E Garoffi ? Agora viu-se obrigado a deixar o capote que escondia o seu commercio, traz á mostra as algibeiras cheias de toda a especie de bagatelas de *belchior* ; e vêem-se-lhe sair dos bolsos listas de loterias. Agora todos deixam vêr o que trazem : leques feitos de jornal, as gaitas de canna, fréchas para atirar aos passaros,ervas e grillos que saem para fóra do bolso e vão, vagarosamente, subindo pelo paletó ! Muitos dos pequenos trazem raminhos de flôres para às mestras. Tambem as mestras andam todas vestidas de verão, e de côres alegres, excepto a *Freirinha*, que se veste sempre de preto, e a mestrazinha da penna

vermelha, que não deixa, nem a sua penna, nem o laço de fitas cor de rosa ao pescoço, todas amarradas pelas mãozinhas das suas discipulas, que a fazem sempre rir e correr. E' a estação das cerejas, das borboletas, das musicas nas ruas e dos passeios nos campos ; muitos *da quarta classe* fogem para ir tomar banho no Pó ; todos têm já o coração em férias, e cada dia sae-se da escola mais impaciente, mais alegre do que no dia anterior. Entretanto faz-me pena vêr Garrone vestido de luto, e a minha pobre mestra da primeira cada vez mais abatida e mais pallida, tossindo sempre mais forte. Agora anda curvada e cumprimenta-me com um modo tão triste!...

Poesia

Sexta-feira, 26.

Tu principias a comprehender a poesia da escola, Henrique; mas a escola, por ora, não a vês senão de dentro. Parece-te-á mais bella e mais poetica d'aqui a trinta annos, quando lá fores acompanhar os teus filhos, e a vires de fóra como eu a vejo agora. Esperando por ti, passeio pela rua silenciosa em volta do edificio e applico o ouvido ás janellas do rez-do-chão, fechadas com persianas. N'uma janella ouço a voz de uma mestra que diz: «Ah! aquelle côrte no t não está bom, meu filho. Que diria teu pae?»

N'outra janella proxima soa a voz grossa de um mestre que dicta lentamente: «Comprei cincoenta metros de seda a quatro liras e cincoenta centimos o metro, vendi-os a...» «Mais além, a mestra da penna vermelha, que lê em voz alta:—«Então Pedro Micca, com o morrão accesso...»

Da classe visinha ouve-se como um chilrear de cem passaros, o que quer dizer que o mestre se ausentou por um momento. Vou andando, e ao voltar a esquina ouço chorar um menino, e a voz da mestra reprehendendo-o ou consolando-o. De outras janellas ouvem-se cá fóra versos, nomes de homens grandes e bons, fragmentos de sentenças que aconselham a virtude, o amor da patria, a coragem.

Depois seguem-se movimentos de silencio, em que se diria que o edificio está vazio, e parece incrível que lá estejam dentro setecentos rapazes; depois sentem-se estrondosas gargalhadas provocadas pelo gracejo de um mestre de bom humor... E a gente que passa para a escutar, e todos voltam um olhar de sympathia para aquelle bello edificio, que encerra em si tanta mocidade e tantas esperanças. Depois ouve-se repentinamente um rumor surdo, um bater de livros, um rumor de carteiras, um estrepito de pés, um borbórinho que se propaga de classe em classe, de baixo para cima, como ao divulgar-se a nova de estar finda a aula. E aquelle rumor uma multidão de mulheres, de homens, de mocinhas e de moços acotovellam-se dentro e fóra da porta, esperando os filhos, os irmãos, os sobrinhos; enquanto que das portas das aulas rompem aos pulos pelo salão de entrada os mais pequenos para tomarem as suas capas e os seus chapéozinhos, fazendo grande traquinada no soalho, bailando em roda até que o bedel lh'os dê um a um. E, finalmente, saem em grandes fileiras, batendo com os pés. Principia então a chuva de perguntas dos parentes:—Soubeste a lição? Que trabalho te deu o mestre? Que tens tu para amanhã? Quando é o exame mensal?»

E tambem as pobres mães que não sabem ler, abrem os cadernos, olham para os problemas, perguntando pelos pontos—Pois só oito! Dez com louvor!—Nove de lição!—E inquietam-se, alegram-se, interrogam aos mestres, falam de programmas e de exames.

Como é bello tudo isso! Como é grande, e que immensa promessa é para o mundo!

Teu pae.

A surda-muda

Domingo, 28.

Não podia acabar melhor do que acabou, com a visita desta manhã, o mez de Maio. Sentimos tocar a campainha e corremos todos. Ouço a voz de meu pae, que diz em tom de espanto: Por aqui, Jorge! — Era Jorge, o nosso jardineiro de Chieri, que tem agora a familia em Condove, e chegára n'esse instante de Genova, onde havia desembarcado no dia

anterior, de regresso da Grecia, depois de trabalhar tres annos n'uma estrada de ferro. Trazia um grande fardo debaixo do braço. Está um pouco envelhecido, mas sempre corado e jovial.

Meu pae queria que entrasse, mas elle disse que não, e perguntou logo com ar muito sério :

— Como vae a minha familia? Como está Gigia?

— Bem, até ha poucos dias — respondeu minha mãe.

Jorge deu um grande suspiro :

— Oh! Deus seja louvado! Não tinha coragem de apresentar-me nos *Surdos-mudos* sem primeiro ter noticias della. Deixo aqui este fardo e corro a buscá-la. Ha tres annos que não vejo a minha pobre filha! Tres annos ha, não vejo nenhum dos meus.

— Acompanha-o, disse-me meu pae.

— Ainda uma palavra, desculpe-me, disse o jardineiro no patamar.

Mas meu pae interrompeu-o :

— E os negocios?

— Bem, respondeu—graças a Deus! Trouxe alguns soldos e... mas... queria perguntar... Como vae a instrucção da mudinha? diga-me alguma cousa. Eu deixei-a que era mesmo um animalzinho, pobre creatura! Creio pouco já n'esses collegios. Aprenderia a fazer os signaes? Minha mulher bem escrevia-me: «Está aprendendo a falar e está fazendo progresso.» Mas, dizia eu, que vale que ella aprenda a falar, se eu não sei fazer os signaes? Como nos poderemos entender? pobre criança! Aquillo é bom para se comprehenderem entre si, um desgraçado com outro.—Mas como vae ella? como vae?

Meu pae sorriu-se e respondeu :

— Não te digo nada, tu verás. Vae, vae depressa; não lhe roubes mais um minuto.

Saimos; o *Instituto* é perto. Caminhando a passos largos, o jardineiro falava-me de modo a entristecer-se. Ah! a minha pobre Gigial Nascer com aquella desgraça! E dizer que nunca pude ouvir, pronunciado por ella, o nome de pae, e que ella nunca me ouviu chamar-lhe *filha*, porque nunca disse nem ouviu uma palavra no mundo!... e graças a Deus o ter-se encontrado ainda uma pessoa caridosa que tem feito as despezas do *Instituto*! Mas antes dos oito annos não podia entrar. Ha tres annos que não está em casa. Já vai fazer os onze. Está crescida? diga-me alguma cousa, está crescida? E' alegre?

— Ha de ver, ha de ver!—respondi-lhe, apressando o passo.

— Mas onde é esse *Instituto*?—perguntou. Quando minha mulher a levou lá, já eu tinha partido; parece-me que deve ser deste lado.

Tinhamos justamente chegado. Entrámos logo no parlatorio. Veiu-nos ao encontro um guardá.

— Sou o pae de Gigia Voggi—disse o jardineiro; quero ver minha filha! depressa, depressa!

— Estão no recreio, respondeu o guarda. Vou avisar a mestra.

E saiu.

O jardineiro nem sequer podia falar, nem estar parado; olhava para os quadros das paredes, mas sem vêr nada. A porta abriu-se: entrou uma mestra vestida de preto, com uma rapariga pela mão, e pae e filha olharam-se um momento, e depois lançaram-se nos braços um do outro dando um grito. A menina estava vestida de riscadinho branco e vermelho, com avental branco. E' mais alta do que eu. Chorava e tinha o pae apertado ao peito com ambos os braços.

O pae recuou um pouco, e poz-se a miral-a dos

pés á cabeça, com chispas nos olhos, aneiciando, como se tivesse dado uma grande corrida, e exclamou:—Ah! como está crescida! E como está bonita! Oh! a minha querida, a minha pobre Gigia! A minha mudinha! E' a senhora a mestra? Diga-lhe por, favor, que me faça alguns dos seus signaes, que sempre entenderei alguma cousa, e depois irei aprendendo pouco a pouco. Diga-lhe que me faça comprehender alguma cousa com os gestos.»

A mestra sorriu-se e disse em voz baixa á menina:

— Quem é este homem que veio procurar-te?

E a pequena, com uma voz grossa, estranha, desharmoniosa como de selvagem que falasse pela primeira vez a nossa lingua, mas pronunciando claro, sorrindo, respondeu :

— E' meu pae.

O jardineiro deu um passo para traz e gritou, como um louco :

— Ella fala? Mas é possível! Será verdade? Fala? Mas tu falas, minha filha? filas? — E abraçou-a de novo e beijou-a na testa tres vezes.—Mas não é com os gestos que falam, senhora mestra? Pois não é com os dedos, assim?... Mas que é isto?

— Não, Sr. Voggi, respondeu a mestra; não é com gestos. Era assim pelo methodo antigo. Aqui ensina-se pelo methodo novo, pelo methodo oral. O senhor não o sabia?

— Mas eu não sabia nada, respondeu o jardineiro estupefacto. Ha tres annos que eu estou fóra. Talvez m'ó tivessem escripto, mas então não comprehendí. Tenho uma cabeça de ferro. Oh! minha litta, pois tu me comprehendes? Ouves a minha voz? Responde; sentes? Ouves o que te digo?

— Não, bom homem, disse a mestra. Não ouve a sua voz, porque é surda. Ella percebe pelos movimentos da nossa bocca quaes são as palavras; é

este o methodo novo ; mas não ouve as palavras de ninguem, nem tão pouco as que ella mesmo diz ; pronuncia-as, porque lh'as temos ensinado, letra por letra, e o modo como deve dispôr os labios e mover a lingua e o esforço que deve fazer com o peito e com a garganta para emittir a voz.

O jardineiro não percebeu e ficou com a bocca aberta. Não acreditava.

— Dize-me, Gigia, perguntou á filha, falando-lhe ao ouvido :

— Estás contente por teu pae ter voltado ?

E levantando a cabeça ficou esperando a resposta. A filha olhou para elle, pensativa, e não disse nada.

O pae ficou perturbado. A mestra riu-se. Depois disse :

— Note, bom homem. Ella não lhe responde, porque não viu os movimentos dos seus labios. O senhor falou-lhe ao ouvido. Agora repita a pergunta, tendo bem o rosto defronte do rosto d'ella.

O pae, olhando para ella mesmo em face, repetiu:

— Estás contente por teu pae ter voltado ? Por não se ausentar mais ?

A pequena, que tinha olhado attentamente para os labios, procurando até vêr dentro da bocca, respondeu francamente :

— Sim, estou contente por teres voltado, e não quero que te vás mais embora... nunca mais.

O pae abraçou-a impetuosamente; depois á pressa, como para confirmar-se melhor, fez uma infinidade de perguntas, uma sobre as outras.

— Como se chama a mamãe ?

— An-to-ni-a.

— Como se chama tua irmã pequena ?

— A-de-lai-de.

— Como se chama este collegio ?

— Dos surdos-mudos.

— Duas vezes dez, quantos são?

— Vinte.

Quando pensavamos vê-lo rir de alegria, começou de repente a chorar. Mas eram lágrimas de prazer.

— Animo! disse-lhe a mestra. O senhor tem motivo para alegrar-se, não para chorar. Repare que também faz chorar sua filha. Então está contente, não é verdade?

O jardineiro tomou a mão da mestra e beijou-a por duas ou tres vezes, dizendo: — Obrigado, cara senhora mestra. E perdôe-me não saber agradecer-lhe mais.

— Mas não só fala, disse a mestra, também escreve. Faz contas. Conhece o nome de todos os objectos usuaes. Sabe um pouco de historia e de geographia. Agora está ella na classe normal. Quando frequentar as outras classes, saberá muito, muito mais. Ha de sahir daqui habilitada para exercer uma profissão. Temos *surdas-mudas* que estão nas lojas servindo aos freguezes, e que tratam dos seus negocios como as outras pessoas.

O jardineiro ficou outra vez pasmado. Parecia que se lhe confundiam de novo as idéas. Olhou para a filha e coçou a cabeça.

A sua physionomia queria ainda alguma explicação.

Então a mestra voltando-se para o guarda disse-lhe:

— Chame cá uma menina da classe preparatoria.

O guarda voltou pouco depois com uma *surda-muda* de oito a nove annos, entrada ha poucos dias no Instituto.

— Esta, disse a mestra—é uma d'aquellas a quem ensinamos os primeiros elementos. Eis como se faz:

quero, por exemplo, que ella diga—*é*—Repare com attenção.

A mestra abriu a bocca como se abre para pronunciar a vogal *e* e fez signal á menina para que abrisse a bocca da mesma maneira. A menina obedeceu. Então a mestra fez-lhe signal que emittisse a voz. Emittiu logo um som, mas em vez de — *e* — pronunciou — *o*.

— Não—disse a mestra. Não é assim—e pegando nas mãos da menina poz uma d'ellas aberta na garganta e outra sobre o peito, e repetiu — *é*.

A menina, sentindo pelo tacto o movimento da garganta e do peito da mestra, reabriu a bocca como antes, e pronunciou perfeitamente —*é*. Do mesmo modo fez-lhe dizer *c* e *d* conservando sempre as pequeninas mãos no peito e garganta.

—Comprehende agora?—perguntou.

O pae tinha comprehendido, mas parecia ainda mais maravilhado do que quando não comprehendia.

—Então ensinam a fallar assim?—perguntou depois de um momento de reflexão olhando para a mestra.— E têm paciencia de ensinar assim, a pouco e pouco, a um por um, a todos? durante annos e annos!?... Mas as senhoras são santas! santas e anjos do paraiso! Mas não ha no mundo recompensa para ellas! Que posso eu dizer?— Ah! deixem-me agora um bocado com a minha filha, deixem-a só commigo por cinco minutos.

E retirando-se para um lado com ella, fel-a sentar e principiou a interrogal-a, ella a responder, e elle a rir-se com os olhos brilhantes, batendo com as mãos em cima dos joelhos, pegando nas mãos da filha e olhando para ella, fóra de si de contentamento, a ouvil-a como a uma voz que viesse do céo. E logo perguntou á mestra:

— O Sr. director dará licença que eu lhe agradeça ?

— O director não está, — respondeu a mestra — mas ha uma pessoa a quem deve agradecer. Aqui, cada menina pequena é entregue aos cuidados de uma companheira maior, que lhe serve de irmã e de mãe. A sua filha está confiada a uma *surda-muda* de dezeseis annos, filha de um padeiro, que é boa e quer-lhe muito bem. Ha dois annos, vaé todas as manhãs ajudal-a a vestir-se, penteia-a, ensina-lhe a coser, arranja-lhe a roupa, e faz-lhe boa companhia. Luiza, como se chama a tua mamãe do Instituto ?

A rapariga sorriu e respondeu:

—Ca-tha-ri-na Gior-da-no.

E voltando-se para o pae, disse:

—E' muito, muito boasinha.

O guarda, sahindo a um signal da mestra, voltou logo com uma surda-muda, loura, robusta, de cara alegre, vestida tambem de riscadinho vermelho, com avental cinzento, a qual parou á porta; fez-se muito corada, depois inclinou a cabeça, rindo. Tinha o corpo de uma mulher e parecia uma criança.

A filha de Jorge correu-lhe logo ao encontro, pegou-lhe na mão como a uma criança e trouxe-a ao pé do pae, dizendo com a sua voz grossa :

—Ca-tha-ri-na Gior-dado.

—Ah! a boa menina! exclamou o pae estendendo a mão para acaracial-a, mas retirou-a outra vez e repetiu: —Ah! a boa menina, que Deus a abençõe; e lhe dê todas as fortunas, todas as consolações e a faça sempre feliz, á menina e a todos os seus, uma boa rapariga assim! Pobre de minha Gigia!... E' um operario honesto, um pobre pai de familia que lhe deseja a felicidade, de todo o coração.

Ella, a grande, acariciava a pequena, que se con-

servava de cabeça baixa, sorrindo; e o jardineiro continuava a olhá-la como se ella fosse uma santa.

—Hoje pôde levar consigo a sua filha — disse a mestra.

—Se a levo! — respondeu o jardineiro.— Levo-a a Condove e trago-a amanhã de manhã. Ora, se eu não levasse a minha filha!

A filha sahiu para vestir se.

—Ha tres annos que não a vejo!— disse o jardineiro.— E agora que falla! Levo-a a Condove. Mas antes, vou dar um gyro por Turim, com a minha mudinha pelo braço: quero que todos a vejam e hei de leval-a aos meus quatro amigos para que a ouçam. Ah! que dia feliz! Isto é que se chama uma consolação! vamos! dá o braço a teu pae, minha Gigia

A rapariga que tinha voltado com um chalezinho e uma touca, deu-lhe o braço.

—E muito obrigado a todos, disse o pae; muito obrigado a todos, com toda a minha alma o digo, ainda cá hei de voltar para lhes agradecer.

Ficou um momento a pensar, e, apartando-se arrebataadamente da filha, voltou atraz, mexendo com uma das mãos na algibeira, e gritou como um furioso:

—Muito bem! Eu sou um pobre diabo, mas aqui está, deixo vinte liras para o Instituto. Um *marengo* de ouro, bonito e novo.

E dando uma grande pancada sobre a mesa, deixou lá ficar o *marengo*.

—Não, não, bom homem — disse a mestra comovida— guarde o seu dinheiro, eu não posso aceitar-o, guarde-o. Isto não pertence a mim. Venha quando cá estiver o director. Mas elle não aceitará tambem, esteja certo disso. Custou-lhe muito a

ganhar, bom homem. Ficamos-lhe gratos do mesmo modo.

—Não, senhora, deixo — respondeu o jardineiro insistindo. Depois... se verá.

Mas a mestra tornou a metter-lhe a moeda na algibeira, sem dar-lhe tempo a que a repellisse. Elle então resignou-se, inclinando a cabeça, e depois, rapidamente atirando um beijo com a mão á mestra e á mocinha maior, tornou a pegar no braço da sua Gigia e sahiu pela porta fóra, dizendo:

—Vem, vem, minha filha, minha pobre mudinha, meu thesouro!

E a filha exclamou com a sua voz grossa:

—Oh! que dia bonito!

JUNHO

Garibaldi

3 de Junho. Amanhã é festa nacional.

Hoje é dia de luto nacional.

Hontem á noite morreu Garibaldi. Sabes tu quem foi Garibaldi? Foi aquelle que libertou dez milhões de italianos da tyrannia dos Bourbons. Morreu aos setenta e cinco annos. Nascera em Niza, filho de um capitão de navio. Aos oito annos salvou uma mulher, aos treze salvou uma barca cheia de companheiros que naufragavam, aos vinte e sete arrebatou das aguas de Marselha um moço que se afogava, aos quarenta e um livrou um navio de incendio no oceano. Combateu dez annos na America pela liberdade de um povo estranho, combateu em tres guerras contra os austriacos pela liberdade da Lombardia e do Trentino, defendeu Roma dos francezes em 1849, libertou Palermo e Napoles em 1860; combateu em favor de Roma em 67, lutou em 1870 contra os allemães em defesa da França. Elle tinha a chamma do heroismo e o genio da guerra. Lutou em quarenta combates e venceu trinta e sete. Quando não combateu, trabalhou para viver, e isolou-se n'uma ilha solitaria cultivando a terra.

Foi mestre, marinheiro, operario, negociante, soldado, general e dictador. Era grande, simples e bom. Odiava todos os oppressores, amava todos os povos, protegia todos os fracos; não tinha outra aspiração que não fosse o bem; recusava as honras, desprezava a morte, adorava a Italia. Quando soltava um grito de guerra, legiões de valentes corriam ao seu encontro de todas as partes. Os fidalgos deixavam os seus palacios, os operarios as suas officinas, os alumnos as escolas, para ir combater ao sol da sua gloria. Na guerra trazia uma camisa vermelha. Era robusto, louro, bello. Nos campos de batalha era um raio, nas suas amizades uma criança, nas suas dôres um santo. Mil italianos morreram pela patria, felizes de morrer vendo-o passar de longe victorioso, milhares se deixaram matar por elle, milhões o abençoaram e hão de abençoal-o sempre.

Morreu ; o mundo inteiro chora-o. Tu não o comprehendes por ora, lerás os seus feitos, ouvirás falar d'elle continuamente na vida, e á medida que fores crescendo, a sua imagem crescerá tambem diante de ti ; quando fores homem, vê-o-ás gigante ; e quando tu não existires, quando já não viverem os filhos dos teus filhos e aquelles que delles nascerem, ainda as gerações hão de vêr alta, na gloria, a sua cabeça luminosa de redemptor dos povos, coroada pelos nomes das suas victorias como um resplendor de estrellas, e a cada italiano illuminar-se-á a fronte e a alma ao pronunciar o seu nome !

Teu Pae.

❶ exercito

Domingo 11. Festa nacional, retardada sete dias por causa da morte de Garibaldi

Fomos á praça Castello vêr a revista dos soldados que desfilavam diante do commandante do corpo do exercito, no meio de duas grandes alas de povo. A' medida que desfilavam ao som das fanfarras e das bandas, meu pae ia-me mostrando os corpos e os trophéos das bandeiras. Primeiro, os academicos, que um dia serão officiaes de engenheiros e de artilharia, cerca de trezentos, vestidos de preto, passaram com uma elegancia ousada e desenvolta de soldados e de estudantes. Depois d'elles desfilou a infantaria, a brigada Aosta, que combateu em Goito e em S. Martinho ; e a brigada Bergamo, que combateu em Castel Fidardo, quatro regimentos, companhias atraz de companhias : militares de borlazinhas vermelhas, que pareciam grinaldas extensissimas de flôres côr de sangue, presas pelas extremidades, agitadas e conduzidas atravéz da multidão. Depois da infantaria seguiram os soldados do corpo de engenheiros, os operarios da guerra, com pennachos de crina preta e galões carmezim, e enquanto estes desfilavam, viam-se á retaguarda, avançando,

centenares de pennas compridas, direitas, que sobrelavavam ás cabeças dos espectadores, eram alpinos, os defensores das portas de Italia, todos altos, rosados e fortes, com os cabellos á calabreza, e as divisas de um lindo verde, côr da herva das suas montanhas. Desfilavam ainda os alpinos, quando um sussurro da multidão levantou-se e o antigo batalhão 12 de caçadores, os primeiros que entraram em Roma pela brecha da porta Pia, todos de preto, ageis, vivos, com pennachos ao vento, passaram como a onda de uma corrente negra, fazendo ecoar na praça os sons agudos dos clarins, que pareciam gritos de alegria. Mas a sua fanfarra foi coberta pelo estrepito aspero e pesado da artilharia de campanha ; então passaram soberbamente sentados sobre os altos caixões, puxados por trezentas parellhas de cavallos impetuosos, os bellos soldados, com seus galões amarellos, os formidaveis canhões d'aço e de bronze, scintillantes sobre as carretas ligeiras que saltavam e resoavam fazendo tremer a terra.

Vinha depois, lenta, grave, bella, na sua apparencia penosa e rude, com os seus robustos soldados, com as suas mulas valentes, a artilharia de montanha, que leva a destruição e a morte até onde sóbe o pé do homem. E, finalmente, passou a galope, com os elmos ao sol, com as lanças erguidas, com as bandeiras ao vento, com scintillações de prata e de ouro, enchendo o ar de tinidos e relinchos de cavallos, o soberbo regimento de cavallaria de Genova, que se assignalou em dez campos de batalha, desde Santa Lucia a Villa Franca.

— Como é bello ! exclamei eu.

Mas meu pae fez-me quasi uma censura por aquellas palavras, dizendo-me :

— Não consideres o exercito como um bello es-

pectaculo. Todos esses moços, cheios de força e de esperança, podem de um dia para outro ser chamados a defender o nosso paiz e em poucas horas cairão despedaçados pelas balas e pela metralha. Todas as vezes que ouvires gritar n'uma festa : viva o exercito ! viva a Italia ! imagina para além dos regimentos que passam, um campo juncado de cadaveres e alagado de sangue, e então o *viva* ao exercito te sairá mais do fundo do coração, e a imagem da Italia se te apresentará mais severa e mais grandiosa.

Italia

Terça-feira, 13.

Deves saudar assim a patria nos dias das suas festas : Italia, minha patria, nobre e querida terra, onde meu pae e minha mãe nasceram e serão sepultados, onde eu espero viver e morrer, e onde meus filhos crescerão e morrerão, bella Italia, grande e gloriosa de muitos seculos, unida e livre de ha pouco, tu, que derramaste a luz de tantos genios divinos sobre o mundo, e por quem valorosos filhos morreram no campo e tantos heroes no patibulo ; mãe augusta de trezentas cidades e de trinta milhões de filhos, eu, criança que ainda te não comprehendo e te não conheço inteira, venero-te e amo-te de toda a minha alma e tenho orgulho de ter nascido de ti e de chamar-me teu filho.

Amo os teus mares esplendidos e os teus Alpes sublimes, amo os teus monumentos solemnes e as tuas glorias immortaes. amo a tua Belleza ; — amo-te e venero-te, toda, como a parte tua dilecta, onde pela primeira vez vi o sc! e ouvi o teu nome.

Amo-vos todas de um grande affecto e com igual gratidão — Turim valorosa, Genova soberba, Bolonha douta, Veneza encantadora, Milão poderosa, amo-vos com igual reverencia de filho, Florença gentil e Palermo terrivel, Napoles immensa e bella, Roma maravilhosa e eterna ! Amo-te, patria sagrada ! Juro-te que amarei todos os teus filhos como irmão ; que honrarei sempre no meu coração os teus grandes vivos e os teus grandes mortos ; que serei um cidadão trabalhador e honesto que trabalharei constante-

mente por nobilitar-me, para tornar-me digno de ti, e concorrerei com as minhas pequenas forças para que desapareçam um dia da tua face a miséria, a ignorancia, a injustiça, o crime, e para que tu possas viver e expandir-te tranquillamente na magestade do teu direito e da tua força. Juro-te que servirei quando estiver em mim, com a intelligencia, com o braço, com o coração, humildemente, ousadamente; e que se um dia careceres do meu sangue e da minha vida, darei vida e sangue, morrerei levando n'um grito ao céu o teu santo nome, e mandando o meu ultimo beijo á tua bandeira abençoada.

32 grãos

Sexta-feira, 16.

Nestes cinco dias que passaram depois da festa nacional, o calor tem subido tres grãos. Agora estamos em pleno verão; todos começam a achar-se fatigados; todos têm perdido as bellas côres rosadas da primavera, os pescoços e as pernas adelgaçam-se, as cabeças inclinam-se e os olhos fecham-se.

O pobre Nelli, que soffre muito com o calor, traz o rosto côr de cêra, e adormece algumas vezes, profundamente, com a cabeça sobre o caderno; mas Garrone está sempre attento, e põe-lhe diante um livro aberto, em pé, para que o mestre não o veja.

Crossi apoia a sua cabeça ruiva sobre a carteira, de modo que parece deslocada do corpo e posta ali. Nobis queixa-se de que somos muitos e lhe tiramos o ar. Ah! que esforço é necessario fazer agora para estudar! Eu vejo das janellas de casa aquellas formosas arvores, de uma sombra tão cerrada, e para onde correria de tão boa vontade; e vêm-me a tristeza e a contrariedade por ser obrigado a ir metter-me entre os bancos. Mas depois animo-me ao vêr minha boa mãe, que me observa sempre quando saio para a escola, para vêr se estou pallido, e diz-me a cada pagina de trabalho:—Estás bom? E todas

as manhãs, ás seis, acordando-me para a lição : — Coragem! Poucos dias faltam, depois serás livre, descansarás, e gozarás da sombra das alamedas.

Sim, ella tem bem razão em lembrar-me os meninos que trabalham nos campos, sob a força do sol, ou entre os cascalhos do rio que cêgam e escaldam, e aquelles outros das fabricas de vidros, que estão todos os dias immoveis, com o rosto inclinado sobre uma luz de gaz e se levantam todos mais cedo do que nós e não têm férias. Coragem, pois! E até nisto é Derossi o primeiro de todos, pois não soffre nem calor nem somno; sempre vivo, alegre, com os seus anneis de cabellos louros, como no inverno, e estuda sem fadiga, e esperta a todos em volta de si, como se refrescasse o ar, á sua voz. Ha ainda dois outros, tambem vivos e attentos: o cabeçudo do Stardi, que dá murros na cara para não adormecer, e que quanto mais fatigado está e mais calor sente, tanto mais aperta os dentes e arregala os olhos, que parece querer comer o mestre; e o negociante do Garoffi todo atarefado em fabricar leques de papel vermelho, ornados com figurinhas de caixas de phosphoros, que vende a dous centesimos cada um. Mas o mais bravo é Coretti, o pobre Coretti, que se levanta ás cinco para ajudar o pae a carregar lenha. A's onze na escola, não pôde mais ter os olhos abertos, e cae-lhe a cabeça sobre o peito. E, com-tudo, reanima-se, dá palmadas na nuca, pede permissão para sair para lavar a cara, e quer que os vizinhos o sacudam e belisquem. Mas, apesar de tudo, esta manhã não pôde resistir, e adormeceu n'um somno de chumbo. O mestre chamou-o alto: Coretti! Então o filho do carvoeiro, que mora perto d'elle, levantou-se e disse:

— Coretti trabalhou das cinco ás sete a carregar lenha.

O mestre deixou-o dormir e continuou a dar lição por uma meia hora. Depois foi ao banco de Coretti, e devagarinho soprando-lhe no rosto acordou-o. Ao vêr diante de si o mestre, inclinou-se para traz, assustado. Mas o mestre tomou-lhe a cabeça entre as mãos e disse, beijando-o nos cabellos:

— Não te censuro, meu filho. Não é o teu somno o da preguiça, mas o somno da fadiga. ✓

Meu pae

Sabbado, 17.

Certo, nem teu companheiro Coretti, nem Garrone, responderiam nunca a seu pae, como tu respondeste esta tarde ao teu, Henrique! Como é possível? Deves jurar-me que jámais acontecerá cousa semelhante enquanto eu viva. Todas as vezes que a uma reprehensão de teu pae te corra aos labios uma má resposta, pensa n'aquelle dia que ha de irremediavelmente chegar, quando elle te chamar á cabeceira de sua cama para dizer-te: — Henrique, eu vou deixar-te. — Oh! meu filho, quando sentires a sua voz pela ultima vez, e ainda por muito tempo depois, quando chorar só no seu gabinete abandonado, no meio daquelles livros que elle não abrirá mais, então recordando-te de lhe teres algumas vezes faltado ao respeito, perguntarás a ti mesmo: — Como é possível? — Então comprehenderás que elle foi sempre o teu melhor amigo; que quando era obrigado a castigar-te, soffria mais do que tu, e que nunca te fez chorar para fazer-te bem; então te arrependerás; e beijarás chorando aquella mesa sobre a qual tanto trabalhou, sobre a qual consumiu a vida por amor dos seus filhos. Agora não comprehendes: elle occulta tudo o que lhe diz respeito, excepto a sua bondade e seu amor. Tu não sabes que elle está algumas vezes de tal modo acabrunhado pela fadiga, que julga não ter mais que poucos dias de vida e que nesses momentos não fala senão de ti e não tem outro pezar no coração senão o de deixar-te pobre e sem amparo. E quantas vezes pensando nisto entra na tua alcova enquanto dormes, e fica ali com a luz na mão a contemplar-te e, fazendo depois um esforço, cansado e triste, como se acha, volta ao trabalho! Então ignoras que muitas vezes

elle procura-te, porque tem uma amargura no coração, desgostos que cabem a todos os homens neste mundo; procura-te como a um amigo para confortar-se e esquecer-se; e tem necessidade de refugiar-se no teu amor para reaver a serenidade e a coragem. Pensa, pois, que d'ir deve ser a sua, quando, em vez de achar amor em ti, encontra frieza e má criação. Não te macules mais d'esta ingratição horri-vel. Pensa que, quando mesmo fosses tão bom como um santo, não poderias nunca compensal-o bastante d'aquillo que elle temfeito e faz continuamente por ti. E pensa tambem: com a vida não se pôde contar; uma desgraça poderia roubar teu pae enquanto és ainda criança, nestes dois annos, dentro de tres mezes, amanhã mesmo. Ah! pobre Henrique, como então verias mudar-se tudo em volta de ti! como te pareceria vasia e desolada a casa com a tua pobre mãe vestidade preto! Vae, filho. Vae onde está teu pae, ao quarto onde trabalha; vae nas pontas dos pés, que te não sinta entrar; vae pousar a fronte sobre os seus joelhos, pedir-lhe que te perdõe e abençõe.

Tua Mãe.

No campo

Sexta-feira, 23.

Meu bom pae perdóou-me ainda esta vez, e deixou-me ir ao passeio que tínhamos combinado na quarta-feira com o pae de Coretti, o vendedor de lenha.

Todos nós precisavamos de um pouco de ar das montanhas. Foi uma festa. Achavamo-nos hontem ás duas, na praça da Constituição, Derossi, Garrone, Garoffi, Precossi, Coretti (pae e filho), e eu, com as nossas provisões de fructas, salnichas e ovos cozidos, e tínhamos tambem barquinhas de couro e copos de lata. Garrone levava uma cabaca com vinho branco, Coretti uma frasqueira de soldado, de seu pae, cheia de vinho tinto; e o pequeno Precossi com a sua blusa de ferreiro trazia debaixo do braço um pão enorme de dois kilos. Fomos no *bond* até *Gran*

Madre di Dio, e depois toca a subir pelos morros. Que verdura! tanta sombra! e que fresco! Andávamos ás cambalhotas na relva, banhavamos as caras nos regatos e saltavamos através das cercas de espinhos. Coretti, pae, seguia-nos de longe com o seu jaquetão ao hombro, fumando o seu cachimbo de gesso, e de vez em quando acenava-nos com a mão, que não rasgássemos as roupas. Precossi assobiava, nunca o tinha ouvido assobiar. Coretti, filho, esse fazia de tudo, caminhando, sabe fazer tudo aquelle homemzinho; com um canivete cheio de folhas e do tamanho de um dedo, fazia rodinhas de moinho, garfos, seringas, e queria levar os embrulhos dos outros; ia carregado a ponto de lhe cair o suor em bagas, mas sempre vivaz como um cabrito. Derossi parava a cada momento para dizer o nome das plantas e dos insectos; não sei como elle faz para saber tanta cousa. Garrone comia pão em silencio, mas não nos dizia mais as graças alegres de outro tempo, pobre Garrone, depois que perdeu a mãe! Mas elle é sempre bom, como uma perola. Quando algum de nós se preparava para saltar um fosso, elle corria logo para o outro lado, afim de nos dar a mão. E porque Precossi tinha medo das vaccas por ter levado umas marradas em criança, sempre que passava alguma, Garrone punha-se logo na frente delle. Subimos até Santa Margarida, e depois desccemos pela ladeira abaixo, aos saltos, ás escorregadellas e aos trambolhões... Precossi, esbarrando n'uns espinheiros, fez um rasgão na blusa, e ficou ali, envergonhado, com os farrapos a voar; mas Garoffi, que traz sempre alfinetes no paletó, concertou-o tão bem, que não se conhecia, enquanto que elle dizia sempre:—Desculpa, desculpa. Garoffi não perdia o seu tempo pelo caminho: colhiaervas próprias para salada; caracões e todas as pedras que

luzissem um pouco, mettia-as logo na algibeira, pensando que dentro houvesse ouro ou prata.

E correndo sempre, de quéda em quéda, ora á sombra, ora ao sol, acima e abaixo, pelos cabeços e pelos atalhos, chegámos afinal fatigados, offegantes, ao cimo de um morro onde nos sentámos para comer. Via-se uma planicie immensa e todos os Alpes azues com os cimos brancos. Estavamos a morrer de fome e o pão desaparecia. Coretti, pae, dava-nos porções, rações de salchichas em cima de folhas de abobora. E então começámos a falar, todos ao mesmo tempo, dos mestres, dos companheiros que não tinham podido vir, e dos exames. Precossi tinha vergonha de comer e Garrone mettia-lhe na bocca, á força, o melhor da sua parte.

Coretti estava sentado ao lado de seu pae, com as pernas cruzadas: pareciam mais dois irmãos do que pae e filho, ao vê-los assim juntos ambos, corados, a rir com uns dentes muito alvos. O pae trincava com gosto, esvasiava também as barquinhas e os sopos que nós deixavamos em meio, e dizia:

—Para vocês que estudam, o vinho faz muito mal. São os vendedores de lenha que têm necessidade d'elle.

Depois agarrava o filho pelo nariz sacudindo-o e fazendo-nos:

—Rapazes! deveis querer bem a este, que é a flôr dos meninos. Sou eu quem o diz.

E todos riam, excepto Garrone; e elle proseguiu, rincando:

—Que pena, hein? agora estão todos juntos como bons amigos e camaradas, mas daqui a alguns annos... quem sabe? Henrique e Derossi serão talvez advogados, professores, que sei eu? e os outros quatro, na loja ou na officina, ou em qualquer parte

para onde o diabo os mande. E então, boa noite, camaradas!

—Que? atalhou Derossi. Para mim, Garrone ha de ser sempre Garrone; Precossi será sempre Precossi; e os outros o mesmo, venha eu a ser imperador da Russia; onde elles estiverem, estarei eu tambem.

—Muito bem!— exclamou Coretti pae, levantando a frasqueira;— assim é que se fala, com os diabos! Toque! Vivam os bravos companheiros, e viva a escola, que faz uma só familia dos que a têm e dos que não a têm.

Nós tocámos todos a sua frasqueira com as barquinhas e os copos de lata, e bebemos a ultima vez. E elle:

—Viva o quadrado do 49! gritou levantando-se nas pontas dos pés entornando até o ultimo gole; e se um dia tiverdes de fazer quadrados, tratae de resistir como nós resistimos.

Era já tarde. Descemos, correndo, cantando e caminhando por muito tempo, todos de braços dados, chegando ao Pó ao escurecer; andavam pela noite milhares de pyrilampos. E não nos separámos senão na praça da Constituição, depois de termos todos combinado reunirmo-nos domingo para ir ao *Victor Manoel* vêr a distribuição dos premios aos alumnos das escolas nocturnas. Que bello dia! Como entraria em casa contente, se não tivesse encontrado a minha pobre mestra! Encontrei-a, quando ella vinha descendo as escadas da nossa casa, quasi ao escurecer, e apenas me reconheceu, tomou-me as duas mãos e disse-me ao ouvido: «Adeus, Henrique; lembra-te de mim.» Percebi que chorava. Subi e disse a minha mãe: «Encontrei a minha mestra»— Ella vae agora metter-se na cama— respondeu minha mãe, que

tinha os olhos vermelhos. E depois accrescentou com grande tristeza, olhando-me fixamente:

—A tua pobre mestra... está bem mal.

A distribuição dos premios aos operarios

Domingo, 25.

Como tinhamos convencionado, fomos todos juntos ao theatro «Victor Manoel» para ver a distribuição dos premios aos operarios. O theatro estava enfeitado como a 14 de Março e litteralmente cheio; eram, quasi tudo, familias de operarios, e a platéa era occupada pelos discipulos e discipulas da escola de canto choral, que entoavam um hymno aos soldados mortos na Criméa, hymno tão bello que quando acabou, todos se levantaram a dar palmas e a gritar de modo que tiveram de cantar outra vez. Em seguida, principiam a desfilar os premiados diante do syndico, do prefeito e de muitos outros, que davam livros e cadernetas da Caixa Economica, diplomas e medalhas.

N'um canto da platéa vi o «Pedreirinho», sentado ao lado da mãe, e em outro lugar estava o director, e por detraz delle a cabeça ruiva do meu mestre da *segunda classe*.

Desfilaram primeiro os alumnos da escola nocturna de desenho, ourives, gravadores, lithographos, e tambem carpinteiros e pedreiros. Depois, os da escola de commercio; depois os do lyceu municipal, entre os quaes varias mocinhas, operarias, todas vestidas de festa, que foram saudadas com grande applauso. Estavam sorrindo. No fim vieram os alumnos das escolas nocturnas elementares e então principiou a ser mais bella a festa. Passava gente de todas as idades, de todas as profissões e vestida

de todas as modas, homens com os cabellos grisalhos, aprendizes de officios, operarios de grandes barbas pretas.

Os pequenos estavam inquietos, os homens um pouco embaraçados. O povo applaudia os mais velhos e os mais novos. Mas nenhum ria entre os espectadores, como faziam na nossa festa. Viam-se todos os rostos attentos e sérios. Muitos dos premiados tinham a mulher e os filhos na platéa e havia crianças que quando viam passar o pae no palco, chamavam-o pelo nome em voz alta, e lhe acenavam com a mão, sorrindo. Passaram camponezes e carregadores. Estes eram da escola *Buoncompagni*. Da escola da *Cidadella* passou um engraxador, que meu pae conhece; o prefeito deu-lhe um diploma. Depois d'elle vejo passar um homem alto como um gigante, que me pareceu já ter visto outras vezes. Era o pae do «Pedreirinho», que recebia o segundo premio. Recordei-me de quando o tinha visto nas aguas-furtadas, á cabeceira do filho doente, e procurei logo o filho na platéa. Pobre «Pedreirinho»! Elle olhava para o pae com os olhos muito vivos; e para occultar a commoção fazia o *focinho de lebre*. Naquelle momento senti um estredo de applausos, e olhei para o palco; era a vez de um pequeno limpador de chaminés, com a cara lavada, mas com a roupa do trabalho; o syndico falava-lhe, tomando-o pela mão. Depois do limpador de chaminés veio um cozinheiro. Depois passou a receber a medalha um varredor municipal da escola *Raineri*. Eu sentia não sei que no coração, como que um grande affecto e um grande respeito, pensando quanto não haviam custado aquelles premios a todos aquelles trabalhadores, paes de familia cheios de cuidados, quantas fadigas além das suas fadigas, quantas horas roubadas ao somno, de que tanto carecem, e

tambem quanto esforço da intelligencia não habituada ao estudo e quanto desazo de mãos callosas pelo trabalho.

Passou um moço de officina, e bem se conhecia haver-lhe o pae emprestado a jaqueta para a occasião; e bamboleavam-lhe tanto as mangas, que teve de as arregaçar ali mesmo, no palco, para poder tomar o seu premio; e muitos riram, mas o riso foi logo suffocado pelas palmas. Depois veio um velho, com a cabeça calva e as barbas brancas. Passaram soldados de artilharia, dos que vinham á aula nocturna na nossa secção; depois guardas da alfandega, guardas municipaes, dos que fazem guarda á nossa escola. No fim, os alumnos da escola choral cantaram ainda o *Hymno aos mortos da Criméa*, mas com tanto arrebatamento desta vez e com tal força de sentimento, vinha tão direito ao coração, que o publico quasi não applaudiu mais, e sahiram todos commovidos, lentamente, e sem fazer barulho. Em poucos momentos toda a rua ficou cheia de gente.

Em frente á porta do theatro estava o limpador de chaminés, com o seu livro de premio, encadernado de vermelho, e em volta d'elle alguns *senhores* que lhe falavam. Muitos cumprimentavam de um para outro lado da rua, operarios, rapazes, guardas, mestres.

O meu mestre da *segunda* saiu no meio de dois soldados de artilharia.

E viam-se mulheres de operarios com as crianças nos braços, que sustentavam nas mãosinhas o diploma do pae, e mostravam a todos, com orgulho.

A minha mestra morta

Terça-feira, 27.

Emquanto estávamos no theatro «Victor Manoel», a minha pobre mestra morria. Morreu ás duas horas, sete dias depois que veio á casa de minha mãe,

O director veio hontem de manhã dar-nos a triste noticia na aula, e disse:—Os que d'entre vós foram seus alumnos, sabem quanto lhes queria bem: era uma mãe para elles. Agora já não existe. Uma terrivel molestia minava-lhe desde muito tempo a vida. Se não fosse obrigada a trabalhar para ganhar o pão, teria podido tratar-se e talvez restabelecer-se; e sem duvida teria prolongado a vida por alguns mezes, se tivesse pedido uma licença. Mas quiz estar entre os seus discipulos até ao ultimo dia. Na tarde de sabbado, 17, despediu-se delles, com certeza de os não tornar a vêr, deu-lhes ainda bons conselhos, beijou-os a todos e retirou-se, soluçando. Agora ninguem mais tornará a vê-la. Recordae-vos della, meus filhos.

O pequeno Precossi, que tinha sido seu alumno da *primeira superior*, inclinou a cabeça sobre a mesa e pôz-se a chorar.

Hontem de tarde, depois da escola, fomos todos á casa onde ella morava para acompanhar o corpo á igreja. Estava já na rua um carro funebre com dois cavallos, e muita gente que esperava falando em voz baixa. Estavam o director e todos os mestres e mestras da nossa escola e de outras secções onde ella tinha ensinado annos antes; estavam tambem quasi todos os pequenos da sua *classe*, conduzidos pela mão das mães que seguravam tochas, e muitissimos de outras classes e umas cincoenta alumnas da secção Baretti, unãs trazendo coroas, outras

grinaldas de rosas. Já havia muitas flores sobre o carro, a que estava presa uma grande corôa de *sardades* sobre a qual se via escripto com letras pretas — *A' sua mestra, as antigas alumnas da quarta classe.*—E por baixo da corôa grande pendia uma outra pequena que tinham trazido as crianças. Por entre a multidão viam-se muitas mulheres de serviço mandadas pelos amos com velas e tambem dois criados de libré com tochas accesas. Um *fidalgão* rico, pae de um discipulo della, tinha mandado vir a sua carruagem torrada de seda azul. Todos se amontoavam defronte da porta. Muitas mocinhas enxugavam as lagrimas. Esperámos um pedaço de tempo em silencio. Finalmente trouxeram o caixão. Alguns pequenos, quando viram metter o feretro dentro do carro, principiaram a chorar alto, e um começou a gritar de tal modo, como se só naquelle momento comprehendesse que a sua mestra tinha morrido; e caiu em soluços tão violentos, que foi necessario retirá-lo. O acompanhamento, posto em ordem, lentamente principiou a mover-se. Iam adiante as *Filhas do Retiro da Conceição*, vestidas de verde; depois as *Filhas de Maria*, todas de branco com uma faixa azul; depois os padres, e atraz do carro os mestres e mestras, os pequeninos escolares da *Primeira superior* e todos os outros, e além, atraz, a multidão. A gente que chegava ás janellas e ás portas, ao vêr todo aquelle povo e as corôas, dizia:

— E' uma professora.

Entre as senhoras que acompanhavam os mais pequenos, algumas havia que choravam. Chegados ao templo foram á igreja, tiraram o feretro do carro e levaram-o para o centro da nave defronte do altar-mor. As mestras puzeram-lhe corôas em cima e as crianças cobriram-o de flores, e toda a gente em

volta e com as velas accesas principiou a cantar orações na igreja grande e escura.

Depois, de repente, quando o padre disse o ultimo *Amen*, as velas apagaram-se, todos sahiram apressadamente, e a mestra ficou só! Pobre mestra, tão boa para mim, que tinha tanta paciencia e por tantos annos se tinha cansado!

Ella deixou os seus poucos livros aos seus discipulos: a um, um tinteiro, a outro, um quadrinho, tudo aquillo que possuia: e dois dias antes de morrer disse ao director que não deixasse ir os mais pequenos ao seu enterro, porque não queria que chorassem. Fez tanto bem, soffreu tanto, e morreu. Pobre mestra, que ficaste sósinha n'aquella igreja escura! Adeus! Adeus para sempre, minha boa amiga, doce e triste recordação da minha infancia!

Agradecimentos

Quarta-feira, 28

Quiz acabar o seu anno de escola a minha pobre mestra, e morreu faltando tres dias para terminar as lições.

Depois de amanhã iremos ainda uma vez à classe ouvir lêr o ultimo *conto mensal—Naufragio—*e depois... está tudo acabado. Sabbado, 1 de Julho, os exames. E passou assim o quarto anno. E se não fosse a morte de minha mestra, teria passado bem.

Lembro-me do que sabia em outubro ultimo, e parece-me que sei hoje muito mais. Tenho muitas cousas novas na memoria, e sei dizer e escrever melhor do que outros maiores, e sinto-me capaz até de os ajudar nos seus trabalhos; comprehendo com mais facilidade e entendo quasi tudo que leio. Estou satisfeito.

Mas quantos me incitaram e me ajudaram a aprender, de um modo ou de outro, em casa, na escola, pela rua, por toda a parte, emfim, onde ia e onde podia ver qualquer cousa! A todos agradeço agora. Agradeço primeiro a ti, bom mestre, que foste tão indulgente e affectuoso para commigo e a quem custou uma fadiga cada novo conhecimento com que agora me alegre e de que tenho orgulho. Agradeço-te, Derossi, meu admiravel companheiro, que com tuas explicações promptas e delicadas me fizeste comprehender tantas cousas difficeis e vencer os obstaculos dos exames; a ti tambem Stardi, bravo e forte, que me mostraste como uma vontade de ferro tudo subjuga; a ti, Garrone, bom e generoso, que fazes bons e generosos todos os que te conhecem; e tambem a vós, Precossi e Coretti, que me destes o exemplo da coragem nos soffrimentos e da serenidade no trabalho — eu digo: obrigado a ti, a todos os mais! Mas acima de todos agradeço-te, meu pae, meu primeiro mestre, meu primeiro amigo, que me deste tão bons conselhos e me ensinaste tantas cousas, ao mesmo tempo que trabalhavas para mim, occultando-me sempre as tuas tristezas e procurando por todos os modos tornar-me o estudo facil e a vida bella; e a ti, minha doce mãe, meu anjo da guarda querido e abençoado, que gozaste de todas as minhas alegrias e participaste de todas as minhas amarguras, que te afadigaste, estudaste e choraste commigo, acariciando-me com uma das mãos a frente e apontando-me com a outra para o céu. Ajoelho-me diante de vós como quando era criança e, com toda a ternura que soubeste incutir-me n'alma, em doze annos de sacrificios e de amor, eu vos agradeço.

● naufragio

ULTIMO CONTO MENSAL

Alguns annos ha que por uma manhã do mez de Dezembro levantava ferro do porto de Liverpool um grande vapor, que levava a bordo mais de duzentas pessoas, e entre ellas setenta homens de tripolação.

O capitão e quasi todos os marinheiros eram inglezes. Entre os passageiros contavam-se varios italianos, tres senhoras, um padre e uma companhia de musicos, ambulantes. O navio dirigia-se á ilha de Malta. O tempo estava ennevoado.

Entre os viajantes de terceira classe á prôa, havia um rapazinho italiano de doze annos, pequeno para sua idade, mas robusto; um bello rosto ousado e severo de siciliano. Estava só, junto ao mastro do traquete, sentado em cima de um montão de cordas, ao lado de uma mala usada, que continha as suas roupas, e sobre a qual apoiava uma das mãos. Tinha o rosto moreno e os cabellos negros e ondulados, que quasi lhe cahiam nos hombros. Estava vestido pobremente, com uma manta já gasta sobre as costas e uma velha bolsa de couro a tiracollo.

Olhava em torno a si, pensativo, para os passageiros, para o navio, para os marinheiros que passavam correndo e para o mar inquieto. Tinha a expressão doentia de um rapaz que acabava de soffrer grande desgraça de familia. O rosto de criança e physionomia de homem.

Pouco depois da partida do navio, um italiano de cabellos grisalhos appareceu á prôa trazendo pela mão uma mocinha, e parando defronte do pequeno siciliano disse-lhe :

— Aqui tens uma companheira de viagem, Mario. Deixou-a ficar e foi-se embora.

A mocinha sentou-se sobre o montão de cordas ao lado do rapaz.

Olharam-se um para o outro.

— Aonde vaes? perguntou-lhe o siciliano.

A pequena respondeu :

— A Malta por Napoles; depois accrescentou : — Vou encontrar-me com meu pae e minha mãe, que me esperam. Chamo-me Julieta Faggiani.

O rapaz nada disse. Poucos minutos depois tirou da sua bolsa pão e fructas seccas ; a mocinha trazia biscoitos. Comeram.

— Alegrai-vos ! gritou o marinheiro italiano passando rapidamente. Vae começar o baile.

O vento ia augmentando e o navio balouçava fortemente. Mas os dois não enjoavam, e pouco lhes importava isso. A mocinha sorria. Tinha approximadamente a idade do seu companheiro, mas era muito mais alta ; de rosto moreno, delicado, um pouco fraca, e vestia mais que modestamente. Tinha os cabellos curtos e annellados, um lenço vermelho em volta da cabeça, duas argolinhas de prata nas orelhas.

Comendo, iam contando a sua vida. O rapaz não tinha mais nem pae nem mãe. O pae, operario, tinha morrido em Liverpool poucos dias antes, deixando-o só, e o consul italiano mandava-o agora para Palermo, sua terra, onde tinha ainda alguns parentes, afastados. A mocinha tinha sido levada para Londres um anno antes por uma tia viuva que a estimava muito, com consentimento de seus paes, pobres, que a deixaram ir por algum tempo, confiados na promessa de uma herança; mas poucos mezes depois a tia morrera esmagada por um omnibus, sem deixar-lhe um centesimo; e então, vendo-se obrigada a recorrer ao consul, esse a embarcára para a Italia. Ambos foram recommendados ao ma-

rinheiro italiano. De modo que, concluiu a pequena, meu pae e minha mãe esperavam que eu voltasse rica, e em vez disso volto pobre como fui. Mas elles querem-me da mesma maneira. E meus irmãos também. Tenho quatro, todos pequenos. Eu sou a mais velha da casa. Hão de fazer-me muita festa ao ver-me. Hei de entrar nas pontinhas dos pés... O mar está horrível.

Depois perguntou o rapaz:

— E tu vaes ficar com os teus parentes?

— Sim, se me quizerem, respondeu.

— Não te querem bem?

— Não sei...

— Eu completo treze annos pelo Natal, disse a mocinha.

Depois principiaram a discorrer do mar, da gente que tinham em redor de si. Todo o dia estiveram juntos, trocando de quando em quando algumas palavras. Os passageiros pensavam ser irmão e irmã. Ella, a criança, fazia uma meia; elle meditava. O mar ia engrossando cada vez mais.

A' noite, quando se separaram para dormir, disse ella a Mario:

— Dorme bem.

— Nenhum dormirá bem; pobres crianças! exclamou o marinheiro italiano, passando de corrido a chamado do capitão. O rapazinho ia responder a sua amiga —Boa noite! — quando um jorro de agua inesperado bateu-o com violencia, e atirou com elle de encontro a um banco.

— Ai! mãe do céu! que se feriu! — gritou a rapariga, lançando-se sobre elle.

Os passageiros que desciam á camara, não deram attenção.

A mocinha ajoelhou-se ao lado de Mario, que ficou atordoado com a quêda, limpou-lhe a testa,

que estava ensanguentada, e tirando o lenço vermelho que lhe cobria os cabellos, envolveu-lhe a cabeça, aconchegando-a ao peito para melhor poder atar as pontas do lenço, caindo-lhe nessa ocasião no peito uma gotta de sangue sobre o seu vestido amarello. Mario reanimou-se e poz-se em pé.

— Sentes-te melhor? — perguntou a mocinha.

— Não tenho mais nada — respondeu elle.

— Dorme bem — disse Julieta.

— Boa noite! — respondeu Mario.

E desceram pelas duas escadinhas dos seus dormitórios. O marinheiro tinha predito a verdade. Ainda não tinham adormecido, quando se desencadeou uma tempestade medonha. Foi como um assalto repentino de vagas furiosas, que em poucos momentos partiram um mastro, levaram comsigo, como se fossem folhas seccas, tres botes que estavam presos aos guindastes, e quatro bois que estavam na prôa. No interior do navio nasceu a confusão, o terror, um alarido immenso de gritos, choros e preces que faziam erriçar os cabellos. A tempestade foi-se tornando cada vez mais tormentosa durante a noite. Ao despontar da aurora cresceu ainda. As ondas alterosas, flagellando o vapor obliquamente, rebentavam sobre a coberta, e despedaçavam-se, lambiam e levavam tudo comsigo. A plata-fôrma que cobria a machina arrombou-se, e a agua precipitou-se dentro com um estrepito horrivel; as ornalhas chiando apagaram-se e os machinistas fugiram; jorros de agua grossos e impetuosos penetravam por toda a parte. Uma voz potente gritou: A's bombas! — Era a voz do capitão. Os marinheiros correram ás bombas. Mas um golpe de mar repentino, encontrando o navio pela ré, despedaçou parapeitos e portinholas, e a agua torrentuosa desabou pesada dentro do navio.

Todos os passageiros, mais mortos do que vivos, se haviam refugiado na sala grande. N'um certo ponto appareceu o capitão.

— Capitão! capitão! gritaram todos juntos. Que se faz? Estamos em perigo? Ha esperanza? Salvenos!

O capitão esperou que todos se calassem e disse friamente:

— Resignemo-nos.

Só uma mulher soltou um grito — Piedade! Ninguem mais pode pronunciar uma palavra. O terror tinha paralyzado todas as boccas.

Muito tempo se passou assim, n'um silencio de tumulos. Olhavam uns para os outros, com os rostos pallidos em calefrio, tremulos. O mar sempre e sempre furioso, horrendo, bramia formidavel.

O navio balouçava pesadamente.

N'um dado momento o capitão tentou lançar ao mar um barco salva-vidas. Cinco marinheiros entraram nelle, e o barco arriou, mas foi logo emborcado por uma onda, e afogaram-se dois marinheiros, um delles o italiano; os outros a custo conseguiram aferrar-se ás cordas, e subiram escorrendo agua.

Depois disto, os proprios marinheiros perderam toda a coragem. Duas horas depois o navio estava já immerso na agua até á altura das enxarcias.

Um espectáculo tremendo passava-se, no entanto sobre a coberta. As mães desgrenhadas, ferozes cingiam os filhos ao peito desesperadamente; os amigos abraçavam-se e diziam-se adeuses; alguns desciam aos camarotes, para morrer sem verem mar. Um viajante disparou uma pistola na cabeça, caiu de bruços sobre a escada do dormitorio, onde expirou no meio de sangue. Muitos agarravam-se freneticamente aos outros; as mulheres contorciam-se em convulsões horrendas, e rezavam e diziam

orações com o aspecto heretico e impiedoso dos que desesperam da vida.

Alguns estavam ajoelhados em volta de um padre. Ouviã-se um côro de suspiros e de lamentos infantis, de vozes agudas estranhas; e viam-se aqui e ali pessoas immoveis, rijas como estatuas, pasmadas com as pupillas abertas, sem olhar, faces de cadaveres e de loucos.

Os dois pequenos, Mario e Julieta, agarrados a um mastro do navio, olhavam para o mar, com os olhos desmesuradamente fixos, penetrando o infinito como insensatos.

O mar tinha-se aquietado um pouco, mas o navio continuava a submergir-se lentamente. Não restavam mais do que alguns minutos.

— A lancha ao mar! — gritou o capitão.

Uma lancha, a ultima que ficára, foi lançada ás aguas e quatorze marinheiros com tres passageiros entraram nella. O capitão ficou a bordo.

— Desça comnosco — gritaram de baixo.

— Não! devo morrer no meu posto! respondeu o capitão.

— Encontraremos algum navio — gritavam-lhe os marinheiros; salvar-nos-hemos. Ahi, está perdido.

— Eu fico.

— Ha ainda um logar! — gritaram de novo os marinheiros dirigindo-se aos outros viajantes.

— Uma mulher!

Uma senhora adiantou-se então, amparada pelo capitão, mas á vista da distancia a que se achava a lancha, não se sentiu com coragem de tentar o salto, e tornou a cair sobre o convéz. As outras estavam quasi todas desmaiadas e como moribundas.

— Um menino! — gritaram ainda os marinheiros.

A'quella voz, o rapaz siciliano e a sua companheira, que tinham estado até alli como petrificados

por um terror sobrehumano, despertados repentinamente pelo violento instinto da vida, desprendam-se n'um impulso do mastro, e lançando-se sobre a borda do navio, gritaram a uma voz:

— A mim ! a mim ! — procurando empurrar um ao outro para traz, como duas fêras enfiadas !

— A lancha está sobrecarregada.

— O mais pequeno !

Ao ouvir aquellas palavras, a mocinha deixou cair os braços como fulminada, e permaneceu imóvel, olhando para Mario com os olhos já amarelados. Mario, depois de fital-a um instante, viu mancha de sangue sobre o seu peito, recordou-se o lampejo de uma idéa divina illuminou-lhe o rosto.

— O mais pequeno ! — gritaram em côro os marinheiros, com imperiosa impaciencia. Partamos já.

Então Mario, com uma voz que não parecia mais a sua, gritou:

— Ella é mais leve ! Vae tu, Julieta ; tu tens pai e mãe ; eu não tenho ninguem. Dou-te o meu lugar !

— Desce !

— Deita-a ao mar ! — disseram os marinheiros.

Mario agarrou Julieta pela cintura e deitou-a ao mar.

A mocinha deu um grito e mergulhou. Um marinheiro agarrou-a por um braço e puxou-a para cima da lancha.

O rapaz ficou firme na borda do navio, com a fronte alta, os cabellos ao vento, tranquillo, sublim como se a gloria o tivesse alli immobilizado e petrificado em estatua do Sacrificio.

A lancha moveu-se e fel-o apenas a tempo de escapar do redomoinho da agua, produzido pe-

submersão do navio, que esteve a ponto de emborcal-a.

Então Julieta, que estivera até aquelle momento quasi insensivel, levantou os olhos para Mario e desatou em copioso pranto.

— Adeus, Mario! — gritou-lhe entre soluços, com os braços estendidos para elle. Adeus! Adeus!

— Adeus! — respondeu o rapaz levantando a mão.

A lancha afastava-se velozmente sobre o mar agitado, debaixo de um céu tetrico. Ninguem mais fitava a bordo do navio. A agua lambia já as bordas da coberta.

De repente Mario caiu de joelhos com as mãos postas e os olhos cravados no céu.

A mocinha de longe cobriu o rosto, mas quando pagueu a cabeça, estendeu a vista sobre o mar.

O navio já havia desaparecido.

JULHO

A ultima pagina de minha mãe

Sabbado, 1.

Está pois acabado o anno, Henrique. Bom é que te fique como recordação do ultimo dia a imagem d'essa criança sublime que deu a vida por sua amiga. Agora estás para separar-te dos teus mestres e dos teus companheiros, e eu devo dar-te uma noticia triste. A separação não durará sómente tres mezes ; durará sempre. Teu pae, por deveres da sua profissão, tem de deixar Turim e nós todos com elle. Sahiremos no proximo outomno. Terás de entrar n'uma escola nova. Isto te entristece e, não é verdade? porque estou certa de que estimas tua velha escola, onde durante quatro annos duas vezes ao dia experimentaste o prazer de trabalhar; onde viste por tanto tempo, a uma certa hora, os mesmos parentes, e teu pae e tua mãe que te esperavam a sorrir; a tua velha escola onde abriu-se a tua intelligencia, onde encontraste tão bons companheiros, onde cada palavra que ouvias tinha por fim o teu bem, e nenhum dissabor soffreste que te não fosse util. Conserva pois este affecto comigo e dá um adeus de coração a todos aquelles collegas. Alguns supportarão grandes desventuras, perderão cedo pae e mãe: outros morrerão na flôr da idade; outros derramarão nobremente o seu sangue nas batalhas; muitos serão bons e honestos operarios, paes de familias trabalhadoras e honestas como elles: e quem sabe se entre elles não haverá alguns que prestem ainda grandes serviços ao seu paiz e façam o seu nome glorioso. Separa-te portanto delles affectuosamente; deixa um pouco da tua alma naquella grande familia onde entraste criança e d'onde saes moço e que teu pae e tua mãe amam muito porque n'ella foste muito amado.

A escola é uma mãe, meu Henrique. Ella levou de meus braços uma criança que balbuciava apenas e agora restitue-m'a forte, robusta, boa e estudiosa. Abençoada seja a escola, e tu não a esquecerás mais, meu filho. Oh! é impossivel que tu a esqueças. Farte-ás homem, viajarás o mundo, verás cidades immensas e monumentos maravilhosos, e de muitos d'estes te esquecerás, mas aquelle modesto edificio

rango, com aquellas persianas cerradas e aquelle pequeno ardim onde desabrochou a primeira flôr da tua intelligencia, vel-o-has até o ultimo dia da tua vida, como eu verei a casa em que ouvi a tua voz pela primeira vez.

Os exames

Segunda-feira, 3.

Eis-nos finalmente na época dos exames.

Pelas ruas que circumdam a escola não falam de outra cousa, os meninos, os paes, as mães e até as criadas: — exames, pontos, thema, media, reprovação, promoção; todos dizem as mesmas palavras. Hontem de manhã foi dia de *Composição*, hoje é de arithmetica. Era commovente ver todos os parentes que conduziam os meninos á escola, dando-lhes os ultimos conselhos pelo caminho, muitas mães que acompanhavam os filhos até ás mesas para ver se havia tinta no tinteiro, e experimentar a penna. E ainda ao sahir da porta voltavam-se dizendo:

— Coragem! attenção!

O nosso mestre assistente era Coatti, aquelle de barba preta que finge a voz do leão e não castiga a ninguém. Havia rapazes que estavam brancos de medo. Quando o mestre abriu o officio do municipio e tirou o *problema*, não se ouvia respirar. Ditou o problema em voz alta, olhando para um e outro lado com uns olhos terriveis; mas comprehendia-se que se lhe fosse permitido ditar tambem a solução para que todos fossem promovidos, fal-o-ia com o maior prazer. Depois de uma hora de trabalho, muitos principiaram a inquietar-se, porque o problema era difficil. E muitos não eram realmente culpados de não saber, pobres meninos! elles não tinham muito tempo para estudar, nem tinham o auxilio interessado dos paes.

Mas a Providencia estava alli. Era necessario vêr a que trabalho se dava Derossi para ajudar-os, os

meios que procurava para passar uma *cifra* e suggerir uma operação sem se perceber, tão solícito com todos que parecia era elle o nosso mestre. Tambem Garrone que é forte em arithmetica auxiliava quanto podia, e ajudava por fim Nobis, que vendo-se atrapalhado tornou-se muito amavel. Stardi esteve mais de uma hora immovel, com os olhos no problema e com os punhos nas fontes, e depois resolveu tudo em cinco minutos.

O mestre andava por entre os bancos dizendo :

— Calma! calma! recommendo-vos toda a calma!

E quando via algum desanimado, abria muito a bocca como para devoral-o, imitando o leão. Pela volta das onze horas, espreitando através das persianas, vi muitos paes que iam e vinham pela rua, impacientes ; entre elles estava o pae de Precossi com a sua camizola azul, e que saíra n'aquelle momento da officina, ainda com a cara toda tisonada.

Estava tambem a mãe de Crossi, a quitandeira ; a mãe de Nelli, vestida de preto, que não podia estar socegada. Pouco antes do meio dia chegou meu pae e levantou os olhos para a minha janella. Meu querido pae ! Ao meio dia, todos tinhamos acabado. E era de vêr-se á saída todos ao encontro dos meninos a fazerem perguntas e a folhearem os cadernos, a comparal-os com trabalhos dos companheiros.

— Quantas operações ? Qual é o total ? — E a subtracção ? — E a resposta ? — E a virgula dos decimaes ?

Todos os mestres andavam para um e outro lado, chamados de cem partes. Meu pae arrancou-me da mão o meu rascunho, olhou-o e disse :

— Vai muito bom.

Ao nosso lado estava o ferreiro Precossi, que examinava tambem o trabalho do filho, um pouco in-

sem perceber nada. Voltou-se para meu

— Poderia fazer-me o favor?... o total?

— Meu pae deu a cifra. Elle foi vér.

— Então a.

— Bravo, meu pequenino! — exclamou todo satisfeito.

— Meu pae e elle olharam-se um momento com bom sorriso como dois amigos.

— Meu pae estendeu-lhe a mão; elle apertou-a. E arrastaram-se dizendo:

— Ao exame oral! ao oral!

— Depois de poucos passos, ouvimos uma voz de falsete que nos fez voltar a cabeça. Era o ferreiro que lavava.

● ultimo exame

Sexta-feira, 7.

— Esta manhã fizeram-se os exames oraes. A's oito horas estavam todos na *classe*, e ás oito e um quarto principiaram a chamar-nos, quatro de cada vez, á grande, onde havia uma enorme mesa coberta com um panno verde, e em torno o director e os outros mestres, entre os quaes o nosso. Eu fui um dos primeiros chamados. Pobre mestre!

— Esta manhã conheci bem quanto elle nos estima. Quando os outros nos interrogavam, elle não tirava os olhos de nós; inquietava-se quando nos deixamos indecisos em responder; socegava quando dávamos boas respostas. Ouvia tudo e fazia-nos mil perguntas com as mãos e com a cabeça para dizer-nos: — Bem — não — sê attento — mais devagar — cora! Ter-nos-ia suggerido tudo, se pudesse falar. No lugar d'elle estivessem collocados uns após os outros os paes de todos os alumnos, não teriam feito

mais. Tive vontade de gritar-lhe — obrigado dez vezes, na presença de todos. E quando os mestres me disseram : — Muito bem ; pôde relaxar-se — scintillaram-lhe os olhos de alegria. Vá logo para a *classe* a esperar meu pae. Estavam ainda lá quasi todos. Sentei-me ao lado de Garrone. Mas eu não estava contente. Pensava em que era a ultima vez que estaríamos uma hora um perto do outro.

Ainda lhe não tinha dito que não frequentaria a *quarta* classe com elle, porque tinha de sahir de Turim com meu pae.

Nada elle sabia. E estava alli curvado, com a grande cabeça inclinada sobre a carteira a desenhar ornatos em volta de uma photographia de seu pae vestido de machinista, um homem alto e corpulento, com um pescoço de touro, e uma apparencia séria e honesta como a d'elle. E quando estava assim curvado, com a camisa um pouco aberta na frente, descobria-se-lhe sobre o peito nú e robusto a cruzinha de ouro que lhe deu de presente a mãe de Nelli, quando soube era elle o protector de seu filho. Mas era necessario que eu lhe dissesse a respeito da minha viagem. E disse-lhe: « Garrone, n'este outomno meu pae ausenta-se de Turim para sempre. » Elle perguntou-me se eu ia tambem. Respondi-lhe que não.

— Não frequentarás a *quarta* classe como eu perguntou.

Respondi-lhe que não.

Ficou então por um pouco de tempo sem falar, continuando o seu desenho. Depois perguntou-me sem levantar a cabeça :

— Has de recordar-te sempre dos teus compañeros da *terceira* ?

— Sim, disse-lhe, — de todos ; mas... de ti mais do que de todos. Quem poderá esquecer-se de ti

Ele olhou para mim firme e sério, com um olhar que dizia mil cousas, mas sem dar uma palavra ; só estendeu a mão esquerda, fingindo continuar a trabalhar com a outra, e eu apertei entre as minhas mãos aquella mão forte e leal.

N'aquelle momento entrou apressadamente o mestre com o rosto avermelhado, e disse em voz baixa e rápida, com ar alegre :

- Bravo ! até agora tudo vae bem ! Assim posso ir os outros que faltam ; bravo, rapazes ! corajosos ! Estou contentissimo !

Para mostrar-nos a sua alegria e divertir-nos, começou a rir e a riu tropeçar e agarrar-se á parede para não cair ; e contou-se, elle, a quem nunca tínhamos visto rir. O riso parecia-nos tão estranho, que, em vez de rir com elle, todos ficámos estupefactos ; todos sorrimos, mas nenhum se riu. Pois bem, eu não sei porque me fez-me pena e ternura ao mesmo tempo aquella manifestação de alegria infantil. Era todo o seu prazer n'aquelle momento de alegria, era a compensação dos longos mezes de bondade, de paciencia e tambem de amargores. Tinha-se afadigado tanto tempo, e tinha vindo tantas vezes dar lição doente, pobre mestre ! Isso era tudo o que nos pedia, em troca de tanto affecto e de tantos cuidados ! E agora parecia-me que hei de vê-lo sempre assim n'aquelle momento feliz, quando me recordar d'elle, durante muitos annos ; e se quando fôr homem, elle viver ainda e nos encontrarmos, falar-lhe-ei d'aquelle dia em que me tocou o coração, e dar-lhe-ei um beijo nos seus cabellos brancos.

Adeus

Segunda-feira, 10.

Ao meio-dia fomos todos pela ultima vez á escola para saber o resultado dos exames e receber os cer-

tificados de promoção. A rua estava repleta de parentes, que tinham invadido até o salão de entrada, e muitos chegaram às *classes*, amontoando-se ao lado da mesa do mestre: na nossa enchiam todo o espaço entre a parede e os primeiros bancos. Estavam o pae de Garrone, a mãe de Derossi, o ferreiro Precossi, Coretti; a senhora Nelli, a quitandeira, o pae do «Pedreirinho», o pae de Stardi e muitos outros que eu nunca tinha visto; e havia de todos os lados um sussurro, um bulício, que parecia estarmos n'uma praça.

Entrou o mestre. Fez-se um grande silencio. Tinha nas mãos a lista e começou a lêr: Abatucci, *promovido*, sessenta sexagesimos; Archini, *promovido*, cinquenta e cinco septuagesimos; o «Pedreirinho», *promovido*; Crossi, *promovido*; depois leu mais alto: Ernesto Derossi, *promovido*, setenta septuagesimos e o primeiro premio. Todos os parentes que estavam ali e o conheciam, disseram:

— Parabens, Derossi! E elle sacudiu os seus cabellos louros, com o seu sorriso desenvolvido e bello, olhando para sua mãe, que o saudou com a mão. Garoffi, Garrone, o Calabrez, *promovidos*. Depois, tres ou quatro em seguida, reprovados; e um desses pôz-se a chorar, porque seu pae, que estava á porta, fez-lhe um gesto de ameaça. Mas o mestre disse ao pae:—Não, senhor, perdõe-me; nem sempre é culpa delles: muitas vezes é infelicidade. E' esse um dos casos.

Depois leu:—Nelli, *promovido*, sessenta e dois septuagesimos. Sua mãe mandou-lhe um beijo com o leque. Stardi, *promovido* com sessenta e sete septuagesimos, mas ao ouvir aquella bella classificação elle nem sequer sorriu nem desprende os punhões das fontes. O ultimo foi Votini, que tinha vindo muito bem vestido e penteado; *promovido*. Lido

ultimo, o mestre levantou-se e disse— «Senhores, é esta a ultima vez que nos encontramos reunidos. Temos estado juntos um anno, e agora separamo-nos bons amigos, não é verdade? Aqui fez pausa e depois recommçou: «Se algumas vezes sem querer fui injusto ou demasiado severo, desculpae-me.»

— Não, não, disseram os parentes e discipulos ; não, senhor mestre, nunca.

— Desculpae-me, repetiu o mestre — e continuae a querer-mê bem. No anno vindouro não sereis mais commigo, mas tornar-vos-hei a ver e tereis sempre um lugar no meu coração. Até á vista, meus filhos !

Dito isto, veio para junto de nós, e todos lhe estendem as mãos trepados nos bancos. Prenderam-o pelos braços e pelas abas do casaco, muitos beijaram-o; e cincoenta vozes disseram ao mesmo tempo:

— Até á vista, mestre! obrigado, senhor mestre! Passe bem! Lembre-se de nós.

Quando saiu parecia opprimido pela commoção. Saimos todos atropelladamente.

E todas as outras *classes* sahiam tambem. Era um borborinho, uma grande algazarra de meninos e de parentes que diziam adeuses aos mestres e ás mestras e saudavam-se uns aos outros. A mestra da penna vermelha tinha quatro ou cinco crianças que se lhe pegavam ás costas e umas vinte em volta de si, que até lhe tiravam a respiração; e á *Freirinha* tinham-lhe quasi amarrotado o chapéo, e haviam prendido entre os botões do seu vestido preto, ou mettido nas algibeiras, uma duzia de raminhos de flores. Muitos faziam festa a Robetti, que justamente n'aquelle dia tinha abandonado pela primeira vez as muletas. De toda a parte se ouvia dizer : — Até ao dia de todos os santos.

Ah! como todos os dissabores eram esquecidos naquella hora!

Votini, que tinha sido sempre tão invejoso de Derossi, foi o primeiro a ir ao seu encontro de braços abertos. Eu saudei o «Pedreirinho» e beijei-o no momento em que elle fazia o seu ultimo *focinho de lebre*: bella criança! Saudei Precossi, saudei Garroffi, que me annunciou ter ganhado na sua ultima loteria, e deu-me um peso de louça para papeis, partido n'um canto; disse adeus a todos os outros.

Era de vêr como o pobre Nelli se apegava a Garrone, e ninguem os podia mais separar. Todos se juntaram em volta de Garrone, e adeus Garrone, adeus, até á vista, e tocavam-o, abraçavam-o, e faziam-lhe festas, áquelle bravo e santo rapaz. Estava tambem seu pae todo admirado, embevecido, a sorrir. Garrone foi o ultimo que abraçei na rua, e não o pude fazer sem suffocar um soluço dentro do peito. Elle beijou-me na frente.

Depois corri para meu pae e minha mãe. Meu pae perguntou-me:

— Despediste-te de todos os teus companheiros?
E eu disse que sim.

— Se ha algum a quem tenhas feito algum mal vae pedir-lhe que te perdôe e que o esqueça. Não ha nenhum?

— Nenhum, respondi.

— Então, adeus!—disse meu pae com voz comovida, lancando um ultimo olhar á escola.

E minha mãe repetiu:

— Adeus!

Eu não pude articular palavra.

FIM

INDICE

PAGS.

Outubro

O primeiro dia de escola.	3
O nosso professor.....	5
Uma desgraça	6
O menino calabrez.....	8
Os meus companheiros..	9
Um rasgo de generosidade	11
A minlia antiga mestra..	13
Em um sótão.....	15
A escola.....	16
O PATRIOTAZINHO DE PADUA	18

Novembro

O limpador de chaminés.	21
<i>O dia de finados</i>	23
Meu amigo Garrone.....	24
O carv.eiro e o fidalgo ..	26
A mestra de meu irmão..	28
<i>Minha mãe</i>	30
O meu companheiro Coretti	31
O director	35
Os soldados.....	37
O protector de Nelli.....	39
O primeiro da classe .. .	41
O PEQUENO VIGIA LOMBARDO	43
<i>Os pobres</i>	49

PAGS.

Dezembro

O negociante.....	51
Vaidade	53
A primeira neve.....	55
O pedreirinho	56
Uma bola de neve.....	58
As mestras.....	61
Em casa do ferido.. . . .	62
• O PEQUENO ESCRIVENTE	
FLORENTINO	64
A vontade.....	73
<i>Gratidão</i>	74

Janeiro

O mestre substituto.....	76
A livreria de Stardi.....	78
O filho do artista ferreiro	79
Uma bella visita.....	82
Os funeraes de Victor	
Manoel.....	83
Franti expulso da escola.	85
O TAMBORZINHO SARDO...	87
<i>O amor da patria</i>	96
Inveja	97
A mãe de Franti.....	99
<i>Esperança</i>	101

Fevereiro

Uma medalha bem dada..	103
------------------------	-----

	PAGS.		PAGS.
Bons propositos.....	105	Convalescença.....	207
O trem de ferro.....	107	<i>Os amigos operarios.....</i>	209
Soberba.....	109	A mãe de Garrone.....	210
As victimas do trabalho..	111	José Mazzini.....	212
O preso.....	113	Valor civico.....	214
O ENFERMEIRO DE TATA...	117		
A officina.....	127	Maio	
O palhaçosinho.....	129	<i>As crianças rachiticas... </i>	220
O ultimo dia de carnaval.	134	Sacrificio.....	221
Os meninos cegos.....	137	O incendio.....	223
O mestre enfermo.....	144	DOS APENNINOS AOS ANDES.	227
<i>A rua.....</i>	146	Verão.....	247
		<i>Poesia.....</i>	249
		A surda-muda.....	250
Março			
As escolas nocturnas.....	148	Junho	
A lucta.....	150	<i>Garibaldi.....</i>	260
Os parentes dos meninos.	152	O exercito.....	261
O numero 78.....	154	<i>Italia.....</i>	263
Um pequeno morto.....	156	32 grãos.....	264
A vespera de 14 de Março	158	<i>Meu pae.....</i>	266
A distribuição dos premios	160	No campo.....	267
Litigio.....	165	A distribuição dos premios	
<i>Minha irmã.....</i>	168	aos operarios.....	271
SANGUE ROMANHOLO.....	169	A minha mestra morta...	274
O pedreirinho moribundo.	177	Agradecimentos.....	276
<i>O conde Cavour.....</i>	180	O NAUFRAGIO.....	278
Abril		Julho	
A primavera.....	182	<i>A ultima pagina de minha</i>	
O rei Umberto.....	183	<i>mãe.....</i>	286
O asylo infantil.....	189	Os exames.....	287
Na gymnastica.....	193	O ultimo exame.....	289
O mestre de meu pae.....	196	Adeus.....	292

712

